

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Alexandre Moreira de Souza

**A questão do declínio das narrativas orais
e a violência contemporânea:
uma investigação com adolescentes internados
na Febem de São Paulo**

v. 2

São Paulo

2005

Alexandre Moreira de Souza

**A questão do declínio das narrativas orais
e a violência contemporânea:**
uma investigação com adolescentes internados
na Febem de São Paulo

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do título de
mestre em psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social
orientadora: Prof^a. Dra. Maria Inês Assumpção Fernandes

v. 2

São Paulo

2005

Anexos

a -) 4 entrevistas em grupo

b -) 3 entrevistas-piloto (individuais)

c -) modelo do consentimento informado

TRANSCRIÇÃO DA 1ª ENTREVISTA EM GRUPO

UI – 19 – Complexo do Tatuapé – FEBEM – São Paulo

13 de maio de 2004

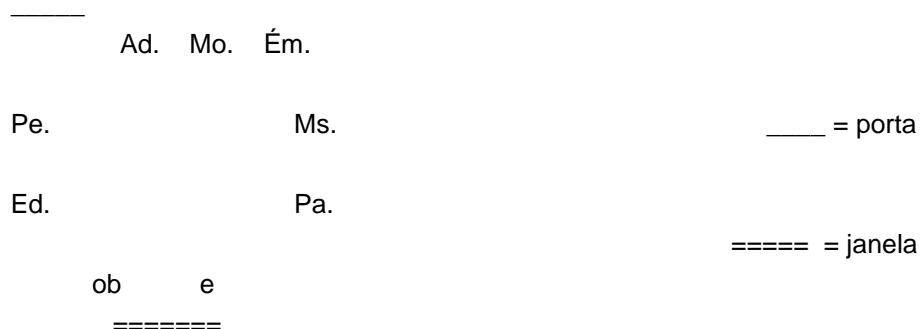
entrevistador: Alexandre Moreira de Souza

observadora: Marina Nairismaqi Alves

- início: 19:40 h; duração: cerca de 1 h e 20 min

- local: uma pequena sala, com duas paredes sólidas, uma delas com janela, de vitrôs semi-abertos, e duas paredes de madeira compensada, até uns 2,5 m de altura, vão livre de mais uns 2m até o teto. A sala é usada para atendimentos e conversas com jovens e/ou famílias durante o dia, pela equipe técnica principalmente, mas também por outros membros da unidade.

disposição espacial:



Observação: Atrás do entrevistador (e) e da observadora (ob) há uma janela, esta disposição dos dois se repetirá em todas as entrevistas, assim como a localização do gravador, atrás do entrevistador e da observadora, entre eles, sobre o parapeito da janela.

(atraso de 39 minutos em relação ao combinado)

(o entrevistador cumprimenta a todos, um por um, com um aperto de mão, apresenta Marina, como sendo estudante de psicologia da USP, que o iria auxiliar, fala da presença do gravador e inicia a gravação)

entrevistador – Hoje é quinta-feira, 13 de maio, são exatamente 19 horas e 40 minutos, esta é a primeira entrevista em grupo. Tem esse gravador aqui, espero que ele grave, mas o que ele não pegar, a Marina vai escrever aqui, tá? Ela tem a função hoje de só observar e anotar, e escrever. Porque o gravadorzinho eu já sei, ele não vai captar tudo... Então como eu combinei com vocês, a gente programou três encontros de uma hora cada um mais ou menos, às vezes um pouquinho menos, um pouquinho mais, tá? E esse é o primeiro encontro. O meu nome vocês se lembram,

é Alexandre, e eu queria conferir e confirmar e tentar gravar o nome de cada um de vocês, pode ser?

Então vamos lá, começando por você... (apontou para o primeiro jovem da esquerda)

- Edson., sr.¹

e (entrevistador) - Edson. Edson do quê?

- M. R..

e – Edson. M. R. (escreve) Eu tô escrevendo aqui pra eu lembrar do seu nome... Você? (aponta)

- M. I..

e - M. I..

- [...]

- Gripe.

e - Com gripe você? Eu tô um pouco resfriado também.

- Adriano.

e - Adriano.

- Marcelo R..

e - Marcelo R.. Marcelo, pode ser?

- Pode.

- Émerson M..

e - Émerson?

- M..

e - Émerson..

- Mateus D.

- Paulo.

e - Paulo?

- R..

e - Paulo. R.. Então nós somos em dois, quatro, seis, sete. Certo... então tá tudo certo, muito bem! E vocês lembram sobre o quê que era a pesquisa?

- Sobre o quê... sobre violência e...

- Agressão e não sei o que lá...

Émerson - Agressão e violência, né sr.?

e - Agressão e violência, muito bem, muito bem... E mais alguma coisa...

- Eu esqueci...

- É muita coisa aí no dia-a-dia, no momento, né sr.?

e – Alguém lembra?

- Tá difícil...

e - Agressão e violência vocês lembraram, né? Muito bem!

- E o que a gente nós quiser falar!

e - E o que vocês quiserem falar...

Émerson - Sobre adolescência também, né sr.?

e - Adolescência...

Émerson – Sobre histórias...

e – Histórias! Muito bem! Sobre histórias, muito bem! Émerson! Muito bem, Émerson! Exato, as histórias que vocês ouviram, as histórias que vocês contam, e, relacionado à questão da violência, à questão da agressão, eee relacionado com ser adolescente, com a agressão na adolescência, né? Isso é a pesquisa, agora, o nosso encontro de hoje vai ter um objetivo, tá? Aí

¹ Os nomes, sobrenomes e quaisquer outras informações capazes de identificar o jovem foram trocadas.

os outros encontros podem ter outros objetivos... Mas o de hoje vai ter um objetivo específico, tá?

Hoje, ééé, eu queria que vocês falassem um pouco de vocês, da vida de vocês, tá? Eu sei que pode ser difícil assim num primeiro encontro assim, vocês não me conhecem... né? Eu não conheço vocês, às vezes um não conhece o outro muito bem, mas esse é o nosso objetivo, que vocês contassem um pouco da vida de vocês, desde quando vocês eram criancinha, bem pequenininho, desde quando vocês se lembram, passando aí pela adolescência, até chegar nos dias de hoje. Falar um pouco da vida... Né?

Mas antes disso, eu lembro mais uma vez que o que nós falarmos aqui vai ficar entre nós, nem eu nem a Marina vamos tar falando com o pessoal lá de fora... Na pesquisa final quando a gente for escrever não vai tar aparecendo o nome de vocês, tá? Tem um contrato entre nós, entre nós dois e vocês sete, tá? E eu queria perguntar prá vocês também, o que que vocês acham de ter um contrato entre vocês sete? Prá vocês não falarem o que vocês ouviram de cada um lá pro resto da rapaziada de repente, ou prá algum funcionário...

Émerson - Por mim normal...

e – O que que vocês acham, precisa de fazer esse contrato, não precisa... ?

- Ah, vai da consciência de cada...

- Vai da mente de cada um...

- Por mim tanto faz porque... conversar com o pessoal...

Edson - Eu falar da minha vida, não tenho nada a esconder de ninguém, né sr.?

e - É que a gente de repente pode tar abordando assuntos aí, Edson, ééé, da infância de cada um, né?

Edson – Pega Nada...

e – Assuntos de repente delicados assim, né? Que talvez vocês não queiram colocar prá todo mundo lá, e se fizer um contrato entre vocês vocês podem ter mais liberdade prá tá falando, né?

Você acha isso Émerson?

Émerson - Ô, prá mim tudo bem, tudo bem, sr.. Prá mim tudo bem.

e – E prá vocês?

- Tudo bem...

e - Mas vocês querem fazer esse acordo entre vocês, ou não precisa?

Edson – Acho que prá mim não precisa, né sr.?

- Não precisa...

e – Por que não precisa?

Edson - Porque cada um tem sua consciência, né?

- Cada um tem sua consciência...

Edson – Porque o que cada um falar aqui, se quiser guardar prá ele, ou falar prá alguém, não pega nada², né sr.? Porque se eu falar um negócio aqui, e falarem lá no pátio, por mim normal, por causa que eu tô falando a minha vida, essa é a minha história. E não precisa gostar da minha história, ninguém precisa gostar da minha história, basta eu gostar, da minha história.

e – Mas você, por você tudo bem, um outro mano aqui contar alguma coisa da tua vida pessoal prá outros...? Tudo bem?

Edson - Por mim normal, e o que eu vou falar aqui não preciso esconder de ninguém, nem aqui, nem lá fora...

e - Certo... E os outros, o que que acham?

- Mesma coisa, sr....

² “não pega nada”: não pega em nenhum empecilho, não dá problema, é tranquilo

- Mesma coisa...

e – Vai da consciência de cada um?

(afirmativo com as cabeças, com exceção de Émerson)

e - É? Então tá. Tudo bem Émerson?

Émerson – Tudo bem, sr..

[...]

e – Então tá, então vai da consciência de cada um, falar ou não falar, né? Aquilo que ouviu aqui, mas de nossa parte a gente não vai falar, tá? Então tá, então vamo lá! Falar um pouco da vida! De quando vocês eram crianças, depois vocês cresceram um pouquinho, depois vocês cresceram mais, até chegar aonde vocês tão...

- É a fase da adolescência...

e - É a fase da adolescência.

[...]

Edson – Ah! O que eu tenho prá contar da minha vida é o seguinte, né? Tipooo, com um ano e oito meses de idade eu fui adotado pela minha mãe e tal, daí tipo, conforme o tempo foi passando ela foi me contando, né sr.? Que eu era adotado e tal. Eu acho isso daí uma atitude certa de uma mãe falar pro filho.

e - Anham.

Edson – Tipooo, se ele ficasse sabendo depois, se eu ficasse sabendo agora que eu sou adotado aí... (eleva a voz)

(risadas)

Edson - Eu já sou meio rebelde, aí eu ia virar mais rebelde ainda, ia quebrar tudo e não sei o quê, tipooo se você saber que você não é filho de sua mãe depois de um, um bom tempo, acho que é meio esquisito, né sr.? Daí sempre minha mãe veio me contando isso daí e tal e tal. Eu sempre tiveee, eu nunca tive vergonha de falar isso daí, todo mundo tipo via eu andando de mão com minha irmã... e gritava “Ah, esse aqui é o meu irmão tal e não sei o quê...” Aí os pessoal olhava assim, um neguinho irmão de uma loirinha, o maior mistério, mas ninguém falava nada, aí eu chegava e falava, “Somo irmão por causa que eu sou adotado...” Aí às vezes elas, elas até brigava comigo por causa disso aí, né? “Ah! Você tá falando prá todo mundo que você é adotado!” Aí eu falava, “Ah, tenho orgulho disso, né?” Tipooo, teve teve alguém que me criou, que deu amor prá mim, e se não fosse ela, eu podia nem tar aqui nesse momento, né sr.?

e – Humhum. (baixo)

Edson - E com isso eu devia ter colocado a cabeça no lugar e dado só felicidade prá ela. Mas sei lá, não sei, a sociedade tipooo... acho que olhava meio torto prá mim, entendeu? Não gostava de mim assim, ah tipo via eu andando de mão dada com as minhas irmãs... tipo me perguntavam e tal, mas tipooo, eu num tava nem aí, eu num tava nem aí. Aí tipo, na escola mesmo, neguinho ficava falando aí, tipo “você é adotado mesmo, e não sei o quê...”. Aí já ficavam falando “você é adotado”, e eu não gostava, mas eu não gostava, não gostava porque eu não gostava, me preocupava, e não sei o quê, eu não gostava... (vozes do lado de fora)

- Faz uma aí, sr., por favor! (voz alta, para o lado de fora)

Edson – Eu não gostava, eu não gostava da forma que ele se expressava, né, tipo “Ah, você é adotado e não sei o quê”... aí eu já ia e partia prá cima dele, na escola e tal e já dava...

e – Partia prá cima de um colega seu?

Edson – É, e já dava uns murro e tal...

(risadas)

(batem na porta)

Edson – É, por causa que...

(abrem a porta)

(coordenador da unidade) – Tudo bem? (com voz forte)

Edson – Tudo... (outros assentem com a cabeça)

(o coordenador fecha a porta)

Edson – É, por causa que, o negócio é o seguinte, eu não ligo, antigamente neguinho falava “Ah! Você não é irmão da sua irmã. Ah! Você não é filho da sua mãe...”. Isso daí, aí eu ficava nervoso, né sr.?

e – Humhum. (baixo)

Edson – Eu catava e já ia prá cima, aí ia sempre prá lá, prá direção... Aí já começou daí os problema, né sr.?

e - Humhum (baixo)

Edson – Aí eu fiquei sem [...] fui expulso de uma escola, expulso de outra, brigando com um, arrancando “buti”³ de outro...

(risadas)

Edson – Mas... daí eu falei... [...] mexer comigo, né sr.? Prá mudar as coisas, mudar [...] e tal... Daí com 10 anos comecei a trabalhar, né sr.? Lotação, tal... daí 4 anos trabalhando de lotação... Daí comecei a trabalhar numa terceirizada de um amigo meu lá, que tinha uma perua, daí tinha dois serviços, não eu tinha como querer ficar nesse serviço do correio... daí colocou eu prá dirigir, com 14 anos dirigia por uma Paulista lá, daí foi aí que tipo... parei e pensei assim, “Caramba, se eu não trabalhar assim, não sei o quê, não vou ter as coisas e não sei o quê...”, daí eu continuei trabalhando, mas antes antes disso eu já tinha fazido uns 155...

(risadas)

e – “155”, fala aí prá gente o que que é...

Edson – Ahn?

e – O que que é um “155”?

Edson – 155 é tipo você pegar alguma coisa de alguém, sem ninguém tar vendo...

Émerson - Cê vai no mercado, faz uma compra, aí sempre leva uma bolacha a mais...

(risadas)

Edson – Isso aí num

Émerson – ... no supermercado...

Edson – Às vezes eu até faltava na escola prá ir no mercado ou numa roubar chocolate, bolacha...

(tosse)

e – É?

Edson – Quando eu era pequeno eu dava problema... Daí já é... daí já...

e – Oi?

Edson – Daí já... os funcionários lá do mercado pegava e já levava prá 103 lá, levava uns tapa...

e – “103” é a delegacia?

Edson – É. Daí tomava uns tapa... daí saía... daí ficava nervoso... Daí os policial só gosta de bater nos outros, daí eu pensava já alto... quero ver se me batesse mesmo... com eu na cintura, se eu tiver com um revólver na cintura... Era moleque, né sr.?

e – Tinha quantos anos, mais ou menos?

Edson – Ah! Tipo essa falha aí tinha uns doze anos, quando eu roubava supermercado... Daí beleza, né sr.? Daí eu comecei a trabalhar no correio e tal... Daí eu parei de trabalhar no correio daí eu peguei o dinheiro...

³ “buti”: de butina; tênis, calçado

- [...]

Edson - ... aí num dava, num dava prá nada! Aí um amigo meu falou: “Aí meu, tenho um revólver meu prá vender meu...”. Aí eu falei: “Beleza! Traz ele aí que eu vou comprar aqui, tenho dinheiro, eu vou comprar.” (risadas, todos atentos) Tipo, sei lá! Eu queria comprar e eu sempre queria ter um revólver... Eu queria ter um... Via os mano falando: “Ah! Eu peguei um revólver lá e não sei o quê... se o maluco tirar⁴ é daquele jeito...” tipo aí, tipo, eu falava assim: “É, eu vou comprar um revólver também, prá me defender, sei lá...”. Daí eu comprei, né sr., daí beleza, [...] mais uma, né?⁵ Daí começamo a roubar... daí fui preso uma vez... fui preso a segunda vez... terceira vez... daí fiz serviço militar uma vez... fiquei quatro mês fazendo serviço militar...⁶ daí me pegaram de novo, é, com uma arma, daí eu comecei... assinei nove mês de L. A.⁷, daí faltava dois dia prá mim terminar o L. A., tipo duas semana prá mim ir... acabei vim preso aqui...

e - Ah, é?

Edson - E tô aqui, né? Já há seis meses aqui... Não posso ir ali fora... Tô esperando a liberdade chegar...

e – Você tá com quantos anos hoje, Edson?

Edson – 18.

e – [...] (barulhos) você contou desde criancinha até hoje!

Edson – Fora as gatinha, né?

(risadas)

Edson – As namoradas, que deu algum problema... Tipo... agora, antes de vir preso, eu fiquei sabendo que minha ex-namorada tava grávida, e agora já vai fazer 8 mês, dia 25... e espero sair daqui, né? E ver meu filho nascer...

- [...]

Edson – E fazer que... que ele não entre por esse caminho aí, que é muito louco... Só aqui dentro mesmo, que você percebe o que você sofre, tá ligado? Tipo, falta da família,

- Viver sem os chegado...

Edson - ...fica sem ver os parente...

- A liberdade mesmo é muito importante prá nós...

- Direito de ir e vir aí, sem dever nada prá ninguém...

Edson – Às vezes a gente, tá lá na rua tal, tá roubando prá caramba, com o revólver na cintura, mas você não anda com aquela tranquilidade que você, andava antes... tipo cê anda meio pááá, a polícia ali já corre o maior [...], de esconder o revólver... você fez um assalto, a polícia tá atrás de você, cê já fica meio cabreiro... você fica “Pô, será que esse policial veio atrás de mim?”. Várias vezes, né? Já foram lá na minha casa duas vezes já, os policial... Uma vez eu não tava em casa, graças a Deus! Uma vez tive que sair pulando a janela, chutando gato, (risadas) chutando cachorro, chutando é tudo... derrubando varal da vizinha...

Émerson – Ah! Minha vida já foi mais diferente, né sr. ...

e – E como é que foi?

Émerson – Ah, minha vida acho que... tipo sr., eu nasci num lugar tipo... mais como fala... de “boy” assim, entendeu? Fui criado ali com meu tio ali, na Mooca ali, aí tinha uma família mais unida, minha mãe sempre foi evangélica, entendeu? E eu, de pequenininho frequentava a igreja, ia direto prá igreja, a partir dos meus oito anos, nove anos, começava a fre-, é... a freqüentar a

⁴ “tirar”: faltar com o respeito, desacatar, desrespeitar, ofender.

⁵ Alguma expressão? (“segue em frente e mais uma?”)

⁶ “Serviço militar” ou “serviço comunitário”?

⁷ “L. A.”: Medida de Liberdade Assistida.

igreja com a minha mãe, aí comecei a ir prá uma escola, que tinha ali na [...] Artur Alvim, comecei a fre-, começava a freqüentar a escola, e era a maior zueira, né, a escola. Ia lá prá escola, os moleque xingando, fumando cigarro na escola... aí eu ficava vendo, né sr.? Tinha dia, né sr., bobão, um moleque bobão... um sempre vinha, oferecia cigarro prá mim... “Ah! Não quero fumar ainda não...”, tinha até medo de cigarro... Aí eu via, né? Tinha as menina tudo nova, fumando... “[...] isso?”, aí eu fui, experimentei um cigarro, deu a maior tontura, fiquei tonto, fiquei sem sentado... Aí fui, o dia a dia, o dia a dia, sr., na escola dava vários problemas, né sr.? Na escola a professora vinha falando, eu não levava desaforo prá casa, meu pai sempre falava: “Se você apanhar em casa, se você apanhar na rua você apanha aqui também”.

e – Certo. Você não levava desaforo prá casa?

Émerson – Até hoje não levo, até hoje...

e – Certo.

Émerson – Aí meu pai falava,

Edson - “Se você apanhar na rua, aí chega aqui em casa, vai apanhar dobrado!”. É...

Émerson – Quando eu apanhava na rua, nem chegava a contar para o meu pai (risadas). Na escola, sr., tinha uma escola ali na... Padre Antonio Vieira, aí eu comecei a freqüentar, aí eu colava⁸ nas menina, né sr.? Via moleque chegando de moto... e eu “Ah! Um dia eu vou tá assim...”. Uma pá de menina ficava colada na porta da escola, uma pá de menina, sr.! “Tá bom, né? Tá bom...”. E eu só ali, humildão, fazendo lição e levando bronca. Aí eu tava na sala de aula e a professora, eu tava apertado prá ir no banheiro, tinha acabado de chegar do intervalo, eu pedi prá ela me deixar ir no banheiro, ela não deixou, aí eu fui sair da sala, eu saí da sala, ela ficou me xingando lá, aí quando eu voltei, ela veio e me, me agrediu, entendeu sr.?

e – Humhum.

Émerson – É... Foi com 10 anos, 11 anos isso aí, tava na terceira série. Aí nessa que ela me agrediu, ela rasgou minha camiseta do... fardamento da escola. Aí nessa eu já peguei uma vassoura e já dei nela assim, ó! Aí minha vó, minha vó é meia [...] aí qualquer coisa ela [...] leva prá escola...

- [...] não...

Émerson – Minha vó fez, fez a maior bagunça lá, aí o diretor foi e me expulsou, foi... com doze anos fui expulso da escola, fiquei sem estudar, dos doze anos até os dezesseis, fiquei sem, fiquei sem estudar, aí de lá prá cá assim, parei de freqüentar a escola, sr., ficava só na rua lá, e onde que eu morava lá, eu conheci meus, os colega, né sr.? Aí os moleque tudo é, tipo saía de moto lá “Ah, vamo lá...”, eu comecei a andar com os moleque, aí andava de moto prá cima e prá baixo, sr., aí teve a primeira vez que eu fui roubar, com 13 anos, roubar um negócio lá, aí deu certo...

e – Que negócio?

Edson – Um mercadinho, he! He! (risadas)

Émerson – Não, primeiro, primeiro foi uma... “bomboniere”

- Ah! (todos riem)

Émerson – Aí, eu peguei uma “bomboniere”, aí deu certo, aí pegamos os negócio, sr., entendeu? Aí fui... tipo, se montando, né sr.? Comprando umas roupa boa, e meu pai sempre falava, prá mim é... “Ah! Você não precisa disso...” e não sei o quê... sempre deu o trampo⁹ dele, ia prá, me levava prá uma pá¹⁰ de lugar, sr., minha mãe, também, tipo estádio, já fui em estádio aí do

⁸ “Colava”: se aproximar, chegar junto.

⁹ “Trampo”: trabalho.

¹⁰ “uma pá”: um monte, muitos, muitas

Morumbi, uma pá de vezes já, com meu pai. Ele sempre dava o que a criança pedia, né sr.? Mas eu, nunca fui de depender assim dos meus pais, nunca gostei...

e – Seu pai, não entendi, seu pai sabia que você roubava...

Émerson – É, com uns, com uns 13, 14 anos ele ficou sabendo que eu fiz um assalto na “bomboniere” que era ainda da, do colega dele...

(risadas)

Émerson – Era do colega dele, sr.! Aí... ele ficou sabendo lá, que quando vai prá, prá roubar tinha que colocar boné, né? Mas fui com boné nada não, fui com cara limpa mesmo aí... desde que essas fita¹¹ aí deu certo, né sr.? Aí... ficou tipo um vício na minha vida, você entendeu, sr.? ... Aí eu comecei a roubar, a roubar, a roubar... Aí com 16 anos eu dei logo um estouro, sr.. Pegamo logo uma “aerodata” de computação, aí deu 26.000, aí pegamo o dinheiro, aí eu se garanti uma quantia prá mim, aí eu comecei a ficar lá, e os cara lá: “Ah! Tá “boyzão!”. Aí começou a vir uma pá de menina, pegando... Aí eu fiquei... curtindo, né sr.? Teve até a mão que meu pai falou prá mim: “Que... essa vida não vai dar certo pr’ocê, hein? Teve [...] teus tios que morreu tudo com 23 anos...”, que era gêmeos lá... Aí, meus tios, sr., eu fui tipo se baseando neles, entendeu? Aí com a morte dos meus tio fiquei atacado já, aí nessa eu fui indo, fui indo... aí minha mãe, minha mãe tipo assim, ela - frequenta uma igreja, né? Assembléia (voz baixa) – ela tem tipo uma visão assim, aí tipo ela começava a cobrar, falava que não tava muito bom prá mim, [...] prá igreja, aí eu comecei a fumar maconha, sr., aí comecei a freqüentar um centro, uma casa de macumba lá, entendeu, sr.? Aí minha minha vida foi tipo... atrasando, entendeu, sr.? Quando eu comecei a ir com esses negócio assim, aí eu ia, eu via todo mundo lá, maior barato doido lá, a festa, que tinha, de santo lá, e eu ficava nessa, sr., tava cego já, entendeu, sr.? Pro, prá umas coisas do mundo assim...

Edson - Tá cego até hoje... (risadas)

Émerson – Entendeu, sr.? O mundão assim, não tava nem vendo, sr., qualquer coisa prá mim eu tava [...]

e – É... Cego assim, você deu risada, mas na realidade eu mesmo não entendi...

Émerson – É, cego assim prá coisas boas, sr., tava só com a mente totalmente...

- Pro outro lado...

Émerson – Pro outro lado, ô! Prá roubar, prá fazer qualquer coisa, entendeu, sr.? Mas nada bom...

Edson – Só, só vinha no pensamento dele, de roubar...

Émerson – Só negativo,

Edson - ... usar droga...

Émerson - ... só negativo!

- [...]

- Só aquele pensamento...

Edson - ... de matar...

Émerson – Sempre sr., eu dou graças a Deus, sr., que eu tô vivo e graças à minha mãe, por causa de muita oração, entendeu sr.? Prá minha vida...

e – Humhum. (baixo)

Émerson – E minha mãe sempre falava prá mim, “Vai prá igreja, você...”. Tipo a bem dizer eu nasci numa igreja, dentro de uma igreja, entendeu, sr.? Aí minha mãe fala direto sempre quando ela vem ela fala uns negócio de igreja lá prá mim, eu fico só ouvindo, e sempre lá em casa tinha umas escuta assim, chegava uns crente, fazia umas orações em casa, eu chegava loucão, vinha

¹¹ “Fita”: coisa, assalto, crime.

lá da rua, falava “Que, eu...”, eu olhava assim, da garagem lá, uma pá de gente fazendo oração, eu já saía, voltava só no outro dia prá casa... prá dormir na casa dos meus colega, de umas mina... e nessa eu fui pegando um, um conhecimento lá onde, lá onde, eu morava, sr., e sempre qualquer coisa eu tava envolvido, briga, eu tava envolvido e...

Edson – Chacina...

(risadas)

Émerson – Não...

(risadas)

Émerson – E sempre esses negócios, né sr.? Aí eu fiquei falado lá na quebrada lá, aconteceu várias fita aí comigo, tipo fiquei com o retrato falado na trinta e duas, na meia quatro, aí 15, 16 anos eu já tava doidão já, tava fazendo várias coisas que... acho que, os outro olhava e falava assim “Ah, meu Deus do céu!”, e o Zé povinho assim, sr., os fofoqueiros, entendeu, o vizinho, nem imaginava que, de nada o que eu fazia, prá mim eu era um santo prá eles, não demonstrava assim pro pessoal que morava perto de casa, entendeu?

e – Humhum. (baixo)

Émerson - Perto dos outros eu era bonitinho, bonzinho, mas por trás assim, vixe! Só Deus mesmo prá me tirar dessa vida... e nessa eu fui indo, né sr.? Fazendo várias fitas, aí, também. Aí eu conheci uma menina que só atrasou só minha vida, andava de moto, e já caí de moto, também. E nessa, sr., eu fui...

e – Atrasou sua vida por quê?

Émerson – Ah! Sei lá sr., depois que eu fiquei com essa menina aí, só coisa ruim acontecia, nada dava certo prá mim, só queria saber de dinheiro, curtir, cê entendeu? Pegava um dinheiro bom, sabe? “Ah! Vamo prá tal lugar...”, ia prá salão

Edson – Tem bruxa aí.

(risadas)

Émerson – Mulher, né sr.? Sabe como é que é, mulher falou mansinho com você, você já... “Então vamo!” “Ah, ela quer o bem prá mim...”. Aí ia com ela, entendeu, sr.? Não tô falando que é todas, entendeu, sr.?

e – Sei, sei...

Émerson – Não é toda mulher... mas uma, uma boa parte. Aí eu ia lá, pegava um dinheiro, e gastava nisso, entendeu sr.? Eu podia pegar, podia pegar uns 3.000 assim e gastava, e gastar tudo numa noite, e nessa eu não fui tipo me investindo assim, não ajudava minha mãe, porque minha mãe não aceita esses negócio, se eu chegar lá com 10.000, 100.000 assim e dar prá minha mãe ela não aceita,

- Fala “Ah, esse dinheiro aí é amaldiçoado”...

- Amaldiçoado...

Émerson – Aí eu fui, pã, chegando em casa, aí teve um... eu fiquei acho que uns dois mês fora de casa, dormi na casa de umas menina, casa de uns colega, dormia lá no meio de uma favela, porque lá tinha uma favela, tinha um, tipo um cômodo lá, nós dormia lá... E nessa fui esquecendo da minha família, entendeu, sr.?

e – Humhum...

Émerson – Aí fui frequentando lá... e o que me atrasou mais foi essa coisa de macumba, né, depois que eu vi uma cena lá que, que aconteceu, nunca mais eu quis ir, falei “Eu! Tô legal desse negócio aí...”, e nessa...

e – Atrasou você como, o Émerson?

Émerson – Ah, sr., eu tava só com o, só com o pensamento só nisso, só pensamento ruim, tipo comprava uns negócio... tipo assim, eu ia fazer uns negócio, não dava nada certo prá mim, nada

certo! Nada certo, tipo... eu tentava entrar prá uma escola, tipo... minha mãe arrumou uma vaga prá mim no Paulo., que era uma escola lá. Fiquei estudando 3 dias, depois já, “Que escola o quê!”, não tava mais ligando prá nada... fiquei com uma menina lá, a menina queria me levar prá, prá lá, entendeu? Ficava com a menina lá, a menina tipo... me levou prá um lugar lá, aí quando eu vi um cara queria me ferrar... várias fitas já aconteceu, sr., aí, com 16 anos assim, fiquei com, com a minha namorada, que eu fico com ela, e já separei uma pá de vez, aí fiz essa cena aqui agora, que eu fui roubar uma casa, né sr., a vítima reagiu, eu quase matei a vítima, e tô preso agora, né sr.? Aí depois que eu vim preso, aconteceu tudo isso aí, minha mãe vem agora eu já, tenho mais um, o que me importa agora é mais a minha mãe, entendeu sr.? Porque depois que eu vim preso esses negócio de colega! Esses negócio de colega nós não tem não... Colega é dinheiro no bolso, viu sr.? Porque chega lá no mundão¹², sr. ...

e – Colega é dinheiro no bolso?

- É, quem conseguir pagar mais...

Émerson – Chega lá no mundão, che-

- “Ah...”

Émerson - Chegava num lugar, sr., aí “Ah! Vem aqui e não sei o quê, vamo colar em tal lugar, Mistura, espécie, em tal lugar tem um, tem um show da [...], e aquela função de gente, mulher, homem, tudo na hora lá era parceiro, depois que eu vim preso, são poucos que ajuda, né, e manda um cigarro, e manda umas bolacha, uns negócio, depois que eu vim preso, teve até... uma situação, né sr.? Que aconteceu de um negócio de umas droga lá, que eu pegava umas droga e dava prá uns cara vender lá, sr., aí, depois que eu vim preso aí teve até um, um, um parceiro meu, né? Agora não é mais nada... é meu inimigo agora, aí, deixei a droga com ele e foi eu e mais um que, que andava junto, entendeu sr.? Aí eu deixei a droga lá prá ele lá, e ele tinha falado que, que eu não cheguei com as drogas lá, não deixei as... sendo que eu não, falou que nem coloquei a droga lá na favela, tipo ele quis jogar a culpa tudo prá cima de mim, falou que ia me matar... depois que eu tava preso minha mãe veio me dar essa notícia, queria até, queria até que eu sair de lá, falei que “Não, tô certo, tô certo, quando eu for prá lá... vai ser daquele jeito...”, aí ela “Não, não, não quero que aconteça nada com você... ele falou, ele falou que ia te matar, que não sei o quê...”, aí foi indo no dia-a-dia, aí, o irmão, o, o, o cara veio comigo, entendeu sr.? Que foi comigo entregar lá a droga lá quando ele tava no dia, aí ele foi e falou “Não, mas eu tava no dia que ele deixou lá, como você tá falando que não deixou?”, aí ele já se empernou, acho que ele pegou a droga tudo junto, vendeu, que era antes do Natal, em novembro, vendeu tudo lá e comprou uma pá de roupa lá, de Nike, doze molas, no pé, se montou, com, tipo a bem dizer, prá fazer valer a droga, se montou lá, aí o que que ele quiz dizer? Que [... ...] pro homem lá, né sr.? Aí ele vendeu tudo, pegou tudo prá ele, comprou... uma pá de negócio, moto, [...] falou prá ele que, que eu tinha deixado lá no depósito, aí tipo ele mandou, vai mandar tipo uma carta, minha mãe falou que... pedindo desculpas prá mim, né sr., mas eu não vou acreditar nisso, pedindo desculpas, que foi um mal entendido, que ele pensou que eu não tinha deixado a droga lá e “disbaratearam” dele, sei lá!

e – Você diz que ele jogou a culpa...

Émerson – Prá cima de mim...

e - ... de não ter ido com aquela quantia de dinheiro pro homem lá...

Émerson – É, aí ele...

e - ... prá cima de você?

¹² “mundão”: o mundo do lado de fora da FEBEM.

Émerson – É, aí ele jogou a culpa prá cima de mim, porque ele, acho que, no pensamento dele ele pensou que eu fui deixar lá e fui deixar sozinho, não tinha mais ninguém comigo... e nessa quando eu fui deixar o negócio lá prá ele, tinha um colega meu lá junto comigo, né sr.? Que, é o que...

- A bem dizer...

Émerson – A bem dizer é o que...

- Gerente.

- Gerente.

Émerson - ... É, quem comanda lá, comanda ali lá a quebrada, entendeu sr.? Eu fui com ele, nesse dia nós deixamos o negócio lá e viemos aqui pro Mistura, aqui no Tatuapé, não sei se o sr. já ouviu falar?

e – Não.

Émerson – Aqui no Mistura Tatuapé, aí eu...

e – O que que é o “Mistura Tatuapé”?

- Um salão¹³.

Émerson – É um salão...

e – Um salão?

Émerson – É. Aí nós viemos prá cá, aí eu falei: “Ah! Tá firmão né? Deixei lá o negócio com ele lá, agora ele se vira lá, só vamos esperar chegar o dinheiro...”. Aí nessa, aconteceu tudo isso, ele falou que eu não tinha deixado, jogou a culpa prá mim... e sendo que, nesse dia, se eu vou sozinho e deixo o negócio lá, ia tá jurado, lá na minha quebrada¹⁴ lá, saiu daqui já era pro caixão já... Aí, eu falei prá minha mãe: “Não, não é nada disso não, ele quis dizer que eu não deixei lá ou cheirei tudo no depósito, entendeu?”. É, porque a lingua deles é essa daí, entendeu, sr.? “Pirar, e não sei o quê...”, falei: “Que nada! Pode falar pro... pro K. lá que... eu deixei lá no dia.”, aí ele foi e confirmou, “Não, ele tava mesmo...”, aí nessa, ele, pensaram que tinha alguém comigo, né sr., nesse dia, aí eu não sei como tá lá pro lado dele, só sei que, minha mãe falou que quando eu sair daqui ele já vai tá... embaixo da terra, falei “Ah, não sei, né?”. E... tem várias fitas ainda, sr., que prá lembrar é embaçado, sr., no dia-a-dia assim nas nossas reunião, entendeu sr.? Eu falo mais um pouco...

e – É...Você já falou bastante...

Émerson – Minha vida é embaçada hein sr.!

e - O que você for lembrando pode falar também.

Émerson - Minha vida foi embaçada, hein sr....

e – Embaçada por quê?

Émerson – Ah, sr., muita já, vixe! Já zuei muito já nessa vida... 17 anos e já curti prá caramba, hein sr.! Já curti prá caramba a vida já...

Edson – É, tipo... tem até uma música que fala... fala assim: moleque de 12 anos já curtiu mais do que [...] de 33 aí... já...

- Moleque de 12 anos já, já passa a curtir meu...

Émerson – Porque a fita é o seguinte, sr., cê faz uns negocinho assim, uma ceninha¹⁵, cê pega uns dinheiro bom, que cê “Nossa!”, cê vê aquele bolão na sua frente, que cê fala...

- Não, não, cê...

¹³ "salão": casa noturna com salão de dança

¹⁴ “quebrada”: bairro em que mora, vizinhança.

¹⁵ “ceninha”: de “cena do crime”, ação criminosa

Émerson - ... "Vou pegar mais, vou pegar mais, vou pegar mais..." (pausa, barulho) E nessa cê fala "Não, vou pegar mais, e mais, e mais...", entendeu, sr.? Mais e mais, e se quiser cê vai conquistando o que você quer, assim, com você mesmo... E nessa é homem atrás de você, mulher atrás de você, cê fica meio doido assim, cê fala assim: "Nossa! Onde que eu fui me meter?". Depois que você entrou nessa vida aí, prá você sair é difícil, entendeu, sr.?

e - [...] (barulhos) os colegas, é o dinheiro?

Émerson - Ah é, sr.. "Amigo é dinheiro no bolso e o pai e a mãe", sr.!

e - "Amigo é dinheiro..."

Émerson - Não tem uns amigo melhor que o pai e a mãe, entendeu, sr.?

- É verdade!

(início sobreposições de fala)

Émerson - Já tive vários, sr., já tive amigos...

- Amigo é aquele, né sr.? Que não te [...] na traição, cê tá com o dinheiro no bolso... [...] cê tá sem nada...

- "Vamo ali então, vamo ali pegar uma droga, então, não, vamo ali fazer isso e tal..."

(final sobreposições de fala)

- Esses daí é o pior inimigo, entendeu, sr.?

- O melhor amigo é o pai e a mãe, que senta, conversa... entendeu, sr.? Almoça, no dia-a-dia tá ali na frente, né, sr.?

Émerson - Quando eu frequentava esse... casa espírita, entendeu, sr.? Fiquei com uma menina acho que foi 6 mês, aí, essa menina aí eu fiquei com ela uns 6 mês ela começou a gostar de mim, entendeu, sr.? Não sei se era causa o meu jeito, ou causa dos negócio que eu tinha, aí nessas, tipo... fiquei sabendo que ela até foi falar prá minha mãe, que... tava grávida de mim, e não tava... e quando foi ver, minha prima, minha prima...

(barulho de porta, Edson volta do banheiro, Pedro vai ao banheiro)

- [...] (vozes)

Émerson - ... Achou meu nome, entendeu sr.? Minha prima, nessa, minha prima conhecia ela e frequentava a casa dela, teve um dia minha prima achou meu nome lá dentro de um... de um vaso, entendeu? De um... como que é o nome? Aqueles negócio de doce assim, entendeu, sr.? Aqueles pote de doce, escrito meu nome inteiro lá, dentro do congelador... quando minha prima falou isso daí prá mim, sr., queria pegar essa menina aí, [...] onde que eu moro lá, entendeu, sr.? Isso daí é... ela fez uma macumba prá atrasar minha vida lá, sei lá o que ela fez!

Edson - Só por hoje!

Émerson - Só por hoje, só!

(risadas)

Émerson - Aí...

e - O que que é? "Só por hoje"?

Edson - Só por hoje.

e - O que que é isso?

Edson - É tipo...

Marcelo - É viver um dia de cada vez!

- Narcóticos...

Edson - É um negócio dos Narcóticos Anônimos que a gente [...], eles, eles falam assim: que eles ficam limpos de droga só por hoje, mas eles já tão a um bom tempo limpo de drogas, entendeu?

e - Ah...

Edson – E tem Narcóticos Anônimos aí e nós vai, né? Aí eles falam “é só por hoje, e nós tá limpo aí há 8 anos e não sei quanto tempo aí, mas é só por hoje...”

Émerson – Aí, sr.! Acho que tô nessa vida aqui porque da primeira vez que eu fui eu já peguei e já, dei uma sorte assim, agora acho que quando eu fui roubar na primeira vez viesse preso, acho que eu já parava na hora já! Porque aqui é o maior sofrimento, ô, eu nunca imaginava ficar preso não, sr., [...] uma pá de erro, curti mesmo! Já fui prá vários lugares, já fui pro Rio de Janeiro já! E curtia mesmo, sr., não tinha... é novão... Eu nunca imaginava que eu ia ficar assim a bem da verdade, eu nunca imaginava que eu ia ficar preso assim, sem sair prá rua... curtia e esses negócio, aí depois que nós vem preso é que nós vai dar valor à rua...

Edson – Seguir normas...

Émerson – É... seguir normas...

Edson – Dormir a hora que tem que dormir... acordar a hora que tem que acordar... escovar os dentes...

Émerson – No mundão eu ficava 3 dias acordado, sr., 3, 2 dias só curtindo só... só curtindo...

- Na balada...

Émerson – Na balada...

Edson – Comer a hora que tem que comer...

e – Cê também não imaginava isso, que o Émerson acabou de falar?

Edson – Ah! Nunca imaginava que eu ia preso, prá mim... cada dia que eu, cada dia que eu rouba-, cada dia que eu roubava... “Vixe! Prá mim deu tudo certo, então vou continuar roubando!”

- É!...

Paulo – Roubando agora cê tava pensando em fazer outra cena...

Edson - É! Sempre assim, tipo cê tava, cê tava pegando o dinheiro ali da vítima **cê já tava pensando em outra...** (sobreposição de falas, Edson e Paulo)

- Falava: “É claro, aí mais tarde eu vou lá, ali...”

(sobreposições de falas)

- Pegar outra...

- [...]

e – Cê também, Paulo.? É Paulo., né?

Paulo – É...

e – Cê também, Paulo.?

Paulo - Isso.

Marcelo – Eu fico pensando de roubar agora, mas tenho uma cena mais tarde...

- Não, tem a outra ali, ó!

Émerson - Tinha vez, que sr., tinha uns três assalto prá mim, no mesmo dia! Um de umas 3 h da manhã, que o pessoal faz, tipo levando, fica pegando malote, e 11 h da manhã, 7 h da manhã, você ia nesse daqui, já falava: “Já guarda o dinheiro e vamo em outro!”. Você já ia roubar e já ia comentando no outro já, entendeu, sr.? É a ganância do dinheiro mesmo!

Edson – Agora quando eu roubava...

Émerson – E se [...] de montão e falava: “Ah! Agora vamo zuar!”

Edson – Quando eu rouba-

Émerson – E ia prá uma pá de lugar...

Edson – Quando eu roubava carro também era assim, tipo... pegava o carro, né? Daí tipo... e ia lá e entregava o carro e aí o cara falava: “Ah! Tô precisando de um Vectra também! Daí na sequência preciso de um Astra, tal, e não sei o quê...” Daí ia eu e um maluco... ele tava aqui também, [...], daí a gente roubava logo os dois carro de uma vez...

(risadas)

Edson - ... entregava lá, daí já pegava o dinheiro e falava prá ele: "E aí, tem mais algum prá pegar?", e ele: "Tem, tem esse aqui, esse Gol, esse Corsa, e por último, vai, esse Siena aqui e tal..."

- Já logo os 3...

Edson – É, já catava os 3! A gente catava um e já levava prá garagem, catava o outro levava prá garagem e catava o outro e levava prá garagem, daí levava os três de uma vez só! Daí os cara, os cara, daí fui ganhando ponto com os cara... os cara...

Émerson – E eu...

- [...]

Émerson - ... falando assim... Eu nunca tive uma, uma vida [...] (tosses) entendeu, sr.? Agora tudo que eu tenho, eu sofri mesmo, porque [...] foi curtidão só, dos 13 prá 17 anos foi curtidão, só curtidão! E nunca imaginava que eu ia ficar preso, nunca imaginava, sr.!

Edson – Sei...

Émerson – É uma experiência, sr., pode passar lá o quanto tempo for que eu nunca vou esquecer, sr.! E quando eu ter os meus filhos, sr., eu vou contar isso aí prá eles... agora eu não sei, né sr., se vai ser melhor contar isso aí ou não contar... esconder isso aí, aí eu não sei... porque, ficar aqui sem a nossa liberdade é o maior sofrimento.

Edson – É um sofrimento ficar preso!

Émerson – Você... dia de sábado, assim, Sexta-feira, você... tipo curtir, mas curtir de um jeito saudável, entendeu, sr.? Tipo sem roubar, sem usar drogas, curtir assim com os seus amigos assim, curtir e voltar normal... pretendo fazer isso aí quando sair daqui...

- [...]

Émerson - Próxima vez aí é cadeia, 30 anos, 15 anos, 10 anos, não tô podendo ficar não!

Edson - Se eu for... se eu roubar um carro aí, cê vai ficar é preso 7 anos, fechado...

- 6 anos fechado...

Edson - ...sem direito a nada... aí, mas só o primeiro já não [...] não!

(risadas)

Edson - É... só por hoje! Só por hoje!

Só por hoje não [...] não!

(risadas)

e - É só por hoje?

Edson - Só por hoje...

- [...]

Edson - Amanhã também só por hoje...

Émerson - Imagina, sr., se você fica sem poder sair daquele lugar ... fica sem ver quem você gosta sua família, sua namorada assim, que você gosta de ver assim no dia a dia...

Edson - Todo dia...

Émerson - Fica [...] vendo só homem assim na sua frente... só homem, só homem...

Edson - Todo dia, você acorda com homem do seu lado, escova os dente com seu homem do lado...

- Toma ducha...

Edson - Toma ducha com homem do lado...

- Vai comer

Edson - Come, come com homem do lado

- Só não dorme com homem do lado porque...

- É... É...

(risadas)

Émerson - Cada um tem que ter, né? A sua, sua... sua privacidade...

- [...] (sobreposições de falas)

Paulo - Na UAI¹⁶ dormir...

Edson - Lá na UAI não tinha como...

Paulo - Na UAI (risada)

Edson - Na UAI era só...

Marcelo - Na UAI era 3 em cada colchão...

Edson - Ainda bem que eu tô aqui, só por hoje!

(risadas)

Émerson - Porque quando eu fui preso assim, sr., eu fui preso 07 de dezembro, sr.! Faltando acho que 19 dias pro Natal...

- Ah! Foi bom...

Émerson - E porque, sr., tipo, fim, em fim de ano assim, sr., nós tipo tinha ...

- Arrumava umas cena do nada!

Émerson - Tinha uns colega meu assim que conhecia uns trabalhador, aqueles trabalhador que gosta de dar o golpe, entendeu, sr.? Tem o trampo dele, mas arruma uma fita

- [... ...]

Émerson - Prá pegar a firma dele, ainda... "Aí, vai vir 30.000 aí!", eu falei: "Opa! É dinheiro hein?", aí já ia, aí já ia, aí sempre pegava um dinheiro no fim do ano aí já ia pro Rio lá...

- [...]

Émerson - [...] no lugar, entendeu, sr.? Aí eu fui preso 07 de dezembro assim, me pegaram dentro do flagrante, dentro da casa assim, aí o policial veio e falou "É...", falou assim "É, a casa tá cercada!", consegui ouvir e falei "Nossa!", tava eu e meu parceiro, meu parceiro me abraçou assim, sr., e começou a chorar... (emocionado)

(comentários sobrepostos)

Edson - Só por hoje!

(comentários, risadas)

Émerson - E meu parceiro me abraçou assim

- [...] inteira! (risadas)

Émerson - Ah, falou que é prá mim falar eu vou falar...

(risadas, comentários)

e - O que você falou? Você acha que ele tá falando demais?

Paulo - Na sequência aí...

- [...]

e - É isso, Paulo., cê achou que ele tá falando demais?

(comentários sobrepostos, risadas)

- [...]

Émerson - Não, vou dar meu espaço agora pro... pro Pezinho¹⁷ agora!

Adriano - Ah! Minha vida foi...

(risadas)

Adriano - ... foi o seguinte, né sr.? Tipo, eu nasci praticamente dentro de uma igreja, eu comecei a freqüentar a igreja desde pequeno e tal, minha mãe ia prá igreja [...]

- [...]

¹⁶ U.A.I.: Unidade de Atendimento Inicial, unidade de acolhimento inicial, por onde passam todos os jovens antes de serem enviados às unidades onde vão cumprir a medida sócio-educativa.

¹⁷ Adriano não tem uma perna, anda com uma muleta.

Adriano - [...] da própria igreja, aí eu comecei a freqüentar a igreja dos, desde quando eu nasci até os, 12 anos de idade... Com os 12 anos eu comecei a desviar e tal, a escola, eu comecei a parar de ir prá escola, usar droga... (risadas) aí minha vida virou às avessas tudo, comecei a roubar, tal, passar droga, aí... vixe! Minha vida ficou um inferno! Até eu me desacertei¹⁸ com o [...] matei um cara (baixo) por causa de droga e tal, nós fomo que nem ia preso, e nós fomo preso e fiquei sem uma perna e tal (rápido), perdi muita coisa de valor, mas... de repente sair daqui e daí mudar de vida...

Paulo - [...] a vida ainda, né?

e - Você, perdeu a perna, por causa do envolvimento, com...

Adriano - Do crime.

Émerson - Envolvido com o crime, né sr.?

e - ...com o crime?

Émerson - Prá ver como o crime é podre, né sr.?

Adriano - Aí eu vi que... prá mim o crime não dá certo, não me deu nada, [...] só perdi [...], aí...

Émerson - Nossa! Se eu for falar da minha vida, nossa! O sr. vai sair daqui com trauma daqui... (risadas)

Adriano - Aí... aí eu tô aí né? Hoje em dia...

e - Imagina! A gente tá aqui justamente prá ouvir vocês... (para Émerson)

Edson - Ele (Émerson) tem muita história...

Adriano - Aí, hoje em dia tô sem uma perna, mas agradeço a Deus que eu tô vivo... vários conselho e tal, de amigo, de pai e mãe, nunca escutei e tal... hoje em dia eu fico lembrando...

"Caramba, se eu tivesse escutado isso eu não taria aqui..."

e - Você também... assim como o Émerson, o Paulo e o Edson... achava também que você nunca iria ser preso...

Adriano - Acho... Achava que eu nunca ia vir preso, viu, sr.!

Émerson - Acho que ninguém imagina isso aí! (alto)

- É...

Marcelo - Eu achava que nunca ia ir preso, e tal, mas hoje em dia eu penso: "Caramba, eu achava que eu nunca ia ir preso, mas tô preso.", né sr.? É ruim... Caramba...

Edson - Sabe que que, sabe que que é o mal do... acho que é o mal de todo ladrão? Hi! Hi! (risada) que... rouba, rouba, rouba... (sobreposta à fala de Marcelo, que continuou)

Marcelo - Fala!

Edson - Uma vez dá certo, outra vez dá certo, vai dando certo... "Vixe! Vai dando certo então não páro de roubar", acho que...

(início sobreposição de falas)

Émerson - Que o crime [...]

Edson - Acho que não vou preso,

Émerson - ... o crime é um negócio assim que vai te pegando assim...

Paulo - Você acha que quem vai preso é porque vacila...

Edson - Fica tipo falado, sr.... cê vai gostando do negócio, é... tipo... ficando lá em cima no IBOPE, no IBOPE lá em cima...

Paulo - É... com o IBOPE lá em cima...

Émerson - Cê cola num lugar, o outro: "Ô! Vem aqui e não sei o quê... então vem depois..."

Edson - Cê, cê [...]

Émerson - Cê já via prá lá, [...] ainda...

¹⁸ "desacertei": entrar em conflito, brigar

e - E o IBOPE vai crescendo... como falou o Edson, né?

Edson - Cê...

- Depende...

Edson - Cê, cê chega num lugar assim... tipo

Paulo - Todo mundo vai te seguindo...

- Vai as mina em cima de você...

(final da sobreposição de falas)

Edson - Come-, come-, comecei a roubar, né sr.? Aí eu comecei a com-, comprar roupa, daí eu comecei a comprar umas roupa, daí um dia que eu tava diferente eu falei: "Caramba, eu devo tá mudando, né?" É [...], aí eu fui juntando dinheiro aí comprei um carro, trabalhando (risadas), comprei um carro, né sr.? Na onde que eu chegava e tal, ligava um sonzão, fazia aquela roda... maluco, mina, "E aí, Edson? Vamo lá naquela churrascaria!" "Vamo lá, e não sei o quê..." Aí já vinha uma mina pá... "Aí, minha amiga quer ir nesse [...] com você...", tipo... "Firmeza! Vamo aí e tal..." tipo

Émerson - [...], mal sabia que era por causa de interesse...

Edson - Mas mal, mal sabia eu que era por causa, que era por causa do dinheiro... Aí beleza, aí depois, aí depois que eu comprei uma moto aí que [... ...] foi tudo...

(risada)

Edson - Porque... porque eu não podia sair com a moto que tinha umas três ou quatro "Ah! Leva eu ali! Leva eu ali!..."

Émerson - Eu ia até fazer uma besteira na minha vida, né sr.? Ia até fechar o meu corpo, entendeu sr.?

Edson - Ou! Esse maluco fala prá caramba!

Émerson - É sério mano! Ô sr., quando eu fui prá aqueles negócio lá, sr. ...

Edson - Ele atravessa os outros...

Émerson - ... eu ia até... fazer até uma besteira...

(risada)

Émerson - ... e minha mãe ficou sabendo desses negócio aí, minha mãe tipo... chorou prá caramba... e falou: "Que! Não faz isso não...", eu ia fechar meu corpo, ia dar meu corpo pro... [...]

Edson - Pro capeta...

(risadas)

Émerson - Aí...

e - Ah é? Fechar o corpo...

Émerson - É, ia fechar meu corpo!

e - Fechar o corpo é fazer pacto com o diabo?

Émerson - É... aí ia fazer esse negócio aí, né sr.?

Edson - Só por hoje... (baixo)

Émerson - Aí minha mãe foi me dando conselho, aí eu fui pensando bem, né sr.? Agora eu penso, se eu tivesse feito isso daí eu tinha me arrependido até hoje! Ia ser o maior arrependimento da minha vida, fazer isso...

(tosse)

Edson - Então, sr. ...

Émerson - Acredito agora em Deus e em mais ninguém...

Edson - Então, sr., continuando o assunto lá, só por hoje aí...

(risadas)

Émerson - Vou ficar só ouvindo... (arrasta a cadeira para trás, para o canto)

(risadas)

- Ô, beleza!

Paulo - Ah! Ficou o cego triste...

(risadas)

Edson - Nós, nós pedimos a ele a sua colaboração, aí (devagar), de ficar quietinho...

e - Não, acho que ele...

Edson - Não, só um pouquinho, só por hoje...

(risadas, comentários)

Edson - Tipo depois que eu comprei a moto, né sr.? Saía com a moto e... “Não, nós vamo ali, nós vamo ali...”, daí, hum, catava e “Leva eu ali e tal, leva eu ali...”, daí, hum... catava e levava a mina ali e já trombava¹⁹ um mano e... “Ou! Tem uma fita prá gente fazer ali e tal... e pronto, dá prá gente usar aqui e tal...”, daí, tipo, usava a droga, daí depois ia e roubava, daí tipo... nós, é a maior adrenalina, entendeu, sr.? Por causa disso se rouba que... cê chega assim, tipo... aqui é a porta da onde você vai roubar, se na hora que você chega, cê...

(fim de fita)

Edson - [...] o coração bate mais forte... [...]

A mina tá até cansada de escrever por causa do Émerson...

(troca de lado da fita, não param de falar)

- Só por causa do Vesguinho...

(risadas)

Edson - Mas daí beleza, né, sr.? Daí quando nós saía, quando saía correndo então... parecia que a adrenalina subia assim e pá: “Caramba, deu certo! Saiu correndo veio polícia atrás de mim, e saiu tudo bem...”. Aí quando vinha, era uma beleza então, quando a polícia vinha atrás de mim...

e - Quando vinha, quando vinha a polícia, ou [...] (início de sobreposições)

Paulo - Cada curva louca, sr.! Aí de moto, de moto, de carro,

Edson - ... dando fuga... trocando tiro...

Paulo - ...a polícia atrás, a sirene tocando... cê, dando cavalo louco de moto!... (voz alta)

- Aí cê [...]

- ...e o [...] quase caindo pro lado [...]

Émerson - Ah! Deixa eu sair prá outro lugar que eu tô me sentindo bixa aqui!

Edson - Mas dá medo, dá medo!

Paulo - Mas dá medo, sr., dá medo... mas quando você chega na quebrada, cê fala: “Vixe! (fala simultânea com outro) A viatura veio atrás...”

- “Troquei tiro... deu fuga... troquei tiro...”

- [...] (sobreposições, emocionados)

Paulo - Aí cê já pegou IBOPE ,aí cê já tá...

Mateus - Cê já ganhou IBOPE aí... [...]

- Aí no outro dia cedinho o maluco já chega “Aí, vamo fazer uma fitinha e tal...”

Paulo - O que você ganhou no IBOPE, cê [...] (sobreposições)

e - O que vocês tão falando tipo assim, a adrenalina que tá envolvida aí...

- É... (vários)

Paulo - ... a adrenalina...

¹⁹ “trombar”: se encontrar

e - ... com o crime, é um elemento a mais aí...

Edson - É um elemento a mais...

e - ... que te envolve ainda a mais em fazer...

Edson - O IBOPE...

e - ... em fazer mais atos assim, de crime

(comentários)

e - ... e ainda eleva o IBOPE...

Paulo - Aí, né sr.? Aí cê já roubou hoje, faz de conta aí, que nem, eu roubava moto, direto, vendendo, aí tipo os malandro que já pega uns dinheiro mais alto, uns 60 mil real, 80, aí os malandro vê que cê é catador mesmo, já vai e te chama prá catar umas fita mais alta...

Edson - É...

e - Humhum...

Edson - E...

Paulo - E o IBOPE, cê vai ganhando, cê já vai ganhando mais...

Edson - E o seu IBOPE... vai te colocando... a um risco maior...

Paulo - Pro cê ganhar mais dinheiro...

Edson - Tipo, cê começa ali...

Paulo - ... ganhar mais dinheiro... (baixo, ao fundo)

Edson - Tipo, cê começa por baixo, igual eu...

Paulo - Eu comecei com [...]

(risadas)

Paulo - ... roubando chocolate... tipo todo mundo chamava eu prá roubar chocolate...

(risadas)

Paulo - "Ah! Vamo lá roubar chocolate, vixe! O maior ratão e não sei o quê!". Depois eu comprei um revólver, comecei a...

Pedro - Começou a roubar chocolate e engordar e [...]

Paulo - Daí eu comecei a...

(risadas)

Paulo - Comecei a... comecei a roubar uns carro...

(início de muitas sobreposições e discussão no grupo)

- Todo mundo começa por aí...

e - Todo mundo começa por aí?

- Começa por aí...

- Não, não é todos...

- A roubar chocolate...

- Não é todos... não é todos...

e - Chocolate...

- Um ou outro pode ser...

- Vai falar que você nunca roubou um chocolate?

- Não, não tô falando de mim, entendeu? Tô falando que não é todos...

- Cê já roubou chocolate no mercado?

- Ou! Já roubei até boate!

Edson - Cê já roubou? Cê já roubou

- [...]

- [...]

- A maioria, a maioria, começa assim, sr..

Paulo - Ou! Até tênis no Shopping, sr.!

e - A maioria, a maioria começa assim, então, digamos assim,

Paulo - Tem vez que tem dinheiro...

e - ... com furtos pouco arriscados, né?

- É, isso aí é normal [...]

- [...]

e - Depois, conforme vai pegando IBOPE, ...

Edson - Vai pegando IBOPE, vai pegando IBOPE...

e - ... vai aumentando o risco...

Edson - Vai pegando IBOPE...

- Vai pegando IBOPE, depois cada vez que vai aumentando [...] entendeu, sr.?

Edson - Aí cê, aí cê começa a catar... uns açougue... Açogue tem dinheiro! (risadas) Tem... é, eu roubava, antigamente eu roubava açogue... de sábado assim, ó, antes do almoço, um pouquinho, umas onze e meia assim ó, vixe! Cê ia e batata, cê pegava milzão, ou até mais! Daí beleza, daí eu comecei a roubar açogue... roubar carro, e carro e carro e carro e carro,

- [...] só com carro...

Edson - Daí, depois, o cara via "Ah! O Edson é pegador mesmo! Pega e não sei o quê, vou mandar prá ele fazer aquela fita lá...", "Ah! Vou sim, tal e não sei o quê...", aí ia lá, tal, catava uma lojona de tênis, catava todo mundo, colocava todo mundo dentro do quarto lá, e a adrenalina, tudo filmando...

e - As câmaras filmando, você fala?

Edson - É...

Paulo - Depois cê pega as fita...

Edson - É..., cê pega as fita...

Paulo - Cê pega as fita e leva embora...

Edson - Cê pega as fita e leva embora, "Ó a cena que eu fiz!"

Paulo - Daí cê fica assistindo, tipo numa casa, na vila, tipo cada quebrada sempre tem uma casa, pros malandros [...], pros ladrão, ficar queimando idéia...²⁰ usando droga...

Mateus - Um barraco...

Paulo - ... um barraco... aí sempre tem uma televisão... uma tela ali...

Mateus - Um som...

Paulo - ... aí cê fica assistindo ali...

Edson - Aí cê começa daí, aí depois cê começa a catar firma... começa a catar carga... daí vai...

"Pegador bom, ah! Então vamo pegar um banco, e tal!"

- Aí já coloca na cena do louco...

- Aí já coloca na cena do louco... tá arriscado prá tudo, sr.! [...] (sobreposição)

Edson - O seu IBOPE, o seu IBOPE vai subindo, ainda bem que... o meu IBOPE tava subindo, mas... aí vim prá FEBEM...

e - É?

Edson - ... e já... desmoronou foi tudo! (voz baixando no final)

Ah! Mas quando eu sair ainda vou ter IBOPE! Por causa tava na FEBEM e tudo,

e - É?

Edson - ...aí sim, as mina corre, as mina tudo gosta, tudo gosta!

(reações: várias sobreposições)

Emerson - Não, não, não! Não é todas mina, né sr.? Eu falo é... é mais aquelas menina que... gosta de zueira, entendeu, sr.?

²⁰ "queimando idéia": conversando

- [...]

Émerson – É... bem... não é todas, não é todas não!

Marcelo – Eu já penso assim, ó: “Ah! Se eu ficar, se eu ficar com aquele cara ali ninguém vai mexer comigo e tal... se mexer ele vai...” [...] é...

- E todas, e todas essas meninas aí, sr. ...

Émerson – Ah! Eu já penso assim, sr., e todas, e todas

Marcelo – ... “[...], saiu da FEBEM, ele vai dar tiro...”, já pensa em morte, entendeu, sr.? Matança, e tal...

Émerson – E todas, e todas essas menina aí, é menina que não vai dar certo prá você! Qualquer...

Marcelo – Te leva pro túmulo...

Émerson – Não dá certo porque... só quer gastar seu dinheiro... não quer fazer o negócio...

- [...] (sobreposições)

Marcelo – E... tudo que é fácil não presta! Entendeu, sr.?

- “O que vem fácil vai fácil...” É igual água...

Paulo – Também, sr., roubava uma moto de manhã, e não se contentava, tinha que roubar outra de tarde!

(risadas)

Marcelo – Não! E uma coisa que o...

Paulo – Porque, tinha vez que tipo, prá pegar IBOPE lá, tipo na favela, é embaçado, né? “Ele consegue roubar duas moto num dia!”. Aí gastava o dinheiro na noitada aí no outro dia não tinha nada, tinha de sair no outro dia de tarde prá roubar moto de novo!

Émerson – [...] [...] (sobreposto à fala anterior) Mas não é todo dia, né sr.? Que faz essas fita aí porque... (risadas) porque é o seguinte, né sr.? Cê vai roubando assim, né sr.? Cê vai pegando conhecimento, cê fica conhecido, é ruim prá você mesmo... porque... chega num lugar, todo mundo sabe quem é você... é bom você ficar com mais...

Edson – Vai acabar o outro lado da fita também... (baixo) (risadas)

Émerson – Entendeu, sr.? É capaz de você ficar mais em ponto de fuga, sabendo que você, do que todo mundo não te conhecendo assim... [...] [esse negócio é bom prá pegar conceito, com o pessoal... E de repente assim, cê vai ficando...

Edson – [...] (baixo)

Émerson - ... cê vai ficando com a mente, mais estruturada, assim...

Paulo – [...] que a dele é a nossa...

Émerson - ...prá vida, entendeu, sr.? Com a mente mais estruturada prá vida, porque... tem gente que vai, sai, vai roubar mesmo, tem gente que fala que não, vai pensa, e fala “Deixa, isso aí não é vida prá mim não... ficar que nem um louco aí...”, que nem um louco! Indo prá lá, prá cá...

- Foi o que eu fiz, né sr.!

Émerson – Indo prá lá, prá cá, prá lá, prá cá... é capaz de você ficar até louco, nessas vida aí, sr.! Capaz de arrumar um, cê tem que arrumar primeiro, feito um [...]

(tosses sobrepondo fala de Émerson, bocejo alto)

e - Émerson, o que você tá falando é muito interessante,

Mateus - (bocejo alto) Muito interessante...

e - ... mas o Mateus ...

- [...]

Émerson - É o seguinte, sr., o Mateus não falou nada até agora!

(comentários)

e - Mateus, você tá... [...]

(sobreposições)

- Ou! Fala aí!

Edson - É a história dele, a história dele, do meu primo... A história do meu primo é...

(risadas)

Paulo - Desde do começo, desde o começo...

Edson - A história dele é legal...

e - Marcelo..., é Marcelo? Você é primo do Edson, Marcelo?

Edson - É... ele, o nome dele é Marcelo R. de B., e o meu nome é Edson R. de B.

e - Mas vocês são primos mesmo?

Pedro - Primo ou irmão?

(risadas)

Edson - Mais ou menos... Não, nós é primo...

e - Ahn?

Marcelo - É meio enroscado, mas... fala aí primo!

Edson - É...

e - Você quer falar um pouco da sua história?

Marcelo - Ah... Minha história também... (dando risadas) também não é muito diferente deles também não, entendeu sr.?

e - Não entendi.

Marcelo - Minha história também não é muito diferente não... ah, já com um ano de idade assim meus pais se separaram, entendeu? E eu fui crescendo aí mas só que eu, minha mãe sempre ia falando prá mim que o cara eu que tinha como um pai não era meu pai, era meu padrasto... e eu sempre fui aceitando isso, porque ele tratava eu bem e tal... trocava a maior idéia comigo, sempre me aconselhava, e eu... fui começando a criar assim um tipo de revolta dentro de mim porque minha mãe não deixava eu sair de casa... e eu sempre via os outros brincando, jogando bola assim na rua, sr., e eu não podia sair, minha mãe não deixava... aí depois assim, era época do dias dos pais, assim também, e eu via todo mundo fazendo um baratinho lá pro pai na escola assim, e eu ia fazendo também, mas só que não era pro meu pai, era pro meu padrasto, eu gostava do meu padrasto, entendeu? Mas só que meu padrasto era um amigo, e eu não queria um amigo, eu queria um pai! Então isso foi... se... tornando um negócio muito chato prá minha vida... e... minha mãe insim também... eu... praticamente cresci dentro de uma igreja também. Ah é, eu não gostava de ir prá igreja, mas minha mãe me obrigava a ir se não tinha de ficar de castigo dentro de casa... e aí eu... comecei a fugir de casa, mas só que assim, eu fugia... ficava o dia inteiro na rua, depois eu voltava prá casa, assim desde os 3 anos de idade, a primeira vez que eu fugi foi com 3 anos de idade. E depois, que foi passando o tempo assim, com 7 anos, eu fugi, fui pro centro da cidade, e... fiquei 11 anos na rua, era até hoje, né? Que fui conhecendo pessoas... que, me ensinaram, não assim, é, tipo que me ensinaram, né? É... como roubar e tal... é... eu já cheguei na rua, sem saber, como que era a malícia, entendeu? Eu era, criança inocente, ainda. Aí, eu fui pro S.O.S., cheguei no S.O.S. eu zuei prá caramba lá, porque... tinha um espaço enorme, tinha uma pá de gente lá, aí eu já via os molequinho fumando cigarro também... aí... tal ali, no começo assim eu nem queria fumar, mas depois eu já fumava que nem um sapo, eu nem sabia tragar, mas eu andava ali com 2 maços de cigarro no bolso, fumava uns 4 maços de cigarro por dia, e nem tragar eu sabia! Aí eu... fui transferido prá um abrigo e tal e um projeto lá, e aí eu fiquei lá um bom tempo também, e... e eles me deram um curso, né? E eu fui prá escola e tal, e... tava indo tudo bem, até que eu comecei também a roubar no mercado, lá no Extra e tal, mas só que até então eu não tava roubando coisa de comer, né? Eu ia roubar uns negócio prá ir prá

escola e tal... é porque eu queria ter tipo uns negócio da hora, é tipo um compasso de marca assim e tal, não queria aquele [...] e tal, eu queria...

- De plástico...

Marcelo - É eu queria um compasso...

- (comentários sobrepostos)

Marcelo - É... um compasso... um monte de lapiseira... aí firmeza... sabe? Aí fui preso a primeira vez roubando esses barato, fiquei 3 dias na UAI. Aí até então tudo bem, eu comecei a fumar maconha e tal, né, eu já cheirava cola e tal, aí comecei a fumar maconha...

e - Você tinha quantos anos, Marcelo?

Marcelo - Nessa época já eu tava já com uns 9 anos já! Eu comecei a fumar maconha, fumava maconha que nem um condenado! Ia prá escola, ficava vegetando, em vez de ficar prestando atenção na... no que a professora tava passando lá, aí eu...

Edson - Na primeira série?

Marcelo - Uhn?

Edson - Na primeira série?

Marcelo - Não. Aí, passando o tempo assim, eu, comecei a roubar, a roubar, aí eu conheci uns maluco que já roubava no farol já! Aí eu... falava assim: "Mas será que dá dinheiro essas fita aí?", "Não, dá dinheiro! Vamo roubar e tal!", aí eu "Não sei não...", "Não! Vamo lá que... você só fica olhando... aí a gente rouba, aí a gente divide o dinheiro com você..." Dessa vez eu fui, aí deu tudo certo, os cara cataram o dinheiro e tal... "Nossa! Os cara consegue roubar sem arma! Ó! Que legal, vou fazer isso também!" Aí dividiram comigo e tal, aí eu acabei, aí eu que fui chamar os maluco prá roubar! Falei "Então? Vamo lá no farol lá?" "Nossa! Firmeza mano! Vamo lá e tal..." Aí eu fui e roubei, catei dinheiro, aí sempre foi indo, entendeu? Aí, quando já eu chamava e eles não queria ir, eu já criei coragem, ia roubar sozinho também, aí eu... sempre era a melhor parte prá mim quando eu ir roubar sozinho, porque aí eu... já tinha mais dinheiro e tal... e sempre indo pro salão... arrumava um monte de confusão dentro do salão lá, por causa de mulher... e chegava lá dentro lá e tal, aí tinha umas mina que vinha prá troca uma idéia e tal, aí eu já começava dar uma idéia, chegava, ia ver, a menina era de outro malandro, aí, os malandro num, num ia compreender que foi a mina que veio, em cima, entendeu? Aí, é a maior treta e tal... Até então firmeza! Aí eu peguei e fui preso a segunda vez, aí eu já falei pro juiz que eu era um usuário de droga, aí ele me ferrou, eu peguei, ele me mandou prá uma clínica de droga, eu fiquei 2 anos internado!

e - Você tinha que idade quando você foi preso aí?

Marcelo - Aí eu já tava quase com meus 12 anos já! Daí eu fiquei 2 anos lá em Mogi das Cruzes, internado numa clínica lá... Aí eu... vixe! Deu nuns... nuns 4 meses lá, eu não queria ficar lá! Eu queria ir embora, eles não deixavam, eu fugia, eles mandavam a ambulância do, do desses cara aí, de louco, ir me buscar lá, daí eu ficava me esperneando esperneando no meio da rua, eu começava a gritar, dar show, querer quebrar o vidro da ambulância, daí eles aplicava um negócio lá em mim lá, eu ficava tudo molão lá... aí eles colocava dentro da ambulância e levava eu de volta, daí eu pegava, tentava fugir pelo meio do mato, saía no meio da rua, eles tava lá me esperando... aí, duas vezes que eu consegui vir prá cá prá São Paulo de volta, aí eles pegaram e me levaram prá lá de novo, daí... deu dois anos, minha mãe foi e me buscou, aí eu... (baixo) voltei prá casa, aí eu comecei a ter problema com os pais, com o meu padrasto, daí eu peguei e fui embora de casa de novo, aí essa época eu conheci meu pai, já tive uma grande decepção, porque eu tinha uma imagem dele assim que meu pai, né? Era muito feliz e tal, um pai compreensivo, né? Por eu não ter ficado com ele um certo tempo e tal... ele já ia me receber bem, né? Aí cheguei na casa dele assim, ele me viu assim como se eu fosse uma visita, normal,

aí eu já não gostei também, aí minha madrasta começou a arrumar confusão comigo, aí eu já não gostei dela, aí eu peguei e fui embora de casa, aí... eu peguei e voltei, aí meu pai pegou e me bateu! Caramba! Eu fiquei pensando: “Por que ele me bateu?” Aí eu fiquei criando caso, só de [...] (barulhos) (emocionado)

e - Você tinha ido prá morar com ele nessa época, né?

Marcelo - (sim, com a cabeça) Aí ele foi e me bateu de novo, aí eu peguei e fui embora... Aí nisso... eu voltei prá cá pro Centro, já, com um malandro que eu tinha conhecido ele, ele já tinha um armamento e tal, aí eu falei assim, “É o seguinte, eu vou colar lá na casa do meu pai lá hoje, né? E vou passar o dia lá aí depois eu volto e tal...” Mas tipo assim, eu ia assim mesmo prá ver se eu conseguia me entender com o meu pai e tal, aí nisso, tinha, como meu pai mora aqui em Guaianazes, tinha vários barranco, vários mato assim, matagal, aí... eu peguei, falei assim prá ele: “Empresta então prá mim porque aí eu vou, e tal, eu vou ficar treinando uns tiro lá e tal, tal, tal...” (baixo), porque eu nem sabia atirar direito, entendeu? Prá mim... eu já tinha pegado em arma assim, mas nunca atirado não, falei “Ah! Vou lá e fico lá...” Aí eu... fui lá prá casa do meu pai e tal, armado, né? E meu pai nem sabia... E eu não tinha nada em mente, porque o que eu tinha em mente era só ir, e ficar com o meu pai e tal, e tentar me entender com ele, aí depois ir lá pro meio do mato, ficar lá e tal, aí eu tive uma discussão com o meu pai e tal... aí eu... com mui-, com muita raiva memo, apontei a arma prá ele, tremendo, tremendo, porque eu nunca tinha atirado... fiquei com medo de disparar, mas, mesmo assim eu apontei, tremendo, e ele viu que eu tava tremendo, aí eu, com muita raiva memo, com meus irmão me olhando assim, meu irmão mais novo começando a chorar, aí eu peguei, né? E xinguei meu pai e... (fala pausadamente, muito emocionado) Aí eu voltei pro Centro, sabe? Tava malzão mesmo, muito frustrado com aquilo, porque... eu fui pensando numa coisa, aí aconteceu outra coisa e tal, e eu, sempre me frustrava com, com coisas assim em relação a meu pai, sempre eu pensava uma coisa quando eu ia ver era outra... e... eu voltei pro Centro... aí eu... fui pra outro abrigo aí... e tal né? E nisso, meu irmão tava na rua também, né? Meu irmão... Aí meu irmão tinha ido, ele namorava com uma menina aí e tal, né? E essa menina tinha um problema aí, ela tinha um problema com [...] (sobreposição)

Emerson - Eu posso ir no banheiro ali, sr.?

(ent. responde que sim com a cabeça)

Marcelo - Se era não tomar um remédio, ela tem um problema de nervo, se ela não tomar remédio ela [...] por qualquer coisa...

- Gardenal?

(risadas)

Marcelo - Ah! Não sei, acho que é...

(risadas)

Marcelo - Aí ela pegou, não sei o que aconteceu,

(vozes)

Marcelo - ...acho que tava tendo inauguração lá na casa lá e tal... aí ela encontrou uma menina que... tinha ido preso com ela, que tava na FEBEM lá, quando ela tinha ido presa, e por causa de uma treta de meia, aí que tinha acontecido na, FEBEM, e elas começaram a brigar e tal, aí ela já não tinha tomado o remédio dela... aí ela começou...

(a porta se abre)

funcionário - Vem cá!

e - Com licença...

(entrevistador sai, funcionário lhe explica que o tempo estava terminando, o entrevistador lhe pergunta se ainda tinham uns 15 min para o fechamento, o funcionário responde que sim, que até as 21 h havia tempo)

(conversas paralelas, voz baixa)

- [...] prá cabeça...

- Que será que tá acontecendo?

- Tsum! (expressão de desgosto)

- Isso aí é embaçado, o Vesguinho...

- [...]

- Ele é seu pai? (sobre o entrevistador, para a observadora)

- O quê que o gravador tá gravando? (para a ob.)

Edson - E aí, princesa?... (se aproxima mais e pergunta para a ob.)

- [...]

observadora - [...] terminar [...]?

(porta se abre, entrevistador retorna)

e - Me desculpa, Marcelo, você tava falando de uma amiga, e eu não entendi muito bem o que você tava dizendo, você pode retomar?

Marcelo - Ah! Que ela tinha, que ela tinha um problema, entendeu?

e - Humhum...

Marcelo - Quando ela num toma, é um problema que ela tem de nervo, acho...

e - Essa menina, era amiga sua?

- Era namorada do [...]

- [...]

Émerson - [... ...] (cantando)

- Ô! Cala a boca cego!

(barulhos, vozes)

Marcelo - [...] Ela arrumou confusão com essa menina aí e tal,

- [...]

Marcelo - ... aí era, era inauguração, tava o pessoal da prefeitura tudo lá na casa lá, aí ela começou a quebrar tudo lá... Aí foi a ambulância do resgate buscar lá e encheu a rua de polícia... porque lá é um bairro de classe média alta, entendeu? É aqui no Cambuci aqui, então qualquer muvuquinha os vizinho tudo fica em cima! Tudo um bando de zé povinho mesmo! Entendeu? Aí a rua empestou de gente, aí, bem... passou isso aí e tal, ficamos firmeza lá na casa lá, aí começamos a ganhar uns conserto com os vizinho e tal... Aí veio uns padrinho também prá nós, uns padrinho aí de outro país aí, que tinham dinheiro, né?... aí, só que minha [...] virou, aí deu um curso prá mim, tal, também... mas só que eu não queria saber de nada... eu fumava maconha, sabe?

e - Anham. (baixo)

Marcelo - E esquecia essa, é essa fita aí mesmo, esquecia... e a... coordenadora, ela sempre falava prá mim: "Ó, toma cuidado, não faz isso não, que você pode acabar indo embora daqui e tal... esse negócio... quando você tiver com um problema chega em nós, fala... que a gente vai tentar te ajudar, mas não faz isso não..." Mas eu não tava nem aí, ou!

e - Coordenadora, coordenadora...

Marcelo - Dona Sueli...

e - De onde?

Marcelo - De lá...

e - Do abrigo? Do abrigo?

Marcelo - É... Mas eu não tava nem aí, eu fumava maconha no quarto das menina, dos menino, no banheiro, em cima de qualquer lugar eu fumava... não tava nem aí...

(risadas)

e - No abrigo que você... ia dormir?

Marcelo - É, aí quando nós ia prá quadra lá, jogar bola, quando, na pracinha lá, aí nós ia sempre com o educador, né? Aí tinha o seu Sérgio, é o maior firmeção educador de lá... Aí o... tinha uns malandro fumando maconha lá, eu já tinha até pegado uma quantidade da minha maconha lá, aí os malandro tava tudo fumando lá, aí nós tinha acabado de chegar prá jogar bola, e os malandro tudo fumando lá, peguei simplesmente [...] na frente do educador e tal, aí ele não falou nada, né? Mas tempos depois aí, isso foi criando consequências, que eu já não tava mais... respeitando ninguém, em qualquer lugar que... eu queria fumar, eu ia e fumava, já não tava mais nem aí...

- Em qualquer lugar ou [...]

Marcelo - É, e não tava nem aí, e num tava nem aí, até dentro do ônibus, quando eu ia prá Santos, eu fumava maconha dentro do ônibus... aí tinha uma senhora lá no banco de trás lá, eu conversei com a senhora ir pro banco da frente, prá ela não ficar sentindo muito o cheiro... aí eu sentei lá no banco de trás, aí eu comecei a fumar, aí abri a janela lá...

e - Esse ônibus era um ônibus de linha, comum?

Marcelo - É...

- Ele ia, ele ia prá Santos...

Paulo - Ia nas excusão da escola [...] ...

(risadas)

Marcelo - Eu zuava, eu zuava prá caramba, eu catava ó, eu catava saco de lixo, quando era pivete, eu catava saco de lixo, tal, não, não muito tempo

- [...]

Marcelo - É, já tinha, já tinha essas bases móvel aí... Eu catava saco de lixo, eu entrava por trás do ônibus, aí quando o ônibus passava pelas base móvel eu catava o saco de lixo e jogava lá dentro lá, aí várias vezes os polícia parou o ônibus... eu não tava nem aí... eu sempre jogava na cara deles que eu era menor, que eles não podia fazer nada comigo... e eles nunca... sabe? Enervavam assim comigo... porque sabiam que eu era do abrigo ali perto, tinha assistente social tudo em cima ali, então acho que eles tinham medo, tal, de fazer alguma coisa, e eu sempre perto do abrigo, eu catava ônibus, catava o terminal Santo Amaro e ia até o terminal, catava o Barragem e ia até em Barragem, aí depois ia andando até a linha do cargueiro, aí catava o cargueiro e ia prá Santos! Minha vida foi tipo assim, só doideira, entendeu? Vixe! E mulher...

- Mulher complica... [...]

- [...] Você não teve tempo de pegar mulher...

- Cheguei

Paulo - O maior [...] meu!

- [...]

Marcelo - O cargueiro...

e - Cargueiro?

Mateus - Ah! Já fui prá praia de trem já...

e - Você também?

Marcelo - Já vixe! Se eu contar... até perdi as conta! Vários parceiro meu já morreu nos cargueiro fumando cola, isso se outro maluco não empurrou ele...

(comentários)

Marcelo - Foi outro malandro, foi outro malandro que empurrou ele... Outro caiu, o trem passou por cima dele, outro maluco perdeu a metade do pé assim, em cima do cargueiro, mas a gente sempre ia, sempre continuava no pique, os guardinha mesmo iam cortando, catava nós, ripava²¹ nós até umas hora, tinha um colombiano lá que... o policial catou ele, fez ele se rolar na lama assim, e falou prá ele "Fala que você é um porco!", e ele "Eu sou um porco!", e ficava falando engraçado, a gente começava a rir...

Émerson - Loucão, hein sr.? Eu nunca usei esses negócio aí, cola, eu nunca usei, graças a Deus!

Marcelo - Sei lá... E ripava nós lá... ripava nós...

Émerson - E pedra, cê já usou? (risadas) Também não, só farinha... também não...

- Só maconha...

- Só quando eu ia prá salão...

e - Rapaziada, a gente tá precisando concluir aqui... Já veio aquele rapaz falar aqui com a gente, né? É... você pode concluir, Marcelo!

Marcelo - Fui eu, fui passando a minha vida então, meu irmão já me talaricou²² já, catou a menina que eu tinha catado...

- Ihhh...!

- Vixe Maria...!

Marcelo - Mas só que eu já briguei com ele, entendeu? Porque ele é meu irmão, pelo seguinte, porque eu já não gostava daquela menina, eu fiquei com ela por, sei lá! Coisa de, de adolescente, sabe? Eu vou ficar com aquela menina porque ela é bonita e tal, mas eu não gosto dela não, [...] mas firmeza! Depois ele, tal, tava catando uma aí mina aí e tal, aí ele terminou com essa mina, ele veio preso, eu fui catei essa mina aí, e tal, e hoje ela é a mãe da minha filha, entendeu? Minha filha já tá com dois meses aí e tal...

- Esse cara é embaçado...

Marcelo - E eu já num, num conheci minha filha, entendeu? Ela nasceu, tal, e eu não vi ela, eu vi ela assim por foto... Que mais? Sei lá... eu fico pensando assim um dia que ver ela assim, poder pegar ela no colo assim, ver ela crescendo e tal... entendeu? Isso tudo que eu passei na minha vida, sr., mas tiro como um exemplo, entendeu? Uma experiência de vida e tal... Porque eu posso tar passando prá pessoas que num passou e tar no começo ainda, entendeu? É cega e não consegue enxergar... entendeu? Passar isso pros meus filho, pros meus neto e tal... é assim que eu...

e - Isso é passar uma experiência com eles?

Marcelo - É... Depois disso ainda tive mais uma passagem, essa é a minha quarta passagem... É a primeira internação que eu tenho, a primeira internação, mas... assim eu... pretendo não ter mais nenhuma, porque é cruel... (baixo) É muito ruim ficar preso! Eu que fiquei 11 anos na rua assim, nunca tive ordem de ninguém, nunca andei em regras... Sempre fui e voltei pra onde eu sempre quis, agora... é, é muito ruim... e eu fico pensando assim, eu já tô, vai fazer 5 mês que eu tô preso, e prá mim já tá sendo a maior barra, você imagina que então uns 2 anos já, 1 ano, 6 mês, até 6 mês deve ser a maior barra! Então, eu já...

- Eu que vou fazer 8 já tá embaçado, [...] o maior difícil... é difícil... (voz triste)

Marcelo - ... então o que eu não tô desejando prá mim eu não desejo prá ninguém...

Edson - É, o barato é louco [... ...]

(risadas)

²¹ "ripava": batia; de ripa, pedaço de madeira

²² "talaricou": traiu; trair um amigo ficando com a namorada dele (falta grave na criminalidade, punível com a morte)

Paulo - Difícil...

e - É...

Paulo - [...]

(rapazes se encostam um no outro: Paulo com Mateus, Edson com Pedro; todos parecem cansados)

e - Então gente, a gente tá precisando concluir por hoje, né? Já vieram chamar aqui, e a gente já deu uma hora e quinze, de conversa, né?

Émerson - [...] firmeza!

e - Oi?

Émerson - Só firmeza!

Edson - Só por hoje!

e - Firmeza?

Marcelo - Conversar é bom... conversar é bom!

e - O que vocês acharam?

Émerson - Ah! Foi bom, sr.!

Paulo - Não deu tempo [...] sr., que nós conta aí, eu queria contar [...] ...

(risadas)

- Não deu tempo não [...] o Vesguinho aí [...]

(risadas)

e - O Paulo, Mateus ...

Paulo - E o Pedro E. ...

Émerson - Não, ele também falou [...] (sobreposições)

Edson - Mas acabou a fita aí [...]

Marcelo - [...] aí quando eu tiver oportunidade [...]

e - Você também quer falar mais? (para Marcelo)

Marcelo - É, não, depois...

Émerson - Pode falar, pode falar...

e - Na outra? Na outra? Vocês querem falar, é isso?

(Paulo, Mateus, Pedro e Adriano: afirmativo com a cabeça)

Émerson - Quê mano! Nós vamo tá tomando café ainda, tem um tempão... eles vão fazer formação²³, escovar os dente... depois nós vamo subir...

- [...]

- [...]

e - Então tá! Então tá!

- [...]

e - Ó! Gente! Vieram falar com a gente aqui, né? É um espaço que a gente conseguiu aí, né?

É... é um espaço que eles liberaram prá gente fazer, né? Então vamos ver se a gente respeita aí o pedido deles, né?

Edson - Beleza, sr.!

e - Aí é o seguinte, se vocês quiserem então, quem não falou muito hoje, então o espaço tá aberto a próxima vez...

Émerson - E quando é que vai ser essa próxima vez, sr?

e - Eu acho que tudo indica que vai ser Quinta-feira da semana que vem, né?

²³ “fazer formação”: prática comum que consiste nos jovens se disporem sentados, organizados em linhas e colunas, na forma de um retângulo, todos virados para frente, em geral para contagem e escuta do que os funcionários tiverem a dizer

- Toda quinta?

e - ... Que foi o horário...

Émerson - Quinta que vem é dia de tranca, sr., que nós fica trancado lá dentro lá...

- É dia de tranca, sr. ...

Edson - É, quinta feira agora vai ser tranca, sr. ...

Marcelo - É, sr., [...]

Émerson - Quinta-feira agora vai ser tranca...

Marcelo - Porque assim, sr. ...

Émerson - Quinta-feira agora vai ser tranca e na outra quarta é tranca...

Marcelo - ... um dia nós fica no pátio, outro dia nós fica lá em cima, entendeu?

e - Ah! Tá...

Marcelo - No dia de tranca então é melhor prá nós, entendeu?

e - E hoje vocês tão no pátio ou tão de tranca?

- No pátio (vários simultaneamente)

- No pátio

- No pátio

- No pátio

e - Então, a gente vai vir Quinta-feira que vem,

- É tranca

- É tranca

e - Tá? Mas acho que tudo bem vocês descerem prá fazerem a entrevista, né?

Edson - Tudo bem.

- Tudo normal

- Normal, sr. ...

e - Tudo bem?

- Firmeza!

(comentários afirmativos)

e - É isso então, rapaziada, tá?

- Curtimo aí, sr. ...

e - Eu agradeço então a vocês, por terem vindo aqui, por terem falado, né? Eu sei que às vezes não é fácil a gente falar da vida, né? E espero que vocês tenham aproveitado, e... agradeço a Marina também...

Edson - Coitadinho dos dedo dela...

- Deve tá [...]

Edson - [...] um caderninho...

e - Então... Quinta-feira a gente se encontra!

Edson - Vinte matérias...

e - Oi?

Edson - E da próxima vez traz um caderninho também... (apontando para o caderno de Marina)

e - Um caderno? Um caderno?

Edson - Só... só prá ele...

e - Prá ele...

Edson - Pro resto aqui você traz a [...]

- ... a [...]

Edson - Que cabe um monte de coisa

Marcelo - Ah, sr., se eu for falar [...]

- [...]

Edson - Eu tô prá ir embora mesmo

- Aí, ó, um chocolate...

Émerson - [...] tava à toa eu...

- É, mas se [...] aí cê vai ficar com a [...] pesada...

Edson - Mas ele tá falando isso só porque ele tem um ano e pouco prá puxar...

Paulo - É, sr. [...]

Émerson - É nada, sr.

- [...] prá ficar preso

e – Vocês acham que [...] vão dar uma entrada [...] dar uma descontraída [...] prá enfrentar a realidade?

- Ah! Sr. !

- Como é que eu vou...

Paulo – Prá dar risada mais...

- Ah! Sr., como é que eu... [...], sr.?

- Ou! Cala a boca ou!

Pedro - Fui preso aí dia 23 de dezembro, aí sr.! ... Como...

- É embaçado...

Pedro – Rir prá não chorar, ou!

Edson – E eu tive um assalto...

- [...]

Edson – E eu tive...

- Ou, é, não!

Émerson – [... ...], sr. ...

- É embaçado

- [...] (várias sobreposições)

Edson – Pior é...

Pedro – [...] o seu! [...] só pra... faltando 2 dias pro Natal... e prá virada do ano...

- Mas também, né? [...] aqui...

- Quem? Quem?

Pedro – Passei aqui, ó, porque foi dia 23 de dezembro...

Edson – É, eu tive...

Pedro – O outro dia ia ter a festa aqui ó...

e - Da próxima vez você pode falar mais sobre isso... (alto) firmeza? Porque hoje a gente tem que encerrar mesmo...

- Tá na hora...

- É tá quase na hora, sr. ...

Edson – Aí, sr. ...

e – Tá bom?

Edson – Tá ok!

Eu queria pedir um negócio pro sr.! (tom sério) Eu queria que o sr. desse uma voltada na fita prá ver se gravou mesmo... (em tom de risada ao final)

e – Sabe que é uma boa idéia!

(fim de gravação)

(entrevistador pega o gravador, retorna um pouco a fita, confere que foi gravada a conversa, todos escutam, e todos satisfeitos, o entrevistador e a observadora se despedem de todos os jovens com apertos de mão e votos positivos na porta da sala)

Transcrição da 2ª Entrevista em Grupo

UI – 19 – Complexo do Tatuapé

20 de maio de 2004

entrevistador: Alexandre Moreira de Souza

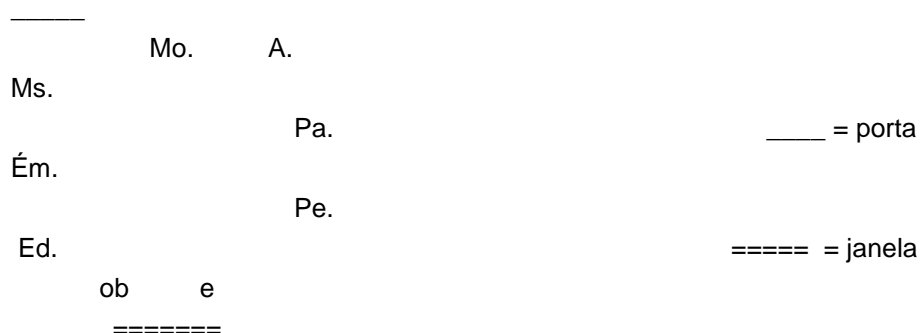
observadora: Marina Nairismagi Alves

início: 19:31 h

duração: 1h 16 min

local: o mesmo da outra entrevista

disposição espacial:



Observação: Marcelo (Mo.) chegou após o início da entrevista, um funcionário havia avisado o entrevistador que ele iria se atrasar alguns minutos. Fazia muito frio.

(início de gravação)

entrevistador – Olha, é o seguinte, eu não vou ficar olhando toda hora prá esse negócio aqui, mas vocês que são dessa banda de cá, vocês tão vendo essas luzinhas aqui? Quando a de cima apagar e a do meio começar a piscar, vocês podem me avisar? Porque quer dizer que a bateria tá fraca e que tem que trocar a pilha...

- E [...]

e – Oi?

- [...] não dá prá ver...

e – Não dá prá ver? É porque se eu virar muito o microfone fica fora de foco, né? Vocês tão vendo o microfone aqui?

- Claro.

e – Anham...

(conversas paralelas)

e – Então vamos lá! Vamos retomar, nossa atividade, né?

(conversas paralelas)

e – Vamos ver, vamos ver... então vamos ver o nome de vocês de novo, ver se eu me lembro o nome de todo mundo... né? Edson... Émerson... Mateus... Adriano... Paulo... e Pedro... Muito bem!

- O Pedro foi o que não falou da outra vez...

e – Então... Vou retomar a atividade com vocês hoje então, é uma pena o Marcelo não estar aqui com a gente no começo... né? Deixa eu só ver aqui que horas que são...

Émerson – Que horas que é sr.?

e - 19 horas e 33 minutos...

Émerson – 7 e 33?

e – Isso, 7 e 33... que dia que é hoje?

- Quinta-feira, dia 20 de maio.

e – Quinta-feira, dia 20 de maio, né?

Edson – De 2004.

e – De 2004... muito bem! Então hoje, nosso objetivo então, vai ser o mesmo que da outra vez, né? Nosso objetivo vai ser falar da vida de vocês... da vida de vocês, desde quando vocês eram bem pequenininho... desde quando vocês se lembram, né? Passando aí pela infância, pela adolescência, até os dias de hoje... tá? Que vocês contassem um pouco a vida de vocês... né? É o seguinte: mais uma vez eu lembro vocês que ninguém é obrigado a falar, tá? É... Quem já falou da outra vez pode falar de novo hoje, tá? Não tem nenhuma regra assim, pré estabelecida, entre nós... tá bom?

Edson - Quietinho! (para Émerson)

- [...] assim...

- Daqui a pouco ele desce...

Edson – Então, começamos hoje pelo Paulo, não é Paulo?

Adriano - É irmão, conta sua vida prá nós aí... (baixo)

Paulo – É, sr., minha vida foi assim, desde quando eu lembro, né sr.? O meu pai já foi logo preso, né, num 12... foi preso, ficou 3 anos preso...

e – Seu pai foi preso num 12...

Paulo – É... tráfico de droga...

e – Tráfico de drogas... Ahn?

Paulo – Deixa eu ver, nessa época eu tinha uns... 6, 7 anos, acho...

e – Humhum. (baixo)

Paulo – Aí, foi já... a maior influência, né sr.? ... Aí já foi dando uma influência, né? E pá e pá... comecei a ir prá escola... Fui expulso de uma escola, estudei já em 5 escola, já... (risada) Era expulso direto das escola... bagunçando...

e – Paulo, você me desculpa, eu me distraí com esse caderno (caderno de anotações)... você pode voltar um pouquinho antes? Seu pai...

Paulo – Foi preso...

e – Foi preso...

Paulo - ... num 12...

e - ... num 12...

Paulo – Foi preso [...], isso daí já foi uma influência, né sr.? Aí foi, fui prá escolas, fiz curso em duas escola, aí quando, quando, aí quando eu bagunçava na escola... aí eu comecei a roubar bolacha do mercado...

(até então os outros mostravam pouco interesse na fala de Paulo, mas concordam quando ele menciona o roubo de bolacha)

Edson – Sempre começa assim, sempre começa aí, né sr. ...

Paulo – E eu pegava,

Edson – Isso é o início...

Paulo - ... pegava bolacha no mercado... tinha vez que tinha até dinheiro, mas só que... eu pegava bolacha! Eu gostava...

(barulho de porta se abrindo, entra Marcelo)

e – Opa! Obrigado hein?!

funcionário – De nada...

e – É... Marcelo... tudo bem Marcelo?

Marcelo – Boa noite.

e – Boa noite. Marcelo, você podia encostar a porta prá gente?

(barulho de porta se fechando)

e – Isso... Então, o Paulo... Hoje é o mesmo objetivo da outra vez...

Marcelo – Anham.

(Edson, Émerson e Mateus riem baixo)

e - ... conversar um pouco sobre a vida de vocês...

Marcelo – Isso...

e - ... desde quando vocês eram crianças, até hoje em dia... O Paulo tava contando um pouco da vida dele prá gente, né? Falando de quando você era criança, seu pai... (para Paulo)

Paulo – É, é aí que tudo começou...

e - ... as escolas...

Paulo – É... foi aí que tudo começou...

e – Começou o quê?

Paulo – Comecei a pegar bolacha no mercado mesmo, aí fui pegando bolacha... depois é a primeira vez que chamaram eu prá roubar... fui roubar, tava roubando direto...

e – E quantos anos você tinha, Paulo?

Paulo – Ah! Quando eu comecei eu tinha um... fiquei roubando bolacha de supermercado um [...], aí depois eu... aí eu trabalhei primeiro de fiscal lá dos ônibus, anotando os [...] dos ônibus lá, e a hora que passava... fiquei trabalhando um tempo depois eu comecei a roubar quando eu tinha ca-, uns catorze anos... eu comecei a fazer 155, roubando, roubando carro na noite, depois de carro, eu passei a roubar moto, no 157²⁴, roubava moto direto! Vixe! Minha mãe, minha mãe ainda ficava, minha mãe ainda ficava pesc-, minha mãe não sabia o que tava acontecendo, "Essa vida aí! Por que você foi entrar nessa vida? Essa vida é mísera, e o seu pai... [...]", e eu: "Não tô nessa vida não, eu tô indo prá escola...", falava que tava estudando... falava um monte de coisa, inventava um monte de mentira prá ela... "Tô pouco acreditando!", e quando eu saía eu roubava moto direto, e gastava o dinheiro... saía de noite e voltava só de manhã... ela só falou: "No mundão?" "Ah, tava na casa dum amigo meu aí, não faço nada de errado não..."

- Ou! Se tá suspirando forte, hein?!

- Você reparou?

- Aaahhh!

- [...]

- [...]

²⁴ 155: roubo; 157: assalto à mão armada

Paulo – "Ah! Não vou fazer nada de errado não, mãe!" Ela sempre falando, dando uns conselho, e eu nunca ouvia, né? Só... só curtindo a vida... eu ganhava dinheiro, ia gastar... quando ia ver no outro dia não tinha mais, tinha de ir roubar de novo prá de noite ter... Vixe! Um monte de coisa aconteceu na vida aí... (baixo) até... vim parar aqui agora... (voz triste)

- Na 19...

Paulo – Vim parar na FEBEM... (pausa) Aí... Agora eu tô aqui né?

(risadas)

Paulo - Agora...

Edson – Agora já era...

Paulo – Já era!...

Émerson – Fim de carreira?

(silêncio)

e – Fim de carreira?

Émerson - É nada! (alto)

Paulo – É, agora já tô preso aqui já faz 6 meses já!...

e – 6 meses...

Émerson – Eu queria dizer que nós tá preso, mas nós ainda pode se recuperar ainda, prá sociedade...

- Lógico...

e – Você... você acredita nisso?

Émerson – Ô... com certeza...

Edson – A sociedade [...]

Émerson – [...] o ser humano, não é sr.?

(alguém assobia uma música)

e – Humhum.

Émerson – Quando eu sair daqui eu não vou roubar mais não! (rápido)

(comentários, sobreposições)

Edson – [...] só por hoje...

- É só por hoje...

e – Só por hoje?

Edson - Nunca mais eu roubo...

Marcelo - "Se não rouba, rouba, se não der eu mato!"

Edson – Isso mata... Isso mata...

Marcelo - Se não faz nada ainda fala que é do crime!

e – O que que é, Marcelo, isso mata?

Edson – Isso mata...

Marcelo – Isso mata...

e – O quê que mata?

- Eu não dei sorte no crime...

Marcelo – [...] (fala sobreposta)

- [...]

Émerson – Ô! Esse friozinho aí... eu ficava dormindo até meio-dia, uma hora, de cama lá...

Edson – 6 horas da manhã, só dá o barulho do cadeado... Tá! Tá! Tá! (bate em algo simultaneamente)

Émerson – 6 hora... Ah!... Quem dera... quem dera!...

Edson – "Levanta aí ladrão! Levanta do colchão!", "Levanta pro chão!"

- "Sequência no chão..."

Edson - "...Sequência na escovação!"

(risadas)

- É isso mesmo, isso é embaçado...

Edson – Ô! Quando, quando eu for prá casa, quando eu chegar em casa, vou por a cabeça no travesseiro...

- [...]

Edson - ... 6 hora da manhã eu vou acordar! "Ah! O cadeado não tá batendo não..." (risadas)

Paulo – "Me desculpe, você esqueceu..."

- É sr. ...

- Você esqueceu...

- Você esqueceu...

Edson – Vou ouvir meu irmão gritando: "Edson!", "Aí, vixe! Coordenação!"²⁵

(risadas)

Émerson – Quando eu chegar em casa vou me trancar... vou me trancar, ficar uma semana só dentro de casa... assistindo filme...

- O barato é louco...²⁶

Émerson – Ficar primeiro, é prá... pesquisar como é que tá a quebrada...

Paulo – Ver como é que tá o mundão, né sr.?

Émerson – Depois vou ficar saindo, de pouquinho em pouquinho... Não vou... não vou falar que... que eu vou virar um santo, né sr.? Mas vou ficar curtindo minha vida, mas sem precisar roubar... sem precisar usar droga...

Mateus - Vou ficar [...]

Émerson - ... do jeito que eu nasci, né sr.?

e – Quê que ele tava falando? Eu não escutei direito o que você falou...

Mateus – Não, eu tava falando de ir prá praia, prá tirar a zica, quando eu sair daqui...

e – Vai prá praia prá tirar a "zica"?

Pedro – Tirar os peso das costa, né?

e – Tirar os peso das costas?

(risada)

e – Os pesos das costas que vocês estão hoje? (com ênfase)

Mateus – É, os peso que nós tá carregando, né sr.?

Émerson – Quê! Aqui dentro aqui é cheio de alma penosa aqui dentro, esse lugar é assombrado...

Marcelo – Porque, porque automaticamente sr., quando você sair vai ter um negócio aqui...

Émerson – Hein sr.!

Marcelo - ... porque você é acostumado a fazer, vai até ficar meio perturbado...

Émerson – Porque sr., minha mãe, sr.! Minha mãe...

e – Peraí, peraí, peraí... guarda! Segura! (para Émerson) Fala de novo... (para Marcelo)

Marcelo – Porque tem uma coisa tipo, tipo assim, você faz aqui, aí que nem ele falou, de despertar lá, isso vai ser automaticamente, entendeu? Aí quando a gente for tomar banho também aí vai perceber que já não é mais 5 minuto, mas mesmo assim...

- [...]

²⁵ “coordenação”: referente aos “coordenadores de pátio”, provavelmente refere-se aí à sala dos coordenadores

²⁶ “o barato é louco”: expressão de uso difundido, por vezes complementada: “*O barato é louco, mas o processo é lento*”, onde “barato” passa a significar estar preso na FEBEM.

Marcelo - ...vai ficar aquele pensamento meio perturbado, entendeu então? Tem que, tem que, uns dias assim, até sair tudo da mente...

Edson – Se habituar!

Marcelo – E tal...

Émerson – Mas não pode deixar a cadeia subir aqui prá mente, se não cê cai, cê...

- Cê não vai se recuperar não se...

Marcelo – Vai direto pro sanatório...

(risada)

e – Não pode deixar a cadeia subir na mente... quando sair daqui, quando tiver em casa?

Émerson – É, quando tiver no mundão...

Paulo – Quando nós tá preso...

Émerson - Não pode levar o ritmo daqui de dentro lá prá fora, se você levar o ritmo daqui de dentro lá prá fora...

Marcelo – [...]

Émerson - Porque é tanta maldade aqui dentro, aí lá fora cê vai tá com uma arma, sei lá né? Quem quiser ter uma arma lá, aí falou uma coisa a mais cê já tá pegando já, já tá negando... Se sair desse jeito aí, cê, cê chapa²⁷ de cadeia...

e – Porque o ritmo aqui, Émerson, o ritmo aqui é...

Paulo – Muita maldade...

e – Muita maldade...

Edson – É acelerado...

e – Tipo assim, você falou alguma coisa você já vai prá cima, o outro falou alguma coisa, cê já vai prá cima...

- Aqui dentro cê tem que medir suas palavras, entendeu sr.?

Émerson – O que cê for falar cê tem que medir suas palavras...

e – Certo...

Émerson – O que você falar cê já tem que pensar o quê que vai ser depois... Dessa palavra que você falou, que nem no mundão, no mundão cê fala umas palavra assim é... normal...

Edson - A gente nem pensa e fala "Ah! É isso aí mesmo..."

Marcelo - Não quer nem explicação pelas palavras...

Edson - Não quer nem saber...

Émerson – Aqui não! Cê você falou um negócio assim, você falou um negócio... você vai ter que... se expressar, porque que você falou aquilo ali, o quê que significa o que você falou...

e – Certo...

Émerson – Entendeu?

e – Se não o outro pode levar pela maldade...

Émerson – É, se não... vixe!

Edson – Se se atrapalhar o chicote estrala...

(sobreposição de vários)

Edson - Se se atrapalhar... O chicote estrala!

Émerson – Cê falou...

Paulo - Cê já vai querer sair pegando o outro na mão aí...

Émerson – Cê falou um negócio aí... Aí, sr....

Paulo - ... com o outro...

²⁷ “chapa”: do verbo “chapar”; algo no sentido de ficar cheio até não agüentar mais, ou ficar maluco, louco.

Emerson - ... tipo assim...

Paulo - ... maior cabreiragem...

Emerson - ... cê falou... (falas simultâneas)

Paulo - ... na mente, né?

Emerson - ... tipo assim, eu falei, eu falei uma... nós tava conversando sobre uma coisa... na... Que dia sr., que nós conversamos?

Edson - Quinta-feira passada.

Emerson - Quinta-feira passada. Nós tava bolando uma idéia, né sr.? Se de repente... de repente nós já muda a idéia, tipo vai prá outra idéia, aí você já não presta atenção na sua própria idéia... - Sua palavra...

Emerson - Entendeu, sr.? Se você começou a falar um negócio tem que ir até o final...

e - Certo...

Emerson - Entendeu? Cê num pode já desviar sua idéia...

Edson - Se você falou "a", tem que... continuar até o final...

Paulo - "O quê que você falou?" "Falei "a"", "O quê que você falou?" "Falei "a"", "O quê que você falou?" "Falei "b"", "Ah! Se você falou "b", você falou "a", agora falou "b", então..."

- "Você colocou a corda no seu pescoço..."

Emerson - Já se complica com sua própria, tipo você já faz uma enforcadeira com suas próprias palavras...

Edson - E se enforca... É... aqui dentro se tem que calc-, tipo... medir as palavras...

- É, calcular bem o que vai falar, né?

Emerson - Aqui você sai com uma mente estruturada²⁸ daqui... tanto como pro lado da maldade, como pro lado, bom também... Tem esses dois lados, entendeu, sr.?

Edson - Precisa pensar mais prá fazer as coisas, pensar mais...

- Antes de agir!

Edson - ... antes de agir...

e - Certo, isso aí pode ter o lado positivo, e pode ter o lado negativo...

Edson - E pode ter o lado negativo... (simultâneo) Aí cê [...] (sobreposto com a próxima fala)

e - Pensa mais antes de falar, porque tem que medir as palavras...

Emerson - Aqui cê tem... é que nem aquele ditado: cê... cê escuta mais e fala menos... cê vê mais, e fala menos... Aqui é...

- [...]

Emerson - "É onde o... filho chora e a mãe não vê!"²⁹ (voz triste) Entendeu, sr.?

e - Certo... Anham...

Emerson - É complicado...

Mateus - Aqui cho- [...] (risada)

e - Mateus? O Mateus falou?

Mateus - Não, eu falei com [...]

e - Mas você falou alguma coisa agora...

Mateus - Não, não falei nada não, é a lei do cão... os mais forte sobrevive... (risada)

e - "Lei do cão"...

Edson - Ou! Faz idéia [...], cê é louco?

²⁸ "mente estruturada": expressão de uso comum. Utilizada também por funcionários, quando tem o sentido de dizer que um jovem está com o pensamento pouco maleável, pouco modificável, pouco permeável a discursos para que deixe a criminalidade.

²⁹ Expressão de uso comum para se referir à FEBEM.

e – Qual que é a lei do cão? Qual que é a lei do cão?

Mateus – [...] aqui nessa porra! Nesse lugar, nessa porra... (baixo)

- "Lei do cão" é matar ou morrer, né?

Émerson – Os mais forte sobrevive... (simultâneo com outro)

e – "Os mais forte sobrevive"...

- [...] (sobreposições, vários)

- Quem é é, quem não é... xô!

- Quem não é, xô! (dois, sobrepostos)

Edson – Quem é é, quem não é... sai prá lá!

Émerson – Quem não for vai vender alho na feira, ou limão na feira... que no crime...

- [...]

Marcelo – Pipoca...

Paulo – Vai vender coca, cocada no farol...

Émerson – O [... ...], o crime não é prá quem quer não! É prá quem é mesmo!

Edson – "O crime é o crime [... ...]" (versos de RAP simultâneos à próxima fala)

Émerson – Que nem ele fala, né sr.? Não sei se o sr. já ouviu essa palavra: "o crime é podre, mas não admite falha!", né sr.?

Paulo – [...] crime [...]

Marcelo – "Enquanto houver falha, haverá morte..."

Paulo – Mas tem vez que, lá fora também, se você errar lá fora, já era!

Lá fora, não tem chance não!

e – O, o... se você tiver no crime e você errar lá fora, você já era...?

Émerson – E lá fora também, né sr.?!?

e – Ou, se você não tiver no crime e também errar...

Edson – Não! É! Não, no crime até cê passa, se você tiver fora do crime você passa batido...

Paulo – É...

Edson – Você nem acaba com a sua vida...

Paulo – Fora do crime cê passa batido, mas dentro do crime, o cara, tipo, cê arrumou uma briga com um cara, o cara vai querer te matar, cê fala, "Não, ele é criminoso também, ele pode matar eu..."

Pedro – "Se eu não matar ele, ele vai [...]"

Paulo - "... se eu não matar ele, ele vem e me mata..."

Émerson – O crime, o crime... ele já é feio o crime, né? ... Mas ele não admite algumas falhas, né sr.? Tipo... as falha que eu falo assim, tipo... Tem caso que acontece aí tipo... de estuprar... isso aí, o crime não admite, né sr.?

Marcelo - Isso aí já não é do crime...

Émerson – Cagueta também, entendeu, sr.?

Edson – É, tipo... que [...] espancar idoso é demais, né, sr.?

Marcelo – Que quer roubar senhora de idade, e tal...

Émerson – Que nem tem também, hein sr.! Foi um...

Paulo – O crime não admite essa falha, entendeu?

e – Entendi. (baixo)

Émerson – Foi um grupo de RAP no Faustão, esses dia, que nós assistiu, aí ele falou pro Faustão assim... "Sem o tráfico não tem emprego", ele falou... se tirar o tráfico assim do... da cidade, assim, da comunidade, não ia ter emprego, não ia ter como alguém dar emprego prá sociedade... sobreviver! Porque... o que que ele quis dizer? Que com o tráfico, tem muita gente que... que se alimenta, com o dinheiro do tráfico... é...

Edson – Porque se não tivesse, se não tiver a droga, o que que eles vão fazer? Vão roubar...

Émerson – Ahn...

e – É, mas... você concluiu o raciocínio, Émerson?

Émerson – Não entendeu, sr..

e – Você concluiu, seu pensamento?

Émerson – Ah! Conclui, sr., ah, tipo, que, aí o Faustão falou assim prá ele: "Mas... Como assim, sem a droga não vai ter emprego pros brasileiros?", aí ele falou, foi isso daí, é: "Se não tiver uma droga, pro, pro usuário ir fumar e comprar, e dar na mão do traficante, o traficante não vai ter dinheiro... certo? Aí o que que ele vai fazer? Vai roubar, ou sequestrar, ou matar alguém, por causa de dinheiro... Não falei nada, vai aí... (baixo, para alguém do lado) É tantas coisas, sr., que você vê nesse mundo aqui, que... tem caso que se você não for forte mesmo você fica louco, da cabeça, cê pára assim prá pensar um pouco, cê fala: "Nossa! Tanta coisa que eu já vi!" Que não é... não é normal isso aí...

- Não é normal isso aí... (simultâneo)

Edson – Cada coisa que nós vai ver ainda...

Émerson – Prá nós isso aí não é normal...! Eu vi cada coisa, mesmo, sr., que cê...

- [...]

Edson – Desacredita...

Émerson – Eu olho bem assim, falo assim "Ai! Caramba! Nunca vi isso aí!"

Edson – "Como isso pôde acontecer?"

Émerson – É...

e – E isso daí vocês já viram na vida de vocês?

Émerson – Ah! Já vi, sr. ...

- Já, sr. ... (todos)

Émerson – Já vi tanta coisa já, sr. ... E aí, sr.! No, no crime assim, eu só andava com monstro, entendeu, sr.? Só gente... doidão mesmo, sr. ... Já, sr. ... teve o... não vou falar que é meu parceiro, né sr.? (risadas) Porque ele tem... quase 40 anos já... Ele tá fugitivo acho que uns... 3 anos, se pá já foi preso e já cumpriu tudo já... Aí ele saiu, puxou Carandiru, aí vixe! Ele falava cada coisa prá nós... Falava cada coisa prá nós, que vixe! Se você visse assim de perto... Que... Ah!... Ele falou lá... Ele falou, ele falou, né sr.? Ele já puxou por lá... No pavilhão 9 ele falou que lá... é o seguinte... se... É... Ele tinha briga com ele, e os dois se encontrassem lá dentro, os dois conversava, e se fosse uma fitinha banal eles davam uma faca na mão dele e uma faca na mão dele e ia pro pátio os dois...

- Ih...

- "Quem pode mais chora menos..."

Émerson - ...quem pode mais...

e – Isso daí se fosse uma fitinha...

Mateus – Quem pode mais nem chora...

Émerson - Banal...

e - Banal...

Émerson – Coisa que... dá prá se resolver numa idéia...

e – Certo.

Émerson – Aí... ele falou que dava uma faca na mão dele e outra na dele, se esse daqui, sr., fosse... tava com medo de ir, ele jogava a faca dele lá e, dava a faca prá, a faca prá dele prá ele e... ele ficava como... é, pilantra lá dentro, entendeu, sr.? E não tinha uma voz, era tipo, como se diz?

Edson – [...] Tava a menos.

Émerson – Tava a menos. Não ficava junto com, no, no convívio, ficava separado,
Adriano – Destacado, na barba dos funça...³⁰ (baixo)
Émerson – Que nem eles fala, cagüeta, esses negócio assim, (risadas)
e – Não ouvi... O que você falou, Adriano?
Paulo – Ficava na barba dos funça...
Marcelo – Na barba [...]
Émerson – Lá, lá, lá não tem isso não de barba de funça não, porque se errou...
- [...]
Émerson - ...o Carandiru era o seguinte...
Edson – Aí...
- [...]
Paulo – Que nem o outro falou: "A cidade do crime"...
Edson – Ele falou cidade das mortes...
- Mas lá era o...
- Carandiru, a Cidade do Crime, a Cidade das Mortes. (Pedro, Émerson e Edson ao mesmo tempo)
- Ele falou uma vez só...
Émerson – Aí, sr.!
e – Cidade do Crime, Cidade das Mortes...
Edson – Ah, ali...
Émerson – Ele falou que lá no Carandiru lá sr., tinha de tudo! Era droga... que quem quisesse fumar lá, era uma tal de [...] lá, era que nem cigarro...
- [...]
Edson – Era droga, dinheiro, mulher...
Émerson – Era tudo, tudo que você imagina de... que pudesse existir...
Edson - ... álcool... álcool ... rádio, televisão...
Émerson – Viado lá, que...
(risadas)
Émerson - ... prá mim é tudo pombagira esses negócio aí...
(risadas)
Émerson – Viado aí, (rindo) prá mim esses negócio prá mim é tudo pombagira... É porque... homem... ô! Homem é homem, meu!
Edson – [...]
Émerson – Virar... tipo de um... Quem fala que nasce viado? Não é isso não, não nasce viado não! Vira viado quem quer, entendeu, sr.?
Edson – (risadas)
Émerson – Aí nasce... tipo misturada lá, era louco, o negócio era louco lá... Aí ele... ele saiu meio chapado, sr., das idéia... ficou 9 ano preso!
Mateus – [...]
Edson – Ó a postura aí, Perna! (para Adriano, que tenta negar, dizer que estava tudo normal - inaudível para o gravador - e se apruma na cadeira)
Émerson – Saiu 9 ano preso, sr., ficou 9 ano preso e saiu pro mundo... prá comunidade lá, e ele, ele deixou subir prá mente dele, ele saiu lá, sr., aí foi prá minha quebrada lá, e em 8 meses, ele fez 15 homicídio!
(risadas)

³⁰ “funça”: apelido de “funcionários”.

e – Ele deixou subir prá mente dele...

Émerson – A cadeia...

e – O que o, a cadeia tinha pesado, prá ele...

Émerson – Prá ele... Que ele viu tanta coisa ali dentro que...

e – Aí é como se ele tivesse levado a maldade que ele vivia na cadeia...

Émerson – Prá rua...

e – ...prá fora, pro mundão, que nem vocês falaram que o perigo seria sair da FEBEM...

Émerson – E levar só a maldade...

e - ... e levar a maldade que vive aqui dentro, prá vida de vocês lá fora...

- É... prá sociedade...

Émerson – Porque sr., porque sr., é que nem ele fala: "FEBEM é que nem uma escolinha", cê chega na cadeia eles fala "Ah! Cê passou pela escolinha?... Cê tá indo prá faculdade agora!" (todos simultaneamente). Tudo tem sua gíria...

- Da FEBEM até a cadeia...

Émerson – E o meu medo, sr., o meu medo é sair com a maldade que eu tenho... (emocionado) prá, prá fora de novo... Quero sair daqui tipo recuperado, entendeu, sr.? Quero sair daqui já com outra mente, viu? A gente viu como é que é aqui meu! Ô! Ficar acordando 7 hora da manhã lá... cê é louco!

Adriano - Sem mulher não! Sofrendo prá caramba...

Edson – Ou! Se for... igual cê se expressou aí... meu medo...

Émerson – Se fosse ainda, tipo no mundão assim, ficar do lado de quem eu gosto, da minha mãe... tipo da minha namorada, né sr.? É ruim demais! Ruim demais...

e – Você falou "sofrendo prá caramba", Adriano?

Adriano – É, sofrendo, sou tirado direto aí ... (baixo)

e – Aqui? Você é humilhado? Cê é tirado?

Émerson – É humilhação, né sr.? Porque [...] (fala sobreposta)

Adriano – É sr., tirado é humilhação ...

e – Humilhação?

Pedro – É... aqui nós dá, porque aqui nós tem que engolir umas coisa, ou [...] umas coisa que no mundão nós não engolia, entendeu, sr.?

- Ou! [...]

Pedro – Nós engole sapo, sr.! Nós tem que ficar ca-, ca-, é calado [...]

- [...]

- [...]

Pedro – E se alguém falar, nós tá errado, sr.! É só eles que tá certo, entendeu, sr.?

Edson – Esses tempo aí até engoli uma boidada aí prá...

Mateus - Passar batido...

Edson – Passar batido que...

Émerson - Aqui dentro é ruim que [...]

Edson – ...Meu relatório vai subir aí, a semana que vem... prá mim ir embora dessa porra! Então, eu engulo até uma boiada agora...

(comentários)

Marcelo – É... que nem, que nem quando você falou ali também...

e – Ahn...

Marcelo - Eu tenho medo assim, também, de sair tipo levando, tipo assim prá fora e tal... Porque hoje, eu tenho assim pensamentos construtivos, mas também tenho, é, pensamentos que, destrutivos, entendeu? Prá mim hoje eu tento, sei lá, de alguma maneira, tirar esses

pensamentos destrutivos da minha cabeça, entendeu? Porque eu sei que é, o maior veneno aqui... e se eu for puxar uma cadeia mais prá frente aí eu...

Émerson – Ah! Aqui é mais [...]

Marcelo – Nem, nem, nem! Nem penso nisso! Nem penso nisso, entendeu? (com ênfase, emocionado) Mas se acontecer e tal... é mas por isso que eu, tento tirar esses meus pensamentos destrutivo e tal, porque... acontece várias situação, e tal, na vida da gente que... por mais que a gente queira é, não pensar naquilo, sempre aquilo fica marcado, sempre aquilo vem à tona na nossa cabeça, entendeu, sr.? Então, às vezes fica meio ruim e tal, de... sair de certas situações, tem que... lutar prá caramba (com ênfase) e saber lidar com certas coisas... que se não... eu vou prá outra, entendeu, sr.?

(Pedro olha para o gravador, Edson e Paulo olham para a observadora)

Émerson – Parece que aqui... eu vir preso aqui vai ser tipo... uma experiência, entendeu, sr.? Uma experiência que eu nunca mais vou esquecer isso aqui que eu passei não, sr.! (rápido) Lá no mundão lá, vixe! Com meus primo, com meus sobrinho... com meus primo, com meus colega que ficava no dia-a-dia comigo, vixe! [...] tenho cada história, prá queimar, que na hora que tiver, prá começar no crime assim, entendeu, sr.? Fumando a maconha... fazendo uns negócio assim errado, sr., já vou ter... o que falar, vou falar: "Não, [...]"

- [...] né sr.?

Émerson - ... "... não é por aí..." porque...

Edson – Nós, nós tava, tava pensando antes: "Ah! Nunca vou preso! Não! Vou roubar roubar roubar e nunca vou preso, nunca vou preso!"

- [...]

Edson - A gente tá, a gente tá, a gente tá tipo testando, né? É igual andar de bicicleta, a gente vai, vai andar de bicicleta, mas sabe que um dia a gente vai, uma hora a gente vai cair... (todos concordam)

Émerson – Uma hora cê tá na crista, uma hora [...]

Edson – Uma hora a gente vai cair, aí cê tá aprendendo a andar, chega uma hora que cê vai cair da bicicleta, se esborrachar todo! E que é o que nós tava fazendo, tava roubando, roubando, roubando...

Émerson – Até quando meter a cara na lama...

Edson – É...

e – Mas, então cê tá falando que vocês já sabiam que iam cair?

- É...

Edson – Ah, tipo, tipo...

Émerson – Eu nunca, eu nunca pensei isso não...

Edson – Eu nunca conheci, eu nunca conheci... um bandido que roubou e nunca foi preso! (todos concordam)

Marcelo – E eu tô prá ver ainda!

Edson – Eu tô prá ver! Que nunca foi preso!

Émerson – Eu tive um exemplo também, entendeu, sr.? Dos meu tio... Meus tio morreu com 23 anos, era gêmeo, os dois, entendeu? (pausa) O deze-, o dezenove...

e – Os seus tios? Os dois tios?

Émerson – É, eles eram irmãos gêmeos, era o Fabiano e o Fábio, eles eram tão louco memo lá, sr., que eles ganharam o apelido de "Edilouco"

Edson – "É-de-louco"!

Émerson – E... com 19 anos eles já tinham tudo que eles queria, entendeu, sr.? Tavam... tipo aqueles... parecendo ator de... tipo Zeca Pagodinho, onde que chega todo mundo... quer um

autógrafo dele. Meu tio, com 20, 20, 21 ano, 22, já tinha de tudo, meu tio! Ele tinha... toda a biqueira lá da quebrada lá... é... como se diz? O sr. não entende biqueira, né sr.? Onde vende droga assim...

Edson – Bocada...

Émerson - ... do tráfico...

e – Entendo, entendo...

Émerson – Então, toda, toda lá, onde que eu moro, era tudo dele! Ele comandante, ele comandava lá a quebrada, tinha um conceito dele... roubava banco, tinha a moto dele... tinha roubado umas arma, tinha tudo lá, ele tinha assim de amigo! (gesto de muitos) Entendeu, sr.? Que ele, por isso que eu, eu tiro uma base por causa disso, e ele quando era vivo... ele chegava, tinha lá a Feira de Santana lá, que era uma rua lá, sr., aí tem uma bomboniere, ele colava lá, aí tinha, vixe! Mais de vinte carro ficava lá! Edilouco prá cá, Edilouco prá lá... “É meu parceiro, e não sei o quê!”, aí...

(Pedro, Adriano e Edson não prestam atenção, parecem impacientes. Mateus está desligado da narrativa, pensativo)

e – Isso daí em Feira de Santana?

Émerson – Feira, Feira de Santana...

e - Você morava lá também, ou não?

Émerson – Ah! Feira de Santana é o nome da rua que fica lá...

e – Aaah...! Ah tá! É o nome da rua!

Émerson – Fica em Itaquera, fica em Artur Alvim ali...

e – Certo... É que eu pensei que era uma cidade...

Émerson – Não, Zona, Zona [...], graças a Deus!

e – Certo.

Émerson – Aí... aí meu tio, em Piracicaba, sr., interior de São Paulo, meu tio foi e pegou um banco lá, ganhou dinheiro, acho que pegou 80, 90 mil, aí ele foi, foi ele e mais uns... 5, 6 caras, aí... os polícia foi e pegou ele, sr., aí... ele fez um acerto com os polícia, de tanto. Aí, ele deu a metade, e no outro dia, é, tal dia era prá dar a outra, mas aí ele falou: “Ah, não vou dar mais dinheiro não! Ficar dando dinheiro prá polícia, e não sei o quê...”, e nessa, tava vindo mesmo os meus dois tio lá numa rua lá, sr., aí começaram, aí os meu tio discutiu, o meu tio Fabinho discutiu com meu tio Fabiano, aí eles discutiu e falou: “É, vou embora...”, aí o outro, tem uma rua assim, e a avenida aqui assim, entendeu, sr.? (mostrando) Aí o meu tio que ficou, ficou sentado naquelas porta de ferro que parece um [...], sentado lá, e... ali onde ele ficava, era um tráfico ali... e o carro do meu tio tava parado em frente de uma igreja, aí, o outro meu tio tava aqui, aí o meu tio falou: “Ah! Vai embora! Cê não tá fazendo nada...”, “Ah, vou ficar mais um pouco aqui”, e tinha um colega dele telefonando no orelhão, aí ele tava lá sentado, quando meu tio entrou dentro do carro assim... antes dele ligar, aí parou um santana na frente assim, com tudo de capuz, ponto-quarenta, quadrada...³¹ aí foram correr pro lado do meu tio, meu tio sem reação, tava sentado lá... aí foram, parecia fogos, minha mãe até desmaiou quando minha mãe viu... parecia fogos...

e – Parecia, parecia o quê?

Émerson – Fogos... muito tiro foi... Pá, Pá! .40, maior barulheira! E esse meu tio que saiu, ele tava aqui, ó! Dentro do carro, ele viu tudo, aí, vixe! Os cara arrebetaram... aí o outro, colega do meu tio, que tava no telefone, foi tentar sair correndo, aí os cara já pegaram ele também, mais prá frente. Aí, eles mataram, saíram correndo, entraram no carro, não passou nem 2 minutos,

³¹ Apelidos de armas de fogo.

chegou a polícia! Porque quando mata assim, já vem carro, demora uma cota prá vim, demora uns 20 minuto, meia hora, aí vem, pega o corpo, e leva...

- Leva no IML...

- É...

Émerson – Aí esse do meu tio não, já mataram e já vieram e pegaram, a polícia já veio e pegou! E nessa minha mãe foi correndo com umas dona lá prá debaixo, aí ela viu e falou, “Vixe!”. Fiquei com o óculos dele ainda... e esse meu tio viu tudo!

e – Você ficou com o óculos do seu tio?

Émerson – Fiquei. Trago, tenho até hoje ele ainda!

e – Desde esse dia?

Émerson – (afirmativo, com a cabeça) Um óculos de distância. Aí esse meu tio... ficou revoltado! (todos muito atentos) [...] gritando lá, falando vixe! Que a polícia levou um teco do coração dele, a metade, conversando lá com o irmão dele, o irmão dele... o irmão dele no caixão e ele conversando... aí... porque o meu tio, o meu tio era bandido mesmo! Entendeu, sr.? Tinha um conceito... e foi uma pá de gente... só gente louca no cemitério lá, e eu lá... ele deu uma rajada de tiro lá no cemitério, e saiu tudo andando... Aí meu tio... passou uns tempo, meu tio foi atrás desses cara... conseguiu pegar três, pegou um na B. P., não sei se o sr. já ouviu falar... na Penha ali, aí pegou um polícia ali na M., é bem na segunda-feira, ele foi lá prá quebrada, tem um campo lá, fez um churrasco lá, soltou fogos... e nós sem entender nada, falei “Ah, meu tio tá chapando! Fazendo churrasco de... de segunda-feira!” Aí ficamos sabendo que ele matou, tava se vingando, entendeu, sr.? Aí um já foi... e pegou mais um, dois, três... aí nessa, os colega dele, cresceram o olho no que ele tinha, aí sentiu fraqueza já nele, porque... o irmão dele já tinha morrido... aí eu acho que, que os colega dele pensou assim: “É, vamos matar ele e ficar com tudo que ele tem...”, esse meu outro tio que viveu, entendeu, sr.? Aí foi o seguinte: meu tio emprestou... uma arma assim prum... como que fala assim, sr.? Os parceiro! Emprestou uma arma pro parceiro dele, ficar ali, ali na A. E. Carvalho ali, sr. ... aí ele foi, aí ele tava com o celular dele, aí ligaram pro celular dele e falaram: “Aí Fábio, vem pegar sua arma aqui, que nós já usamos ela...”, aí o colega dele falou assim: “Aí Fábio, eu vou com você!” “Não, não! Pode ficar aqui, vai dar seu rolê! Pega a moto e vai dar seu rolê!”. Aí meu tio foi, nessa que foi, ficou por lá mesmo... Mataram ele com a própria arma dele... Aí, isso daí gerou a maior guerra, entendeu, sr.? Aí tinha um que corria pro meu tio... e tão aí querendo descobrir até hoje quem foi que pegou, mas falaram que foi o próprio colega dele... prá ficar com tudo que ele tinha lá... biqueira...

- Moto...

Émerson - ... aí ele morreu, os dois morreu, aí, deixaram uma pá de coisa lá, deixaram é moto, carro... Ah! Meu tio, sem mentira no negócio, ele tinha umas cinco moto, carro ele tinha, meu tio ele... ele cresceu tanto no crime, sr., que lá em Piracicaba lá, onde que ele tinha comprado uma casa, ele ia se eleger prá governador ele! Faltou 11 ponto prá ele se eleger prá é, prá governador...

e – Governador?

Émerson – É, governador, sr.! E ele, ele é um, um bandido que ele tinha uma visão...

e – Governador... ou prefeito? Prefeito da cidade?

Émerson – Ah! Eu não sei...

Edson – Não é deputado federal?

(sobreposições, tosses)

Émerson – Governador, deputado... é um negócio desses, de, de eleição... E ele, ele não era aquele tipo de bandido que tinha de ir preso... chegava, as polícia pegava ele nesse dia, chegava

dez horas da noite ele já tava na rua! Ele dava dinheiro pros polícia... aí os polícia foi se acostumando...

e – E você falou que ele deixou um monte de coisa... não é?

Émerson – Deixou uma pá de coisa material...

e – Prá quem que ele deixou?

Émerson – Ficou tudo prá mulher dele, ficou uns negócio prá minha mãe, prá mãe dele... Pro, a maioria ficou tudo pro filho e prá, prá mulher, né sr.? Era casado, era casado e tinha uma pá de mulher lá... a mulher dele sofria, viu? Aí, sr., deixou tudo lá, é televisão, casa, é... apartamento ali na Cohab, deixou muita coisa, sr.! Muita coisa! Dinheiro no banco do irmão dele que... só sobreviveu um irmão dele que nem é envolvido com nada, o meu tio, o Maurício, que era motorista, de...

e – Certo.

Émerson - ...de ônibus...

e – Anham...

Émerson – Aí ficou tudo, o dinheiro ficou tudo na conta desse aí...

e – Tá...

Émerson – Aí foi prá, uma parte prá, prá mulher dele, uma parte prá... prá minha vó, ficou uma parte prá minha mãe, aí foi dividindo, ficou as moto lá pros colega dele... arma ficou tudo com os colega dele lá... Arma! Teve duas quinhentas³² que ficou tudo pros cara lá... os carro, também...

e – Interessante, né Émerson, que...

Émerson – E nisso aí, sr., ...

e – Ahn...

Émerson - ... ele não ganhou nada! Com 23 anos morreu! Com 19 tava com o maior dinheiro! Tipo, montado em cima da cadeira lá, tipo... reizão mesmo, e chegou... 23 anos morreu, tudo que conquistou não levou nada embora, e foi embora, que é ilusão isso aí, sr.!

Edson – [...]

Émerson – E você vê ainda sr. ...

Edson – [...]

Émerson - ... o meu tio morreu, acho que foi, dia 12 de abril... ou de julho... aí esse outro meu tio que sobreviveu, morreu também no mesmo dia, quando meu tio completou um ano de, de finado, ele morreu também!

Marcelo – No mesmo mês?

Émerson – No mesmo mês, na mesma data que o meu tio morreu... Quando completou um ano, os cara foi e pegaram... esse outro meu tio... E ficou, ficou tipo... todo mundo gostava do meu tio lá, entendeu, sr.? Aí foi, aí ele morreu, a quebrada murchou, não é mais aquele ânimo que tinha... Entendeu? Porque quando meu tio morava lá não tinha, não tinha, tinha umas patifaria lá, mas não era tanta que nem tem agora lá, de um querendo ser dono da quebrada, outro querendo... e nisso foi a maior guerra, a maior guerra ou! E nessa eu já me envolvi também de cabeça assim já! Entendeu?

e – Tá dizendo que... quando o seu tio era vivo, a quebrada era melhor?

Émerson – É... porque... não é que era melhor, né sr.? É que... tinha quem respeitava, que no crime é o seguinte, sr., se você tá lá sempre tem uns que, não sei se é respeito, ou é medo... entendeu, sr.? Um desses dois, ou é respeito ou medo...

e – Certo.

Émerson – Um desses dois lá [...] (rápido) Porque ele chegava, e todo mundo, entendeu, sr.?

³² “quinhentas”: provavelmente motos

e – O Émerson, você tá percebendo... eu achei uma coisa interessante, não sei o que os outros tão achando, né? Que a gente fez uma proposta inicial, que era falar um pouco da vida de vocês, né? Aí, o Paulo contou um pouco da vida dele prá gente, né? Aí vocês começaram a falar um pouco dessa vida dentro da FEBEM, da vida do crime, fora do crime, dentro do crime... aí você começou a contar uma história, que não era uma história sua, né?

Émerson – Era do meu tio...

e – Era a história do seu tio, né? Mas, eu não sei o que que você acha, será que essa história do seu tio não faz parte da sua história também? Será que não tem a ver isso, de você ter contado essa história do seu tio?

Émerson – Faz, faz parte mas... não sei né sr., se faz parte da minha vida, se não faz, só sei que... eu se baseei muito nele, entendeu, sr.? Se baseei muito no meu tio... E nessa que, quando eu... era apegadão no meu tio, depois que eu perdi ele, sr., aí eu fiquei mais revoltado ainda! Que era... tipo, ele era que nem um pai prá mim também, entendeu, sr.? Ele era... pela ordem!³³

e – Quando você perdeu ele você ficou mais revoltado ainda?

Émerson – É, porque... né sr.? [...] o meu tio! Todo mundo gostava do meu tio e não sei o quê, aí eles falava “Vai e faz [...]”

- Aí que dia que morreu ele?

Émerson – Se pá foi dia 12 de abril ou de julho... não me recordo muito bem... Só sei que faz, que ele morreu em 99. Aí nessa, sr., já... me envolvi no crime de cabeça! Ah! Fui que fui, fui pro arrebento! Aí nessa... foram acontecendo várias fita aí, sr. ... E até que eu tô aqui hoje, né? Mas, meu tio, nunca tiro ele da minha mente, aí ele morreu, fazia três, quatro mês que ele morreu, todo dia eu sonhava com ele, todo dia! Todo dia... E antes dele morrer também, meu primeiro tio, minha mãe sonhou com ele flutuando... que minha mãe é... evangélica, entendeu, sr.? E ela, vixe! Ela sonha cada sonho, que lá prá noite, eu fico até arrepiado quando ela fala... aí ela sonhou com meu tio, roubando uma S-10, blazer branca, batia no poste, e saía flutuando no alto e inchado... aí minha mãe foi e falou prá ele, e ele disse “Acho que cê tá... cê tá chapando, tá não sei que lá...” “Mas eu tô falando...”. E nesse dia, aí eu acho que nesse dia mesmo, ele roubou um carro lá e os polícia deu um tiro nele e passou de raspão, ele passou em frente de casa lá a milhão, entrou prá dentro de casa, minha mãe olhou, e já saiu de novo. Ele só olhou prá minha mãe e saiu de novo. Aí foi o último dia que minha mãe viu ele! Aí no dia que foi ver viu ele morto e minha mãe teve logo... desmaiou, não aguentou... eu falo, nossa, que barato louco, quando minha mãe fala nem desacredito, nem desacredito...

- Vixe!

- Vixe, maior [...]

Paulo - Conta sua história! (para Pedro)

Émerson - Vou dar oportunidade agora pro Mateus B. falar um pouco aí, fala aí [...], fala aí! (silêncio)

Mateus - É... Eu não tenho muito prá falar não... Eu comecei, tipo, a roubar, foi do colega lá, a verdade não era colega, né? Que... me levou lá prá roubar, né meu? Não era colega... Vixe! A primeira vez que eu fui roubar com ele, eu tava até doente, né meu? Que não tinha ninguém prá roubar comigo, aí ele me chamou, aí até o tio dele falou que ia fazer um cavalo³⁴ lá, que ia levar ele de carro, prá nós roubar, [...], aí eu fui, no primeiro dia que eu fui com ele, eu já... eu fui só prá revistar só,

³³ “pela ordem”: expressão comum entre os jovens da FEBEM; algo como “estado de estar bem, em ordem”, “pela tranquilidade”

³⁴ “fazer um cavalo”: dar carona, dirigir o carro para a realização de uma ação ilícita

Edson - Aí no primeiro dia?

Mateus - No primeiro dia assim, mano, no primeiro dia...

e - Aí você foi, você foi prá?

Mateus - Tipo na hora que ele enquadrô³⁵, eu revistava assim, ele enquadrô eles e eu ia revistar...

- Só recolhe...

Mateus - Só...

- [...]

Mateus - [...] ele lá enquadrando a vítima, ele enquadrando, eu chegava perto, ia lá e revistava a vítima, se tinha algum...

e - Certo.

Mateus - [...] enquadrô até um carro nesse dia aí, aí catou uma pá de compra [...],

Edson - [...]

Mateus - [...] uma pá de bagulho assim, nós [...] e saindo fora, com o negócio lá no carro, indo prá quebrada também (voz baixa, pouco clara). Aí depois eu comecei a roubar mais ainda, mais e mais, aí eu comecei já a enquadrar, [...]

Edson - Não era mais só revistar...

Émerson - Tipo no começo assim, a gente vai com um medo do caramba, hein, sr.? Dá um frio na barriga! Aí você quer ir sempre acompanhado! Aí acostuma, aí cê fala, "Ah! Então eu vou sozinho!" "Hoje eu vou sozinho, que vai sobrar mais dinheiro prá mim..." (fala simultânea com Edson)

Mateus - Teve uma vez até que nós batemo o carro assim, correndo da polícia, né? Batemo carro, tive... os polícia dando tiro, aí nós, eu tive que pular dentro lá pro córrego lá, tá ligado? [...] Subir lá fora, com os polícia dando tiro... Só pensava que ia morrer! Já tinha dado um tempo já, depois eu parei, saí de lá, saí de lá, com meu próprio parceiro, nós fomo roubar [...], eu e ele assim... mas por causa de mulher ainda também... Tava com uma mina... aí eu parei no [...] Itaquera, aí ele veio e chegou em mim, "Aí [...] ficar com essa mina aí?", daí [...] ele deu idéia, catou ela [...], aí depois eu trombei ela num shopping, tipo no Natal, aí eu ia ficar com uma mina no, lá no shopping, aí tipo nós encontramos uma pá de mina assim, aí essa mina tava junto, aí tipo a mina que eu ia ficar com ela, conhecia essa mina que era... minha ex, aí ela foi e chamou a outra lá prá juntar as mesa e pá [...], e comprar umas esfiha, comprar umas esfiha lá... prá comer, comprar uns lance prá comer... aí tipo na hora que eu falei assim "Ah! Vou comprar um refrigerante lá no caixa, lá no tal...", aí eu falei "E quem vai comigo?", aí levantou essa mina prá ir comigo, em vez de ir a outra, tava eu, essa mina, a outra mina que [...], e tinha mais uma outra lá [...], aí tipo a mina que eu, minha ex que levantou e falou "Aí, eu vou com você...", aí eu falei "Você meu?", ela falou, "Não! Não pega nada!", eu falei "Firmeza, meu!", aí ela foi lá, fiz de louco e tal, aí na hora que nós voltamo, que eu voltei assim, aí a mina que eu tava junto com nós, ela conhecia o, o finado do meu parceiro, aí ela viu ele atrás assim, aí na hora que ela viu, ela foi cumprimentar ele, eu fui também...

e - Ela conhecia o finado...

Mateus - O finado do meu parceiro...

e - Certo... Ela viu ele atrás?

Mateus - Não... foi que ele morreu agora...

e - Ah tá...

³⁵ "enquadrar": render alguém, subjugar via ameaça física

Mateus - Aí ele... ela viu ele, ela foi levantar prá cumprimentar ele, aí eu fui, porque ele era o meu parceiro e tal, aí na hora que ele já veio nós tretamo³⁶ dentro do shopping, saímos na mão dentro do shopping, foi a maior briga lá dentro do shopping, o segurança já dominou... aí depois foi a maior guerra! Foi a maior guerra isso aí... aí nós queimava... tipo, eu ia lá prá queimar uma idéia assim, prá apaziguar assim, prá [...]

e - Você e seu parceiro?

Émerson - Que parceiro hein!

Edson - [...]

Mateus - [...] chegou lá na [...], aí acabou na [...] (Mateus não parou de falar ao fundo)

e - Que que você falou, Émerson?

Émerson - Que parceiro é esse?

Mateus - ... aí acabou a maior guerra aí, matou maluco lá da quebrada lá, matou maluco da quebrada lá, aí tipo nesse dia eu fiquei sabendo que ele ia matar esse maluco e eu, né? Só que aí ele não trombou, e nem eu tinha trombado ele, aí ele matou um maluco, aí ele matou o maluco...

- [...] (conversas paralelas)

Mateus - Aí ele matou o maluco e o irmão dele fez um cavalo de volta e levou ele embora... aí veio uns parceiro, uns malandro, uns outro maluco que eu conhecia lá, que tava envolvido com o crime também, pensou que eu que tinha matado, porque tava o corpo na casa da minha irmã, e eu tinha chegado lá, um pouco mais depois prá conversar com ele, prá ver então como é que ia ficar isso aí, aí ele falou até, aí ele já chegou e falou prá mim assim: "Não, deixa quieto isso aí e tal..." "Mas e aí? Praticamente comeu o amigo meu no prato aí..." (tosses, comentários) "Não, vamo deixar quieto isso aí, vamo deixar quieto que já era!" (tosses) "Já era, parceiro, praticamente como ninguém aqui [...] tá ligado..."

(barulho no gravador, talvez um trecho de fala tenha sido pulado)

Mateus - O cara veio e matou outro parceiro que morava com nós, tivemos de sair de casa porque a polícia tava atrás. O irmão do que matou está preso em Pinheiros. O parceiro falou assim, falou que ia botar fogo na casa da mãe dele lá, aí eu não deixei, falei: "Não, a mãe não tem nada a ver não! E tal e não sei o quê...", eles iam botar fogo na casa da mãe dele lá, aí, no fundo da casa tinha uma filha, uma filha duma mulher lá, que tinha acabado de nascer lá... era recém nascido lá, aí eles iam botar fogo...

Émerson - Eles faz uns negócio que não tem nada a ver...

Mateus - Eu falei: "Deixa quieto isso aí! Botar fogo não tem nada a ver não!"

e - Que que é, Émerson?

Émerson - Eles iam matar umas pessoa que não tinha nada a ver com a, com a burrice que o outro fez, né?

Mateus - Pro cê vê, sr.! Aí! Como, como Deus escreve certo por linhas torta né? Porque ele matou o maluco, a filha dele (do maluco) tinha acabado de nascer, agora ele morreu, a filha dele nasceu, aí ó! Ele não viu nem a filha nascer...

Émerson - Isso que eu acho errado no crime, entendeu, sr.? Tipo assim, eu e ele, e ele, e ele, tipo eu e o Edson assim, nós é parceiro, parceiro mesmo, tipo... con-, eu considero ele como irmão, nós tá na vida do crime... aí ele deu uma falha comigo, aí... eu já chamo, já fico na maldade dele... só esperando um pé³⁷, prá mim ir e sentar o pau, meter bala nele... isso que eu não acho

³⁶ "tretar": de "treta", problema; discutir, se desentender

³⁷ "um pé": um pretexto, uma pequena falha

certo, nós tá conversando... aí... tipo se eu dei falha com ele, ou ele deu falha comigo, já vai e mata!

- Cê tá fudido...

Edson - Tipo...

Émerson - Por isso que o... o crime é podre mesmo...

Edson - Tipo... mas tudo por causa de uma conversa... tipo, o negócio que falou agora, tipo, deixou uma falha com ele, e aí se chegasse e falasse "Seu [...] cê deixou uma falha comigo, tal e não sei o quê... isso, isso e isso e tal... procura não fazer mais isso e tal...", daí eu ia chegar e falar "Não Émerson, beleza! Tudo bem e tal...", mas...

Émerson - Mas sempre tem uns, tipo, as influências dos amigos...

Edson - As influências dos amigo! Tipo "Ô! Cê viu o que que o Émerson fez com você?", tipo ele chega em mim e fala "Cê viu o que o Émerson fez com você? Ou! Aquilo lá não tá muito certo não! Já viu? Ele tirou e não sei o quê... é e não sei o quê...", tipo ele fica falando prá mim [...], dá idéia, eu vou pensar o quê? "Ah! O maluco me tirou mesmo, eu vou pegar ele e já era!" (outras falas simultâneas mas sobrepostas)

Paulo - Aí chama prá pescar na represa...

Edson - É... "Ou! Vamo ali..."

- [...]

- [...]

- [...] umas cerveja...

- [...] uma arma

Edson - Ou se não uma arma...

- [...] cola no salão...

Émerson - Um negócio aqui que eu recordei, entendeu, sr.? Que... quando meu tio era vivo, entendeu, sr.? Vixe! Ele tinha um medo prá caramba de eu entrar nessa vida, sr.!

e – Você? (baixo)

Émerson – É... que quando ele era vivo, vixe! Ele falava direto prá mim: "Se eu te ver moleque!..." E eu tinha um medo dele, sr.! "Se eu te ver nessa vida do crime aí... É... cê começa a estudar, e vai trabalhar, vai ajudar tua mãe... se eu te ver nessa vida aí, eu...vixe! Eu deixo você aleijado...", ele falava prá mim, prá mim e pro meu irmão, que é menor do que eu, aí... Nessa eu tinha um medo, eu via os moleque tudo...

Edson – Roubando...

Émerson – Roubando e tal, e ele, e eu, sr., tipo... eu nunca, eu nunca precisei assim, de sair, prá roubar... entendeu? Eu sempre tive meus negocinho humilde ali, não era coisa boa tudo, mas tinha meus negocinho ali...

- [...] nós...

Émerson - ... e eu nunca precisei disso, minha mãe, meu pai, meus tio, me dava só do bom e do melhor... e... eu acho que foi a influência mesmo, entendeu, sr.? De...

e – A influência de quê?

Émerson – Ah, se espelhei, não sei se espelhei no meu tio, a influência dos amigo...

Mateus - Nessa vida não tem amigo não... (simultâneo)

Émerson - ...que, ele falava "É, se você entrar nessa vida, eu vou te pegar... porque... eu vi cada coisa já...". Ele não, ele tinha as coisa dele, só dava... no Natal, assim, sr., nós vinha nesse Tatuapé aqui ó, ele me dava tanta coisa que eu via e falava "Meu Deus meu! Tudo isso é meu é?", "É tudo seu"...

– Vai saber se [...] (baixo)

Émerson – Só coisa boa, entendeu sr.? Só coisa boa! Tipo...

e – Parece que a gente retomou um pouco aquele assunto, né? A maldade, que vocês vivem aqui dentro, né? E... do risco que não é levar esse ritmo de vida, esse ritmo de maldade...

Émerson – [...] prá dentro de casa!

e - ... que vocês vivem aqui, prá uma vida lá fora... né? E acho que não é só aqui, porque parece que, pelo que vocês tão falando, também é da vida do crime, né?

- É...

- Anham...

e – Essa maldade assim...

Paulo – Cara chega e fala...

e – ... daria prá resolver pela conversa, né? Mas, às vezes...

- ...cê se sente [...] ³⁸

e – ... a conversa de um amigo, não é? De um colega próximo pode até...

- Influenciar...

e – Influenciar pelo lado da maldade...

- Por causa que tem vez que [...] (sobreposição)

Émerson – Tem outra vez assim que você nem pensa, sr. ...

Paulo – Tem uns cara que faz a maior crocodilagem ³⁹, chama o outro prá ir numa festa...

- Que nem...

Paulo – Uma festa e tal...

Edson – Lá onde eu moro lá tem uma pedreira... daí, tipo... é fundona, né? Daí... daí beleza, daí “Pá! Vamo lá na pedreira nadar lá e não sei o quê!”, “Ah! Vamo sim, tal...”, daí chega assim... daí chega, primeiro a gente gosta de ver, né? A gente chega, fica vendo a...

(fim de fita)

Edson - ... assim: eu tô na maldade do Vesguinho, do do Émerson...

Émerson – Sei, sei...

Edson - Então... eu tô na maldade do, do... He! He! (risadas) Foi mal, Vesguinho... Eu tô na maldade do Émerson, “Aí, Émerson, vamo dá um rolê e tal, vamo lá na pedreira fumar um baseado, vamo lá na pedreira é...

Paulo – Nadar...

Edson – Nadar...”, ainda bem que nunca me chamaram prá ir na pedreira! (risadas) Aí chega lá, a pedreira lá, tipo... é grande prá caramba! Acho que tem uns 15 metro, ou até mais lá... uns 20, 20 metro por aí... Empurrar, cai lá de cima, e é caixão e vela preta! (rápido) Aí cê empurra mesmo, não quer nem saber... Quantos corpo não acharam lá no meio da água lá? Cara com...

Paulo – Pedra amarrada no pé...

Edson – Pedra...

Paulo - ... lá na minha quebrada os cara amarra mesmo!

Edson – Pedra no... pedra no pé...

Paulo – [...] amarra lá...

e – Isso numa pedreira? (para Paulo)

- Não...

Paulo – Não, lá na Zona Sul...

Edson – É... um tiro na cabeça... e boiando lá...

³⁸ “mentindo”?

³⁹ “crocodilagem”: ato de traidor, traição

Pedro – Que nem...

Edson – Tinha um cara, tinha um cara lá que... que ele era magrinho...

Pedro - Cala a boca! (baixo, para Émerson)

e – Que que é Pedro?

Pedro – Nada não, sr. ...

Edson – Tinha, tinha um cara lá que ele era magrinho, estilo eu assim... é estilo meu naipe⁴⁰ assim, magrinho, aí quando... quando acharam ele lá ele... o bicho parecia o Jô Soares, tava tão inchado...

e – Certo. Vocês estão falando de histórias, né? Que parece que vocês ouviram, né?

Edson – Ah! Isso aí eu vi mesmo...

e – Você viu?

Edson – Eu vi.

- Isso daí é o que acontece na nossa vida [...]

e – Você já viu?

Edson – Eu já vi já jogando [...]

e – Histórias que já aconteceram...

Émerson – Que nós já vimos...

- Que aconteceram com nós...

- [...]

e – Com amigos de vocês, digamos assim...

Émerson – É, com nossos amigos mesmo, né sr.?

e – Com conhecidos de vocês...

- [...]

Paulo – Isso...

Edson – Eu já vi jogar...

e – Faz parte da vida de vocês, então, essas histórias?

Marcelo – Ah! Faz...

Edson – Faz, né? Que é o dia-a-dia ali...

Paulo – O dia-a-dia, que cê tá ali no dia-a-dia, vendo...

Mateus – O dia-a-dia que cê tá vendo, né sr., cê tá convivendo com aquilo e tal...

Paulo - ... cê tá vendo e convivendo com aquilo... no dia-a-dia...

Émerson – Vivendo e aprendendo também, né sr.?

Pedro - Vivendo e aprendendo...

Edson – Esse dia aí que eu vi ó, era tarde, todo mundo, um monte de gente lá nadando lá... só ouvi o grito “Ahhhhhhh... Bááá!” (som de choque do corpo), aí “Nossa! Mais um...”, daí já sai todo mundo da água, com medo...

- [...] mais um?

Edson – É, mais um, por causa que, cada vez que você vai lá cê acha um corpo... um, um com a pedra amarrada lá no fundo lá... porque lá lá, tem, tem treinamento, tem treinamento de bombeiro também, bombeiro vai tipo treinar lá, esse bagulho [...], eles colocam umas bomba lá, e essas bomba chupa o, traz o corpo lá prá cima, entendeu? Aí cê ele tá lá, dentro da água... aí eles acha o corpo lá... E fora os outros que morre tipo nadando, porque... a pedreira não tem fundo, né? Aí cê cansou... se afundar já era! [... ...]

(Mateus e Émerson não prestam atenção, todos parecem cansados)

- Morre afogado...

⁴⁰ “naipe”: expressão comum entre os jovens, oriunda dos jogos de carta; tipo

Edson – Morre afogado... cach-, até cachorro já acharam lá...

(risadas)

Edson – É quente... é quente...⁴¹

Pedro - Coitado dos cachorrinho...

(pausa)

e – Vocês falaram bastante hoje de violências, né?

Émerson – É, [...] nós, né sr.?

- Tem o [...]

- [...] nós

- [...] (sobreposições)

Edson – Mas... mas, acho que é o que mais acontece [...]

Émerson - É o que mais tá acontecendo agora... (todos concordam)

Paulo – Na hora que cê tá num lugar, num pagode lá tal, tomando uma cerveja, conversando com os colega... daí a pouco: Pou! Pou! Pou! (barulho de tiro) Só tiro comendo... na hora que você olha, lá do seu lado lá, caído...

Émerson – [...] entendeu?

Paulo – [...]

Marcelo – [...] na hora assim, pensando que é mosquito ou mosca...

- Já passou uns tiros [...] uns quatro tiros...

Edson - Igual que [...] igual que tava...

e – São tiros?

Edson – Igual que nós tava falando, no começo, que a gente tinha que prestar atenção no que fala, igual tipo... Lá na rua lá qualquer coisa que você fala...

- Leva prá maldade...

Edson – Não... às vezes até leva, neguinho fala assim: “Tá me, tá me ameaçando, então vou fazer alguma coisa antes que aconteça comigo...”. Eu tava assim, eu estudava numa escola, na minha quebrada lá, o B., aí eu discuti com a professora, falei assim “É, a senhora só fala isso daqui porque a senhora tá aqui dentro... quero ver a senhora falar isso daí prá mim lá fora...”. Daí, você acredita que... ela chegou... uns GCMs⁴² lá, me levaram prá delegacia... e no outro dia eu tive que ir no Fórum porque ela falou que eu tava ameaçando ela...

(risada)

Edson – É...! Tive que ir no Fórum porque ela falou que eu tava ameaçando ela...

Émerson – [...] festa de quermesse agora [...]

Edson - ... ela se sentiu ameaçada...

Marcelo – [...]

Émerson – Hein, sr.? Festa de quermesse agora, festa junina? É o mês que vem, né sr.?

Edson – Vixe Maria!

Émerson - Festa junina?

Edson - Vou sair...

e – É o mês que vem... mas essa história, eu não entendi muito bem, a relação dessa história com, com o que a gente tava falando antes, Edson... Essa história da professora...

Edson – Ah, tipo... qualquer coisa que você fala lá fora agora, sr., você fala de um jeito, e a pessoa interpreta de outro, se você fala “É... cê tá falando isso agora porque você tá aqui tal, não sei o quê...”, ou “É, então cê vai ver então, cê tá...”, tipo... ele tá me tirando: “É, cê tá me tirando?”

⁴¹ “é quente”: expressão de uso comum, de conotação positiva, de significado próximo a “é verdade”.

⁴² GCM: Guarda Civil Metropolitana

Cê vai ver então...”, aí nego já pensa que, “Ah! Ele tá na maldade comigo... quer me matar...”, daí ele já quer matar você... por causa que você falou isso daí...

Émerson – [...]

e – [...] acho que você tá falando um pouco em cima daquilo que eu tinha falado antes, né? De que a maldade não tá só aqui dentro...

Edson – Mas tá lá fora...

e - ... ou só na criminalidade, mas tá lá fora de uma maneira mais ampla...

Edson – É...

e – É isso?

Paulo – [...] mas também, fala assim também...

Pedro - Mas tem o pessoal que tá puro também, né sr.? Que não [...] e tal...

Edson - Igual essa professora aí...

Pedro – Tem gente que...

Marcelo - Que nem...

Pedro - ... nunca viu uma briga, tem um filho e tal, eu vou bater no filho dele? Ele nunca brigou, mas... naquele momento que eu bati no filho dele, acho que ele vai vir prá cima, né?

- Com uma peixeira...

Pedro – Vai vir com agressão e tal...

Edson – Igual essa professora aí, ela... tipo eu falei prá ela assim “É, que cê só fala isso porque cê tá aqui dentro...

Paulo – Se encontrar na rua [...]

Edson - ...quero ver você falar lá fora!”. Foi um momento de nervoso que eu falei isso daí prá ela, ela se sentiu ameaçada, já chamou o diretor lá, o diretor já mandou vir o GCM, o GCM me levou lá prá delegacia, e eu tava ameaçando, a professora... É meu! Aí eu fui, aí não deu nada...

e – Eu cortei o Émerson... cê tava falando de festa junina, Émerson?

Émerson – É, sr., tipo... que cê vê em festa junina, que tem umas quermesse assim, quase toda, quase todos lugar tem, e morre muita gente nesses lugar aí, sr., porque, tipo assim, é um lugar que tem de tudo, né sr.? Tem, como se fala? Boca livre, né? Tem droga...

- Alcool...

Émerson - ... tem bebida... tem uma pá de negócio, e nessa...

Edson – Cê vai, se tem briga é por causa de mulher...

Émerson – É... e nessa tem a tal da cocaína, né sr.?

- [...]

Edson – A maldita...

- [...]

(risada)

Émerson – A tal de cocaína, sr., porque... tem muito, muitas pessoas que usa o negócio e fica... doidão! Fica vendo, vê até bicho, sei lá o que vê...

- É verdade...

Paulo – [...]

Émerson – Porque sr. ...

Paulo – [...] tava aí, sr. ...

Adriano – ... às vezes por causa de [...]

Émerson – Hein sr.!

- Ahn?

Adriano – [...] tava às vezes por causa de narcotráfico tava [...]

Émerson – Vamo pedir licença aí, meu... Vamo pedir licença aí, meu! (bravo, para Adriano)

Adriano – Vai, fala...

Émerson – Não, pode falar agora...

Adriano - Fala...

- Vai, fala!

Adriano – Fala...

Émerson - Pode falar agora...

e – É... acho que ele só complementou, Émerson... Você acha que ele te atrapalhou?

Émerson – Não, não... tô... tirando uma galinhagem⁴³ com ele... Então, sr., aí... tem va-, tem gente que fica usando uma cocaína, só que armado, aí nessa ele vai cheirando, cheirando, aí uma hora [...], já [...] o outro, aí já enfrenta um [...], aí já sai matando... (rápido) Tem gente que, tem muita gente que morre assim, à toa... Aí já não sei se chegou, porque fala que quando morre chega a... vez dele, né? Mas tem gente que morre aí à toa! Tá lá curtindo uma ba-

- Andando...

Émerson – Tá lá, e sem saber, e pá!

- Leva um tiro do nada...

Émerson – Nem se explicou e já, já morreu...

Paulo – [...] leva um tiro lá do outro lado da rua...

- [...] acho que a bala...

- [...] uma bala sem dono...

Émerson – Chegou o dia dele, então, daí quer dizer, que... cê eu tô curtindo uma festa ali, sendo que eu tô só prá curtir, já tomo um tiro, então chegou meu dia? Tem muitas coisas que... eu fico pensando assim, sr., que... num bate assim, não entra na mente!

- Entendeu, sr.? Eu tava passando na rua, aí [...]

Émerson – Entendeu?

e – Não.

- ... [...] corpo, já cai e já era...

Edson – (risadas) Ô Vesguinho!

- Parece que você tá no lugar... errado, na hora errada...

Émerson – Ah! Mas só por causa disso... vai dizer que... seu dia chegou? Apesar que... que tem muita gente que morre inocente, sr., nesse mundo aqui... Cê tá lá curtindo lá... ou se não tem quermesse lá em casa, que nem o... Edson falou, de... de mulher, tem, tem menina que... sei lá, parece que procura mesmo!

Edson – Fica com você, depois sabe o quê?

- [...]

Edson - Fica com outro, vai com outro... só prá ver, só prá ver a desgraça mesmo!

- É... é quente...

- [...]

- [...] em quermesse...

- [...] com outro, entendeu, sr.?

- [...] muita maldade mesmo, entendeu?

- [...] maior salada...

- [...] misturando aqui, misturando ali, e ficando com outro ali, meu! Tá tirando!

(todos concordam)

⁴³ “galinhagem”: brincadeira, em geral agressiva

- [...] “Ah! Cê paga um pau⁴⁴ prá eu ficar com aquele ali...” (interpretando voz de mulher)

- Aí, sr. ...

- “Cê tá com o outro ali junto então?”

Émerson - Hein, sr.!

- “Não, foi ele que [...] Foi ele que me puxou, [...] e tal”

- “Foi ele que deu idéia...”

- É, porque tem várias e várias ocasiões...

e – Vocês já, vocês já viram histórias assim?

- Nossa!

- Demais!

- Ô...

- Que nem...

Émerson – Hein, sr.?

e – Anh?

- Muito...

- Até umas hora...

Marcelo – Já apanhei também...

- Vixe!

e – Já apanhou, também?

Marcelo – Já bati...

Émerson – Que nem teve uma que aconteceu comigo no salão, fui eu e minha prima...

Marcelo – [...] minha sorte...

Émerson – Minha prima...

Marcelo – Minha sorte...

- [...] (muitas sobreposições)

(risadas)

- Ou! Fala um [...]

- [...]

Mateus – Cês vão ficar doido aí... Hi! Hi!

- [...]

(risadas)

Émerson – Que nem, sr., teve uma vez que eu fui no salão lá com a minha na-, com a minha prima, aí eu fui curtir com ela um salão lá, aí ela me apresentou uma colega dela, e essa colega dela aí eu pensei que... não tinha compromisso com ninguém, né? Ainda eu perguntei prá ela, porque em salão... aí eu já perguntei logo, “Tem namorado?”, “Ah! Eu separei com meu namorado faz uns... dois mês...”, eu falei “É, então, tem nada não...”

Edson – Não pega nada...

Émerson – Aí eu fiquei com... eu falei prá ela, “Vamo colar num canto do salão aí ó...”, que era do lado do palco lá, aí eu falei prá minha prima, “Ah, vai comprar um guaraná lá e fica com suas colega dançando um axé lá...”

Edson – Daí o outro tava escondido...

Émerson – Daí nessa... eu fiquei com ela lá, sr., conversando...

Edson – [...]

⁴⁴ “pagar um pau”: expressão comum entre a juventude; originária de “pagar uma grande quantia”; “quer muito”, com conotação irônica

Émerson - E quando fui ver ela tinha namorado do crime lá, e eu tava beijando com ela... e de repente passou uma colega dela e olhou prá nós assim ó, (todos riem e olham para a observadora)

Marcelo – [...]

Émerson – Aí eu falei: “Vixe! Por que essa menina ficou olhando prá mim e prá você?”, e ela “Ah! Não sei...”

Edson – Mosca...⁴⁵

Émerson – Aí essa colega dela foi e falou pro...

Edson – Mosca!

Émerson - ... namorado dela...

Edson – É a crocodilagem... mosca!

Émerson – Aí...

(risadas)

e – “Mosca”, o que que significa “mosca”?

Émerson – Moscar... que tem um...

Edson – Moscar é ficar moscando...

(risadas)

Émerson – Cê não vê o perigo, né sr.? Cê se envolveu com um lugar que não era prá se envolver...

Paulo – [...] tem um perigo ali e o sr. tá não sabendo de nada...

(risadas)

Paulo – [...] a razão ali...

e – É... Cê tá... tá meio de bobo lá? Percebi...

- Tipo assim...

- É...

Marcelo – [... ...]

Edson - Tipo assim, sr., cê sabe

Marcelo – [...]

Edson – Cê sabe que cê ap-, tipo eu sei que eu tenho uma briga com o Pedro G., e ele vai me bater, eu sei que ele vai me bater, que ele é mais forte que eu, e eu tô ali ó, de frente com ele, mosquetando...

(risadas)

Edson - ... daqui a pouco eu tomo logo uma Plaft!

(risadas)

Émerson – Foi essa fita mesmo, sr., aí eu com ela ali, conversando... e ainda ali, aí daqui a pouco veio o namorado dela e mais 5, 6 lá...

Edson – Mosca! Foi só por hoje...

(risadas)

Émerson – Ó! Foi... foi a única vez que eu apanhei no salão, sr.... aí veio, veio assim, ela já se espantou, entendeu? Eu falei “Vixe! O que que aconteceu com essa menina, ela é louca?”, eu falei “Cê tá chapando meu? Tá livre é?” “Não não é que...” aí, quando, quando eu olhei assim, eu falei “Vixe!”, aí o coração já começou a ba- bater, eu falei “Vixe! Eu vou apanhar agora!”

(risadas)

Edson – Aí tocou aquela música “Ô pega ele... lu, lu... Pex, pex...”

⁴⁵ Aqui não se trata do substantivo “mosca”, mas de um verbo, “moscar”, cuja pronúncia é “mósca”, com “o” tônico aberto.

Émerson – É nada! Aí, eu tava lá, sr. (risadas), aí já veio (risadas) essa aí, ô, ô...

Edson – Mosca!

(risadas)

Émerson – Ô... Aí um cara veio e me puxou assim, e falou “É, que que cê tá fazendo com a minha mina?”, eu falei “Sua mina?”, “É, minha namorada...”

Edson – É, vai! Mosca!

Émerson – Eu falei: “Vixe! Sua namorada? Ué, mas eu conversei com ela e ela falou que tinha separado do namorado dela faz dois mês...”, eu falei “Não é que você falou isso?”, e ela não falava nada! Ficava olhando prá mim só...

Edson – Eu falava prá ele: “Cê moscou dançou...”

(risadas)

Émerson – Daí, aí, sr., eu vi... ele junto ali duns 20 moleque...

Edson – Moscou... mosca!

Émerson - ... eu falei, né

Edson – [...] sr. ... (risadas) Mosca! (risadas)

Émerson – (pausa) Aí eu falei prá ele assim, sr....

- Fica moscando lá...

(Edson sai, vai ao banheiro)

Émerson – Aí eu falei prá ele “É, mas nós... Eu falei com ela, ela falou que não tinha namorado nem nada...”, ele falou “Ah! Então cê tava me tirando agora!”, ela ficou quieta, não falou nada, aí nessa, sr., veio um neg-, sempre tem um folgado assim, né? Aí veio um neguinho “Ah, esse maluco tá tirando, vamo pegar ele logo!”, aí a polícia passando lá atrás, eu falei “Eu vou arrumar um, uma brecha prá mim sair correndo...” aí ele veio prá cima de mim e me pegou! Aí me deu um soco na testa assim, eu acho que era prá eu tá desacordado até hoje!

(risadas, comentários)

Émerson – Aí eu tomei, tomei um outro e caí no chão, aí nessa que eu caí assim, sr., era a primeira vez que eu tinha apanhado assim, de multidão... E eu assim, ó, cobri só a cara, porque... ficar de rosto inchado não dá certo...

(risadas)

Émerson – E era... E era só tênis, batendo assim em mim, chute, tomando vários chutes, e eu castelando⁴⁶... “Caramba, essa menina tá me tirando!”. E, nessa, eu lá aqui assim, nessa eu tomei um chute aqui assim, sr., que vixe! Eu vi tudo rodando assim na minha frente... aí eu arrumei um jeito de... aí o segurança veio do salão lá... aí, se afastou e já saiu correndo, quê, eu falei, “Aqui eu não fico mais...” Aí eu saí correndo, fui lá prá, prá fora do salão, aí saí prá fora do salão... saí atacado! Aí fui ali na Cohab 2, onde que o Edson mora, aí fui lá na Cohab 2 lá e liguei um maluco que corria comigo e falei “Quê! Pega a arma lá que o maluco aí tá me tirando!” “Ah é? Quê que tá aconte-“, falei “Não! Pega o dragão lá, pega o dragão que hoje, acho que [...] naquele salão lá... Aí fomo lá pro salão lá, sr., e nessa os moleque já tinha ido embora... E, minha prima lá apavorada... eu falei “E... Cadê aquela sua colega lá?”, falou “Ah! Não sei...” (interpretando), falei “Também, cê é a maior burra também, cê é a maior burra também!” “Aí fica me agitando aí namorada de ladrão, nem sei... podia até ter morrido nessa idéia...”, “Não, eu não sabia, cê sabe como é que é...”, eu falei “Ah! Dá licença!”, falei “Cadê ela? Vou entrar nesse salão lá!”, e tinha um segurança lá que mora lá perto da nossa quebrada, né? Ele falou “Não não não, mano, aqui [...]”, conhecia um moleque que tretou lá e falou “Aí maluco! Cê não vai entrar no salão não!”, eu falei “E por quê?”, ele “Não, não, cê acabou de sair daí, tomou uma pá de

⁴⁶ “castelar”: de ‘fazer castelos de areia’; imaginar, sonhar, “viajar”

soco aí... o cara vai arrumar a maior guerra aí...”, eu falei, “não sr., que... eu vou sair no prejuízo aí?” Tava com a cara toda inchada desse lado aqui ó, quer ver?

e – Tá...

(Edson volta do banheiro)

Émerson – Aí eu falei “Ah! Prá casa eu não vou!”. Que minha mãe já ficou atacada... minha mãe ia me pegar, meu coroa então, vixe! Eu falei “[...] também...”

e – Como é que termina essa história, Émerson?

Émerson – É termina que... Nós pegamo um candango lá, né sr.? ...

- Candango!

Émerson – Aí infelizmente... He! (risada)... aconteceu de... Eu trombei com ele foi num show do E. lá, sr.. Aí saímo prá fora lá, puxei ele prá fora, tava eu com meus colega, tudo na balada... virado de um dia pro outro... aí eu fui... Plac! E peguei ele sem dó, entendeu sr.?

- [...]

Émerson - Aí eu peguei ele sem dó e...

- [...]

Émerson - ... essa mina aí, fico com ela até hoje, sr. ...

e – Eles me... eles me falaram alguma coisa no ouvido aqui, eu não escutei muito bem...

Paulo e Pedro - No caixão pregado de pé junto... (simultaneamente)

e – Caixão?

Pedro - Vocês mataram ele?

Émerson – Ó, que nem foi, nem foi o namorado dela! (alto)

Pedro – Mas cês mataram?

(Émerson faz um gesto como que consentindo)

Edson - Moscou: falei!

- [...] (risada)

Émerson – E nem foi... Ó pro cê vê sr., como que é... e nem foi o namorado dela, foi o que tava junto com ele...

Edson – Ele moscou...

Émerson – Esse daí foi o único couro que eu levei, prá nunca mais levar couro de 10, 20 cara não! Vixe...

- [...] não...

Émerson – Eu já vi gente morrendo de tanta pancada...

Paulo – Aí, sr., também tem umas briga também, onde tem várias briga, sr., é jogo... de futebol... Dia de domingo...

- Ah é... domingão...

Paulo – Nossa! Dia de domingo, jogando, os cara jogando bola... o juiz começou a roubar pro time dos cara, o cara ficou bravo, já sacou logo o revólver! “Ah, não sei o quê!”, e já começou logo a brigar os dois time, pancada prá lá, pancada prá cá, os cara: “Pega o revólver, pega o revólver!”, todo mundo já correu pros carro, pegou logo os revólver, e só foram atrás dos carro assim, Pá! Pá!

- Pegou...

Paulo – Os cara correndo, os cara do outro time, daqui a pouco cobrindo de polícia... ssss... Um monte de polícia aglomerando... Vixe!... Vagabundo correndo, pulando muro, caindo no quintal, correndo, todo mundo armado... Aí foi e deu um tiro, só acertou foi na perna do cara lá, o que queria matar o juiz...

(Émerson e Edson tentam ler o que a observadora escreve)

(bocejo alto)

Paulo – Depois teve uma treta das quebrada lá, do Tupi lá, os cara do Tupi tava em guerra com o B.,

- [...]

Paulo - ...uma nhaca! Uns ia dar tiro lá, outros ia dar tiro lá na quebrada deles, [...]

e – Cês tão falando...

Paulo – É... o barato é louco, o barato é louco...

e - ... várias... várias situações em que a violência compareceu aí na vida de vocês... né?

Marcelo - É, tem gente que morre por besteira...

Edson – Teve, teve uma vez que até... acho que até eu [...] agradeci que eu era do mundo do crime, viu? Que eu tava ali... armado... tipo... gosto de... gosto de ir pro baile direto aqui no Tatuapé, o Projeto Radial...

e – Posso só falar um negocinho? O nosso tempo hoje tá, tá concluindo aí já gente...

(a porta se abre)

e – Oi? (para funcionário)

(funcionário aponta para o relógio)

e – A gente já tá concluindo... (para o funcionário) né? (para o grupo)

(a porta se fecha)

e – O nosso tempo hoje já tá encerrando, já deu mais de uma hora... que a gente tá aqui conversando, né?

Émerson – Passa rápido, né meu?

e – Então, se alguém mais quiser é... comentar sobre a história de vocês...

Paulo – Ô Pedro, comenta sua história aí...

e – [...] sem querer interromper você, tá Edson...

Paulo – [...] comenta sua história...

e – ... só que a gente tá concluindo mesmo, tá?...

Marcelo – Comenta das suas muitas passagens...

Paulo – Vai Pretinho, pode falar...

(como Pedro não mostrava intenção de falar, o entrevistador faz sinal para Edson)

Edson – Então, aí uma vez eu fui pro... Projeto Radial aqui né? É meio [...], aí acho que fui eu e acho que seis, aí tinha sempre a banquinha⁴⁷, né? Mas aí nesse dia foi a banquinha mais fraca, fomo em seis, né? Três mulher e três maluco e tal, beleza! Daí tinha um maluco lá que ele tava solteiro lá né? E ele tava muito louco, muito louco! Bebeu uns goró ficou muito louco, né? Aí, tava eu trocando idéia com uma mina aqui, outra mina ali, uma mina aqui, outra mina ali... daí a mina deu asa prá ele, ele catou foi trocar idéia com a mina, daí já rolou um beijo, na hora que essa mina viu, “É, que não sei o quê! O bagulho vai ficar louco prá você...”, daí chegamo lá, bolamo uma idéia⁴⁸, e tal e não sei o quê, daí eu... o maluco passou e “Não, não! Firmeza e não sei o quê, é que eu conheço vocês há miliano⁴⁹ e tal e não sei o quê, já era e tal...”. Daí esse... maluco que tava com nós tava tão bêbado, que voltou nesse cara aí “Você aí mano! Cê é o maior corno, chifrudo, vê o que você pode fazer comigo lá fora...” (risadas) É... e tal... muito louco, muito louco e tal... (alto) Beleza! Passou... Cabou o baile, cinco e meia da manhã... “Beleza! Vamo embora, né?”, até então nem tinha sabido que ele voltou e falou isso pro cara, né? A hora que eu vou saindo... vixe! Formou a maior roda! 25 maluco! Eu falei: “Nossa Senhora! Quê que vai acontecer agora, né mano?”, “É, meu, cê falou que, que era prá mim ver, que eu era chifrudo,

⁴⁷ “banquinha”: de “banca”; grupo de amigos ou colegas

⁴⁸ “bolar uma idéia”: conversar, “trocar idéia”

⁴⁹ “miliano”: de ‘mil anos’; muito tempo

que, que [...] quê que eu vou fazer...”, eu falei, “Vixe! O bagulho vai engrossar...”, aí eu falei assim “Vou até sair de canto, né? Saí de canto, fui lá no carro, peguei o revólver, aí eu falei “É, seja... o que Deus quiser... né? “

(risadas)

Edson – “Tem 16 tiro aqui, quem vir prá cima de mim vai... vixe...! Tomar chumbo...”

Émerson – Isso daí [...]

Edson - Aí o bagulho foi o seguinte, aí catamo, “Ah! Vamo [...]”, aí já começou a vir prá cima do maluco, aí eu falei “Ah! Mano, peraí! Vamo resolver na idéia! Vamo resolver na idéia...”

e – Do maluco ou de você?

Edson – Não, do maluco, mas tava, tá ligado? Tava nós três aqui na rodinha, meu, e uns vinte maluco assim! Daí eu, os maluco vindo prá cima, aí eu falei “Não! Calma aí! Vamo resolver na idéia, tal...” E eu vendo lá embaixo... a viatura vindo, né mano? Aí, que que eu calculei? “Ah! Eu vou dar dois tiros prá cima, a polícia vai vir num pau da porra, prá querer saber que que foi, e é na hora que a gente sai fora, né? Aí beleza! Aí os cara veio... “Mas acontece o seguinte, truta⁵⁰, não vai relar a mão no maluco não...”, “Ah, por quê? Quero ver fazer eu não relar!”, daí eu catei, dei dois tiro pro alto e... e saí correndo! Nem quis saber do maluco também, nem quis saber dele, truta, catei e saí correndo... e aí nisso que a polícia ouviu já veio, já veio dando tiro também e tal... daí eu entrei dentro do carro, esse maluco, o... meu ex-cunhado entrou dentro do carro também, e as mina já tava dentro do carro, e fomo embora mano! Daí depois... o maluco chegou na quebrada bebinho... os cara nem bateram nele, mas ele foi preso, tipo... ele foi preso... (todos muito atentos)

Émerson – Levaram ele prá delegacia só...

Edson – É, só foi prá delegacia, tá ligado?

- Só prá dormir [...]

Edson – Ficou lá até meio-dia, depois foi embora...

Émerson – Deu prá tirar um bom proveito...

Edson – É foi, acho que... aquele dia lá, eu ia ficar deformado...

Paulo – Ia apanhar até de óculos...

Edson – É, ia ser igual carro, ia dar PT meu!

e – Ia dar “PT”?

- Ia dar PT...

Edson – “Perda total”...

e – Ah! “Perda total”... [...] Pedro, você ia falar... ou não?

Pedro – Não...

e – Não... Certo.

Émerson – Pode falar, Pretinho, se não cê [...]

e – Não, acho que a gente tá... tá concluindo...

- [...] (vários simultaneamente)

e - ... a gente tá concluindo.

- [...] (vários)

- [...] menores infratores...

- Essa foi péssima!

Edson – Deixa eu ver, senhora, o tanto... (para a observadora)

Émerson – Nada, minha mina tem um monte de [...]

Edson – Nossa! Cê é louco!

⁵⁰ “truta”: amigo.

Emerson – [...]

e – Certo...

Emerson – Tem muitas coisas aí... (baixo)

e – Certo... Anham... Então a gente tá encerrando mais esse grupo hoje, né? A gente tem mais um encontro, próxima quinta-feira, espero... nesse mesmo horário, tá certo? E... que que vocês acharam?

Edson – Bom!

Emerson – Legal!

e – Legal? Acho que a Marina, contribuiu aqui anotando, né?

Paulo – Que nem hoje, ...

- Hoje nós tá [...]

Paulo – Hoje, hoje era tranca aí, sr. ...

- É...

e – Certo...

Paulo – Aí é bom, nós vem prá cá...

- Distrai a mente...

Paulo – Aí distrai com a mente...

e – Anham...

Edson – Tava lá...

- Isso ainda [...]

Edson - ... no quarto...

- [...]

Edson – Tava lá no meu quarto, tava lá no meu quarto lá...

Paulo – Bem... [...]

Marcelo – [...] bom, sr. ...

Edson – Tava lá no meu quarto lá só pensando...

- [...]

Paulo – [...]

Edson – Não! Agora... depois que eu recebi a notícia eu só fico assim, “É, eu vou embora... faz um [...] (risada) ... eu vou embora...

- O moleque já tá prá ir embora aqui, sr. ...

e – É...

Edson – Aí eu falo: O quê que eu vou fazer... lá fora?

e – Acho que é uma questão que mobilizou hoje vocês aqui, né?

Emerson – É, porque lá, eu vou falar que...

e – Como é que vai ser a vida lá fora quando vocês saírem daqui, né?

Edson – É, quando eu, quando a [...]

Emerson – Eu vou falar prá minha família que eu fiz logo um livro...

- Vou logo na USP, né?

(risadas)

Edson – Quando, quando a técnica chega assim, ...

- É mesmo, que somo nós [...]

e – Pode falar que você contribuiu...

- [...]

Emerson – Só quem falou só foi você...

- [...] ler...

Edson – Quando a técnica chega assim...

- [...]
- Eu num falei nada...
Paulo – Foi um cara lá que é vesguinho...
e – Oi?
Paulo – É vesguinho mesmo...
- Vesguinho não, gente...
- [...]
- [...] (vários simultaneamente)
Émerson – Vou colocar um nome de [...]
- Depois tem mais?
e – Ainda não terminou, ainda não terminou! A gente tem mais um encontro a quinta-feira que vem...
Paulo – Mas o sr. vai colocar os nome [...] no livro?
- [...]
- [...]
Paulo – Colocar nós com outros nome?
e – A gente vai colocar outros nomes...
Paulo – E aí o sr. já vai falar prá nós?
e – Se eu vou falar prá vocês?
Paulo – É.
e – Os nomes?
Paulo – É.
e – Acredito que não... acredito que não...
Émerson – Mas se sr. for pôr o meu pode pôr [...]
e – Aí acho que vai depender de lerem... e se identificar... que quem falou o quê, né?
Edson – Caramba, o meu pode colocar Maurício...
e – Han! Han! (risada)
- O meu pode colocar Dimas...
- [...] Dimas
- Dimas o quê?
e – A gente foi falar do passado hoje, né, e acho que levou, levou a gente também a pensar no futuro, né? Achei interessante isso, e falamos bastante da violência, né?
Paulo – É...
e – Acho que violência, de alguma maneira, faz parte mesmo da vida de vocês, e acho que tem a ver também com o tema da minha pesquisa, né?
- Quando, quando o cara rouba, né sr.? A vida dele é só... só vê violência, violência, violência...
- E só criticar também, né sr.?
e – Gente, a gente pode conversar mais então, no próximo encontro?
Pedro – Pode, no próximo então, eu conto minha história, viu sr.?
e – Você fica a vontade... tá bom?
Marcelo – Aí ele já guardou prá próxima...

(levantam-se das cadeiras, os jovens cumprimentam os pesquisadores)

(término: 20:47 h)

Transcrição da 3ª Entrevista em Grupo

UI – 19 – Complexo do Tatuapé

27 de maio de 2004

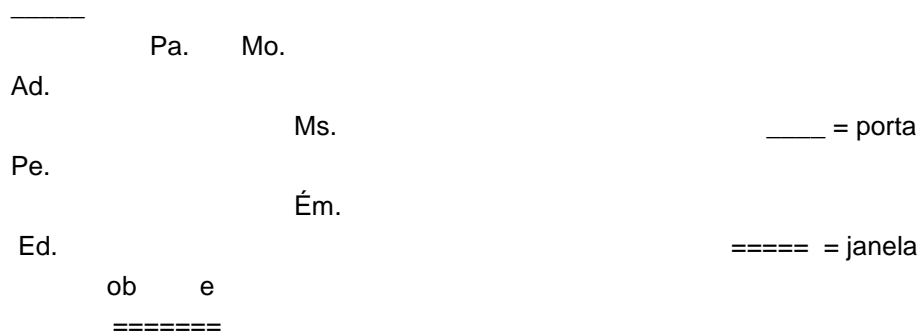
entrevistador: Alexandre Moreira de Souza
observadora: Marina Nairismagi Alves

início: 20:15 h

duração: 1 h 7 min

local: o mesmo das outras entrevistas

disposição espacial:



Observação: antes dos jovens chegarem a coordenação da unidade chamou os coordenadores para uma breve reunião, explicando-lhes que naquele dia a Ala A estava “de tranca” (trancada), de castigo, pois os jovens haviam bagunçado muito, “faltado com o respeito” durante o dia, mas que, como a nossa atividade era de poucos encontros, eles estavam abrindo uma exceção para nós e permitindo aos jovens saírem da tranca para irem ao grupo. Há um grande atraso (1h 15 min) na chegada dos jovens para o grupo, naquele dia o jantar teria começado às 19:20 h para a referida ala.

(início de gravação)

entrevistador - Certo... Como é que estão vocês?

- Nós tá bem. Pelo menos eu tô bem, sr., não sei eles...

e – E os outros?

Émerson – Não tô muito bem não, sr..

e – Não?

- [... ...]

e – O quê que foi? O que aconteceu?

Émerson – Ah! Umass situações aí...

e – Umas situações? (pausa) É? (pausa) Hum... (pausa) Mas dá prá gente fazer o grupo hoje?
- Não, dá!
Emerson – Normal...
- Dá!
e – Ahn?
Paulo – Dá, sr. ...
- Firmão!
- Normal...
e – É?
- Até melhor!
- Ô! Do que ficar ali em cima...
e – Até melhor?
- Até melhor ficar aqui embaixo...
e – É?
- Que hoje era pátio prá nós, sr. ...
- E nós tá de tranca lá em cima...
e – É... eu ouvi falar...
- Nas tranca...
e – Ouvi falar... (pausa) Mas tirando isso...
- Todo mundo... sossegado...
- Tirando isso, tranqüilo...
e – Certo... Então o seguinte, rapaziada... É... Como, a gente combinou, anteriormente, né? Hoje seria o nosso último encontro, né? É...
Emerson – Mas já, sr.?
e – Então, hoje, a gente vai propor prá vocês uma outra tarefa, um outro objetivo, né? Se antes o objetivo foi contar um pouco da história de vocês, hoje a gente vai propor um outro...
Paulo – Mas sr., mas falta ele ainda, sr.! (aponta para Pedro)
(risada)
Pedro – [...] começou, né sr., que eu queria contar da minha experiência também...
e – Pois é, né Pedro!
Edson – O meu tempo já [...]
e – O Pedro até me pediu, no final do último grupo, né? Mas... a gente já...
Emerson – [... ...]
e – A gente já... realizou, né? Dois grupos, prá falar da história de vida, então hoje, a gente tá com um outro objetivo, né? Se o Pedro quiser falar, acho que ele vai ter um espaço prá falar, mas dentro desse outro objetivo... Tudo bem Pedro?
Pedro – Tudo bem.
e – Só que assim, a gente tava pensando... que talvez um encontro só, não seja suficiente prá vocês falarem, é... a respeito desse outro objetivo, como no primeiro encontro também não foi suficiente prá falar a respeito da história de vida, me pareceu, né? Então a gente tava querendo ver com vocês, o que vocês acham da gente realizar mais um encontro, um quarto encontro na semana que vem?
- Prá mim beleza!
- Prá mim beleza...
- [...]
e – Nesse mesmo horário.
- [...]

e – Mateus?

Mateus – Firmeza.

e – Émerson?

(afirmativo)

e – Tudo bem?

(afirmativo)

e – Marcelo?

Marcelo – Normal.

e – Tudo bem?

- Normal, sr..

Émerson – Mas nós vai tá falando sobre o quê, sr.?

e – Então, aí a gente vai ver o quê que vocês vão falar nesse quarto encontro, né? Hoje, eu já vou falar o quê que vocês vão falar, tudo bem? Aí nesse quarto encontro, fica digamos assim, prá gente saber no quarto encontro mesmo, tá? (pausa) Como se fosse uma surpresa, pode ser?

Émerson – Ô! Quanto mais surpresa melhor ainda...

e – É? Certo... Não vai fugir muito assim do objetivo da pesquisa, né? (silêncio) Então tá! Então pode ser então assim, rapaziada?

- Pode! (vários)

e – Podemos combinar mais um encontro?

- Pode...

- Ô!

e – Certo... Então hoje a gente tá começando um pouco mais tarde, né? 8:15 h, né?

Émerson – [...] senhora?

- 8:15 h só?

e – É. Anham... A gente costumava começar umas sete e meia, por aí, né?

Émerson – [... ...]

e – Talvez hoje seja o encontro até mais curto, por causa disso, né?

Émerson – Pode ser, pode ser...

e – Né?

- Prefiro tá aqui do que lá em cima...

e – Certo, né? Então vamo lá... O objetivo de hoje então é um pouco diferente, do objetivo do outro dia, né? Um pouco maior... eu vou falar mais coisas, não é um objetivo curto, é um objetivo que eu vou falar bastante, tá?...

Émerson – Agora vai ser a vez do sr.?

e – Oi?

Émerson – Vai ser a vez do sr., agora?

(risadas, inclusive do e.)

e – Vai ser a minha vez de falar e de vocês ouvir?

- É...

e – Ah! Você queria assim, Émerson? Ahn?

Émerson – É, falar um pouco também, né sr.?

e – Ahn? Queria que eu falasse um pouco também da minha vida... por aí?

Émerson – As batalha, né sr.? As consequências da vida...

e – Certo... Anham... Bom, interessante, né? Essa sua colocação... Mas assim, a gente tá aqui, na realidade a gente tá com um outro objetivo, seria mais assim de escutar vocês, né? É... Interessante você querer isso de me escutar também...

Émerson – É...

e – Tipo...

Edson – Aprender um pouco mais, também, né?

e – Oi?

Edson – Prá gente aprender um pouco mais também, né?

e – Opa!

Edson – Não só pelo sr., mas a sra. também falar um pouco, né?

(risadas)

- É... (vários)

- [...]

e – Anham...

Edson – A sra. só [...]?

- Só escreve...

Edson - ... não fala nada?

e – É... é o papel dela aqui no grupo, né? O papel dela é o de anotar, prestar atenção... né?

Emerson – Cada um tem seu espaço, né, sr.?

e – Isso...

Emerson - O dela é escrever, o do sr. já é explicar, o nosso já é falar...

- O [... ...] nós...

e – Isso...

Edson – E o do gravador é prá gravar...

e – E o do gravador é prá gravar, muito bem...

(risadas)

e - ...exatamente!

Edson – Nós faz...

e – Cada um, cada um teria, né? Seu papel aqui no grupo... E (alto, falas sobrepostas ao fundo), alguém aqui de me avisar também se ver que tá piscando muito as luzinhas aqui... (da pilha do gravador)

- Se tá piscando...

- Ixe!

Paulo – Quando tiver piscando, Vesguinho, você avisa...

(risadas)

Emerson – Eu não enxergo nada...

Edson – Vesguinho... (risadas) É melhor, é melhor mandar outro...

e – Porque pode tar com a pilha... fraca... a gente vai torcer prá pilha não ficar fraca! Tá bom? Prá não interromper a gente, né? Então... é... mas hoje em dia, a gente tá aqui prá ouvir vocês, na realidade, né? Prá eu falar, o mínimo possível e dar espaço prá vocês falarem! Prá ouvir o pensamento de vocês, as palavras de vocês, o que vocês tem a contar, sobre vocês, sobre a vida de vocês... né?

- Certo.

e – E a Marina tá aqui, prá ajudar a gente a tomar nota de tudo que vocês falarem, e prá entender...

Edson - Mas nem falamos nada, tem um bocado ali!

(risadas)

e – Mas eu tô falando bastante, não é?

- Ahhh...

e - Acho que ela tá anotando o que eu tô falando também...

– Ela anota tudo o que o sr. fala?

e – Isso...

- Ela anota o que [...] falo também... (baixo)

Edson – E ela anota também as ide-, as.... tipo assim, a nossa expressão? Porque as... às vezes eu vejo... vai, o [...] tá falando, na fala de outro maluco, o Paulo, tipo prá ver a expressão do Paulo...

e – Anham... Ela também faz esse tipo de anotação nesse sentido, o que que tá se passando com o grupo? Né? O que que um tá achando...

Edson – Não, a idéia é anotar o que eu falei agora! (risada)

(risadas)

Edson – Tipo, o que eu percebi que tá acontecendo...

e – É... cês tão ficando curiosos sobre o que que ela tá escrevendo, né?

(silêncio)

e – Normal isso, a gente fica curioso quando alguém fica escrevendo sobre a gente...

Émerson – Lembra quando o sr. me chamou, quando o sr. me chamou, lembra o primeiro dia quando o sr. me chamou?

e – Ahn?

Émerson – Tipo, eu pensei que o sr. fazia tipo terapia prá doido assim, entendeu sr.?

(risadas)

Émerson – Como é que foi, sr., que eu falei pro sr.? Não sei se o sr. lembra...? Falei é... você “Sabe o que eu vou [...]?”, falei “É... gente que fala com doido, assim...”, você falou “Não, não... não é isso não... e não sei o quê...”

e – Psicólogo, que fala com doido?

- “Gente que fala com doido!” (risada)

e - Sou psicólogo, né? Então vocês tem uma imagem sobre o psicólogo, também né?...

Mateus – Gente que fala com... gente que fala com doido! (rindo)

Émerson – Porque a senhora fala, a senhora fala...

- Ou! Psicólogo é louco, meu!

Émerson – Porque a minha técnica fala assim...

- [...] (conversas paralelas)

- [...]

- É, psiquiatra [...]

Émerson – Porque a minha técnica falou que eu ia falar com um homem lá, [... ...] prá mim falar com, acho que é psiquiatra, sr., esses negócio?

(pausa)

e – Tem psiquiatra e tem psicólogo, né?

Émerson – Aí no dia que o sr. me chamou tava meio desnorteadado, falei [...]

e - Tá curioso hein Edson... (alto, Edson estava debruçado sobre o caderno da observadora)

(risadas)

e – Tá curioso... Por que que você tá tão curioso assim?

Edson - Não, tipo, porque eu vejo, ela faz... as posição tipo onde que nós tamo, né?

e – Isso!

Edson – Daí ela começa a escrever, daí ela olha a pessoa que escreveu, ou a pessoa que tá falando, acho que fala, acho que escreve o nome da pessoa, não sei...

e – É...

Edson – Daí ela começa a escrever... (risadas)

e – Tem toda...

Edson - ... o que que a pessoa tá falando...

e - ...toda uma técnica, né? Prá pessoa tomar nota, né?

Edson – Mas tipo isso daí se chama o quê?

e – Observador... ela tá no lugar de observador...

- Ela só fica quietinha [...]

e – Ela só fica observando...

Émerson – Tudo o que você faz... aí dá um respiro...

- Tudo que... é...

- Como se fosse uma câmara...

Émerson – Né sr.?

e – Não é como se fosse uma câmara, né? Porque ela ainda raciocina...

(risadas)

e - O quê que vale a pena, o quê que vale a pena ser observado, o quê que não vale a pena ser observado, né?

Émerson – Só as coisas interessantes ela marca, o que vai fazer parte do...

e – Isso...

Émerson - ... da [...] que nós tá fazendo...

e – Isso...

Edson – Tipo as coisas que não tem nada a ver que a gente fala, ela nem marca...

(risadas)

e – Ela, ela sublinha o que ela acha importante que aconteceu no grupo, no sentido também do objetivo da nossa pesquisa...

Émerson – Ô sr. ...

e - ... não é?

Émerson - ... responde um negócio aí prá mim: isso daí vai ficar tipo que nem um livro, não tem o do Carandiru, não sei se o sr. já viu? Tipo vai ficar daquele jeito ali?

e – Não, vai ficar do jeito daquele, daquele livro... Que foi? (Edson estava debruçado sobre o caderno da observadora)

Edson – Não, agora eu li: “O Adriano...”, tava escrito ali...

e – Tá curioso Edson... Que será que ela tá escrevendo sobre vocês, né? Tá escrevendo o que tá se passando aqui...

- Então sr., [...]

e – Vai ficar do jeito, do jeito daquele livro azul que eu mostrei prá vocês, no dia da primeira entrevista que eu fiz com cada um...

Paulo – Mas só esse tantinho aí vai dar aquele livro inteiro?

e – Não... Eu vou escrever, também, do meu pensamento, a partir das teorias da psicologia... né?

- Certo...

e – Tá bom?

Paulo (ou Adriano?) – O livro era desse tamanho, sr.!

e – Isso... Não é um livro só, do que vocês falaram, né?

Paulo – Vixe...

e – É um livro [...]

Émerson – [...] né sr.?

e – Tem que ter bastante estudo...

Émerson – Uma mente bem...

Paulo – Mas a faculdade egigi, sr. ... egigi...

Edson – Egigi, exi...

Émerson – Exigi...

- Exigi...

- Egigi...

- Egigi... exigi...

Paulo – Pede, pede prá fazer [...]?

(risadas)

e – Isso daí, isso daí se chama “pesquisa”. Cês já... (risadas)

Edson – Cê falou tanto que ficou gago...

(risadas)

e – Cês já ouviram falar de “cientista”?

Edson – Já.

e – O quê que faz o cientista?

Edson – Ele... tipo... é... (risadas) ele cientiza a...

Mateus – O cientista, ele inventa umas coisa...

Edson – Não! Mas ele também vê aqueles negócio do... não!... Nada a ver... (risadas), é nanologista isso daí...

- Nano...?

- Nanologista! (risadas)

e – Neurologista?

Edson – Não, não, é outro negócio, deixa!

(risadas)

Edson - Me compliquei... He! He! He! (risadas) Nossa!

e – Tudo bem, a gente, simplifica, né? Então, como se fosse o cientista, como se fosse da neurologia...

Edson – É isso aí o que eu queria falar!

e – Né? Que estuda, estuda a mente, né? Os nervos, o cérebro. Como se fosse o cientista que estuda os produtos químicos, que é o químico, né? O cientista que estuda as estrelas...

Émerson - Tipo...

e - ... o físico, o astrofísico, né? E tem aquele cientista também, que estuda o homem... né?

Émerson – Tipo observador, assim, né sr.? Tipo o que tá se passando ali na hora ele tá observando tudo... né sr.?

e – Depende do cientista, né? No caso nosso aqui, a gente tá um pouco por aí, somos da psicologia, né? Então a psicologia, é como se fosse a ciência da mente humana...

Paulo – Só a mente do doido, né sr.?

(risadas)

e – Não, não é verdade...

Paulo – Ôxe! A menina, a menina lá perto de casa é... que fazia psicologia só mexia com doido, meu!

e – Ah é? É que a psicologia tem vários ramos, né? Vários ramos...

- [...]

e – Ahn?

Émerson – Mas tipo, Santos Dumont ele é um cientista...

e – Santos Dumont...?

Émerson – Ele, ele foi...

e – Olha, eu não posso lhe informar muito bem sobre isso, ele foi um inventor, né?

Émerson – É!

e – Agora, se ele foi um cientista eu não sei...

Émerson – Mas quem inventa as coisa é o que?

e – É um inventor.

Émerson – Mas não é um cientista?

e – Não necessariamente.

Émerson – Vixe! É cada coisa, que... só estudando mesmo prá aprender!

(risadas)

e – É? Mas a gente tem pouco tempo hoje, e é importante estudar prá entender algumas coisas, né? A gente pode aprender outras sem estudar. Mas algumas, é importante estudar, né? Então eu gostaria de propor prá vocês a tarefa de hoje...

Émerson – Ah! Vamo chegar... ao que interessa...

e - Pode ser?

Isso que a gente tá conversando agora é importante também! Tem a ver com, o objetivo da pesquisa, né? (pausa) Mas a gente pode conversar melhor até, no último encontro, né? Quando a gente for se despedir... né?

Marcelo – Mas depois dessa ultima aí, não vai vir mais?

Émerson – Só prá vim ver o livro...?

e – Não... depois da...

Edson – Vixe!....

e – Boa pergunta, Marcelo! Depois dessa última vez... a gente peça de tar vindo aqui, prá dar tipo, como se fosse um retorno, prá vocês, né? Então olha...

- Ah! Até aí eu já fui embora...

e – Corre-se...

- [...]

- [...] tá retornando...

e – Corre-se o risco de vocês já terem tido liberdade...

Émerson – Só vai tá aqui eu e o Pezinho...

Paulo - Eu tô ainda, sr. ...

Edson – Eu já fui embora...

- Se você quiser ficar aí [...]

e – E aí, quando a pesquisa ficar pronta, né? Quando aquele livro azul ficar pronto, aquele livro grande, né? Aí também eu trago o livro, só que isso vai demorar mais ainda...

- Um ano?

e – Por aí...

Émerson – Eu tô aí ainda...

(risadas)

e - E aí, se vocês tiverem aqui, com certeza, a gente vai chamar vocês e vai mostrar prá vocês o resultado do trabalho, né?

Pedro – E tipo assim, sr., se lá na USP lá, se a gente for lá prá... tá vendo o livro, eles vai tá... mostrando?

e – Vai... Vai sim...

Émerson – Aí cê vai chegar e vai falar que foi você que fez o livro?

Pedro – Não, eu vou [...]

Émerson – Como que cê vai saber que... [...]

Pedro – Tem uma biblioteca, na USP, não tem?

Émerson - ... que foi o que nós fez?

e – Então, boa pergunta a do Émerson, né? Como é que vai saber que foi, qual livro que vocês tão procurando? Na biblioteca tem um monte de livro... né?

Marcelo – Como, como que vai ser o nome desse livro?

e – Boa pergunta também!

Paulo – O nome do sr. aí, né sr.?

e – Isso! Muito bem, Paulo, muito bem! Procura pelo meu nome, né? Por quê? Porque o nome ainda do livro, não tá pronto, eu tenho só um título provisório, que é aquele que eu falei prá vocês...

Edson – É grande, eu esqueço!

e – É grande, até eu esqueço! É grande...

Emerson – É meio complicado...

e – É meio complicado,

- Não é meio não, é inteiro complicado!

(risadas)

e – É um pouco complicado, né? Então vocês procurem pelo meu sobrenome... o meu nome completo, eu já falei prá vocês...

- É Souza, né?

e - ... que tá com a Leninha⁵¹, e o meu último sobrenome que é Souza, né? Cês procurem...

Emerson – Vixe! Eu não sei nem o primeiro nome, sr.!

- Alexandre!

- Alexandre...

- Alexandre...

Emerson – Alexandre.

e – Anham. Não sabia? Tinha esquecido? Muito bem! É bom lembrar... Alexandre, Marina (apontando)... Vocês procurem: Souza, e aí, Alexandre, tá? Porque a classificação é pelo último sobrenome de cada autor...

- Esses nomes, sr., particularmente...

e – E aí, qualquer coisa, vocês pegam por escrito o nome, né? Com a técnica, ou comigo mesmo, no último dia, ou põem no pertence de vocês, que vocês falaram que não pode levar nada lá prá cima... então põem no pertence de vocês, né?

Emerson – E manda embora prá casa...

e – Isso. Quando vocês tiverem em liberdade vocês vão ter o nome, vão ter o instituto, o lugar, e vocês vão poder procurar assim, na biblioteca...

Marcelo – Essa USP não... o bairro... que você falou assim... fica [...]

e – Não, não, é... perto do bairro Butantã.

Emerson – Butantã... é o maior rolê!⁵²

- Vixe...!

Paulo – É o que, sr.? Zona... zona... o quê?

e – Zona Oeste.

Paulo – Zona Oeste?

e – Zona Oeste.

- [...]

- [...]

- Ah, eu sei onde que é!

Edson – Eu sei, eu já fui lá...

(bocejo alto)

⁵¹ Encarregada técnica da unidade, psicóloga.

⁵² "é o maior rolê": é muito longe; dá o maior trabalho para chegar lá; é distante

- [...]

e – Pessoal... Vamo prá tarefa, então?

Émerson – Vamos lá! Tô curioso prá saber...

Edson – Eu também!

e – Então tá! Muito bem! Nosso objetivo hoje então... é falar sobre as histórias que vocês ouviram quando vocês eram crianças... tá?

Marcelo – É falar...

e – Que vocês falem sobre as histórias que vocês ouviram... quando vocês eram crianças...

Marcelo – Sobre o quê?

Émerson – Qualquer história?

e – Muito bem, eu vou, eu vou, especificar melhor... tá? Então por exemplo: quais as histórias que vocês escutaram quando vocês eram crianças?

Émerson – Do Pinóquio...

e – Por exemplo...

Émerson – Mula sem cabeça...

e – É?

Marcelo – Chapeuzinho (baixo)

Émerson – Tem vários...

e – De quais dessas histórias vocês lembram, a história?

Marcelo - Vixe... lembro se pá de todas, de quase todas...

e – E se vocês puderem, prá vocês contarem...

Edson – Vixe...

e – Prá vocês contarem aqui no grupo, a história...

Marcelo – A de Chapeuzinho [...] do Lobisomem [...] eu [...]

Émerson – Essa daí eu sei, eu sei a de Chapeuzinho...

Marcelo – Eu também...

e – Ahn?

Edson – A dos Três Porquinhos...

Marcelo – Também sei...

Edson - ... a dos Três Porquinhos...

Marcelo – João e Maria...

- João e o Pé de Feijão...

e – Muito bem! Muito bem... muito bem, muito bem, por aí, tá? Só que eu continuo... continuo especificando o objetivo, né? Assim... que tipo de histórias que vocês mais ouviam quando vocês eram crianças, né? Se eram esses tipos de histórias que vocês falaram agora, né? Que são os contos de fada... né? Ou, de repente, são outros tipos de histórias também, que vocês podem se lembrar... como lendas... né? Lendas às vezes brasileiras, ou de outros lugares...

Edson – Lá, lá na minha quebrada lá tinha, tinha um tambor em cima da laje lá, eles falavam que saía o Homem da Bengala de lá de dentro...

e – Isso, isso é uma espécie de lenda, né?

Edson – É, é uma lenda...

- A lenda da Loira do Banheiro

- A Loira do Banheiro...

- Vixe!

Mateus – A Loira do Banheiro...

e – Outro tipo de história...

Mateus – Ou! Nada a ver esses barato aí... Aham! (risada) (baixo)

e – Outro tipo de história, seria assim, tipo histórias da Bíblia... ou histórias que vocês ouviram na escola...

Edson – Eu não sei não... (baixo)

e - ... que o professor contava histórias em sala de aula...

Émerson – O Davi lá que matou o gigante...

Marcelo – [... ...]

e – Isso... Ou então, ou então histórias que... que o pessoal contava da família de vocês... o pai de vocês contava, a mãe... tio, tia... avô, avó... primos... os parentes de vocês que contavam histórias prá vocês. Pode ser de qualquer tipo, inclusive histórias da própria família...

Edson – Ah! Minha mãe contava quando eu era pequeno prá mim crescer sabendo [...] que eu era adotado, era a única história que minha mãe [...] contava, só isso...

Marcelo – É... lá... quando eu era pequeno minha mãe falava assim prá mim não ir prá rua que tinha o velho do saco, que catava a criança e colocava no saco e levava embora...

(risadas)

Edson – É... o velho do saco preto...

Marcelo – Minha mãe falava isso daí...

Edson – Foi... do saco preto...

e – Então, esse é um tipo de história, né?

Émerson – Vixe...! É embaçado[...]

e - ...Mas tem também aquele tipo de história que vai contando sobre a vida de outras pessoas...

Eu só tô diferenciando os vários tipos de histórias, né? (conversas paralelas e risadas ao fundo)

Edson – Tá certo...

e – Oi?

Paulo – Eu falei que prá lembrar é difícil... (baixo)

Mateus - Prá lembrar é difícil...

e - A gente vai ter bastante tempo prá lembrar... [...] devagarinho, acho que vocês podem... ir lembrando...

Paulo – [...] uma aí, Vesguinho!

- Ah! Mas eu acabei de falar! Eu acabei de falar... Não tá passando nenhuma na mente... (baixo)
(comentários, risadas ao fundo)

e – Também seria importante a gente ver, de quem que vocês escutavam essas histórias... Quem que contava mais histórias prá vocês? Né?

Émerson – Meu pai e minha mãe...

Edson – Minha irmã também contava... minha irmã contava também...

- Minha avó.

Marcelo – Minha avó, meu pai...

Edson – Ah, minha avó...

Émerson – Da minha família acho que... minha avó só uma vez só...

- Minha bisavó, só que ela [...]

- [...] vi só uma vez só...

- Minha bisavó vi ela só duas vezes, minha outra bisavó, só vi uma...

e – E aí, em quem contava histórias prá vocês, pode incluir avô, avó, bisavó, gente da família, gente de fora da família...

Émerson – Até colega?

e – Colega, amigo... né?

- Padrinho...?

e – Padrinho, pastor, padre...

- Madre...
e – Madre...
- Comadre! (risada)
e – Comadre...
Edson – Padrinho...
e – Pode incluir também, histórias que vocês ouviram, do rádio... ou mesmo da televisão...
Edson - Aquele lá... o...
Émerson - A televisão! A televisão! [...]
- [...] (vários ao mesmo tempo)
- [...] história do Linha Direta...⁵³
e – Certo, rapaziada?
Edson – Certo.
Émerson - Gil Gomes⁵⁴, aquele... [...]
Marcelo – É! Gil Gomes!
e – É por aí... a gente gostaria de saber de vo-
- [...]
- [...] Eli Corrêa...⁵⁵
e – Ahn?
- [...]
- “Aqui-Agora”⁵⁶[...]
Paulo – o João, o João... como é que é o nome daquele cara lá?
- João Grilo...
Paulo – João Kleber?!⁵⁷
- João Kleber (dois, simultaneamente)
- É... (risadas)
- Tonho da Lua⁵⁸[... ...]
Émerson – Então... deixa o sr. terminar aí...
e – Já terminei!
(risadas) (comentários)
- Sai quente aí... das idéia...
Edson – Vai Vesguinho!
Paulo – Sai quente das idéia!
Edson - Conta aí a do João lá...
Marcelo – Dá a testa aí!⁵⁹
Émerson – Eu não sei de história não...
- Conta então [...] da Lua!
(silêncio)

⁵³ “Linha Direta”: programa semanal da Rede Globo, que aborda crimes realizados e cujos principais suspeitos encontram-se foragidos.

⁵⁴ “Gil Gomes”: repórter policial, faz reportagens que se assemelham a narrativas de histórias de suspense

⁵⁵ “Eli Corrêa”: radialista popular e famoso; conversa com donas de casa sobre problemas de relacionamento.

⁵⁶ “Aqui-Agora”: programa televisivo precursor de outros programas de conteúdo policial-sensacionalista, no qual Gil Gomes trabalhou por vários anos

⁵⁷ “João Kleber”: apresentador de programa de variedades da Rede TV!. Muitas vezes com conteúdo considerado apelativo sexualmente.

⁵⁸ “Tonho da Lua”: personagem de “novela das seis” da Rede Globo, vários anos atrás.

⁵⁹ “dar a testa”: expressão de uso comum na Febem; tomar a dianteira, ser o primeiro, ir na frente

- [...]

(pausa)

- Conta umas história aí, meu!

Mateus - Conta aí, [...] vai lá meu!

Marcelo – Conta do da Lua aí meu...

Edson – Não, do da Lua não... (baixo)

Émerson – Esses cara fala, fala, né sr.? Quando chega na hora do assunto...

Pedro - Esquece...

Émerson - ...ninguém fala mais nada!

Marcelo – Prá contar... prá contar a história do Chapeuzinho Vermelho, sr.! Todo mundo tá careca de saber essa história!

Émerson – Mas ele quer ver [...]

- [...] (várias vozes, alto)

- como que você ficou sabendo dela...

- ...como que você se expressa...

Marcelo – Ah... Como que eu fiquei sabendo? (alto) Foi minha mãe que me contou... (pausado, baixo)

- [...]

- Conta...

- Mas conta...

Marcelo – Ela contava prá mim...

- Conta!

Paulo - Conta aí como é que era...

- Conta aí!

e – A mãe contou, né? Isso é interessante... a mãe contou prá você o Chapeuzinho Vermelho?

Marcelo – Anham.

Émerson – Minha mãe cantava uma música lá que eu nem me lembro mais prá mim dormir, meu! (risadas)

Marcelo – [...] música, também...

Émerson – Nem lembro mais...

Paulo – Vixe!...

e – Uma música?

(risadas)

Émerson – É... daqui... daqui a pouco eu lembro, tá ligado?

(risadas)

Émerson – Daqui a pouco eu lembro, tá ligado?

(risadas)

- [...]

- [...]

Edson – Brilha [...]

- [...] cê vai cantar isso aí?

Edson – “Brilha brilha estrelinha, Brilha brilha sim senhor...” (cantando, voz de criança) É mais ou menos...

(risadas: Pedro)

e – Pode continuar...

(risadas)

Edson – Eu não lembro tudo...

- [...]

Edson – “Brilha brilha es-...

e – “Pilha”?

Edson – “Brilha brilha”.

e – Ah! “Brilha brilha”...

Edson – “Brilha brilha estrelhinha, Brilha brilha sim senhor...” (cantando) É... como que é? (baixo)

- Acaba! Começou termina... (rápido)

Edson – Ah! Não lembro!

e – E você lembra quantos anos você tinha...

Edson – Ah! Uns... 3, 4 ano, por aí...

Émerson – E cê lembra?

- Nossa!

(risadas)

- Cê engatinhava?

Edson – Eu engatinhava...

- [...] (vários)

Edson - Eu lembro, eu lembro... tipo, também... minha mãe, minha mãe me passou no psicólogo prá ver se eu era meio charopinho da cabeça...

(risadas)

Edson – É, passou mesmo!

Marcelo – Eu já passei no psicólogo também...

Edson – E o psicólogo falou não, falou [...] ...

Marcelo – A psicóloga me deu um monte de papel prá eu desenhar assim...

Edson - ... por quê? Porque eu dava muito problema, né sr.? Dava muito problema na escola...

Vixe! Daí o médico falou assim “Ele é muito esperto mãe, ele é sem-vergonha, tal... ele não gosta de, de se expressar, de usar [...] presença e tal...”

Émerson – Ah! Eu acho que eu lembro dos meus negócio depois dos 6 anos, 7 anos de idade...

(por cima da fala de Edson)

Edson - ...né ou?... Eu...

Émerson - E olhe lá ainda... se não for mais velho... (baixo)

Edson - ...eu lembro que...

- Se não for lá pros 12 [...]

Edson – Eu lembro coisas do prézinho, quando eu quebrei o braço, no prézinho... No prézinho eu quebrei o braço... daí ele falou tipo, daí ele falou prá minha irmã, prá minha mãe... “Ele parece que tem memória de elefante, que... ele lembra de umas coisas que... meu Deus do céu!”

- [...]

Émerson - Tem uma nega lá que...

Marcelo – Como cê sabe que é elefante mesmo?

Edson – Ah! E eu vou saber? Ele falou tipo nessas palavra aí...

e – Vocês tão falando assim tipo das primeiras memórias que vocês têm? É isso?

- É!

Edson – É.

- É.

e – Vocês dois tavam falando, né?

Émerson – É, acho que já, tem...

Mateus - Lá por 10 ano...

Émerson – Lá por 10 ano, 7 ano, 8 ano, que eu começo a lembrar as coisas...

Marcelo - Ah! Não, com 7 anos eu já lembro de tudo...

Émerson – Com 5, 4 anos já não lembro de nada...

Edson – De 5...

Mateus - Só lembro dos 10 ano em diante... [...]

Edson – De 5...

Émerson (ou Marcelo?) – [...] eu ficava trancado... [...] ô...

Edson – De 5 ano, de 5 ano eu lembro que...

- [...]

Edson – Eu lembro de quando minha mãe separou de meu pai... (alto) daí eu fui morar no apartamento lá... aonde que eu moro agora, tal... daí eu... tipo no, na lavanderia assim... o muro era um pouco mais alto, era tipo aqui (mostra), eu não conseguia alcançar, né? Daí eu falava prá minha mãe: “Mãe, daqui a pouquinho eu vou conseguir passar desse muro aqui, tal, conseguir ver ali em baixo...”. Ou! Lembro várias coisas, meu...

Émerson – Ah, eu lembro lá que a avó do meu colega lá... do Rodrigo lá, ela falava assim, que... mulher do olho verde era traíra, ela falava prá mim e mais ele, prá mim e prá ele... “Não confia em mulher do olho verde não, hein?”, “Mas por quê?”, “É tudo traíra...”⁶⁰. Tenho isso daí dentro da minha cabeça até hoje!

e – Quantos anos você tinha? Você lembra?

Émerson – Ah! Uns... 13 anos... [...]

- Nossa!

(risadas)

Émerson – Falava a velha que... mulher do olho verde é traíra...

(risadas)

- Ontem!

Émerson – Ontem o quê? Tenho 17 já meu...

- A bem dizer ontem!

- Ontem...

- Ahn!

- A bem dizer ontem, rapaz!

Émerson – Faz 4 ano já... ou!

- [...]

- [...] 4 anos...

- [...]

Pedro – Eu com... com 7 ano eu furei a cabeça da minha irmã... com um prego...

Marcelo – E eu furei a minha, na escola...

e – Desculpa, eu não ouvi... (para Pedro)

Pedro – Eu eu eu, com 7 anos, furei a cabeça da minha irmã, com um prego...

e – É? (baixo)

Émerson – Ó! [...] entendeu, sr.?

- [...]

Pedro – Jogando bola, aí não tem aquela brincadeira de roubar bandeira?

e – Roubar bandeira?

Pedro – É.

e – Não conheço, como é que é?

⁶⁰ “traíra”: traidora (nome de um peixe carnívoro brasileiro, cf Minidicionário Aurélio)

Pedro – [...] tem duas bandeira, né? Coloca uma dum lado outra do outro, aí cê tem que passar do outro lado e pegar a bandeira e passar pro outro lado...

Marcelo – É... aí fica um grupo dum lado e outro do outro...

Émerson - ... é, aí fica um do outro, tipo um time de futebol, entendeu?

e – Sei.

Pedro – Aí [...] passei [...] veio querendo discutir, aí eu dei um tapa no pote dele, na cabeça do maluco, aí do nada eu pisei num prego, aí pegou na sola do chinelo, [...] meu pé, porque eu tirei a madeira [...], aí eu olhei prá cara dela já enfiei o prego, [...] o prego com tudo na cabeça dela [...] (rápido, vozes fora da sala)

- Mas prá quê meu? [...] (vozes)

- [...]

Pedro – Outra eu quebrei o braço, quebrei [...] o braço, aqui assim...

- [...]

Pedro - ... jogando bola [...]

- Já quebrei o braço, quebrei a perna [...] (baixo)

- E...

e – Você tá falando das suas memória aí... cê lembra qual que era a idade, quando aconteceu isso?

Pedro – 7, 8 anos.

e – 7, 8 anos...

Émerson – [...]

- [...]

Émerson – [...] (baixo, vozes)

e – Não... ele tá forte...

Pedro – E eu lembro, tal, de brincadeira de pião, tal, brincadeira de pião, não sabia jogar, não sabia rodar... aí ia rodar pegava nos outro, aí a mãe dos outro ia na minha casa, falava prá minha mãe: “Ah, teu filho quase, querendo furar o olho do meu filho e não sei o quê, vê se pega esse moleque e [...] e tal”

Marcelo - [...] todo dia [...] eu quebrava mesa, todo santo dia! [...] todo dia quando eu voltava da escola eu apanhava [...] Ó! Não tinha um dia que eu não apanhava!

Pedro – Os outro tudo [...], entendeu, sr.? Da escola eu chegava... com treta na escola e tal... quando chegava em casa... aí o o o já já, o diretor já tinha ligado e falado com minha mãe, aí eu chegava em casa o meu pai me pegava, com cinto “O quê que cê tá aprontando na escola? Quebrando as cadeira e tal e não sei o quê!” (interpretando seu pai gritando) Depois com uns 9 prá 10 anos eu comecei a quebrar os vidro da escola... [...]

- [...]

- [...] (sobreposições)

Marcelo – Vixe! [...] Vixe, eu zoava! Eu ia prá escola, tal, aí eu... começava a zoar, aí dava a hora do recreio, eu entrava na sala de aula, eu pegava uma pá de coisa tudo das mochila de todo mundo e trocava! Trocava só prá ver, catava o caderno dos outro, começava a riscar, arrancava folha... (risadas) mexia na bolsa da professora, jogava tudo no chão... Nossa! A professora ia sentar tinha um monte de coisa... (risadas: Paulo e Pedro) Nós dava nó no cabelo da professora, na escola...

- Ai...!

Marcelo – Nossa! Eu aprontava prá caramba! Aí teve uma lá, tava tendo aula vaga... aí tinha 3 pessoa assim aí o [...], sabe aquele salgadinho de papel? Aí eu comecei a jogar... aí ficou eu e outro moleque jogando, aí caiu embaixo das carteira assim, aí eu prá abaixar prá catar bati a

testa, aí furou a testa, aí eu olhei prá ele assim, aí ele ficou me olhando assustado assim... daí eu “Que que foi?”, daí ele ficou me olhando, daí eu passei a mão assim... vermelho, né? Daí eu “Caramba!”, daí eu sei lá... [...]

Edson – [...] Os malucos contam cada história cabulosa... ⁶¹ histórias... (desmerecendo as histórias contadas)

(risadas)

e – Você acha que a história dele [...]?

– Ah não, [...]

Edson – A gente colocava umas bexiga assim, tipo meia murchinha, aí quando ela sentava daí... Bler...! (risadas)

Pedro – [...] Eu pegava aranha, sapo, sr., na escola, eu pegava um sapo e colocava, dentro da gaveta, quando ela puxava...

- Um sapo?

Pedro - É, um sapo... colocava um sapo e colocava lá dentro, colocava lá dentro... na cadeira colocava umas tarrachinha...

Émerson - Cê ia pescar?

Mateus – Ou se não chiclete, né?

Émerson – Eu grudava chiclete no cabelo...

- [...] (risada)

e – Oi?

- [...]

e – Oi?

- [...]

- Ei, sr. ...

Émerson – Eu grudava no cabelo, chiclete...

e – Grudava no cabelo, chiclete?

- [...]

Edson – Lá no, no [...] eu, eu fiz isso daí...

Émerson – [...] Ou então colocava na cadeira, sr., colocava na [...] assim, ó! Cada história que falava prá nós assim, eu tô pensando agora, e nós acreditava em tudo, né? Quando era pequeno... falava uma história prá nós, e nós colocava aquilo ali na cabeça, e ficava... um bom tempo, mas depois nós vai crescendo...

e – Que tipo de história você tá falando, Émerson?

Émerson – Ah, sr. essas história aí de conto de fada aí, sr. ... ou então de...

(risada)

Marcelo – De bixo-papão...

Émerson – De bixo-papão... e não sei o quê...

- [...] (alto, vários simultaneamente)

Mateus – Da Loira do Banheiro...

Émerson – Quando cê é pequeno, cê vai pondo aquilo ali na mente, aí daí uns dia, cê vai crescendo, cê vai...

(risadas)

Edson – A história do [...] Tonho da Lua aí...

Émerson – Que você vai...

⁶¹ “cabulosa”: termo de uso comum na Febem; que causa espanto, assustador (de “cábula”, azar, cf Minidicionário Aurélio)

e – Que história?

Edson – A história do trem da lua...

(risadas)

e – Trem da Lua?

(risadas)

Edson – [...] Tonho da Lua.

e – Homem da Lua?

- Trem da Lua! (risadas)

Edson – [...] Tonho da Lua...

e – Uma história que vocês...

- Ronaldinho, Ronaldinho, Ronaldinho...

(risadas)

- [...] (vários comentários, sobrepostos)

Edson – O quê que é, Émerson?

Émerson – Ou! Fica se rachando aí... maior...⁶²

- [...]

Émerson – [...] Não, fala prá ele aí, sr., sem postura, não é não? O cara [...]

- [...] e você?

Émerson – Não tá falando assim? Você não acha que é falta de respeito?

- Ele tá querendo rir!

Émerson - Ele tá querendo rir, né meu? Eu tô aqui, eu tô falando aqui pro sr., aí o outro já tá dando risada aí... mesma coisa, ele tá falando, eu tô dando risada aqui, o quê que eu vou pensar?

Pedro - Você não tem palavra aqui... (para Émerson, baixo)

- [...]

e – Você acha que tão te interrompendo, Émerson?

Émerson – Ah! Claro que tá, sr.! Se não não tava falando, né?

e – Certo....

Émerson – É uma opinião minha, né sr.? Se eles quiser respeitar eles respeita, se eles não quiser... Não posso fazer nada não, né sr.?

e – Não, [...]

- [...]

Émerson – É, sr., porque é o seguinte, um tá falando, então, vamo prestar atenção, né, na história dele, agora um tá falando o outro já fica se abrindo, dando risada aí, até de óculos, aí já atrapalha um pouco, cê já não fica pensando bem... isso atrapalha um pouco o seu pensamento...

e – Você tá colocando que atrapalha um pouco o seu pensamento, né? Mas será que eles não tavam prestando atenção no que você tava falando?

Émerson – Ah! Prá mim não, sr., tava dando risada aí, sendo que...

Pedro – Tava falando negócio de conto de fada aí... ó!

Émerson – Quê que tem? (pausa) Ahn? (tensão)

- [...] que nós não tá escutando?

Marcelo – Se nós não tivesse prestando atenção, [...]

Émerson – Não eu tô falando [...], eu tô falando do Pretinho⁶³ e daquele ali lá atrás... os outro, os outro mano aqui já tá prestando atenção... postura...

- Ah lá...

⁶² “se rachar”: de “se rachar de rir”, expressão comum na Febem

⁶³ Provavelmente Pedro.

- [...]

- [...]

- [...] (sobreposições)

Émerson – Mas vamo continuar, aí... [...] no barraco⁶⁴ nós vai trocar idéia [...]

- [...]

- [...] história aí...

- Não deixa ele falar, então...

Émerson – Não, já era, já era...

- Cê vai deixar o sinal dessa fita agora...

Edson – Não, [...] vai falar agora...

e – Quê que é, Pedro?

Pedro – Ele vai fechar o lado dessa fita agora...

- Da outra também...

Pedro - Então, da outra ele já fechou um lado... da fita

e – Cê tá falando, cê tá falando que se deixar, o Émerson fala muito...?

- [...] (vários simultaneamente)

- [...] de postura aí...

Paulo – Agora fala que nós [...]

- [...]

- [...]

- Nós vai ficar só escutando você falar...

Edson – Só, [...] só você fala agora...

(pausa)

e – Mas interessante, né? Que... você começou a falar de histórias que você ouviu, né? Quando você era criança, que você acreditava nas histórias que você ouvia, né? E acho que eles foram colocando também algumas histórias que eles também ouviram, né? Acho que de repente, pode haver aí uma complementação, né? (para Émerson)

Émerson – Acho que...

e – Quê que vocês acham?

- Pergunta pro sabe tudo! (baixo)

e – Pergunta prá quem?

- Pro sabe tudo...

Émerson – Eu acho que né, sr.? Como se diz, a infância de cada um foi diferente, né sr.? A minha infância já foi diferente da dele, da dele, da dele, cada um teve uma infância diferente, né?

Edson – Cada um se expressa da forma que quer!

Émerson – Entendeu?

e – Cada um se expressa da forma que quer?

Edson – Se eu quiser se expressar rindo, quê que ele tem a ver com isso?

- Nada...

Edson – Se ele quiser se expressar rindo... se ele quiser se expressar chorando... é da conta dele, ninguém pode fazer, falar nada...

(silêncio)

e – Acho que o importante é vocês se expressarem, né? Vocês se expressarem, falarem das histórias que vocês ouviram, essas histórias que foram importantes, histórias que vocês chegaram a acreditar uma vez na infância, né?

⁶⁴ “barraco”: quarto

Marcelo – A história mais cabeluda que eu já ouvi foi da formiguinha!

e – Como é que é essa história, Marcelo?

Marcelo – He! He! (risada) Ih! Sr., nem pergunta, que essa história aí...

Emerson – É longa?

Marcelo – Não, não é longa... é... só tem

Emerson – Coisa que não tem cabimento...

Marcelo – É... Ou! Meu pai falou assim prá mim... É, meu padrasto, “Quando eu era pequeno e tal...”, ele conversando comigo e tal, né? Aí eu falando assim que eu... eu queria uma bicicleta se eu passasse de ano e tal... Que ia ter um... um... tipo um festival de bicicleta na vila lá, entendeu, sr.? Aí eu queria ir também, mas não tinha bicicleta, então, aí ele pegou e falou assim “É, e tal...”, e falando, que ele já participou de vários festival, e tal... que ele foi num concurso [...], que era de matar formiga... e nisso, eu tinha o quê? Eu ia fazer acho que 8 ano! Eu ia fazer 8 ano nessa época... Aí ele pegou e falou assim, que tinha ido num festival de matar formiga e tal, aí eu falei, “E então, como é que foi isso?”, perguntando prá ele prá ver se ele [...], ele falou “Ah! Cheguei em primeiro lugar, e tal... a armadilha prá matar formiga [...]”, eu falei “E como que você fez essa armadilha aí?”, aí ele falou assim “Ah! Eu peguei duas tampinha, né? Duas tampinha, um palito de fósforo e uma pedrinha, numa tampinha eu coloquei sal, na outra eu coloquei cachaça, aí eu coloquei um palito de fósforo atravessado e coloquei a pedrinha na frente...”. Aí eu falei assim: “Mas o que que isso daí tem a ver com a armadilha de matar formiga?”

- Vixe! Que louca!

Marcelo – “Aí que você vai ver...”, eu falei “Caramba! Acho que meu padrasto tá ficando louco...”, aí eu falei... aí ele falou assim “Ó! Presta atenção! A formiguinha veio, aí ela viu o sal, ficou toda contente, pensando que era açúcar, e comeu, comeu, comeu, aí ela ficou com a maior sede, ela viu a cachaça, pensou que era água, e bebeu, bebeu, bebeu... ficou bêbada, deu dois passos, tropeçou no palito de fósforo, bateu a cabeça na pedra e morreu...”

(risadas)

Edson – Ahhh! Gostei...!

Marcelo – Por isso que eu falei que não tem cabimento essa história! [...] a história de um primo meu [...]

Paulo – Só os dois...

Edson – Só por hoje!

Paulo – Só por hoje...

(risadas)

- Só por hoje...

- Só por hoje...

e – “Só por hoje”, significa...

Edson – Que foi boa essa...

- Foi boa...

Marcelo – Só por esse momento...

e – Só por esse momento, porque foi bacana?

- Foi a pampa!⁶⁵

Edson - Só por hoje, sr. ... Porque eu... tenho... outra ainda... melhor... (imitando Marcelo)

e – Você tem uma melhor?

Edson – Não, não tenho ainda não...

(risadas)

⁶⁵ “ser a pampa”: ser muito bom, legal.

- Conta aí meu...

- Conta aí...

- Vai [...]!

Edson – Não, [...] borboleta...

- [...]

- Vai primo...

- Depende...

Edson - O Tonho da Lua tem história melhor...

Paulo – Cê contou duas histórias lá no curso lá, meu...

Adriano - Eu?

Paulo – É, meu! Conta aí!

Edson – Fala aquela lá que parece [...]

Marcelo – Chama o cicatriz [...]

Edson – [...] também...

Mateus – Conta aí!

Paulo – Não tenho [...]

Mateus – Conta aí!

- [...] se prometeu [...]

- [...]

- [...]

Edson – Não, não, tá bom! O Émerson vai contar uma...

e – Cês não precisam necessariamente contar uma história, né?

Émerson – Lembrar, tentar lembrar...

e - Pode só falar das histórias que vocês ouviam também, né? Que vocês já ouviram... que nem vocês começaram a falar enquanto eu tava falando do objetivo... né? Vocês começaram a citar várias, né? Enquanto alguém não toma uma iniciativa, prá contar uma história, pode só falar, as histórias que vocês se lembram que vocês ouviram...

Edson – Ah! Mas tem uma história aí que eu ouvi... não é nada de conto-de-fada não, mas que aconteceu, em cidade do interior sabe que acontece muitas coisas, né?

e – Anham.

Edson – Eu nunca presenciei nenhuma, tava aqui em São Paulo, graças a Deus! Tipo... eu não sei o nome da doença, queria saber até hoje... Tipo... a pessoa tá dormindo, daí pára tudo assim de funcionar na pessoa, daí tipo assim a pessoa parece que tá morta... Aí levaram ela pro necrotério e tal... aí tava lá velando, daqui a pouco a vítima... o morto...

Émerson – O morto levanta?

Edson – O morto levantou, “E aí, o quê que tá acontecendo comigo e tal, tô calmo aí [... ..] já me colocaram aqui no caixão e tal... [...]”

(risadas)

Edson – Daí ele viu que ele tava falando sozinho, né? Que não sobrou nem a mãe dele, que saiu correndo... (risadas) Até a mãe dela, até a velha coitada, caiu no chão, de medo... (risadas) Daí eu queria saber que [...] que é esse daí?

- Acho que o sr. [...] vai saber...

e – É, foi uma história que você ouviu?

Edson – Foi uma história que eu ouvi... mas não sei se é verídica... Mas eu sei [...]

e – Quantos anos...

Edson – Ahn?

e – Quantos anos você tinha?

Edson – Ah! Tinha uns 11 anos...

- É uma massa bruta⁶⁶ essa... (baixo)

Edson – Não! Não é massa não! Mas tem uma coisa, eu sei que tem essa doença [...]

- [...]

- [...] uma doença?

Mateus – Os cara... (risos)

Paulo – Vai passar no Ratinho!⁶⁷

- Não tem uma doença? Eu ouvi falar pelo rádio...?

Paulo – [...] pela televisão... conheço essa história no Ratinho...

- Não, é sério...

- Não é no Ratinho...

Edson – Hein, sr.? Mas não tem essa doença, que pára todos os organismos do corpo, de funcionar?

e – [...]

Edson – Não, não é piada não, tem!

(risada)

Paulo – Passou até naquela novela lá, o... aquela mulher que morreu lá, aí foi enterrar a mulher...

Edson - Mas aí foi lá na novela no Tonha da Lua...

(risadas)

Émerson – Qual que você viu [...], no Ratinho?

Paulo – Essa daí, aí foi enterrar o cara lá, o cara levantou do caixão rasgando, não entendendo nada...

Edson – Tipo... e... aconteceu com uma mulher também... e tal... é, essa daí não deu sorte não, que enterraram ela, aí depois... (pausa) o... coveiro lá, o coveiro lá tava passando e ouviu um barulho nos túmulo, né? Aí falou: “Caramba! O que deve tá acontecendo, né?”, ouviu um barulho nos túmulo, aí chamou o outro coveiro, o coveiro também tava ouvindo o barulho...

Émerson – É piada!

Mateus - Não é piada, não.

Edson - ... tipo batendo, né? Daí “Amanhã, amanhã vamo descavar... amanhã vamo tirar aí, descavar isso daí prá ver o que que tá acontecendo...”. Aí tiraram o caixão, aí quando tiraram o caixão, a mulher cheio de cabelo na mão dela assim, ó! E o caixão todo arranhado.... Foi da, da, da mesma coisa que aconteceu, né?

Marcelo – Cheio de cabelo na mão?

Edson - É...

(risadas: Émerson e Mateus)

Marcelo – Nossa! Hoje eu não durmo! (sincero)

Edson – Não, é sério, o cabelo dela assim, que... por causa que ela foi ficando sem ar, e arranhando, aí começou a puxar os cabelo... não dava prá ela se mexer... aí puxava os cabelo de nervoso, sei lá...

- [...]

- [...] de dentro da mente, né sr.?

Marcelo – Eu já ouvi uma história assim no Ratinho também!

Pedro – Aí sr., negócio de lobisomem ...

⁶⁶ “massa”: mentira.

⁶⁷ “Ratinho”: apelido de apresentador de programa de variedades homônimo do canal de televisão SBT.

Marcelo – Tipo assim, o caminhoneiro tava na estrada e tal, aí o fusquinha tipo bateu, aí tipo a mulher morreu e tal, a mulher e o filho dela, aí tipo ela morreu e aí o caminhoneiro falou que só viu o espírito da mulher falando prá ele salvar a filha, prá ele salvar o filho dela, aí ele disse que ficou com medo e se [...], deixou o filho, e tudo, e saiu fora... [...]

e – Você começou a falar aí entusiasmado, né? Mas acho que o Pedro tava falando, né?

Pedro – Ah! Antigamente, né sr.? Aquelas histórias de lobisomem, né sr.? Em época de lua cheia e tal... sempre os bisavô vinha falando, né sr.? Bisavô não, né sr.? Que eu nunca vi nenhum bisavô, isso daí é só o que meu pai e minha mãe contava, e tal...

e – Quê que eles contavam?

Pedro – Eles tavam vindo da horta, né sr.?

Edson – [...]

Pedro – [...] onde eles plantavam uns negócio, né sr.? Feijão, milho... então, tavam vindo da horta à noite, e tal né? Já era de madrugada já, entendeu, sr.? Aí escutou uns barulho louco e tal, aí olhou prá trás, já ficou, ela começou a ficar com medo, entendeu, sr.? Aí queria chegar perto não tinha como, “Ah! Será que eu vou e tal?”, aí do nada saiu um cachorrão de dentro do bagulho... de dentro do mato, correndo atrás dele e da minha mãe, sr., e ele correndo, jogou tudo prá trás, enchada, pá, e saiu correndo, sr., e aí subiu na árvore, e do nada, minha mãe subiu num pé de bananeira, meu pai subiu num pé de coco, aqueles pé de coco, grandão, e ficou lá em cima, e o bicho lá embaixo, querendo subir, querendo derrubar, derrubar a árvore, querendo pegar os dois, entendeu, sr.? Do nada depois foi embora, aí tava lá em cima, lá perto do posto de gasolina e tal, e olhava prá trás e [...], entendeu, sr.? E meu pai não queria descer, e tal, aí teve uma hora que ele desceu... ficou olhando, viu em volta [...] correndo, sr., do nada, na verdade, do nada [...] veio correndo, meu pai [...] assim, meu pai pulou, [...] desascendeu⁶⁸, aí ele foi correndo, por dentro do açude, atravessou o açude por fora, aí [...]

- [...] deixou sua mãe lá?

Pedro – Deixou minha mãe lá...

- Ahh... (voz fina)

(risadas)

Pedro – Deixou minha mãe prá lá sr., e atravessou por dentro do açude, que [...], ele atravessou e o bicho lá atrás dele...

e – Atrás dele no açude?

Pedro – Na bota, sr. ...

(Émerson e Mateus cantarolam)

Pedro – Na bota, sr. ...

- [...] não?

Pedro – Ah! Sei lá mano! [...] era o que meu pai contava, tá ligado, sr.? Aí tem que ele conta também que... uma cobra foi atrás dele também, pegou na perna dele se segurou, entendeu, sr.? E foi se enrolando nele...

e – Mas isso daí é uma outra história?

Pedro – É a mesma.

e – É a mesma?

Pedro – A cobra tava numa [...]

Émerson – É por causa de que ele tava dormindo...

Pedro - Tava na porta de casa já, aí no final, que ele chegou, a cobra começou a enrolar nele...

Paulo – Tem a história do Já Morreu...

⁶⁸ “desascendeu”: de des-ascender, descer

Pedro – Começou a enrolar nele...

Edson – É? É mesmo? (não acreditando)

Pedro – Aí a cobra [...] morreu... Aí o bicho chegou e parou em cima dele, sr..

- [...]

Pedro – Ficou com a boca aberta assim, em cima dele, o que será [...]? Aí ele parou de contar, sr. ...

e – Aí ele parou de contar...

Pedro – Aí ele foi e parou de contar...

Émerson – Eu já tava com medo também...

e – Tava o quê?

Pedro - Fiquei com medo das histórias que meus pais contavam...

- [...]

e – Com medo?

Edson – Ah! Mas ele tava contando prá... né?

Émerson – Aí teve uma história aí, sr., que passou em todo lugar, foi desse chupa-cabra aí...

Marcelo – Ah!...

Émerson - Nunca ouvi [...]

Marcelo – Eu vi assim no jornal...

Émerson – [...]

Edson - Ah! (imitando Tonho da Lua)

Marcelo - ... tipo o cara falou que [...] as orelha assim... Vixe!

e – Você viu no jornal, essa história?

Marcelo – A mulher assim, falou que viu ele...

Émerson – No jornal também [...]

- [...] (vários ao mesmo tempo, Marcelo continua também)

Émerson – [...] isso daí, sr.... Eu não acredito não!

Marcelo – Eu só acredito vendo! Quer dizer, mas depende de...

- [...] longe de mim!

e – Você só acredita vendo, mas longe de você? E você?

Émerson – Eu num acredito nisso daí não! Nunca vi, nunca filmaram nada disso!

- [... ...]

Edson - E disco-voador?

- [...]

Paulo – E o ET de Varginha lá, sr.? Que passou na televisão...

(espirros)

e – Saúde!

- Obrigado, sr..

Paulo – O ET lá, tava atacando as pessoa lá...

Edson – Bom... [...]

Pedro – Esse chupa-cabra aí, que eu ficava falando: “Caramba! Que bicho que é esse aí?”

- [...] numa dessa, entendeu?

Pedro – Humm! (fino)

Edson – Hein, sr.? O sr. acredita se... se... existe seres de outro mundo?

(silêncio)

e – Se eu acredito? [...] Eu entendo que você esteja curioso sobre a minha opinião, mas... acho que é interessante você fazer essa pergunta pro grupo!

- Você acredita em seres do outro mundo?

- Ah....! (imitando Tonho da Lua)

(risadas)

Edson – Quer perguntar? Cê acha que eu não vou perguntar? Cê acredita?

Pedro – Não acredito e também não desacredito...

Edson – E você [...]?

Paulo – Eu acredito.

Edson – E você [...]? (silêncio) Ahn?

Mateus - Não acredito...

Edson – Cê acredita, o Émerson? (silêncio) Cê acredita?

Émerson – Ah...

(risadas)

Adriano – Eu acredito em quem tá vivo...

Émerson – Eu acredito só em Deus só, e mais nada...

Marcelo - Ah! Sei não... né mano? Não vou desacreditar, nem vou acreditar também, né?

- Eu tipo assim...

Marcelo – Tem aquele ditado, não tem? Tem muita gente que tem medo, tem medo de quem tá morto...

Émerson - Porque é o seguinte, sr. [...] tem muita coisa que aparece na televisão aí [...]

Adriano – [...] quem tá morto, não vai fazer mal a ninguém... tem que ter medo é de quem tá vivo!

Émerson – Hein, sr.? Tem muita coisa que aparece na televisão que é tudo mentira... e eu vou acreditar nisso daí?

Edson – Mas, sr.... Mas na, mas na NASA não tem muitos ETs? Dizem, né?

e – Na NASA?

Edson – Na NASA, é. Lá nos Estados Unidos...

e – Essa é uma história que você ouviu, Edson?

Edson – Foi.

e – É?

Edson – Que passou na televisão...

e – Passou na televisão?

Edson – Passou.

e – Anham.

Mateus - [...] é massa! (ao fundo)

Edson – Tinha, diz que tinha...

e – É uma massa?

Mateus - Não, mais uma das massas...

e – Mais uma das massas...?

Edson – Não, passou na televisão!

Mateus – [...] que nem outras, também...

- Ahhhahhh...

e – Por quê? Na televisão aparece muita massa?

Marcelo – Na Globo, é....! A maioria das coisas é só massa!

Émerson – Porque tem tanta coisa, sr., que é tudo mentira, que nós fica até iludido! Nesse negócio aí, nós acredita ou não acredita nesse negócio?

Pedro - Nós não sabe se nós acredita ou se desacredita...

Émerson – Fica confuso, sr. ... [...] eu confundo muita coisa aí...

Paulo – [...] aquele filme lá, sr.! Maior mentira desgraçada!

Edson – Aquele...

Émerson – Ah! Mas [...]

Edson – Aquele... Ma-, Ma-

Mateus – Matrix lá, ô!

Émerson – Hein, sr.?

Edson – Matrix 3...

Émerson – Eu acho assim: filme sem massa não tem graça!

Edson – Todos filmes, o 1, 2 e 3...

Marcelo – Prá mim também tem graça não...

Émerson – Filme sem mentira prá mim também não tem graça...

- Prá mim também não tem graça [...] e aquele da vaquinha lá...

- É, aquele da vaquinha lá ou!

Edson – Aquele da vaquinha... é... a vaca não tem nem...

(risadas)

Émerson – É parecido kung-fu... né?

Pedro – O homem luta com... uma vaca, uma vaca sem maldade, entendeu, sr.?

Marcelo - Na lingua dele, na lingua dele tem dois olho e uma boca, na lingua do cara...

Edson – É, tem a boca, tem a lingua, [...]

- Ihihihiiii! (imitando o personagem)

Marcelo – A lingua dele fala! A lingua do cara...

- [...]

- [...]

- [...] (sobreposições)

- A lingua dele faz assim: "liiiiiiii!"

(risadas)

- Olha, com [...]

Pedro - O Bruce Lee é verdadeiro!

(fim de fita)

Émerson – [...] chamar lá o [...] passou a maior cota lá dentro, o cara vai e salva [...]

- Aquilo lá foi [...]

- Jéssica...

- Baseado em quê?

Émerson - "O Resgate de Jéssica"...

- É...

Émerson – O sr. já assistiu?

e – Vocês assistiram aqui na FEBEM?

Émerson – Não, lá no mundão...

- Lá no mundão...

Marcelo – A primeira vez que eu assisti esse filme era pequeno...

Émerson – [...]

Mateus – "À espera de um milagre"... (baixo)

Edson – Eu assisti aquele do nove...

Émerson – Aquele também, do carro desgovernado, também [...]

Edson – Não é, nove um, um? É "911"... Ou... é...

e – O quê que é "911"?

Edson – Ah! Que passava no canal 4, coisas que aconteceu no mundo do crime assim... tipo...

Pedro – Coisa que acontecia de verdade... [...]

Paulo – [... ...]

Marcelo – Esse era [...]

Edson – Aqui é, aqui é...

- [...]

Edson – Não... não era “911”, se pá era caso, tipo “Caso Policial”, tá ligado? Daí tipo... criança caía, criança ficava presa no poço...

Marcelo – “Plantão Médico” também, passava no 5...

Edson - ... eles ia resgatar...

Pedro – Criança presa no porão também...

Edson – Criança que ficou na... preso lá na torre... qual, qual que é?

Adriano - Torre de Babel?

Edson – Ihhh! Não! Ih mano!

Mateus – Torre de Babel!

- [...]

- [...] um mongó!

- [...]

- Ah! Sei lá!...

Edson – É... tipo naquela... que sobe e desce...

Pedro – Montanha Russa!

Edson – Isso aí... e eles vão salvar, tipo uns negócio assim... coisa... (baixo ao final)

e – E isso daí vocês assistiam, quando eram crianças?

Edson – É... o “911”, faz tempo isso daí...

Paulo – Assistia também aquele “Vídeos mais incríveis do mundo”...

Edson – No 13, né?

Paulo – No 13... vários... acho que era massa, também!

Marcelo – Um que eu assisti, esse...

Émerson – Mas era bem ensaiadinho...

Marcelo - ... que minha mãe sempre contava história prá mim era aquele do “Exorcista”, que é baseado em histórias reais...

Edson – Esse daí eu assisti! (rindo) Esse é bom!

Marcelo – Que... é daquele negócio lá do poltergeist... e tal...

Émerson – Não é da mulher?

Edson – É... da mulher!

Émerson – E da menininha, né?

Edson – É, que ela começa a flutuar e solta uns negócio nos garoto...

e – Sua mãe, sua mãe contou prá você? Você não chegou a assistir...? (para Marcelo)

Marcelo – Não, eu cheguei a assistir...

e – Chegou a assistir?

Adriano - E aquele lá, que passou da guerra lá? Do desandão⁶⁹...

– Ah, o...

Adriano – Falcão...

Émerson – “Falcão em perigo”!

⁶⁹ “desandão”: do verbo desandar; de des-andar, andar para trás, percorrer em sentido contrário (*cf* Minidicionário Aurélio, Nova Fronteira, 1977); utilizado entre os jovens da Febem para referirem-se a homossexuais masculinos

Adriano - "Falcão Negro"...

Émerson - "Falcão Negro em perigo"...

- Tipo... que nem [...]

Marcelo - Esse negócio que o, que o...

Adriano - Foi a maior guerra com os americano e os africano, como é que é?

Émerson - Os americano, africano... nem sei o quê que é!

e - Passou aqui na FEBEM?

Pedro - É, nós assistiu, aqui...

e - É?

Edson - Ah, é, foi, foi, foi, foi...

Pedro - Tem muita morte [...]

Edson - Xxxii!

Pedro - ...mas nós [...] (baixo)

Edson - Que ele arranca os seio da, da...

Marcelo - Das mulher...

Edson - Das mulher, porque tipo... o cara tipo... a mulher tava grávida e... eles mesmo fizeram o parto... já, cortaram a barriga da mulher, sem tá no tempo, e tiraram a criança... cortaram a barriga da mulher...

Pedro - Eles não queriam que o...

Edson - Que o filho nascesse...

Pedro - ... que o filho nascesse...

Edson - Cortou a barriga da mulher e tirou a criança, e deixou no lugar assim [...] com os filhos da mulher... Filme meio cabuloso!

- [...]

Émerson - [...]

Marcelo - Que nem, aquele negócio que o Edson perguntou, sobre se existe seres do outro mundo... tipo assim, eu já não acredito nem desacredito, porque, que nem aquela história que passou, que a televisão engoliu uma menina e até hoje essa menina não apareceu...

(risadas)

Marcelo - Não! Tava escrito na revista! A revista tá, maluco... E o bagulho do *poltergeist* lá, tipo tem as escada assombrada aí, e tava escrito lá, que a mulher lá do Rio de Janeiro lá, ela foi morar numa casa lá, que os bagulho voava nela assim...

Edson - Ah! Vá! (baixo, que finge que está com medo, assustado, em tom de brincadeira)

Marcelo - ...tipo do nada... É ou!

Émerson - Ô sr., que nem ele falou assim, que... tipo alguém...

(risadas baixas)

Paulo - O cara sequestrou a menina... [...]

Émerson - Tipo alguém dorme dentro de uma casa assim... e ouve [...] da pessoa que tá dentro da casa?

Adriano - E escuta barulho de chuveiro abrindo... panela...

Émerson - Será que é verdade isso daí?

Pedro - Ah! Sr.! [...] de madrugada, é... meia-noite em ponto, o sr. tinha coragem de entrar no cemitério?

e - Vocês estão curiosos sobre mim também hoje, hein?

Pedro - Não, sinceramente, o sr. tinha coragem de entrar meia-noite em ponto, na hora que o sinal bate...

- Não, é porque...

Pedro - ...você tinha coragem de entrar no cemitério?

Mateus – De entrar no cemitério?

Pedro – Tem?

(silêncio)

Pedro – Tem nada...

– Eu tinha!

- Ó... O cabelo dele já se arrepiou já ó...

Émerson – [...] e fechar os olho...

(risadas)

- Cê viu né?

(vários comentários, conversas paralelas)

Edson – Eu tenho medo até de... passar por um morto, que eu acho que ele vai me picar, imagina então dum cemitério!

Marcelo – Eu tenho medo não!

- Ah! Eu tinha...

Paulo – [...]

- [...] (comentários simultâneos, vários)

Marcelo – [...] um porque eu quis...

e – Se vocês falarem todos ao mesmo tempo, vocês não vão se escutar, vocês não vão se escutar...

Paulo - Tipo assim, [...]

Marcelo – É, eu não tenho medo porque uma mão, eu fui no cemitério tal, aí tipo... eu fumei maconha lá, eu dormi, pá, mas não dormi porque eu quis, porque eu tava, mas quando eu acordei, já era de madrugada já, e eu tava lá, falei “Ah! Não aconteceu nada até agora, então não vai acontecer mais nada...”, virei pro outro lado e dormi, tava em cima duma tumba lá...

- Ixe!... (alto)

(risadas)

(vários comentários simultâneos)

Pedro – [...] o que tinha, a gente tava ali, entendeu, sr.? “Não, vamo entrar no cemitério e tal”, aí tem uma mulher que paga pau com ele⁷⁰, aí a mulher pediu: “Não! Me traz uma rosa, uma rosa vermelha e uma rosa mesmo, cê traz uma rosa, prá mim... e tal, vai buscar lá no meio do cemitério!”

Edson - Uma rosa vermelha? Uma rosa prá mim...

Pedro – É, uma rosa vermelha...

- [...]

Émerson – Uma rosa vermelha?

Mateus – Uma rosa vermelha... (baixo)

- [...]

- [...]

- [...]

Émerson – É rosa ou é vermelha, é uma das duas...

Mateus – Uma flor vermelha, ou! (baixo)

Paulo - Uma rosa vermelha, [...] mesma coisa...

Émerson - Se é rosa, é rosa, se é vermelha, já é ou...

Paulo - Ou! Cala tua boca! Se não [...] (baixo)

⁷⁰ “pagar pau”: nesse contexto provavelmente significa algo próximo a “ficar” ou ter relações sexuais

- [...]

(Émerson e Mateus riem, Pedro fica sem graça)

- [...]

Pedro – Aí, entendeu, sr.? Ela pediu, aí...

e – Espera, espera, espera... (pausa) É... aconteceu, ele falou alguma coisa que te ofendeu?

Paulo – Não, nada, sr. ...

e – Não? Então o quê que você tá falando Émerson?

Émerson – Não, porque ele falou uma rosa vermelha, aí no meu castelo, eu castelei assim, sr., se é rosa é rosa, e se é vermelha é vermelha!

Marcelo – Num... ele num entendeu, num entendeu...

Émerson – Num entendi a mensagem...

Edson – A rosa é uma flor vermelha, mas ele não sabe, não soube falar flor, não soube se expressar, daí ele falou uma rosa vermelha...

- [...]

Marcelo – Porque era duas rosas, não era? Uma rosa e uma vermelha...

Pedro – Aí... aí ele... aí ela falou: “Não, eu quero à meia-noite e tal... você vai buscar prá mim?”

Émerson – Aí já é coisa de macumba, já...

Pedro – Aí ele “Não, eu vou sim, e tal...”

Mateus - Isso daí é coisa de macumba!

Pedro - ... aí ele já me, aí ele já me chamou, entendeu, sr.? “Ah, mas, vamo colá nesse cemitério aí e tal... vamo colá no cemitério...”, “Prá quê?”, “Ah! Vamo buscar umas rosa aí que a mulher pediu...”, “Eu não! Tenho o maior medo de, de entrar em cemitério...”, aí a primeira vez entrei, né sr.? [...] Nós entramo, e fomo descendo, pisava nas cova e tal, aí tipo escutava uns barulho, né sr.? Pisando no... umas vaca batendo...⁷¹

Paulo – Ah! Dá um medo entrar dentro de cemitério, entendeu?

Pedro – Um barulho... olhava prá trás, tipo assustado prá ver o quê que tinha, não tinha nada... Só via só os vulto do vento mesmo de lá de dentro do cemitério só...

Edson – Ah! Eu num entro...

Paulo – Pode terminar aí...

Pedro – Ele do nada, ele “Não, vamo ficar aqui dentro mesmo” [...]

Edson – Num entro [...]

Émerson – Até de dia [...]

Pedro – Ele deitou dum lado da cova, tá ligado? Da cova aqui assim, ele deitou dum lado da cova, eu deitei na outra!

Edson – Vixe! Deu até [...]

Pedro – Aí nós ficou, até o outro dia... No outro dia cedo é que nós foi sair do cemitério...

- Hein, sr. [...] (baixo)

Pedro – Aí direto, a gente, quando ia sair, a gente se encontrava direto no cemitério, quando ia fazer um assalto e tal, a gente já tava lá no cemitério, de madrugada... até o outro vir... (silêncio)

Tinha vez aí, um poste, tinha vários poste assim...

Émerson – É... coisa de doido, isso aí...

Pedro – Tinha vários poste aqui assim, uma pá de poste, aí a gente passava um a luz ficava acesa, aí passava o outro e a luz apagava... nós ficava olhando... mó, mó, mó medo, entendeu, sr.?

e – Dentro do cemitério?

⁷¹ Provavelmente deve tratar-se de “faca batendo”.

Pedro – É... aí passava o outro a luz ficava acesa... ia passar o outro a luz apagava, sr....

Edson – Cê tá é louco, [...] (Edson finge estar com medo)

Émerson – Acho que eu não tinha coragem de fazer isso [...] ...] tenho amor à minha vida, não tenho coragem, e aquele...

Pedro – Quando cê tá passando vem aqueles assopro no ouvido, forte... dá aquele arrepio na coluna... [...] não vem... parecendo que vem pela mão... [...]

Émerson - [...]

Pedro – Depois nunca tive medo mais...

Edson – Ah! Ixe!...

e – Você tá falando de uma história que aconteceu com você, né? Né Pedro?

Pedro – [...] veio correndo da polícia mesmo nessa fita, de madrugada, correndo dentro do cemitério, (dá pancada: Pam!) [...] meu pé inteiro entrô dentro da cova... aqui assim... (aponta um ponto na perna) [...] dentro da cova... (muito rápido)

Edson – Cê tá louco...!

e – Interessante que...

Edson – É a morte te chamando...

Pedro – [...] é nada!... (baixo)

e – Interessante que, a gente fez uma proposta, né? De falar das histórias que vocês ouviram, né? (voz calma)

- [...] (baixo)

e - ... Aí vocês foram lembrando de várias histórias...

- Ô sr., [...] mano! (alto)

(silêncio)

- Desculpe...

e – Aí foram lembrando de várias histórias até lembrar das histórias que parece que mais tinham assustado vocês... né? Até... o Pedro lembrar dessa história que aconteceu com ele... a partir dessas histórias que tinham assustado... não é? (pausa) Mas é uma história que aconteceu na sua vida, né?

Pedro – Aconteceu comigo...

e – Anham...

Émerson – Perturbadora essa daí, viu?...

e – Perturbadora... Você achou?

Émerson – Ô!...

Marcelo – [...]

Émerson - ...Não tenho coragem não, sr.! Posso [...] o que for de errado... mas isso daí não tenho coragem não!

Marcelo – [...] nós colava ali pros lado da Vila Formosa...

Émerson – Porque isso daí, eu penso assim, né sr.? Não sei os outro...

- [...]

Émerson – Penso assim esses negócio aí, só traz, tipo... energia é, energia, energia negativa, né? Cê entra dentro do cemitério, tem aquele negócio lá, cê sai até perturbado de lá de dentro assim... Eu sou mais... ficar... na [...] assim...

- [...] igreja, né sr.?

Pedro – Cê fica com peso nas costas quando vai pro cemitério!

e – Certo...

Émerson – Porque... esses negócio assim... antes eu não ouvia minha mãe, né sr.? Porque ela é evangélica já faz uma cota... ela falava uns negócio prá mim que era tudo verdade... aí depois

de uns tempo, né sr., que eu vim, tipo... torturando minha mente assim, aí ela falava uns negócio prá mim, aí eu já ia ouvindo ela mais, entendeu? Aí eu via que esses negócio aí... eu pensava, só negócio doido mesmo... só negócio doido... (ao fundo Edson e Pedro comentam baixo que Emerson fala demais)

e – Certo... Gente, ó! A gente tá encerrando por hoje...

- É só por hoje... (baixo)

e – Né?

- Já?

e – Já.

- [...] da fita lá, sr.! (baixo, Mateus?)

- Que hora que é aí, sr.?

e – Já vai dar quase uma hora, né? É... parece que o Mateus queria falar alguma coisa?

Mateus – [...]

- Fala!

- [...]

e – Já era?

Mateus – Já era, essa fita... (baixo)

e – Já?

- Tem mais um pedaço de fita...

Pedro - Fala o que você ia falar...

- Ah, não...

Edson - Ah! O que tu ia falar é que tu não... o, o maluco lá do meu prédio morreu, de bicicleta, né? Sofreu um acidente, o carro atropelou ele de bicicleta... ele teve traumatismo craniano... era magrinho! Coxinha fininha e tal... eu nem gosto de ir em cemitério, aí quando eu fui, daí eu fui vê ele, ele tava com um costão assim gordão, inchadão, daí eu fiquei impressionado, né sr.? Com isso daí... Aí eu nem conseguia dormir direito, aí tipo... eu acordei de madrugada prá ir pro banheiro... aí mi- minhas irmãs tipo... assustando, entendeu? Daí eu comecei a gritar, daí minha mãe veio e levantou... é... os cabelo prá cima assim, né?...

Pedro – Arrepiado?

Edson - ... aí eu trombei com ela assim, e comecei a gritar “Ah não! Não me pega! Não me pega! Não me pega!

(risadas)

Edson – Pensando que era o... [...] ele gostava de... de... tipo de galinhar, né? Tipo de brincadeira assim...

Pedro - Aí ó! Igual quê que o Emerson falou, né sr.? Eu não acreditava muito assim no, no evangelho, quando minha mãe falava prá mim, né? Não, abre mais os olhos, e tal, fica mais atento, e tal, [...] acontecer com você, de mal e tal... Aí, foi até um dia eu tava na biqueira, né sr.? [...] prá mim e tal, aí do nada, o pedrinha⁷² desceu, os polícia tava na favela, eu não tinha nem visto! Aí o pedrinha desceu foi me falar e tal, aí do nada um maluco apareceu na porta da biqueira falando que os polícia tava na rua descendo... “Aí, né? E agora, prá onde eu vou?”, eu falei “Não! Vai vai, vai prá sua casa, adianta prá sua casa... que eu vou correr, eu não sei prá onde eu vou! Mas pode entrar prá sua casa...”, “Não, então tá bom e tal...”, aí eu, os polícia mais se afastando, né sr.? Colando mais perto, cada vez mais perto... aí foi na hora que eu dei dois sapeco nos policial, né sr.? Eu atirei... aí pegou no colete, tava de colete, a polícia veio correndo atrás, já vinha me procurando mesmo na febre, entendeu, sr.? Porque ia me matar! Aí eu tome-, tomei

⁷² “pedrinha”: menino pequeno

quatro tiro, entendeu, sr.? (rápido) Aí quando ela falou que ia acontecer alguma coisa de ruim comigo, eu [...] (barulhos externos) “Ah! Nunca aconteceu! Por que vai acontecer agora? E tal...”. Aí fui pro hospital e tal... os médico procurando onde tinha ido as bala e tal... Fiquei 6, fiquei 6 hora em cima numa mesa de cirurgia, sr.! (Marcelo e Mateus ouvem atentamente) Quase morto, sr.! Minha mãe chorando e tal... E eu nem, nem, nem pensava que eu tava mais vivo, sr.! Da, da, da última vez que, que eu lembro, né sr.? O que eu lembro foi que o policial ainda perguntou se os polícia apagou, né? Aí foi me segurar na ponte mas não deu, aí eu caí foi de rosto no chão, né? Não tinha nem mais força, sr., aí [...] chegou na porta, no portão, aí ele já tava com o telefone na mão, ligou pros polícia, os polícia chegou, “É o quê? Bandido, ladrão, traficante, que é que é? Que nós acaba de matar e tal...”, não que é, que é a mulher do polícia, meu pai, e minha mãe, ela “Não, não! Ele é trabalhador e tal, ele tava vindo do Shopping ali, que ele trabalha no Shopping Aricanduva aqui e tal... e não sei o quê...”, “[...] ele tava ali na favela, tava tendo troca de tiro, acertou umas bala nele e tal...”, “Ah... tá...”, aí os polícia me pegaram e me jogaram dentro da viatura, entendeu, sr.? Deram a maior volta ainda comigo... maior rolê aí... até chegar no hospital, cheguei a bem dizer quase morto, né? ... Quando cheguei no hospital, só tava o [...] só o corredor da luz, só aquelas luz se apagando, entendeu, sr.? As vista escurecendo e não vendo mais nada! Entendeu? Tipo um fogo por dentro, entendeu, sr.? [...] você vê um fogo! Um portão se abrindo, entendeu, sr.? E ficou me chamando, prá mim vir prá dentro, sr.! Do nada! Ficou me puxando, sr.! (rápido, emocionado)

- [...]

Pedro - Fiquei ainda, fiquei 15 dia inconsciente com a minha mãe, e tal... não podia ficar consciente, depois que eu fui me voltando... até em, em acordado, né sr.?

e – Quem, quem te puxou?

Pedro – Num, nem, nem sei né sr.? O negócio tava me levando, né sr.? Tava tipo me levando...Tava tipo vendo uns fogo assim, na minha frente, e uns portão se abrindo, entendeu, sr.? E me chamava prá mim ir prá dentro... aí do nada passou um [...]

Émerson – Deus é mais! Vai morrer prá lá, zica! (alto)

Pedro - ... um negócio branco, entendeu sr.? Passou um negócio branco na minha frente, só um pano branco na minha frente, entendeu, sr.?...

- Aí cê pegou e puxou assim...?

Émerson – Esse Pretinho é cheio de furo mesmo, sr.! Se você ver esse Pretinho aí...

– [...] voltou prá cá, né?

- [...]

Pedro – Porque ela falou, sr., porque ela falou um dia... aí eu “Que nada! Nunca aconteceu, porque que vai acontecer agora, né?”, ela “Num fica... Que eu tô prevendo, se Deus me deu prá eu falar prá você, eu tô passando o recado que ele mandou, então... Que uma obra ele tem na sua vida. Ele quer fazer uma obra na sua vida...”

e – Sua mãe falou?

Pedro – É, não, a mulher, essa vidente que falava prá minha mãe, ela falava prá minha mãe, aí foi ela que falou prá mim...

(bocejo)

Pedro – Então, aí ela ia falando, e tal, o que tava vindo de dentro dela, que tipo era Deus que tava mandando os recado prá ela e ela falava...

- Tipo uma mensagem...

Pedro – ... me falando, entendeu, sr.?

e – Entendi.

Pedro – E eu ficava bem naquelas e tal, pá... “Ah... nunca aconteceu, por que que vai acontecer agora? [...] Ah! Não vai acontecer nada! [...] na mão [...] é que decide... E no mesmo dia, na mesma madrugada já aconteceu... Aí fui pro hospital... fiquei 6 hora de cirurgia... imagina! Dei o maior sofrimento prá minha mãe [...], ela veio naquela [...], eu era, ela veio perguntar quem eu era, eu falava que ela não era minha mãe... meu pai veio me visitar, eu falava que não era... “Ah! Quê! Então eu quero ir embora!” (baixo). Aí teve uma época que eu fugi do hospital... todo custurado aí... entendeu, sr.? Os ponto... não podia ficar reto, se eu for, ficasse reto, aí estorava os ponto... Aí quando eu fugi do hospital minha mãe veio atrás, até que eu parei num barzinho, não aguentava mais andar, entendeu, sr.? Aí o taxista, minha mãe ficou de voltar pro hospital, conversou com o médico, tudo [...] foi aquele sofrimento, aí o médico: “Se ele não voltar hoje até mais tarde, até umas duas hora da madrugada, pode se preparar, até as cinco ele tá morto...”. Porque tirou uns líquido, né sr.? Que tava na veia, tal... tava sem sangue, sem nada, pô, se eu tivesse ficado mais um dia só em casa eu tinha morrido... fiquei dois dia, né sr.? No outro dia se eu fico mais uma cota eu tinha morrido... aí meu pai veio, começou a falar, conversar comigo, começou a chorar e tal... aí ele “Vamo! Vamo pro hospital! Daqui um dia você cê tá recuperado desse [...]”, e eu “Não, não...”, aí ele pegou, eu mal pude levantar, aí já não deu, sr.... sei lá, deu uma fraqueza... eu tava pálido! Aí ele já pegou, me colocou no braço, me colocou no carro e me levou pro hospital... chegou lá o médico “Ah! Por que você fugiu? Você é louco? Tá quase morrendo aí ó... e não sei o quê!”. Aí acabei [...] lá nos aparelho lá, [...] no corpo inteiro tal, colocando a sonda... [...] quando tava [...], cheguei no hospital quase não vendo mais nada, entendeu, sr.? (baixo) Quase vendo mais nada...

(enquanto Pedro conta, Edson olha insistentemente para a observadora)

e – É... cês têm história, né? A gente tá chegando mesmo no final do tempo, né? Você concluiu, Pedro?

Pedro – É, sr. ...

e – Interessante né? Que a gente começou aí com essa proposta, né? Não sei se [...] da história, se vocês ouviram, né? Aí vocês começaram a falar... de contos-de-fada, né? Depois começaram a falar de outras histórias, né?

Émerson – [...]

e - ... Que parece que impressionaram mais vocês... mais perturbadoras, né? Histórias que assustavam, que davam medo, né? Aí o Émerson falou também da mãe dele, que dava conselhos prá ele também, né?

Émerson – Até hoje!

e – E aí o Pedro, acabou falando um pouco também de histórias que aconteceram com ele, né? O Pedro, que não tinha falado muito no último grupo, né? Histórias da própria vida, né?

Pedro – [...] Isso daí que aconteceu comigo podia ter acontecido com os outros também, né sr.? Com 12 anos que eu tava na favela e tal, [...] na favela [...] na minha frente, né sr.? (rápido)

e – Imagino que seja semelhante, né? À... à vida também, né? De outros colegas aqui né? Mas... acho que mostra também um pouco esse lado, né? Da vida, que também da medo, né? Que também assusta, né?

Pedro – Ô!...

Adriano - Vida louca! (baixo)

Émerson – Nós vive na loucura nós... tem cada negócio que nós vê, que só Deus, viu?

Pedro – Igual eu mesmo, eu mesmo pensava, né sr.? [...], nunca, nunca vou ver ninguém morrer e tal... até que uma vez em frente de casa, né sr.? Eu tava sentado, aí do nada! Não sei o que o maluco tinha feito e tal... eu sei que aí um maluco fechou um beco, o outro fechou o outro, tudo em frente da minha casa, entendeu sr.? Fica em frente do barraco assim e tal... e eu sentado

aqui, um prato de comida na mão, e o maluco olhando prá minha cara assim, aí colocaram tipo um varal de roupa, né sr.? Aí colocaram no pescoço dele aqui e deram uma pá de tiro nele... e o maluco caiu de olho aberto, olhando prá mim, né sr.? E eu com medo fiquei tremendo... ficou olhando, não tinha nem mais olho... “Você viu alguma coisa?”, não falava nada, entendeu, sr.? Porque eu fiquei com medo e tal...

Émerson – Ah! Mas não precisa nem ser na favela, porque [...] ultimamente...

Pedro – Não, quando eu comecei, quando eu comecei...

e – Aí... isso daí assustou...

Pedro – É... foi onde eu comecei, foi onde eu comecei a ver, né sr.?

e – Anham... você era criança?

Pedro – É, tinha uns 12, 13 anos já, sr.... Foi quando eu comecei a ver mesmo isso aí, né sr.?

Eu falava “Ah! Nunca vou ver ninguém morrer e tal...”, aí foi quando eu comecei a ir prá favela, comecei a morar na favela, que eu comecei a ver gente morrer, né?

e – Certo. Certo, acho que daqui a pouco eles vem avisar a gente, prá gente encerrar, né?

(batem à porta, abrem a porta, fazem sinal de encerrado, o entrevistador faz sinal de positivo, fecham a porta)

Émerson – Ah... o sr. mediu na hora certa, hein?

e – Eu medi na hora certa?

- Segunda vez já isso!

e – Segunda vez? O quê?

- Que fala “Vai acabar, vai acabar...”, aí...

Pedro – Aí tipo, sr., fui pro hospital, voltei do hospital, fiquei de boa... aí tive de ficar mais um mês no hospital! Aí meu pai foi me buscar, né sr.?

e – Tá... prá você concluir sua história, né?

Pedro – Ele que foi me buscar no hospital...

e – Anham...

Pedro – “Ah, tá, vou levar meu filho e tal. Não precisa ter medo mais de nada...”

e – Anham...

Pedro – Ele que tava me levando embora, né sr.? Não aguentava mais andar, também! Tava sem dinheiro prá pagar o táxi, aí ele foi me levar... [...] chegou em casa [...]

e – Aí você ficou bem de saúde?

Pedro – Graças a Deus tô bem, né sr.?

e – Muito bem, muito bem! O que que vocês acham então da gente continuar na próxima quinta-feira, né? Acho que um pouco mais sobre esse assunto que a gente conversou hoje... das histórias que vocês ouviram?

Émerson – Gostou das nossas histórias, sr.?

(risada)

e – Se eu gostei? Acho que...

- Foi interessante...

e – Foi importante, né? Ter ouvido vocês falarem dessas histórias... né? (pausa) Tudo bem, a gente se encontrar na próxima quinta, então?

- Tudo, sr. ...

(pausa)

e - Adriano?

(afirmativo)

e – Tudo bem? (para outro)

(afirmativo)

e – Tudo bem? (para outro)

(afirmativo)

e – Mateus?

Mateus – Tudo bem...

e – Pode ser, então? (para todos)

- Pode ser, sr.!

e – Então... Eu desejo prá vocês um bom final de semana, uma boa noite!

Pedro – Boa Noite, sr.!

Adriano - Mó sono! (baixo)

Émerson – Um bom descanso prá nós todos!

(todos se despedem do entrevistador e da observadora)

(final: 9:22 h)

Transcrição da 4ª Entrevista em Grupo

UI – 19 – Complexo do Tatuapé – FEBEM – São Paulo

03 de junho de 2004

entrevistador: Alexandre Moreira de Souza

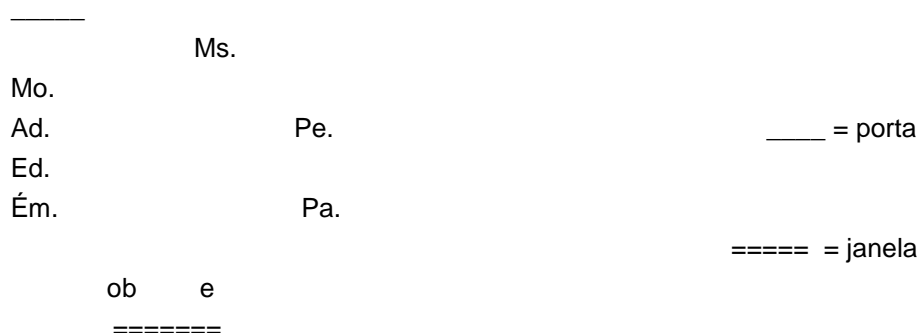
observadora: Marina Nairismagi Alves

início: 19:21 h

duração: 1h 14 min

local: o mesmo das outras entrevistas

disposição espacial:



Observação: a observadora entra por último na sala, todos os jovens olham-na atentamente. Marcelo, Adriano, Edson e Émerson estão sentados, espremidos, num comprido banco almofadado. Faz frio.

entrevistador – Certo! Então são 7 e 21... que dia que é hoje?

Émerson – Dia 3 de junho...

e - Dia 3 de junho de 2004. (pausa) Quatro aqui nesse banco? Tudo bem?

Émerson – Tá frio demais.

e - Tem cadeira sobrando aqui, tá?

Marcelo - É que aqui é mais macio...

e - É? É mais quentinho? Certo... Bem rapaziada estamos aqui então mais uma vez né? Nosso último grupo, nosso último encontro, último encontro não, né? Acho que eu vou voltar aqui, né, depois desse grupo prá mostrar prá vocês as entrevistas por escrito como é que ficaram, né? Como é que ficaram os grupos, né, prá gente trocar uma idéia ainda, daqui a algumas semanas do encontro, né? Mas hoje é o nosso último grupo de entrevista, né? (silêncio) Como é que foi a semana?

Edson - Foi ótimo.

Émerson - Prá mim não foi nada bom, só tranca, só tranca.

e - Só tranca?

Émerson – Essa chuva aí não colabora também...

e - Mas tranca por causa da chuva?

- Humhum. Não tem telhado o pátio aí...

e - Ham?

Émerson - Não tem telhado o pátio, chove tudo aí, alaga tudo, aí.

e - Certo. Então gente, hoje nós vamos continuar então com o mesmo objetivo do último encontro. Tá? O mesmo objetivo da última vez, tá? Que é o quê? É falar um pouco das histórias que vocês ouviram, tá? Histórias que vocês ouviram quando vocês eram crianças. Eu queria que vocês então, falassem um pouco: que histórias que vocês ouviram, quais histórias vocês ouviram? De onde que eram essas histórias que vocês ouviram? Se eram histórias que vocês ouviram é... na televisão, no rádio, é... o pai que contou ou a mãe que contou? Do tio, da tia, da avó, do avô, do primo, dos amigos da rua, dos professores na escola, de mais alguém? De outras pessoas... eu queria que vocês conversassem um pouco com a gente sobre isso, né? As histórias que vocês ouviram, quais foram essas histórias? Quem contou essas histórias, né? De onde vocês ouviram essas histórias. Certo? Vocês entenderam?

Émerson - Perfeitamente.

e – Perfeitamente? Alguma questão? (silêncio) Beleza.

(pausa)

Edson - Vai lá, Pezinho... (baixo, para Adriano)

(pausa)

Edson – Vai Pedro...

(silêncio)

Adriano - Fala aí! (baixo, para Paulo)

Edson – Vai Émerson...

(pausa)

Émerson - Até agora não passou nenhuma na mente.

(pausa)

Mateus - Não consigo lembrar de nenhuma... (baixo)

Émerson - Sei lá, hoje eu tô meio, como se diz, eu não tô meio bom prá histórias, não tá passando nada na mente, Senhor.

e - Quem sabe daqui a pouquinho começa aparecer alguma coisa...

- Alguma idéia aí...

e - Começam aparecer algumas idéias, né?

Edson - Eu namorei com uma menina, 3 anos e 8 meses a gente ficou, mais só que a mãe dela tipo, naquela meio, quando ela me contou que [...], parecia assim, [...] ela contou tal aí ficou ciente o que ela tava falando tal, e aí tipo, parecia assim tipo, igual eu vou contar agora, era no momento entendeu, tipo a mãe dela tinha [...] com droga, era dona de bocada ela, [...] onde vende droga, daí nós fomos lá com um cara tal, e esse cara também tinha uma bocada, né, aí beleza, eles ficaram morando juntos e tal, daí ela separou dele, e ela continuou morando na casa dela e [...] daí, a mãe

da Sheila ficou com o pai da Sheila, que tipo ficou com ciúme do outro. Daí esse antigo namorado dela ficou com raiva, com ciúme e tal, né? E também queria comandar só aquela área né? Uma porque ele gostava dela, e tipo [...] quis matar ela por causa disso daí, e outra prá querer dominar a área minha. Daí passou dois meses tal que ela tava grávida da Sheila e tal, esse ex-namorado

foi lá na casa dela, o nome da mãe dela era Bete. Foi lá na casa da Bete, tal, e falou prá ela "Não, deixa comigo, tal, não sei o quê, eu assumo seu filho tal, não sei o quê, tal, eu gosto muito de você e tal, é que tem um pessoal lá que falou assim que se não voltar como era antes tal, não sei o quê, que pode acontecer alguma coisa de ruim prá você...", daí ela falou assim "Não, pode falar que é você e tal... Mas se vocês fizerem alguma coisa ruim comigo vai acontecer alguma coisa ruim com vocês também...", daí ele "Não, você sabe que eu não quero nada, que aconteça nada de ruim com você tal e não sei o quê..." e ela "Não, não, não, eu vou ter um filho agora com esse cara, quero ficar com ele e tal e não sei o quê...", aí firmeza, daí, ela tava de cinco meses grávida, tipo com a barriga bem grande tal e ele foi lá de novo, "Não, você tem que voltar prá mim, tal e não sei o quê, tal..." e ela "Não, depois que eu tenho meu filho eu vou casar com esse cara tal, e não sei o quê...", e aí beleza, daí ele passou os nove meses tal, ela ganhou, daí tipo quando a Sheila tinha cinco mês que ela nasceu, ele voltou, que ele tinha sumido, ele tinha ido prá Bahia mas tinha ficado uns caras lá no lugar dele, daí ele foi quando ela tinha uns cinco meses ele voltou, tal e daí tipo ela tava lá com o cara lá ele catou, ele catou, enquadrado ela e falou assim: "Ah, se você não ficar comigo não vai ficar com mais ninguém tal, não sei o quê...", e ela falando, "Não, não vou ficar com você, tal, eu tenho minha vida agora, eu tenho minha filha tal, esse cara, eu quero ficar com ele, tal, e não sei o quê, eu tô grávida de mais um tal...", "É, então eu não posso agüentar isso e tal...", daí catou e levou ela lá pro meio do mato, né? E aí deixou ela, dois dias lá, lá na pedreira, no meio da pedreira não tinha água, tinha um, um eucalipal lá, tinha um monte de árvore lá, tinha uns eucalipal...

e - Tinha um quê?

Edson – Uns calipal... calipal.

e – "Calipal"?

Edson – É, por causa que tem um monte de árvore lá...⁷³ Aí beleza, daí muita árvore, causa que é mata fechada lá... daí ela ficou lá dois dias, tal, daí ele voltou lá e falou assim "É, tô vendo que você não quer ficar mesmo comigo, tal", fez uma roda, [...] e meteu fogo nela... Ela grávida, de dois meses de novo, o cara pegou e meteu fogo nela, daí o pai dela ficou sabendo disso daí, né? Depois e "Tal, esse ex-namorado dela aí que foi que matou, tal", ele catou e se matou, por causo que o ex-namorado dela tava atrás dele, e da mulher dele, aí ele catou foi, e se matou.

e - Quem se matou?

Edson – Ele foi prá Santo...

e – Quem se matou?

Edson - O pai da Sheila, se matou por causo que ficou sabendo que ela tinha morrido, entendeu? Ele foi prá Santos... e se jogou pro mar e não voltou mais, e tipo ela ficou sem pai e sem mãe. Tipo ela contando isso daí prá mim, né? "E rapaz, minha mãe morreu queimada, e tal e não sei o quê", [...] na maior tranqüilidade, parecia que não era a mãe dela, a maior tranqüilidade ela falando, tal, tipo ela não se conscientizou, né?

Émerson - E ele não tinha o que fazer não?

Edson - Não, depois mataram ele, tipo os amigos dela mataram ele...

e - Você tinha quantos anos quando você ouviu essa história Edson?

Edson - Ham?

e - Você tinha quantos anos quando você ouviu essa história?

Edson - Eu tinha 14 anos. [...] (vozes, barulhos externos)

e - [...] com a sua avó...

Edson - Não, era antes.

⁷³ Provavelmente Edson deve estar se referindo a "eucaliptal".

e - Antes...

Edson - Quando eu pensava... tem hora que eu fico pensando: "Caramba! A mulher morrer queimada, grávida..."

Émerson - [...]

e - O que foi Émerson?

Émerson - Eu não tinha coragem de fazer isso aí não, meu! Tipo o cara...

Edson - Por ciúme!

Émerson - Tanta mulher aí no mundo, e o cara se humilhando prá uma mulher só? Não quer nada comigo eu não posso fazer nada.

Edson - Pelo ciúme e pela ganância, porque ele tando com ela, ele ganhava bastante dinheiro e ele tando com ela ele se sentia bem, ela não tava mais com ele, não tava mais junto com ele, então o negócio separou. Então ele ficava, tipo, ele não ganhava o dinheiro que ele ganhava antes e não tinha o amor dela, né? Foi isso que fez ele fazer tudo isso daí.

Émerson - Um cara desse prá mim é gardenal...

Edson - É, prá mim também... Tipo quando... eu fiquei 3 anos e 8 meses com ela, eu se ligava prá caramba nela, quando eu penso nela assim, nos momentos que eu tenho que eu penso nela e tal, sem sacanagem (baixo), até sinto um arrependimento, né? Por eu ter terminado com ela, coisa da vida, nem por isso eu matei ela, nem por isso eu se matei. Certo?

Émerson - A pior merda é me matar, cê é louco!

Edson - [...]

Émerson - Quero viver até os 85 anos, tá bom demais!

Edson - É, porque tipo assim... Ela, a mãe dela morreu e o pai dela sabendo disso foi lá e se matou tipo, ele sabia que ele ia morrer, entendeu? Uma hora ele sabia que ia morrer, então ele tá, muito louco, ele entrou dentro da água e foi indo, foi indo, foi indo... de repente não tinha mais pé, de repente começou a boiar, e foi indo... [...] Acho besteira o homem se matar por causa de uma mulher... (baixo)

Émerson - Ô louco!

Edson - Não! E a mulher também por causa de um homem, eu acho besteira isso daí!

e - A mulher por causa de um homem?

Edson - Não, o homem morrer por causa de uma mulher e uma mulher morrer por causa de um homem, eu acho isso daí besteira...

Émerson - Ah! Eu nem sei o quê que é amar ainda porque eu, nunca amei ninguém não, então, não sei o que é amar. Não sei se eu não faço nada, mais eu não tenho coragem de fazer isso não! Ter a manha de me matar, primeiro mata ela e depois me matar não tenho coragem não! Posso fazer várias loucuras, mais isso aí, tá fora do meu calendário isso daí...

Edson - Na minha opinião eu também não tenho coragem não...

e - O quê?

Edson - Na minha opinião eu também não tenho coragem não (baixo). Só se eu... ficar louco mesmo... [...]

Émerson - O cara fala que... é... A pessoa que tira a sua própria vida, não morre por salvação, né? Tira sua própria vida, não tem salvação.

Edson - Tipo fica vagando aí, né?

Émerson - Não vai nem pro céu nem pro inferno, fica vagando aí... [...] No escuro... [...] que nem eles falam...

e - Essa é uma outra história, Émerson?

Émerson - É o que eu ouvi, né? (risos) Eu ouvia isso daí direto, falavam que a pessoa que se mata, de uma amiga da minha família do meu tio, que uma pessoa que se mata não tem salvação. Agora não sei se é verdade.

Edson - O Foguinho⁷⁴ tentou se matar... (baixo)

- [...]

(Edson faz carinho em Adriano)

Émerson - Agora [...] nós pode fazer bastante mal aí, mas sempre quando morrer vai ter um julgamento, né? Se nós vai pro céu, ou fica aqui mesmo, porque o inferno é aqui mesmo onde nós tá, né? Porque prá mim não existe inferno não!

e - Não? (baixo)

Émerson - Prá mim não!

Edson - Prá mim também acho que não existe inferno, tipo, eu sei que após a morte a gente vai tar até melhor, né sr. (baixo)? Descansar um pouco aí dessa...

Émerson - Esse negócio aí... também que eu não acredito é... de encarnação...

Edson - Ah! Isso aí...

Émerson - Tipo que eu já vim aqui no mundo em outra encarnação, isso aí eu não...

Edson - Ah! Isso aí eu acredito!

Émerson - Eu tô aqui é a primeira vez aqui!

Edson - Não! Mas tipo...

Émerson - Esse negócio que quando morrer vai se tornar num cachorro, ou num pássaro... Ôouu! Tsum! (desconsiderando o que disse antes)

Edson - Não! Eu acredito, eu acredito que tem...

Mateus - Eu também não... [...] lenda isso aí [...] (baixo, rápido)

e - O quê que é Mateus?

Mateus - Lenda [...] (baixo, rápido)

e - Lenda? Não é uma história?

Mateus - [...] é uma história [...] (baixo, rápido)

Edson - Ah, eu acredito nisso aí por causa que...

Émerson - Em quê? Em encarnação?

Edson - Em reencarnação.

Émerson - Tá cego! Esse daí tá cego...

Edson - Não, sabe por quê? Sabe por quê? (alto)

(risadas)

Edson - Sabe por que eu acredito?

e - "Tá cego" você falou?

Émerson - É. Tá cego. Tá cego por causa de tanta ilusão, esse daí tá cego.

Edson - Não, sabe por que eu acredito? Porque a gente, porque às vezes a gente vai num lugar, que a gente nunca foi, (alto) e a gente fala "Caramba! Eu já vim aqui, né?", passa tipo uma loira, "Caramba! Passou essa mesma loira...", tipo a mesma loira, "desse jeito, tal..." (rápido, interpretando). Você nunca teve ali naquele lugar, mais você olha assim e fala "Caramba! Eu já tive aqui já, não lembro quando nem como... [...]"

Émerson - Isso aí já aconteceu com você?

Edson - Isso aí já aconteceu comigo, já. Tipo... é... tipo a gente tá aqui, ó! Daí, o Pedro Luís aí começou a conversa, tal... daí eu falo "Caramba! Essa conversa aí eu já escutei, e o Émerson

⁷⁴ "Foguinho": possível apelido de Paulo, que tinha grandes cicatrizes de queimaduras em sua face.

vai entrar no meio da conversa!", e não! Mas tipo, como que eu ia saber que você ia entrar no meio da conversa? (com ênfase) Podia ser outro...

Émerson - Não, mais você já pode ter ouvido essa conversa em outro lugar já!

Edson - Então! É o que, é o que passa na minha cabeça, "Aí caramba! Eu já ouvi essa conversa, eu sei que o Émerson vai entrar nessa metade do... da história, tal, e fala isso, isso e isso..."

Émerson - Cê anda viajando...

Edson - Não, parece que já aconteceu, truta!

e - Isso já aconteceu com você?

Edson - Não, já... Já aconteceu.

Émerson - Sexto sentido!

Edson - Não, não é sexto sentido!

(risadas)

Marcelo - Já aconteceu isso comigo já, de acontecer coisa e eu tenho a impressão que já aconteceu isso... [...] (não para de falar)

Edson - Não, não é sexto sentido, você tem a impressão...

Émerson - Ah, eu acho que eu tô ficando louco nesse lugar aqui!

Marcelo - [...] vida após morte... [...]

Edson - Tipo lá na rua também, às vezes eu ia prá um lugar, passava assim, "Caramba! Eu já vim aqui, já entrei aí dentro, mais o quê que eu vim fazer aqui, meu?" Se eu nunca fui prá lá, entendeu? Tipo, prá passar tipo igual quando eu trabalhava lá no correio daí eu passei, eu ia sempre fazer a coleta lá no Ibirapuera e passava em frente à AACD - que eu até falei prá você, né Perna? - daí eu passava em frente à AACD, olhava e falava "Eu já vim nessa AACD, já entrei aí dentro, [...] o quê...". E eu fui lá prá fazer o quê?

- Vai saber...

Edson - É mano! Tipo... Quê! Tem lógica!

Émerson - Acho que eu tô chapando nesse lugar aqui!

e - Você tá falando da FEBEM, Émerson?

Émerson - É, porque tem várias coisas aí, que eu tipo, que eu já, que eu faço assim, e eu esqueço... Eu acho que eu tou com amnésia, porque várias coisa aí, tipo... tá no mundo aí várias músicas que eu já ouvi, antiga e nem passa mais na mente, tem cada coisa que já passou aí... que nem passa mais na minha mente!

Adriano - É que você escuta muito... [...]

Émerson - Tem nome de colega meu que tá no mundão que eu nem sei mais o nome, meu!

Edson - É, isso aí...

e - Você, você pode complementar então o que ele falou, então, Adriano?

Adriano - Não, não é toda música, você escuta uma música você nem se lembra mais, aí toca na rádio assim, aí você escuta e fala "Caramba! Eu escutei essa música faz tanto tempo! Faz mais de 10 anos que eu escutei essa música!"

e - Aqui?

Adriano - É, aqui você escuta... de vez em quando eu escuto uma música [...]

Émerson - Tem vezes que eu guardo o meu trampo, guardo num lugar ali... "Aonde que eu deixei meu trampo?⁷⁵" Vixe! Fico uma cota... o chinelo! Ou então o chinelo, eu tiro o chinelo e ponho o tênis prá jogar uma bola, e deixo ele no canto. Eu dou o maior rolê na quadra, olha ali, olha aí,

⁷⁵ "trampo": trabalho; nesse contexto refere-se a esculturas artesanais (como tapetes ou cisnes), feitos com papel dobrado, em geral são ofertados para a família (ou outros) como presente.

cadê meu chinelo? Vou ali no outro lugar, vou no outro lugar, e falo “Não, mais eu deixei aqui!”, quando eu vou ver, tá ali atrás do poste ali...

e - Você esquece às vezes...

Émerson - Sei lá se é amnésia ou eu tô ficando louco nesse lugar...

e - E o quê que os outros acham?

- [...]

Mateus - Já aconteceu de eu esquecer mais não tô [...] não. (rápido)

(risadas)

e - Oi?

Mateus - Mas não ser [...] dele não! (rápido)

- Já aconteceu também de eu esquecer um negócio aí no pátio... (baixo ao final)

Edson - Mas já aconteceu isso daí, tipo, “Do quê que eu tava falando?”, já aconteceu isso comigo.

Mateus - Ah! Tipo já aconteceu de eu sonhar assim, tá ligado?

Edson - E acontecer!

Mateus - E acontecer!

Edson - É, eu também...

Mateus - No outro dia, aconteceu, tipo, o sonho que eu tive... (baixo ao final) (não olha para os coordenadores ao falar)

Edson - É, eu também, comigo já aconteceu isso também.

Marcelo - Tipo, assim quando eu era pequeno também, tinha uma vizinha lá em casa e tal, que ela, ela era espírita, aí ela falava assim e tal, não, não é, ela não é espírita, ela é [...] um negócio lá...

Émerson - Mesa branca!

Marcelo - É, sei lá... Ela falou assim que as pessoas quando morria ela voltava de novo, mais só que voltava em animais, tal...

- É, [...] assim também...

Marcelo - Aí eu, eu era pequeno, eu pensava assim: “Nossa! Se eu voltar eu vou querer logo ser um passarinho e tal...”, um barato assim.

(risadas)

Marcelo - Aí, ou! Eu pensava assim quando eu era pequeno e tal...

(risadas)

Marcelo - Aí eu fui crescendo e tal, depois nem passei mais perto desse negócio, porque, sei lá, quando morre... já era! Acabou! (baixo ao final)

e - Essa foi uma história que você ouviu quando você era criança... então você acreditou? Né?

Alguém mais se lembra de alguma história que ouviu quando era criança e que acreditou?

Émerson - Ou! Eu já ouvi tanta história [...] (tosses) o sr. [...] já ouvi tantas histórias já, que eu [...] num lembro, mas eu já ouvi histórias, hein!?!)

e - Quem te contava histórias?

Émerson - Eu? Vixe! Mais meu coroa⁷⁶... contava história até de óculos prá mim (rápido), ele contava história até de óculos prá mim!

e - De óculos?

Émerson - É.

(todos riem, principalmente Mateus e Pedro)

e - Ele contava...

- É um modo de [...], entendeu?

⁷⁶ “coroa”: velho; no contexto seu pai

- Bastante.

e - Ah! “Muita”, legal, uma expressão...

(risadas)

- É.

- Deram risada prá caramba!

Émerson - Deu prá entender? É que ele contava história bastante...

- “Até de óculos”, “até de touca”, [...], “até de chapéu”... (sobreposta a outras falas)

Émerson - Mais eu não me recordo, eu não me recordo mais, tem tantas coisa minha que passou na minha vida que eu não lembro, lembro mais tipo, o que aconteceu ontem, ou semana passada, ou ano passado, mais agora, tipo, mais prá lá é embaçado... Tem umas coisas que nós lembra, tem outras que não dá prá lembrar! (risadas ao fundo) Sei lá se é muita coisa na mente, viu?

Edson - É química! (rápido, todos olham para o gravador)

Émerson - É nada!

- [...] (sobreposição de falas baixas) (risadas contidas) (segue-se um trecho de diálogos rápidos e baixos)

Émerson - [...] cê tá [...] cena do louco, rapá!⁷⁷

- Que é isso? Cê falou [...] nada. (baixo)

e - Muita “cena do lobo”?

- Cena do [...]

- [...]

- Conta a história que cê discutiu com nós...

- Cê falou [...]

- [...]

- Conta aí!

- Conta aí!

Adriano - O cara se matou [...], se matou... se entregou na cachaça. Que ele tinha a mulher dele tal, os filhos dele tal... aí, um dia ele ficou sabendo que a mulher traiu ele, sabe? Aí e tal, a mulher dele traiu ele, aí, a mulher dele traiu ele, traiu ele, aí, como [...] (dá risada)

- Continua!

Adriano - A mulher dele traiu ele, né sr.? Tal, aí ele começou a passar beber... bebida alcoólica e tal, começou a se entregar na cachaça, tal, aí os filhos dele começou a desandar na [...] também e tal, aí ele foi e começou a deixar a cachaça dominar ele tal, aí passou um ano, dois anos, ele acabou morrendo na bebida, morreu bebendo... (pausa) E acabou a história... (baixo)

Edson - Ixe!...

(risos)

Émerson - Mas ele vai falar mais! Fala! (rápido)

- [...] (vários, simultaneamente)

e - Adriano, essa daí foi uma história que você escutou, quando você era pequeno?

- [...] (vários, simultaneamente)

Adriano - Do meu tio, quando eu era pequeno, [...] (sobreposições) quando... eu conheci um cara tal que a mulher dele traiu ele, aí ele não aceitou essa traição e tal, aí ele, em vez de estudar, correr atrás do negócio, não, ele se entregou na cachaça e tal, começou a beber, beber, não queria saber mais de nada acabou virando um...

- Um alcoólatra...

⁷⁷ “rapá”: abreviação de rapaz

Adriano - Um dominado da cachaça, aí morreu bebendo! Deu umas doença nele lá, ele acabou morrendo...

e - Você lembra quantos anos você tinha, quando você escutou?

Adriano - Eu tinha uns seis, sete anos. (risadas) Aí que ele deixou casa, deixou casa, a família tudo prá trás, prá trás, por causa de nada, por causa que foi traído, deixou tudo para trás por causa disso, se entregou na cachaça... [...]

Émerson - Meu pai, aí meu pai lá... (risadas: Paulo, Mateus e Pedro)

Mateus - Essas histórias são foda! (baixo)

(todos riem muito)

e - Você estão achando graça?

Émerson - Meu pai, tinha meu pai [...]

(risadas)

e - Émerson, espera só um pouquinho, deixa eu só entender o que está se passando aqui...

(risos)

- Parece até que é massa... (baixo, rindo)

Mateus - Ou! Pára, ou! (rindo)

Edson - Vixe! Tem que ser os dois, né mano?

- Tsum! Tsum! Tsum! (som de reprovação)

- Esse daí não quer, não quer ir embora não...

e - Foi engraçado aquilo que o Adriano falou, é isso?

(risadas)

- Ou! Já era maluco! Já era e pronto! (rindo)

Edson - Tem que chamar a Rutinha prá ele... (baixo, rápido)

- Tem ainda muito tempo prá ele [...]

- [...] (baixo, rápido)

e - Não é que foi engraçado, é outra coisa?

- [...] (sobreposições, risos)

Pedro - A palavra que ele vai falar, ele sempre erra, é isso. A palavra que ele vai falar ali ele erra.

(sobre Adriano)

- Ele fala "Ah... [...]"

(risadas de Pedro)

Edson - Continua, vai...

Mateus - Aí! Já era, entendeu?

Marcelo - O próximo episódio [...]

- Conta aí [...]

- Conta aí [...]

- [...] (sobreposições)

e - O Émerson queria falar?

Émerson - O que eu falei é que o... o compadre do meu pai tomava álcool, não tinha cachaça ele ia lá e tomava álcool....

(risadas: Pedro e Mateus)

Edson - Faz outra aí maluco! (rápido)

- Eu tô rindo só... (baixo)

Edson - Faz uma...

- Conta aí, Émerson...

e - O Émerson, falou do compadre...

Émerson - Do compadre do meu pai lá...

- Ah! Vou contar uma...

Emerson - Não tinha uma cachaça ele tomava um álcool...

Edson - Ah, meu primo... meu primo ele é alcoólatra também. Ele foi internado em uma pá de clínica aí, ele foge, pega um táxi e vai lá pro serviço da minha tia, toda vez... A minha tia tem que pagar o táxi e ele muito louco ainda... Tem que sair do serviço dela e levar ele até em casa, colocar ele lá, deixar meu outro primo cuidando dele, o primo dele assim, cuidando, daí meu primo deixa ele sair, começa a pegar umas coisa também... (rápido) da minha tia, começa a [...].

- [...]

Edson - Não, mas tipo... isso daí, tipo... Por causa que o negócio é o seguinte, né senhor, desde quando ele começou a fazer isso daí, desde quando aconteceu, né sr.? O meu irmão, ele tinha 10 anos, tava brincando, tava brincando com esse meu primo aí, que bebe e tal, né? Tava brincando, ele e meus outros primos tava brincando de polícia e ladrão e tal, meu primo cansou de... tipo de morrer, né? Meu irmão sempre... tipo matava ele assim, "Ah! Te matei e tal, você morreu!" (imitando voz de criança). Daí, tipo, ele já tinha 13 anos, né? Ele já bebia já.

- Nossa!

Edson - É, ele já bebia já, tipo, bebia, fumava, com os moleque da escola, tá ligado? Aí ele catou e... pegou o revolver do meu irmão... do... do meu tio, deu três tiros na cabeça do meu irmão (rápido), daí, daí tipo... daí meu irmão morreu, né? Daí tipo ele...

Emerson - [...] a liberdade. (rápido)

Edson - ...daí ele se culpa até hoje, né? Por causa disso daí e tal, toda vez que ele lembra ele...bebe, bebe, bebe mais e mais e mais e mais...

- É um negócio que ele não fez por querer, né?

Edson - É, tipo... que ele não fez por querer, ele não imaginava que aquela arma... ia matar, ia matar o primo dele, tal. [...] que ia acabar morrendo, tal, o meu irmão. (baixo)

- Toda história que eu conto [...] (baixo)

e - Essa foi uma história que ficou na vida...

Edson - Na vida dele, daí por isso que ele se entregou realmente no álcool, tipo... vem aquilo na mente dele, ele tem que esquecer, e não consegue, aí começa a beber, beber, beber, prá ele ficar bêbado e esquecer... daí... aí com isso se prejudica mais ainda... (voz triste)

Pedro - Beber não é solução.

(silêncio)

Edson - Aí se prejudica mais... (baixo)

Adriano - Uns cara que eu conheci quando era pequeno, tinha uns oito anos (voz baixa), quando eu [...] que... tipo assim a mãe da [...] que tinha uma mãe, né? Só que a mãe dele era a maior rebelde, a maior rebelde, batia nele, tal, não gostava dele, tal. Aí ele sempre falava "Ah! Eu vou fugir, e tal e não sei o quê...", falava prá ela e ela "Foge! E não sei o quê... foge!", aí um dia ele fugiu de casa, ficou uns meses fora de casa e tal, lá pro lado da Praça da Sé, aí, ele ficou uns mês fugido e tal, daí depois veio uma notícia prá mãe dele lá, que encontraram ele enforcado, tal, com lençol (baixo). Aí, a mãe dele se sentiu culpada da morte dele, da morte dele também, em vez, em vez de tentar compreender o filho, tal, não, mandou o filho embora, tal, batia, [...] (muito baixo e rápido) embaçado...

e - Você ouviu quando você era criança?

(pausa)

Marcelo - Uma historia assim, que eu, que eu sempre ouvi os outros falar assim também, quando eu tava nas clínica...

- Faz uma aí, [...] (rápido)

Marcelo - Aí tipo... é, tipo de droga assim também, eu fiquei numa clínica, dois anos internado numa clínica lá em Moji das Cruzes, [...] isso daí eu sempre ouvia os outro falar e pá, que tipo por causa da droga assim, tinha um maluco lá, [...] aí falavam que ele usava droga, que era viciado em crack (rápido), [...] assim, 8, 9 anos que ele era viciado...

(tosses)

Marcelo - Aí ele, quando ele (tosses), quando ele não tinha dinheiro prá comprar droga assim (rápido, todo o parágrafo), ele sempre ia lá no serviço da mãe dele e tal, aí a mãe dele já sabia que era prá ele usar droga, assim tinha vezes que ela não queria dar, e tal, aí ele ia e batia nela, aí ela tinha que dar o dinheiro prá, prá ele ir usar droga e tal, aí, com o passar do tempo assim, ele foi embora de casa, muito revoltado, aí ele começou a se prostituir depois começou a roubar, depois [...] (risadas sobrepostas: Pedro e Mateus)

e - Acharam engraçado?

Émerson - Ele virou, virou, virou viado, sem maldade?

Marcelo - Ah! Sei lá mano! Ele falou que se prostituía prá ele poder ganhar dinheiro prá poder usar droga... (sobreposto ao final)

- [...] (sobreposições, baixas)

Paulo - Ele era seu parceiro? (baixo)

Émerson - Era garoto de programa ou...

Marcelo - Presta atenção maluco! Tá me tirando!? (baixo, para Paulo)

Émerson - Hein? Ele virou garoto de programa ou o quê, mano? Hein?

Marcelo - Ah, eu não sei mano, ele só falou que ele, ele pá se prostituía, prá ganhar dinheiro prá...

- Prá usar droga [...].

Émerson - [...] aí, né sr.?

e - Você terminou a história?

Marcelo - Ahn?

e - Você terminou sua história?

(conversas paralelas, baixas)

Mateus - Por isso que o nome fala: é droga!

- [...]

- Droga acalma...

- [...] outra história...

- [...]

(conversas paralelas, baixas)

Adriano - Tô quase lembrando de outra história.

- Vai Perna, sai nessa! (baixo)

- [...]

- O Cicatriz...

Paulo - O Cicatriz podia estar aqui...

- [...]

Paulo - Colega nosso aí, sr., o Rogério. Ele conta várias história prá nós aí no pátio...

- Que Rogério?

Adriano - O Rogério, o Rogério Leonardo, [...]

- [...]

(Fim de fita, mudança de lado)

- ... fita, desde quando começou?

Pedro - Acho que não, essa é a quarta, já, a segunda...

Émerson - Que fita é essa daí, sr.? A segunda, a terceira, ou é a quarta?

e - Quarta, né? Quarto grupo.

Émerson - É.

- Vixe! Nós falou [...]

Émerson - [...] bastante, bastante atento, hein?

Edson - [...] nós falou bastante, nós falou até de óculos!

e - E vocês, vocês também se vocês puderem analisar o radinho aqui, tá quase ficando fraco, vai ter de trocar a pilha...

Pedro - Ah, essa historia, que eu vou falar também, né senhor?

e - Ahn...

Pedro - É do irmão do meu pai, né sr.? Que era bastante [...] (sobreposição). Ele batia, toda vez que ele saia, ia prá casa, tipo duma [...]

Edson - [...]

Pedro - Né, sr.? Mas só que a mulher dele verdadeira, ficava em casa e tal, mas só que aí ele saia [...] (baixo, rápido) e tal, ficava prá lá, né? Chegava em casa, via que ela não tinha feito comida, só tinha feito comida prá ela e pro menino tal, feito [...] pros meus primos, prá minhas prima (baixo), então quando ele chegava em casa ele batia nela, espancava tudo... começou a espancar, espancava os meninos, só... num pegava só ela, né? Espancava todo mundo, não... Era sempre a mesma rotina, entendeu? Sempre a mesma rotina, até que chegou um ponto que ela deu uma facada nele. Ela não, ela não queria, não queria apanhar, até coronhada de revólver ele já tinha dado nela, já tinha dado três tiro, só que não pegou, né?

Émerson - Sua letra é bonita! (baixo, para a observadora apenas)

e - Desculpa, eu não entendi. (para Pedro)

(Émerson cantarola)

Pedro - Meu tio ele, é, sempre, [...] um monte [...], até um momento que ela chegou, prá dar uma facada nele, ele ainda deu umas coronhas no rosto dela e tal, ficou deformado, ficou até... com as marcas no rosto, né sr.? E tal, aí mais, aí já deu mais três tiro, deu mais três tiro nela mas só que não pegou. Foi quando ela conseguiu dar uma facada nele, mas não matou, mais memo assim ele continuou... bem naquelas... batendo... inté hoje ele não vai na casa de nenhum, num veve mais com ela não, né? Já vive em outra casa já, tá com outra mulher e o filho dele, eu sei que meus primos não tá lá na casa dele. Eu sei que foi assim, eu [...] tava lá, [...]. (voz baixa ao final)

e - É história que aconteceu, né? É uma história que você ouviu ou que você presenciou?

Pedro - Não, não é igual essas histórias, meu pai via, né Senhor?

e - Seu pai.

Pedro - É, que ele também inté já pegou o meu pai de pancada também, né senhor?

e - Seu pai te contava?

Pedro - É, quando era ainda mais novo, meu tio morava com ele, ele era mais velho, né? E saia pegando meu pai, ia chamar meu pai prá ir trabalhar, meu pai "Não, hoje eu não vou não e tal", ele ia lá pegava, pegava aquele [...] de bater cavalo e saia pegando meu pai, dava murro no meu pai, cortava meu pai com ponta de faca, e tudo. Aí, aí ele começou a passar isso prá família dele também, até, inté hoje os meu primo é revoltado também, né? Mas então... graças a Deus meus primos não chegou a ponto de fazer o que eu fiz, prá tá aqui dentro... (baixo) Ele tá sossegado, graças a Deus ele tá arrumado, a mulher dele também [... ..] tá se aposentando... (baixo)

e - Oi?

Pedro - Tá quase se aposentando também, ele trabalha numa [...], de matar boi, né? [...]

e - E você ouviu essa história, você era criança?

Pedro - Quando eu tinha 10, 9 anos por aí. 9, 10 anos, meu pai me falava. Ele sofria também [...] quando meu irmão fazia, ele me pegava, quando era eu que fazia ele pegava o meu irmão, era sempre ao contrário, quando ele fazia minha mãe vinha e me pegava, aí eu ia e fazia, meu pai ia e pegava o meu irmão, era sempre diferente. Agora vida normal, tô sossegado, graças a Deus, hoje tô sossegado [...].

Edson – O Émerson tá enchendo o saco! (baixo, para Marcelo, Émerson cantarolava)

- Conta aquela história...

- [...]

Adriano - Conta a sua história, Mascarado!⁷⁸ (para Paulo)

- [...]

Adriano - Conta aí, pô!

Marcelo – Cês pode até tomar cuidado...

e - Vocês querem que o Paulo conte uma história?

Edson - É prá ele contar... como ele se queimou no bagulho lá... [...]

Paulo - Ele [...] senhor com a mãe ele foi lá... na macumba lá... (baixo)

- Mais conta direito, pô!

Paulo - Foi o seguinte, ele... ele tava lá perto de casa, né? A gente tava andando lá... aí tinha um lugar, que ele morava lá, aí meu pai foi, aí deixou um terreno lá, ele construiu um barraco lá, ficou morando lá, um tempo, ficava fazendo os trampo lá, alguns negócio, direto ele ia lá em casa, minha mãe dava comida prá ele lá, e pá, firmeza, aí meu pai arrumou uma briga com ele aí espirrou ele lá do terreno, aí mandou ele embora. Aí ele foi lá prá macumba lá, ficou morando lá, vivia com mais uns maluco lá, só ficava bebendo cachaça o dia inteiro, aí os malucos veio, rolou uma treta com ele, o outro cortou logo o pote⁷⁹ dele, entendeu? Que depois só tinha um corpo lá, por causa de pinga, arrumaram uma briga lá, só tinha um pote...

Émerson – [...]

Paulo - Ele só tinha um corpo, o pote sumiu, aí ficou dois dia, aí ficou uns dia lá, o pote desaparecido lá, aí passou foi, foi, quase um mês! Acharam o pote dele lá...

- A cabeça dele.

Paulo - É, a cabeça dele lá pertinho jogado no mato, os malucos lá ainda, tinha um de... acho que era um de 15 ou 16 anos, eles tava lá também bebendo binga, tudo maluco novo, só bebendo pinga lá, tudo acabadão já...

- Tudo desandado na pinga...

Paulo - Tudo desandão na cachaça (risadas). Os maluco morava lá na macumba lá. Pessoal faz várias macumba lá.

Edson - E fala como foi a história [...] como que foi?

Paulo - Quando eu era pequeno, né senhor, tinha deixa eu ver (baixo), tinha 5 anos, aí eu e meu irmão pegamo um litro de álcool, né? Nós começou fazer uma fogueira, pegamo uma lata, enchemo a lata de álcool, aí meu irmão foi e colocou assim, eu falei: "Daí! Me dá o fósforo aí que eu acendo, daí o fósforo... daí hora que eu joguei, que eu joguei veio tudo em cima de mim, né, chamona assim, eu falei "Nossa!". Eu saí correndo, aí tinha um, tinha um tanque assim cheio de água, aí já pulei dentro do tanque, fui pro hospital fiquei uma semana lá, uma semana lá de coma

⁷⁸ “Mascarado”: apelido de Paulo, que tinha marcas de queimadura na face

⁷⁹ “pote”: cabeça

lá, aí depois fiquei, aí depois fiquei mais um mês, aí fiquei um mês no hospital, uma semana em coma aí depois fiquei normal, passei ainda por várias cirurgias, seis cirurgias...

Edson – Prá ficar assim bonitinho!

- [...]

(Émerson vai ao banheiro)

Adriano – Cansou? (baixo, para a observadora)

- [...]

Edson - Fazer uma plástica nele prá ver se ele [...].

Pedro – [...] eu também posso contar uma história, senhor, foi minha [...] é... [...] não chegava a acreditar né, senhor? Eu tinha meus 4, 5 anos, eu entendia pouco, eu não entendia nada, né? Então eu acreditava, entendeu senhor? Agora e tal... Tipo esse negócio de chupa-cabra, [...] tipo eu falava: "Que bagulho é esse de chupa-cabra e tal...?". Tinha meus... 7, meus 6 anos, de prá 6 prá 7 anos, tava no matadouro, [...] tava no matadouro e tal, onde que, matava boi também, né, meu irmão. Aí ela tava no matador e tal e ela, aí ela: "Vai lá prá mim [...], vê como tá o boi e tal", aí eu "Não, eu vou lá naquele outro lá sozinho e tal, ver como é que tá...", e tava lá no chiqueiro, "Vai buscar o porco prá nós, seu pai quer matar, [...] uma pá de gente aí...". Eu vou com uma luz acesa que do outro lado lá tava tudo escuro, né? Uma parte [...] fica tudo escuro, né? Aí tá, aí minha vó, "Não, vou não." Aí fiquei, né? Aí a minha vó, aí ela foi, aí ela falou que viu um [...] , pulando pro outro lado do morro, né? E... então, tipo... passou por cima do muro, entendeu, sr.? Então passou em cima, passou no meio da [...], que é tipo uma fábrica de algodão, passou pelo meio, passou [...] e foi tudo, pro matadouro, né? E tava lá, pegando é... pegando, pegando os carneiro, que tinha os carneiro, aí tipo, minha avó, ela foi, quando ela voltou ela viu aquele negócio ela ficou parada, entendeu, sr.? O bicho querendo vir em cima dela, ela falou que queria vir prá cima dela e tal, aí ela saiu correndo até o momento que ela foi e chamou meu tio. Só que, ele foi, ele, ele tinha matado um boi, né senhor? [...] tava vivo, né? Aí ela foi e falou que o bichão matou um boi. Aí o boi tava no meio do [...], né sr.? [...] tudo zoadado [...] aí meu tio veio, atirou [...] o bicho saiu correndo [...], aí quando a gente foi olhar o boi, não tinha uma parte do peito, tava tudo aberto, tinha arrancado o coração, [...], ela me falou, né senhor... eu tava com ela e tal [...] (barulho de porta se abrindo, Émerson volta do banheiro) ela só disse que [...] ela me falou, ela começou, [...] aí depois ela veio ela começou a contar, quando eu tinha 6, 7 ano, que tinha visto o bicho, ela ficou de choque, [...] o bicho caiu em cima dela, querendo pegar ela, até o momento que ela correu, abriu a porta e saiu e chamou meu tio, aí chegou meu tio, deu três tiros no bicho, feriu o bicho, [...] saiu pulando o muro, que o muro é grande, saiu pulando o muro e foi embora. (rápido, em todo o trecho)

(Edson canta)

e - Deixa eu ver se entendi, você tava lá no matadouro, aí você não viu isso, quem viu foi sua avó?

Pedro - Foi minha vó, senhor, porque ela pediu prá mim ir lá ver, como tava o boi, aí eu falei: "Não, eu não vou não! Como eu vou saber o que tem lá prá baixo e tal?", aí ela falou "Então tá bom, então fica lá prá dentro!", aí eu fui lá prá dentro do matadouro, com meu pai e tal, aí eu tô lá dentro, aí ela falou: "Quê que viu?"...

e – Mais tarde?

Pedro – É, aí ela veio contando.

e - Anos depois?

Pedro - Uns dois, três anos depois ela veio contar [...] e tal, aí ela veio contar isso daí, e eu: "Ah! Eu não acredito não!". Depois comecei a acreditar, nove anos eu comecei a acreditar, né senhor? Depois eu fui vendo. Ah! Isso é coisa da [...] coloca isso na mente, e eu me deixei levar...aí

pronto, né sr.? Aí inté... [...] acreditar né senhor [...]. Agora... não acredito em mais nada! [...] quantas coisas que eu escutava em casa!

e - Quantas coisas você escutava nessa época?

Pedro – Eu tinha medo, né senhor? Porque eu dormia no fundo, meu pai dormia [...] na sala [...] no quarto do meu pai, e o nosso quarto era o... do fundo, né? Do lado do quarto do meu pai, quase na saída do... quintal. [...] dormia eu, minha irmã e meu irmão né senhor, a gente era pequeno, dormia nós três juntos, [...] aí tal [...] (tosses) quando ia deitar [... ..] aí do nada um negócio começou a bater na porta, aí fiquei meio naquelas, não dormia, né senhor, ia prá debaixo da cama, me escondia debaixo da cama, sr., eu me escondia debaixo da cama, porque eu não sabia o que era né senhor, aí tal, aí minha irmã também já saía e já se escondia, só ficava o meu irmão, né? Era o mais velho, aí ficava "Não é nada não, é só o vento que puxa algumas coisas e bate na porta e tal...", "E... cê é louco? Eu não vou ficar aí não e tal", aí: "Não, volta prá cama!". Aí chamou a minha mãe, aí minha mãe, aí a mãe colocou nós na cama, aí do nada escutava um barulho, [...] tipo minha mãe abrir a porta, mais arranhava a porta e começava a ruivar, a ruivar, né senhor?

- Aúúú! Aúúúú! (imitam o ruivar de um lobo)

Pedro - Começava a ruivar, sr., aí, ficava com medo ia prá cama do meu pai, aí de lá eu não saía não, toda vez que eu ia dormir eu não queria dormir no meu quarto, ia prá cama do meu pai, quando [...], sei lá, porque eu tinha medo disso daí, entendeu?

Adriano - Lobisomem?

Pedro – Ah! Sei lá! Não sei o quê que é.

Mateus – Chupa-cabra! (baixo)

(silêncio)

e - Histórias assustadoras, né?

- Dá até medo!

e – Oi?

Paulo – Essa daí dá até medo!

- [...]

Paulo – Essas daí [...]

-[...] (várias falas)

Paulo – O Vesguinho! (baixo)

- [...]

Paulo – Vai lá Cego!

Émerson – [...] não veio nenhuma! (baixo)

e - O Émerson tava cantando agora há pouco, Émerson? Fala! O quê que você cantava?

Émerson – Caramba sr.! Eu tava cantando bem baixo, o senhor ouviu? (alto) He! He! (risadas)

e - O que você cantava?

Émerson - Eu tava cantando um samba, senhor.

e - Um samba!? Você poderia cantar pro grupo inteiro?

Émerson – Cantar pro grupo inteiro? (alto)

- [...] (várias sobreposições, altas)

Émerson - Mais esse daqui tem um futuro, senhor, se ele tipo assim, levar a sério assim... (sobre Edson)

Marcelo – Esse tem futuro, tem futuro de cantor esse aqui...

Émerson - ...porque ele tem uma voz boa, tem uma voz boa senhor.

e - Porque de repente, de repente a música que você estava cantando, podia ser uma espécie de história...

Émerson - É nada! É um samba!
e - Como é que era o samba?
Émerson - Era do Boka Loka que eu estava cantando.
e - Então, como é que era?
Émerson - Cantar assim senhor?
e - Não, você pode falar, pode só falar, então.
- Canta!
- [...]
- [...]
- "Quem canta seus males espanta!"
Edson - [...] a Lacaia⁸⁰ [...] vai! Então canta!
Émerson - Não, truta, eu tou...
e - Se você não quiser cantar não precisa.
Émerson - Tô de boa⁸¹, sr. ...
e - Tá bom...
- [...]
- Canta aí o outro então!
Edson - "Aquilo que você me diz... eu aqui sofrendo e você aí, tão infeliz...
Émerson - Essa música que eu tava cantando...
e - Ah é?
Edson - ...eu tô sozinho, sem ter carinho, prá onde ir... e você benzinho...
- [...]
Émerson - [...]
Edson - ...me viu dormindo, e eu nunca tive dor... **Será que não sobrou um pouquinho de amor, de amor... de amor...**" (cantando junto com outro(s) ao final)
Marcelo - Ah! Eu já tô ouvindo os trovão já, (sobreposto com o final da música) ...que vai chover daqui a pouco.
Pedro - Não vai chorar... (baixo, apenas para Mateus)
Edson - Ah! Não gosto de cantar samba não...
Marcelo - Daqui a pouco vai quebrar os vidro...
Edson - ...eu gosto mais de cantar MPB. Entendeu?
Émerson - Eu tava cantando aqui tipo só no pensamento, hein senhor? O senhor tipo, ouviu.
- [...] (sobreposições, conversas paralelas, alguém cantarola uma música)
- Conta várias histórias lá no quarto, aqui não, agora tá tímido aqui, não sei porque... (rápido)
Émerson - Você ouviu, senhora? O cara aqui do meu lado...
- Eu não tava prestando atenção...
e - Oi?
Émerson - Eu cantando aqui, só quase dentro do pensamento aqui, o senhor... (risos)
Edson - [...] espiões...
Émerson - Caramba! Legal hein senhor! Legal.
Edson - Legal! (risada)
Émerson - Interessante.
Edson - Mais tipo... acho que ele já tem um lance prá ouvir e observar muito. Né?

⁸⁰ "Lacaia": nome artístico de um dançarino carioca homossexual de funk, de bastante sucesso em 2003

⁸¹ "tô de boa": expressão comum na Febem, de significado próximo a "estou suficientemente bem", em geral acompanha negativas a um convite

(silêncio)

Émerson – Hein, senhor! Desculpa perguntar, mais o senhor é irmão dela, senhor? Não?

e - Não, não sou irmão dela.

Émerson - Parece.

- Parece.

e – É?

- Nem parente?

Mateus - Não é parente não?

Edson - Nem parente?

(pausa)

- Parece...

Edson - Legal, nos olhos são iguais...

Émerson – Caramba! [...] não tá entrando na mente que o senhor me ouviu cantando, tava cantando bem quase dentro do pensamento aqui, e ele ouviu cantando... (rindo ao final)

e - A gente tá interessado naquilo que vocês tem a dizer, né? No que vocês têm a dizer...

Émerson - Mais escutar assim...

- [...]

- [...]

e – Oi?

- [...]

Edson – Canta aí, Abelardo! (baixo, para Marcelo)

e - O nosso objetivo hoje, né? Seria esse, né, de saber das histórias que vocês ouviram quando vocês eram crianças, né? (conversas ao fundo)

- [...] (sobreposições)

- "Canções que [...]"

Edson – "Lembranças que ficaram no meu pensamento..."

- [...] (vários, baixo, cada um canta um trecho)

- [...] "Muito sofrimento, [...] prá minha coroa, não pensava em nada, zoava a noite inteira [...]"
(ritmo de RAP, vários simultaneamente)

Émerson - E cada música que você ouve, (alto, sobreposto à música)

- [...] fiz um filho com a mina, que já não era a primeira, moleque burro e virgem, foi pela beleza..."

(cantam, Mateus faz batucque com a boca como acompanhamento)

Mateus – Essa música é baseada em fatos reais, senhor... (baixo)

- [...] a minha [...] (cantando, baixo, rápido)

- [...]

- [...]

- [...] é, tipo...

- E veio com conversa prá cima daquela mina [...] conversa...

- [...]

- [...] meus parceiro nós zoava!"⁸²

⁸² Música do grupo Detentos do Rap, de título "Baseado em fatos reais", segue o trecho cantado:

“LEMBRANÇAS QUE EU TRAGO NO MEU PENSAMENTO DA VIDA
QUE EU TIVE SÓ DE DOR E LAMENTO MUITAS COISAS RUINS
BEM POUCOS FORAM AS BOAS, AS DROGAS, A VIOLÊNCIA,
O CRIME, O SOFRIMENTO PRA MINHA COROA,
NÃO PENSAVA EM NADA ZUAVA A NOITE INTEIRA
AOS 18 ANOS DE IDADE A PRIMEIRA BESTEIRA
EU FIZ UM FILHO COM A MINA QUE JÁ NÃO ERA FIRMEZA,

- [...]

Edson – É, tem, tem, tipo...

Émerson - Essa música aí, é tipo, ele cantando a [...] (sobreposições)

- A história dele...

- A vida dele...

Marcelo - Igual a vida dele...

Émerson – Tipo... ele com 18 anos só pensava em zoar, em curtir assim, aí conheceu uma menina que, que nem ele fala na música, que não era...

- Não era...

Émerson - ...não era firmeza com ele, não era aquela mina que era o futuro dele...

Edson - A mina só queria saber de zuar, dançar...

- Gastar o dinheiro dele...

Edson - Gastar o dinheiro dele...

Marcelo – A mina ficou grávida, depois tirou a filha dele...

Edson – Depois tirou a filha dele...

Marcelo - Abortou a filha dele...

Émerson – [...] ela tinha uma doença, a- a- HIV, né? E além disso ela tinha, ela tinha AIDS, tal... (Mateus e Pedro conversam, baixo, sobre aborto, Mateus é a favor, Pedro contra)

Pedro – Aborto é uma parada muito forte, mano!

Mateus – Eu não acho. (baixo)

Edson - Ela tinha AIDS, tal, e passou isso prá ele, depois que ele tava preso por causa do assassinato dela...

- [...] (conversas paralelas)

Émerson - Primeiro ele, ela já tirou o filho dele, né? Que o sonho dele era ter esse filho dele aí que ela tava grávida e ele não sabia que ele tava dando aquele dinheiro para matar o filho deles mesmo.

Edson - Porque ela, ela pediu dinheiro prá ele, tal, e ele catou e deu dinheiro prá ela mais ele não sabia que era prá ela tirar, ele pensou que era prá ela comprar alguma coisa, uma vitamina pro nenê, tipo vitamina prá ela tomar, prá ficar forte e tal, ou prá comprar coisa prá ela mesmo, ela foi e comprou remédio prá abortá tal, e abortou, e aí, quando ele ficou sabendo e foi no mesmo lugar que ele encontrou ela, aí ele foi, catou e matou ela tal, a polícia chegou e prendeu ele, prendeu ele...

Paulo – [...] de detenção...

Edson - Daí depois, depois que ele estava preso e tal, daí veio os sintomas, né? Poque que ele tava, ele tava com vírus HIV, tal, já tinha pegado dela também, entendeu? Daí ele... tipo, ficou mais nervoso ainda...

(pausa)

e – [...] música também?

- Cantando, cantando [...] a música...

e - É uma música que todos vocês sabem?

(todos: sinal de positivo)

Émerson – [...] exame de HIV, 2, 3, 4, 5, prá depois ele vê que, [...] ele vê, porque ele não acreditava que ele estava com AIDS...

Marcelo - Têm vários RAPs que eles contam a vida... (rápido)

- [...]

Émerson - ...de HIV nele e tal...

Marcelo - Ele não tem... certeza, ele sempre [...]

Paulo - Na outra parte ele fala...

Marcelo - ...falando sobre a vida...

Edson - O que aconteceu mesmo.

Paulo - Aí na outra parte ele fala... [...] o desespero dele foi lançado, fala que o desespero dele foi lançado, entendeu? Que aquela mina lá tinha...

- [...] (falas sobrepostas, vários, rápido)

Adriano - Ele fala que o destino dele é a morte... (baixo)

- Aquela mina lá não queria nada com ele, né, só queria curtir...

- [...]

Émerson - Só queria pã... só queria [...]

Edson - Ele tinha, ele tinha, ele tinha um carro bom, ele roubava e tal, ele tinha um conceito, um IBOPE na quebrada...

Pedro - Aí no final, né, ele... foi no mesmo local, tal, aí ela pensou que ele já queria outro esquema com ela e tal, aí quando ela tava com ele [...]

- [...] no coração... (cantando)

- [...] ele apontou o revolver, [... ...]

Edson - Aí ele se sentiu vingado...

- [...]

Edson - Matou a pessoa...

- [...]

Edson - ...se sentiu vingado. [...] no tribunal, no tribunal, bateram 6 anos de detenção prá ele e tal, aí o cara inventou várias histórias, vários parceiros do lado dele, tal, e... no final da música dele, como... acho final de todos tem AIDS, ele fala: "o futuro? O futuro é a morte..." (pausa). E eu acho que de todos que tem AIDS aí... assim tipo, toma uns coquetel que tem aí, mas não adianta, vai adiantar? Adianta assim, um pouco, mais não vai tirar... não vai tirar a doença, dele, daí tipo... passar um tempo morre mesmo, né sr....

Pedro - [...] uma música dos Racionais⁸³ fala de cocaína e crack... uísque e conhaque, maconha [...] aí ele vem e começa a falar, mas, mas que tipo ele não usa, né? Não fuma nem usa nada...

Aí ele fala: "Mas quem sou eu prá falar [...]" (cantando). Aí ele fala que nunca deu [...] nada [...] prá fumar na escola, né? [...]

Edson - Porque isso daí, isso...

Pedro - ...aí ele fala mais quem descobriu [...] desculpa da palavra senhor, "eu nunca tive porra nenhuma [...]", ele deixa do diabo dominar, o diabo na vida dele, o diabo quer entrar na vida dele, né senhor? [...] (sobreposto pela próxima fala)⁸⁴

⁸³ Famoso grupo de RAP paulistano.

⁸⁴ Trata-se da música "Capítulo 4 Versículo 3", segue o trecho a que se refere Pedro:

*"...TRAGANDO A MORTE SOPRANDO A VIDA PRO ALTO
Ó OS CARA SÓ A PÓ PELE O OSSO
NO FUNDO DO POÇO MÓ FLAGRANTE NO BOLSO
VEJA BEM NINGUÉM É MAIS QUE NINGUÉM
VEJA BEM VEJA BEM E ELES SÃO NOSSO IRMÃOS TAMBÉM
MAS DE COCAÍNA E CRACK WHISKY E CONHAQUE
OS MANOS MORREM RAPIDINHO SEM LUGAR DE DESTAQUE
MAS QUEM SOU EU PRA FALAR
DE QUEM CHEIRA OU QUEM FUMA
NEM DÁ NUNCA TE DEI PORRA NENHUMA
VOCÊ FUMA O QUE TEM ENTOPE O NARIZ
BEBE TUDO O QUE VÊ FAÇA O DIABO FELIZ...."*

Edson - Porque esse negócio de droga também, né sr.?

- [...] prá nós...

e - Vocês todos sabem também?

- [...]

Edson - Tipo essa daí já é outra música que fala, que fala, né? Tipo... de droga...

- Álcool...

Edson - ...álcool... isso daí pode te matar também, por caso que tudo que você usa demais, acaba estragando... bebida se você usar demais estraga, droga se você usar demais estraga... (pausa) Amizade, se você usar demais estraga...

e - Amizade também?

Edson - Você abusa muito da amizade ela estraga.

e - Vocês ouviram bastante dessas músicas de RAP, né? Acho que tem a ver com o nosso objetivo hoje, que é falar das histórias que nós ouvimos, né?

Pedro - Tem também aquela música do Façção Central⁸⁵, lá. Ele começa, é, que a mãe dele começa a maltratar ele, manda ele ficar pedindo dinheiro no farol e ele começa...

Edson (e outro) - “[...] queimadura de cigarro [...]” (cantando)

Pedro - A mãe dele (sobreposto com Edson), a mãe dele queima ele, porque ele não trouxe, queimadura de cigarro, [...] com moeda, [...] porque ele não tinha [...] nem [...] tinha nada... (início de trecho de fala rápida, baixa, com outras falas ao fundo)

- [...] (alguém cantando baixo ao fundo)

Pedro - [...] ficava direto na rua, né? [...] que bebia... [...]

Edson - “Seu papel era cuidar de mim [...] peço a Deus [...]” (cantando)⁸⁶

Paulo - [...] do barraco tava escrito [...]

- [...] (falas sobrepostas)

Edson - “[...] te juro...” (cantando)

e - Só que eu queria avisar vocês, que a gente já tá encerrando... faltam 10 minutinhos, né?

- [...] (sobreposições)

- [...] tá cedo...

Marcelo - Tá cedo! O senhor fica pro café, aí...

Émerson - Tomar café com a gente...

Edson - Tem uma música, gosto muito dela também, ela também, é baseada em fato real também...

- Fala de uma música tipo nessa [...]

*...IRMÃO O DEMÔNIO FODE TUDO AO SEU REDOR
PELO RÁDIO JORNAL REVISTA E OUTDOOR
TE OFERECE DINHEIRO CONVERSA COM CALMA
CONTAMINA SEU CARÁTER ROUBA SUA ALMA...*

⁸⁵ Grupo de RAP paulistano.

⁸⁶ Trata-se da música “Eu não pedi para nascer”, da qual citamos um trecho:

“Minha mão pequena bate no vidro do carro

No braço se destacam as queimaduras de cigarro, a chuva forte ensopa a camisa o short

Qualquer dia a pneumonia me faz tossir até a morte

Uma moeda, um passe me livra do inferno, me faz chegar em casa e não apanhar de fio de ferro

O meu playground não tem balança, escorregador, só mãe vadia perguntando quanto você ganhou...

...O seu papel devia ser cuidar de mim, cuidar de mim, cuidar de mim

Não espancar, torturar, machucar, me bater, eu não pedi pra nascer...

...Eu oro pra pedir coragem e ódio em dobro pra amarrar minha mãe na cama por querosene e meter fogo...

...Mãe, devia te matar mas não sou igual você, invés de me sujar com seu sangue eu prefiro morrer.”

Edson - É tipo que... é uma música que ele pede desculpas prá mãe dele, entendeu? De tudo o que ele fez ela passar...

- Facção Central?

Edson - É...

- Ah! Eu sei qual que é...

Edson - “**Desculpa mãe, por te impedir de sorrir... desculpa mãe, por você ficar triste sem dormir... desculpa mãe, prá te pedir perdão, infelizmente tarde, tarde... com a lágrima da cor da saudade...**” (cantam: Edson liderando, com participação de Pedro, Paulo, Marcelo e Mateus)

Émerson - [...] também, dessa música aí...

Paulo - [...] foi preso [...] a mãe dele [...] na cadeia...

- [...] (falas rápidas, sobrepostas)

Edson - [...]

Paulo - [...]

Edson - [...] foi revistada...

- [...] revistada pelos funça...

- [...] (cantado, baixo)

Adriano - Essa música fala que... ele não sabia dar valor prá mãe dele, ele só dá valor prá mãe dele depois que ela morreu... (rápido)

Edson - Não, eu sei, mas [...]

- E tipo depois que...

e - Espera um pouquinho, acho que o Adriano quer falar alguma coisa? Eu não escutei muito bem, [...] pode [...]?

Adriano - Essa música aí fala assim que... ele nunca deu valor prá mãe dele, só veio dar valor prá mãe dele depois que ela, ela faleceu...

- Depois que ela morreu...

Pedro - Depois que ela morreu foi que ele quis dar o valor prá mãe dele...

e - Como é que chama essa música?

- “Desculpa mãe”.

Émerson - “Desculpa mãe”, do Facção Central.

e - Mais ele já tá internado?

Émerson - Não, é... Facção Central...

Edson - Tipo... depois que ele sai da cadeia, que ele, que ele vai assim, é... como é que é? “**Vou me regenerar, vou ouvir seus conselhos...**” (cantado, simultâneo com outro)

- [...]

Edson - Depois, aí depois, ele fala, que ele saiu da cadeia, e tal, aí [...] anos depois, “**[...] a cocaína, aquela [...] velha, sai da minha vida [...] roubar, sequestrar, matar...**” (cantado, simultâneo com outro)

- [...] aconteceu!

Paulo - “Se não vou te matar, sair prá enquadrar, num mercado”. (cantando)

Pedro - [...]? Ele saiu da cadeia, então deve ser um mercado da esquina, né?

- Porque a mãe dele conhece, o pai dele conhece...

- [...] tomou um na barriga, aí a polícia perseguindo ele [...]

Edson - Na porta dele...

- Na porta da casa da mãe dele...

- Da mãe dele...

- [...]

- [...] a mãe dele morreu, procurando ele... (baixo, rápido)

- ...a mãe dele [...] (baixo, rápido)

- [...]

Paulo - A mãe dele era muito dedicada ao pai dele tal, vai procurar onde ele tá... [...]

- [...]

- [...]

- [... ...] bebeu [...] aí ele chegou [...]

- [...]

- [...] o tempo que...

Edson - [...] Tipo ele fala assim, é... ele chegou de manhã... no enterro...

- Encontrou a mãe dele tipo num caixão...

Edson - Aí tipo ele... [...]

Émerson - [...] que ele, tipo o que ele pensava, entendeu?

Edson - Ele chegou de manhã...

- Ele chegou de manhazinha...

Edson - Encontrou a mãe dele tipo num caixão, perguntou pro vizinho: "o que aconteceu?", "Ah, [...] eu não sei, tal...". E essa música aí, tal, ele dedicou essa música, ele dedica tudo prá mãe dele, que ele fez a mãe dele passar... e a mãe dele morreu por causo... uma parte acho que foi por causo de desgosto, né?

- [...]

Adriano - [...] aí, quando ele saía, ele não falava aonde ia, aí ela ia atrás... ia procurar onde ele tava, se ele tava nas bocada, se ele tava...

- Sem medo, sem medo de morrer e tal...

Adriano - Sem medo de, de tomar um tiro, entendeu? A mãe dele ficava em cima, né? A mãe dele morreu também... [...]. Do coração e tal, procurando ele... (baixo, rápido) Então, [...] é bom prá tirar uma base daí também prá nós...

Pedro - As música, as música ajuda muito...

e - Uma base prá? Uma ajuda prá?

Pedro - Dessa música aí nós tira um base, né sr.?

Adriano - Prá dar valor a quem ama nós... (baixo, rápido)

- [...]

- As música tem [...] não tem, né sr.? [...]

- [...] e se a gente não perceber...

- [...] era prá tá lá fora, nós agora... [...] nós podia tá lá fora numa hora dessa, ninguém ia tá vendo a nossa falta mesmo, daí [...] ...

Edson - Tipo... a gente ouve essas músicas, aí que dá prá perceber que a maioria das coisa que tá falando é a realidade que acontece aí entre nós, né senhor? Tipo a gente ouvindo isso daí, a gente pode se prevenir, de algumas coisas, né senhor? Tipo... tem várias músicas que fala sobre droga, o que, o quê que acontece com a pessoa que...

- É, usa droga... [...]

Edson - Possui droga...

- [...]

Edson - É...

Émerson - [...] se você pensa [...] que amarra ele na cama, tipo ele... morreu, então [...] amarra ele na cama, ele vai querer [...] e não tem como. Aí ele fala: "Não sou igual a você [...]", ele prefere morrer, aí ele vai em vez de dar um tiro na mãe dele dá um tiro nele mesmo...

Edson - Ele se mata...

Émerson - Ele mesmo se mata...

Edson - Ele se mata prá num...

- Não matar a mãe dele...

Edson - Prá não matar a mãe dele de desgosto...

e - Isso daí na música?

Émerson - É...

Edson - É que... se Deus não...

- Uns colega [...]

- Mas é outra música!

- Mas aí [...]

e - É uma outra música?

- É

- [...]

- [...]

- É, tipo ele que ter umas coisas e ele não pode, a mãe dele não pode dar prá ele, né?

e - Certo...

- Entendeu?

e - Anham... eu tô preocupado que a qualquer momento podem vir [...], né?

Adriano - E essas duas músicas assim, uma fala que a mãe não dá valor pro filho...

- E a outra fala que **o filho não dá valor prá mãe** (simultâneo com Adriano).Tipo...

Adriano - [...] assim...

- Tipo... a “Desculpa mãe” é que ele não deu valor prá mãe dele, ele saía e tal e não sei o quê...

Adriano - “O seu papel devia ser cuidar de mim”, a mãe dele não tinha como cuidar dele, ele [...]

- E a outra é ao contrário, a mãe dele não dá valor prá ele, entendeu?

e - Como, como é que chama a outra?

Adriano - É “Desculpa mãe”, e [...]⁸⁷

- A... a...

Adriano - E a outra [...]

- Não deu valor [...]

Adriano - “O seu papel devia ser cuidar de mim”...

⁸⁷ “Desculpa mãe”:

“(DESCULPA MÃE) POR TE IMPEDIR DE SORRIR
(DESCULPA MÃE) POR TANTAS NOITES EM CLARO TRISTE SEM DORMIR
(DESCULPA MÃE) PRA TE PEDIR PERDÃO INFELIZMENTE É TARDE
(DESCULPA MÃE) SÓ RESTOU A LÁGRIMA E A DOR DA SAUDADE

QUANTAS VEZES NO PRESÍDIO ME VISITOU
NO DOMINGO, BOLACHA CIGARRO NUNCA FALTOU
VINHA DE MADRUGADA SACOLA PESADA
PRA SER REVISTADA PELOS PORCOS NA ENTRADA...
...E EU PROMETI QUE DESSA VEZ TOMAVA JEITO
TÔ REGENERADO OUVI SEUS CONSELHOS
UMA SEMANA DEPOIS EU NA COCAÍNA
CALA A BOCA VELHA, SAI DA MINHA VIDA
EU VOU CHEIRAR ROUBAR SEQÜESTRAR
NÃO ATRAVESSA MEU CAMINHO SE NÃO VOU TE MATAR
SAÍ PRA ENQUADRAR O MERCADO DA ESQUINA...
...VELHA DOENTE DESAFIANDO A MADRUGADA
DE PORTA EM PORTA, ALGUÉM VIU MEU FILHO TÔ PREOCUPADA
FIM DE SEMANA FOI FARINHA CURTIÇÃO
DE PRÊMIO TE TROMBEI NESSE CAIXÃO
UM VIZINHO LIGÔ, QUE FOI ATAQUE CARDÍACO
MORREU NA RUA ATRÁS DA MERDA DO SEU FILHO”

- Do Facção Central também [...] (baixo, ao fundo)

Edson - Então? "O seu papel devia ser cuidar de mim".

- [...]

e - Certo, então gente... Eu achei interessante, né, que no grupo de hoje [...] aí o... o método de vocês, né? As histórias que vocês ouviram quando eram crianças, no começo do nosso encontro hoje, né? Passando aí pro final do grupo para essas músicas, que de uma certa maneira são muito parecidas com as histórias de vocês mesmos, né?

Edson - A realidade...

e - Que era o tema dos nossos dois primeiros encontros, né? Falou um pouco da história de vocês mesmos, né? É interessante que no segundo encontro apareceu vocês também falando, né? Da preocupação de vocês quando vocês saírem daqui, né?

- [...]

e - O quê que vai acontecer - no segundo encontro, da gente - o quê que vai acontecer quando vocês saírem daqui...

- [...]

Emerson - É embaçado... (ao fundo)

e - ...né? Se vocês não iam levar as coisas ruins daqui prá fora, né? Aí apareceu essa preocupação que o Marcelo falou, não sei se o Edson ou o Emerson também, essa preocupação com o que vai ser o amanhã, o que vai ser do futuro, né?

- Aí sr. ...

e - Aí...

- ...tem...

e - Anham...

- Tem várias pessoas que sai... tem gente aqui dentro que não tem maldade, tem muitos que é assim, quando ele entra na FEBEM, quando ele tá prá [...]

(fim de fita)

- Só por hoje... (todos)

(início de fita)

e - Certo. Onde é que nós estávamos mesmo?

Adriano - Tava assim, quando a gente sair daqui nós vai levar as coisas daqui de dentro prá fora... (voz triste, pausa). E eu, creio que eu... graças a Deus quero mudar de vida, que... que, de dentro, as coisas que aconteceram aqui dentro eu quero nada não, não quero levar nada de dentro prá fora não...

e - Acho que são, são questões aí que apareceram no grupo também, né? Não só o passado apareceu, mais acho que apareceu o presente, apareceu o passado recente também, né? E apareceu o futuro também, né?

- [...]

e - O quê que vai acontecer quando vocês saírem daqui, né?

Pedro - É porque... Se deixar a sociedade vai pesar, né sr.?

- [...]

Pedro - Se deixar igual... a sociedade vai começar a pesar, vai... tipo deixar, o sr. tem um filho, eu moro perto da casa do sr., e eu sair da FEBEM, o sr. não vai querer que eu ande com o seu filho, e tal, sua mulher vai ter medo, vai falar: "Não anda com ele e tal, esse moleque saiu da

FEBEM, tal...". Aí vai prá escola a mesma coisa, sempre tá escutando a mesma coisa, e todo mundo assim, [...] a bem dizer quase a sociedade inteira, né? " [...] e tal...". Depois cê tem...

Adriano - Se pudesse cê tem que demonstrar o contrário, né?

Pedro - Depois você, tá mudado, tá trabalhando, tá fazendo as coisas certas, "Não, até [...] e tal, não tô mais nessa vida [...] quero e tal...". Mas nunca você [...]

- [...] aí, sr., não é só a sociedade...

Adriano - Quando você sai daqui, vai, mostra a mesma coisa aí, aí... você não consegue... [...] (voz triste, baixa)

e - Gente, infelizmente a gente tem que encerrar...

- Só por hoje (todos, baixo)

- [...] essa fita aí...

e - Só por hoje? É só por hoje?

- O senhor não vai vir mais?

e - Só por hoje. O que significa "é só por hoje"?

Marcelo - Um dia de cada vez.

e - Um dia de cada vez...

- [...]

Edson - Só por hoje nós falou [...]

e - Vocês falaram "só por hoje" no primeiro grupo e hoje de novo, né?

- [...]

e - No último grupo, né? Tá certo...

Edson - Só por hoje!

e - Certo... Eu queria agradecer muito vocês então, tá?

Adriano - Você vai tar retornando aqui daqui um ano? Só daqui um ano agora?

e - Não sei, espero que eu retorne em algumas semanas, né? Prá já trazer o trabalho por escrito, né? Desses grupos, dessas conversas que nós tivemos.

- [...]

Pedro - Eu mais o Edson não vamo tá mais aqui, sr. ...

e - Você, e o Edson não vão estar mais aqui?

Pedro - Não...

e - Não?

- Eu também, sr. ...

Edson - Eu já tô prá ir embora já...

e - É? Daqui há algumas semanas?

Mateus - Eu espero [...] Daqui até o final do mês já...

e - Certo.

Paulo - Aí, sr., aqueles dois vai tar prá lá também...

e - Certo.

- [...]

- [...] um churrasco...

- [...]

- Daqui até o final do mês, ou então no começo do outro mesmo eu já...

e - Gente! A gente conversa com quem tiver, né? Com que não tiver, a gente pede prá pegar o meu nome completo, lá com a...

- A Leninha...

e - Com a técnica, né? Com a D. Leninha...

Marcelo - É Alexandre Souza?

e - Moreira de Souza. Souza...

Émerson - É Alexandre Moreira de Souza?

e - Isso...

Émerson - Legal...

- [...] assim, [...] o livro...

e - Souza. Procurem Souza, Alexandre, fica mais fácil, né? Tá?

Adriano - Souza, Alexandre?

e - Lá no Instituto de Psicologia da USP, e eu espero que fique pronto, né? Não posso garantir que vai ficar pronto porque tem que ver se eu vou passar na prova que vai ter lá, que eles vão ver se eles aprovam ou não o meu trabalho...

Marcelo - Aí você vai procurar, entra lá e tal...

e - Se eles aprovarem...

Marcelo - Aí o senhor leva eu lá que eu quero ver eles não aprovarem...

(risos)

Émerson - [...] esse trampo aí?

e - Oi?

Émerson - Tem que ser aprovado ainda?

e - Tem que ser aprovado ainda, né?

- Aí você vai lá, na USP, procurar ele...

e - Aí se vocês não encontrarem lá, é por que não foi aprovado.

Marcelo - Não, mais tem que ser aprovado!

e - A gente tá se esforçando prá isso, né?

Marcelo - É só eles ouvirem a parte que nós falamos da nossa vida, o sr. vai ver se eles não aprovam...

Edson - Que nós se expressamo aí, ó...

- [...]

e - Gente, eu gostaria de agradecer muito vocês, tá? Acho que foi muito positivo prá gente tá podendo ter essas conversas com vocês, né? Eu espero que tenha sido também prá vocês, né?

Émerson - É legal...

e - O que vocês acharam?

Edson - Muito louco, gostei!

- Foi muito bom... (baixo) (risos)

Edson - Ah! Tipo acho que foi uma forma de... o senhor ajudou nós e nós ajudou o senhor, né? Tipo... o senhor ajudou nós no sentido de distrair um pouco nós aí, né senhor?

Pedro - É, distrair nossa mente também, né sr.?

Paulo - Tipo hoje é tranca, né? Ficar lá em cima...

Edson - Ficar aqui no nosso dia-a-dia aí, o senhor ajudou nós aí, distrair um pouco nós, amenizando um pouco nossa cabeça...

- [...]

- [...]

Edson - E a gente ajudamos o senhor aí tipo... o senhor tentar fazer seu livro aí, que... se Deus quiser vai dar certo...

Marcelo - Tá incentivando nós a ser escritor também aí...

e - Anham... legal...

- [...] e fica pensando bobagem...

Pedro - E tem muitos também que fica lá em cima, [...] fica pensando na morte do vizinho, lá em cima lá...

Emerson - Pensando na morte [...] “e tal e não sei o quê...” Fica todo mundo pensando isso, entendeu?

- A hora passa que nós nem vê...

- Tem muitos também que não tem oportunidade... prá [...]

- [...]

- [...]

- [...], as história que nós escutou, sinceramente. A hora passa que nós nem vê, né sr.?

e - Vocês já ficaram pensando maldade, das histórias que vocês já passaram?

Pedro - [...] já contou [...] das histórias que ele já fez...

e - Tá certo, gente então mais uma vez muito obrigado mesmo, né? Agradecido. É... eu volto aqui, prá retornar parte desse trabalho, né?

Emerson - Já vai terminar ainda ele? (rápido)

e - Tem muito o que fazer ainda, né?

Emerson - Oopa!

e - Tem muito o que fazer...

- A gente se vê no retorno...

e - [...] prazo, quem sabe, daqui há algumas semanas...

Edson - Ah! Ele tá aqui...

Paulo - Esses três ainda tá aqui...

- [...] uns 30 dias...

e - Prá quem já tiver ido eu desejo...

- O quê?

- Quê?

- Daqui há umas semanas?

- Daqui uns 30 dias...

- [...]

e - Prá quem já tiver ido...

- Ah! Eu posso tá aqui...

- Eu [...]

- [...]

- [...] um ano...

- Não, um ano não, mais daqui há umas duas, três semanas você [...]

e - Desejo então muita sorte prá vocês lá no mundão, né? Que corra tudo bem lá, prá vocês, tá?

Emerson - Que não permaneça no mesmo erro...

- É...

e - Isso é importante também, né? Se vocês erraram, não permanecer no mesmo erro, acho que é um ponto positivo, é um avanço, né?

Paulo - [...]

- [...] (vários, sobreposições)

e - Certo, acho que a... talvez a Marina gostaria de dar umas palavrinhas também, com vocês, não sei...

Marina - Eu quero agradecer, eu sei que eu causei um impacto, que eu fiquei mais quietinha, mas...

Marcelo - Ô... Eu tinha esquecido como que era a sua voz já, sra.!

(risadas)

Marina - Eu acho que nem falei aqui, né? Vocês não me ouviram mesmo. Mas eu queria agradecer aí... [...]. Obrigada.

- [...] (vários comentários sobrepostos)
e - Então gente, é isso aí!
(início de palmas, risos, principalmente de Pedro)
e - Valeu, viu?
(palmas, risadas)
Edson - Só por hoje.
Paulo - [...] vai ser nossa...
Edson - Hoje mesmo... só foi por hoje! Só foi por hoje...
- Amanhã só vai ser por amanhã mesmo...
- [...] (vários comentários sobrepostos)
- Quinta-feira que vem [...]
Émerson - Pára a fita aqui não, sr.?
- [...] (vários comentários)
e - Depois a gente pára ela...
- [...] (vários comentários)
e - Valeu gente... Valeu!
- [...] (comentários sobrepostos)
- [...] esse gravador [...]
e - Boa sorte prá vocês...

(o coordenador e a observadora se colocam fora da sala e se despedem de cada um)

(final: 20:35 h)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA-PILOTO (INDIVIDUAL)

24/11/2003 - UI-19 - FEBEM Tatuapé, São Paulo

1ª Entrevista:

- (entrevistador) Muito bem, então Elton, hoje, nós vamos dar prosseguimento à nossa entrevista, que a gente já começou a segunda passada, com o consentimento e com alguns dados seus, tá?

- Certo.

- (e) Éééé... e assim, então hoje é dia 24 de novembro e nós vamos começar a entrevista agora, 15:24 h:

Elton, hoje, éééé, eu queria que você me falasse um pouco da sua vida. Você sabe que a pesquisa, né, é sobre ouvir histórias quando a gente é criança, né, e o que a gente faz depois, quando a gente é mais velho, mas, hoje, hoje especificamente, eu queria que você me contasse um pouco de você, né? De sua vida, o que que você já fez, né? E quem sabe numa próxima vez a gente entre mais nessa questão das histórias, o que que você acha?

- Certo.

- (e) Beleza?

- Beleza.

- (e) E aí? Conta um pouco de você prá mim!

- Ha! Ha! Ah, é o seguinte: eu estudava, depois eu parei, eu estudei até uns 13 anos, comecei a fumar maconha e já era, Sr..

- (e) Você estudou... Você foi até que série?

- Quinta.

- (e) Quinta-série...

- Quinta-série.

(silêncio)

- (e) E aí? Aí já era? Quando você começou a fumar maconha...

- Aí eu parei, resolvi parar, só trabalhar só na feira, trabalhar na feira com minha vó.

- (e) Aí você parou de estudar,

- Prá trabalhar.

- (e) E aí foi trabalhar na feira com sua vó...

- Aí depois eu parei, e fui traficar.

- (e) Parou de trabalhar?

- Parei, e aí eu fui traficar.

- (e) Ah é?

- Fui só prá mim mesmo. (em voz baixa)

- (e) Prá você mesmo? Prá você...

- Ganhar um dinheiro a mais.

- (e) Ganhar um dinheiro a mais...

- É, ganhar um dinheiro rápido e fácil.

- (e) Rápido e fácil?

- Anhan!

- (e) Aaaah! E aí, com que idade que foi isso mais ou menos?

- Uns 13 anos.

- (e) Uns 13?

- É, acho que foi uns 13, não, catorze, catorze anos.

- (e) 14 anos?

- 14 anos.

- (e) Ahnn... (silêncio) Que mais?

- Depois eu vim preso, parei. Depois eu saí de novo, continuei. Depois achei que tinha que parar, parei de novo. Depois eu fui e me entreguei, já era, tô aqui!

Han! Han! (risada)

- (e) Então além dessa passagem você teve mais duas passagens pela FEBEM?

- Uma.

- (e) Uma?
- Mais uma.
- (e) Ahnn, e aí, da última vez você se entregou?
- Me entreguei. Minha tia falou que era melhor prá mim.
- (e) Unhum.
- Pelo menos uma vez na vida eu ouvi um conselho!
- (e) Uma vez na vida você ouviu um conselho?
- É, eu... (silêncio)
- (e) Unhum...
- Ah! A situação é o seguinte, você tem de perguntar alguma coisa também, senhor.
- (e) Ah, mas o legal é você falar, contar a sua história, o que te aconteceu...
- Ah, [...] (incompreensível) minha mãe foi presa.
- (e) Sua mãe também foi presa?
- Foi presa [...].
- (e) Ela tá presa hoje?
- Tá presa, isso, de vez em quando eu vou visitar ela, uma vez por mês.
- (e) É?
- [...] férias [...] vou visitar ela.
- (e) Quando que ela foi presa?
- No começo do ano.
- (e) No começo do ano.
- Depois da virada ela foi presa, na virada do ano.
- (e) Foi antes ou depois de você?
- Antes. Antes foi ela, depois fui eu. Mas é a terceira passagem dela, senhor.
- (e) Terceira passagem dela. Mas ela já ficou muito tempo na prisão?
- Três e três, seis anos.
- (e) E aí?
- Aí que ela tá presa, sr., mó veneno também... (barulho, vozes de fora da sala)
- (e) Ahn?
- Mó veneno também, tá prá ir embora também.
- (e) Ela tá prá ir embora também?
- É, tá prá descer o negócio lá do juiz lá. Faz quase um ano já! Tá atrasado já prá descer a sentença dela.
- (e) Ah!
- É que demora um ano, um ano e pouco esses tal aí, só prá sair a sentença! Eu não sei se sai agora. É embaçado, senhor!
- (e) E por que que ela foi presa?
- "157", senhor. As outras foi o "12", essa foi "157".
- (e) Assalto a mão armada?
- A mão armada.
- (e) E o "12"? O que que é o "12" mesmo?
- O "12" é o tráfico, senhor.
- (e) O tráfico.
- Tráfico de drogas. Tráfico de drogas e porte de arma, então também. Mesma coisa que o [...].
- (e) Mesma coisa?
- O tráfico e porte de arma. Embaçado, sr..
- (e) Deve ser embaçado ter a mãe presa, né?
- Tem uns irmão ainda que não vai visitar ela, não quer nem saber também.
- (e) É?
- Nem eu nem ela vão visitar. Tem dois irmãos.
- (e) Você tem dois irmãos?
- (sim, com a cabeça)
- (e) Homens?
- Homens.
- (e) Mais velhos, mais novos?
- Mais velhos. Ninguém vai visitar não.

- (e) Ninguém vai visitar?
- Só minha tia só.
- (e) Só sua tia? E você?
- Eu vou, aí, mas não conta, quarenta minutos só de visita! Não levo nada prá ela... [...]
- (e) Você só tem quarenta minutos?
- Quarenta minutos.
- (e) Por quê?
- Ah! O diretor da cadeia lá é rígido, só liberou quarenta minutos só prá mim. Vou ver se no natal agora ele libera eu umas duas horas lá. Um dia antes do natal, pelo menos. (barulho) Eu quero. (barulho externo) Tomara que ela ganhe a liberdade dela!
- (e) Tomara, né? Deve ser difícil ficar lá presa, né?
- Difícil
- (e) Ela te conta como é que é lá?
- Mó veneno, sr. (baixo).
- (e) É?
- Mais veneno que aqui.
- (e) É?
- Tem que pagar dinheiro pela cela também (baixo).
- (e) Desculpe, eu não ouvi.
- Dinheiro pela cela também (baixo).
- (e) Dinheiro? Pela cela?
- É, tipo, quando você chega assim, você tem de dar um dinheiro, então tipo todo mês. Tipo prá comprá umas fita assim, tipo prá comprá alimento, essas fita assim, porque lá na cana não é igual aqui, que vem de graça. Porque é elas que faz, e tal.
- (e) Ah, é?
- Tem que se virá lá. Fazer crochê, alguma coisa.
- (e) Fazer crochê prá conseguir...
- Arrumar um dinheiro... prá pagar.
- (e) Arrumar um dinheiro prá pagar...
- Paga, e aí [...] (incompreensível, barulho) se alimentar. E a faxina também.
- (e) E se não conseguir, o dinheiro?
- Vai prá outro barraco!
- (e) Vai prá outro...
- É, outro pior.
- (e) Outro barraco pior...
- Vai...
- (e) Porque a comida, é como se fosse coletiva, no barraco?
- É, coletiva, todo mundo dá um pouquinho. Aí quem tem visita leva arroz... quem não tem, não leva nada... e fora o que você leva ainda tem de pagar ainda, porque tipo... tipo a resistência que eles compra, toda semana queima, tá ligado? A resistência, toda semana queima, tem que comprar a resistência, toda semana.
- (e) A resistência... do chuveiro, isso?
- Não, outra resistência que fala...
- (e) Prá fazer comida?
- Fazer comida.
- (e) Porque não usa gás...
- Não usa gás.
- (e) Só energia elétrica...
- Só energia elétrica. Aí sem a resistência aí, não faz as comida. Faz bolo... essas fita.
- (e) Ahn! E você? Você levo alguma coisa prá ela? Você falou que não, né?
- Não levo nada, sr., levo minha presença! (sorriso)
- Tá bom já.
- (e) E quando você tava fora da FEBEM, em liberdade, como é que era?
- Não fui visitar não.
- (e) Você não foi visitar?

- Tsum! Tsum! (não) Meu documento tava aqui, na FEBEM aqui, aí se eu viesse, eles iam, eu ia ficar preso. Aí eu não vim buscar. Eu não queria me entregar naquela época.

- (e) Aaah! Seu documento tava na FEBEM...

- É

- (e) E aí você não podia ir na cadeia...

- Não podia, se eu fosse também lá, aí sem documento, eu ia ficar por lá mesmo.

- (e) Aaah!

- Ser fichado, e já era!

Ah! Eu me entreguei por causa disso aí, tá entendendo, senhor? (baixo)

- (e) Ah foi?

- Ah, foi por causa disso aí mesmo, porque a minha tia falava prá mim, aí eu ficava pensando na minha mãe sozinha lá...

- (e) Hunhum!

- Sem os irmão. (pausa) Graças a Deus que eu tenho uma avó, uma tia que ajuda bastante, tenho um tio também. Oportunidade de vida eu tô tendo agora, né sr....

- (e) Tá tendo uma oportunidade de vida agora?

- [...] vai dar uma casa prá eu morar [...]

- (e) Ah é?

- Junto com a minha mãe, quando ela sair.

- (e) Junto com a sua mãe?

(sim, com a cabeça)

- (e) E é junto com a casa de sua vó?

- É separado, é do tio.

- (e) É a casa do seu tio?

- É do tio.

- (e) Ah!...

(barulhos externos, vozes, a porta da sala se abre)

- (coordenador) Posso interromper um pouquinho? Eu posso pegar esse banco?

- (e) Claro, fique à vontade!

- (pega o banco) (coordenador) Desculpa, hein?

- (e) Não, imagina...

- (coordenador) Obrigado!

(barulho forte, estridente, externo)

- (e) Parece que vai acontecer alguma coisa aí, né?

- Reunião.

- (e) Reunião? Mas o que você estava falando?

(muito barulho, que não para)

- Meu tio aí, agora [...] muita amizade com ele aí [...] passando dificuldade aí [...] [...] (vozes)

- (e) Ah! O seu tio? Você nunca teve muito contato com ele?

- Ah! Eu tive sim, mas nunca de ficar bolando uma idéia assim...

- (e) Certo...

- Mais distante, dele.

- (e) Mas você...

- Mais distante.

- (e) Mais distante. Mas você já chegou a morar com ele?

- Não, não. Não cheguei a morar com ele não. Vou morar com ele agora, quando sair daqui.

- (e) Unhum.

- Vai comprar a casa, aí tem outra casinha no fundo, aí vai me dar a outra.

- (e) Ah é?

Ele é irmão da sua mãe?

- Irmão, irmão dela.

(vazes externas, pausa)

- (e) Bacana, hein!?

- É, sr.. É bacana se eu tivesse no mundão, agora que eu tô preso não adianta muita coisa.

- (e) E quando você tiver no mundão, já pensou?

- É isso aí, né sr.? Minha perspectiva é eu mudar, mas se eu ver que não tô ganhando dinheiro, aí também... (pausa) voltá de novo, sr..

- (e) Se não tiver ganhando dinheiro, você volta a fazer o que você fazia antes...

- Prá ganhar 300 real aí nem vira, sr..

- (e) 300 reais...

- Nem vira... 300 real não dá prá comprar nada, sr..

- (e) É pouco, né?

- Eu ganhava um dinheirão ali na biqueira⁸⁸ ali...

(vozes, barulhos)

- (e) É, né, tem uma diferença grande, né?

- Uma diferença enorme, sr..

- (e) Enorme?

- He! He! Ali você ganha o dinheiro que você ganha no ano todo! Em dois mês!

Se fosse liberado ia ajudar muita gente isso aí, sr.

- (e) Se fosse liberado o quê?

- Maconha, [...] (baixo) no Brasil.

- (e) Ia ajudá, ia ajudar muita gente?

- Ia ajudar, ia morrer também, mas ia ajudá também, não ia não?

Porque o governo tá sem dinheiro, e tá devendo pro exterior e... e só tudo ladrão, pega o dinheiro e... só pro bolso... esses cara aí, do colarinho branco, pega o dinheiro e ninguém prende eles... Os governador aí e os presidente, você acha que não?

- (e) Eles roubam?

- Com certeza, sr..

- (e) E ninguém prende eles?

- Lógico... tudo no sapatinho!

- (e) Tudo no sapatinho?

- Lógico, ninguém descobre!

Hhaanh! (risada) Se descobre eles dão com o dinheiro, abafa.

- (e) Mas aí, eu não entendi muito bem o que você falou de liberar as drogas... Qual que é a relação disso com os políticos de colarinho branco?

- Ah! A fita é o seguinte, tá ligado aí, sr.,

- (e) Anh.

- Se liberar as drogas aí, entendeu? Ia ter mais dinheiro aí e ia poder ajudar mais as pessoas da favela, entendeu? E não ia ter tanta gente presa que nem tem aí, entendeu? Passando dificuldade e indo roubá, na vida passando dificuldade porque o dinheiro que nós ganha ainda, nós gasta em balada e essas fita aí, comprando coisas prá nós mesmos. Agora se (muito rápido) [...] o negócio aí, aí ia juntando cada um um pouquinho, o dinheiro ia tá pouco, mas ia dá, né? Fora o salário e tal... tem um país aí que... um país que todo cidadão tem um salário, fora o trabalho. Fizeram essa fita aí, foram juntando o dinheiro tipo de drogas, depois, depois foram só administrando, tem um país aí, que tem aqueles negócio que congela lá, que tem gelo...

- (e) Um país frio?

- Um país frio, que eles faz... esse negócio aí. Cada um ajuda o outro, assim ó. O país soube administrar o dinheiro do tráfico.

- (e) Soube administrar o dinheiro do tráfico? Então tipo assim, é como se fosse o governo, administrando o, o tráfico?

- O tráfico.

- (e) E aí, em vez do dinheiro ficar só com o traficante,

- Fica com o governo.

- (e) Do traficante usar só prá ele, prá baladas, né?

- Prás armas...

- (e) Prás roupas, prá armas... o dinheiro ia ficar pro governo...

- E ele ia administrar.

- (e) E o governo ia administrar esse dinheiro em favor do povo, ou da população?

⁸⁸ “biqueira”: ponto de venda de drogas

- Isso.
- (e) E o que que o governo ia poder fazer com esse dinheiro?
- Ajudar muita gente. Comprar umas casas... umas casas tipo de madeira, essas fita aí ó... que todo ano pega fogo, não dorme direito, não sei o quê...
- (e) O governo ia trocar as casas de quem tem casa de madeira, é isso?
- É, trocar as casas, dar umas cestas básicas... por tudo na ordem, tá entendendo? Não uma cesta básica chutada, arroz e feijão e já era... tudo normal, sr.. Tipo, quando eu tava na U.I.P.⁸⁹ lá, teve um senhor que foi lá e ele tava explicando prá nós como foi... Acho que não! Foi na U.A.I. lá! Acho que é o pai do... o esposo da Marta, como é o nome dele, aquele velho lá?
- (e) O Eduardo Suplicy?
- O Suplicy. Ele tava na U.A.I. lá. Ele que tava falando essa fita aí. O Suplicy...
- (e) Ah é?
- Ele tá querendo fazer esse plano aí. Diz ele, né?
- (e) Esse plano de liberar as drogas...
- E administrar o dinheiro do tráfico.
- (e) E aí reverter esse dinheiro para a população...
- Isso. E aí ia ter menos gente presa e aí não ia ter muitas opções pros caras, né? Todo lugar ia ter, aí ia ter maconha em qualquer bar e aí, ó o tantão de gente que quer usar! He!He!He! (risada) Ia ganhar dinheiro prá porra! Se eu fosse o presidente eu liberava! Não liberava não ô senhor?
- (e) Eu?
- Se você fosse o presidente?
- (pausa)
- (e) Não sei, não sei.
- Você tem coisa contra? Droga assim? Ah! Eu tenho coisa só que, assim contra, contra a pedra, assim!
- (e) Contra pedra?
- Pedra eu tenho, que pedra é só atraso, tá ligado sr.? Porque se você tem dinheiro acaba ali. Tem tudo na vida, mas, deixa de ter tudo, a mulher, a esposa, o carro, prá, prá inteirá umas pedra e tal. Tá [...].
- (e) E as outras drogas?
- Maconha? Cocaína (baixo), "baque" também não gosto.
- (e) Baque? Baque na veia, né?
- Isso, ele acaba com a pessoa também.
- (e) Ele acaba com a pessoa, o baque!?
- Baque, pedra, tipo assim
- (e) Pedra...
- Tipo assim (rápido), você não é um cara considerado e tal [...]
- Porque nem todo mundo sabe controlá ela, certo? Não ela controla você, mas você controla ela.
- (e) Hunhum.
- Esse tem que ser o sistema: nós controlá, não ela controlá! (baixo)
- (e) Você controlar a droga, não a droga você, né?
- É.
- (e) E você acha que com a maconha e com a coca dá prá fazer isso...
- Dá, sr.. Normal, senhor!
- (e) Normal?
- Normal.
- Se não fosse normal, então... (rápido)
- (e) Ahn?
- Cê sai então prá uma balada e vai então pro salão, e cê usa... Eu falo uma coisa, então, cê vem e fala outra, e a gente pode tá na rua, mesmo andando, e tal... normal, sr.. Um "bá", farinha, então não pega nada. Quantos "bá"⁹⁰ e quantas faculdade, que tem farinha também e que vende, então, lá dentro? (pausa) Tudo tem, tudo que é lugar tem.
- (e) Hunhum.
- E esse ecstasy, essa droga em comprimido, é pior que isso daí!

⁸⁹ Unidade de Internação Provisória.

⁹⁰ "bá": bar?

- (e) Ecstasy? É pior do que farinha, maconha?
- Acho que é, sr., porque fica três dias internado ali!
- (e) Três dias internado?
- Ah! Falaram, né, três dias... Eu experimentei farinha, maconha, sr. (baixo)... dessa droga aí, quero distância...
- (e) Você só experimentou farinha e maconha?
- Só. (pausa) Farinha eu usava mesmo só prá ficar acordado mesmo.
- (e) Só prá ficar acordado?
- Eu trampava à noite. (rápido)
- (e) Você?
- Eu trabalhava à noite na biqueira.
- (e) Trabalhava à noite na biqueira. Anham.
- Eu ficava acordado.
- (e) Então você não chegou a se viciar na, na farinha?
- Ah, sr., eu usei um bom tempo sim, mas não... de ficar viciado assim "eu quero, eu quero e não sei o quê...". Se não tinha... normal, tá ligado? Tem vez que o pessoal chegava na minha frente e eu falava "não, tô de boa" e ficava fumando maconha e já era! (pausa, vozes) Eu controlava ela, controlava, né?
- (e) Hunhum. Você tinha o controle da situação...
- Mas eu já vi várias pessoas fora do controle, aí!
- (e) Já, já viu? Por farinha?
- Na Espraiada, na Espraiada tem muito pó ali! (rápido)
- (e) Na "Esprá..."?
- Espraiada.
- (e) Espraiada! Águas Espraiadas! Certo.
- Avenida Águas Espraiadas, ali.
- (e) Sei.
- Ali é muito bom, sr., eles param com o carro ali, botam o carro, essas fita, tipo farinha assim, valem três papel, assim. (baixo, rápido)
- (e) Um carro, por três papel de farinha...?
- Deixá um documento lá...
(pausa)
- (e) Um do...
- Deixá um documento do carro.
- (e) Deixar um documento do carro?
- Um documento do carro, passava o endereço da casa dele, prá eles ir até a frente, olhava. Tipo se ele quisesse dar calote depois, tipo em nós, e falar que era roubado, e tipo, e dar queixa depois... aí quebrava, tá ligado? (baixo, rápido)
- (pausa)
- Som, é [...] demais, já, sr..
- (e) É?
- Coisa tudo de casa...
- (e) E vocêe já viu isso, por que você, ééé, circulava naquela região lá, como é que era?
- Porque eu que vendia.
- (e) Você vendia?
- Vendia [...].
- (e) Ah! Tá!
- Vendia [...] comprava na minha mão [...] Fazia, de vez em quando eu fazia, de vez em quando não...
(baixo, rápido)
- (e) Anham.
- (silêncio)
- Roupa, roupa de marca assim prá casa, traz tudo, tênis...
- (e) Eles vão vendendo o que tem e o que não tem prá, prá conseguir a droga,
- Eee, o que tiver no alcance deles, dentro de casa...
- (pausa: barulho, vozes)

A mulher deu meio papel de farinha lá, meio papel por um som, num prédio lá, aqueles negócio assim que encaixa, na frente, aqueles negócio

- (e) Eu não tenho idéia, isso é muito desproporcional?
- Ahn?
- (e) Isso é muito desproporcional?
- Como assim desproporcional?
- (e) Meio papel de farinha por uma, som completo, isso é um exagero?
- Claro!
- (e) É? Meio papel de farinha quanto sai mais ou menos?
- Cinco conto.
- (e) Cinco reais!?
- Cinco reais.
- (e) E ela te deu um som inteiro?
- Inteiro. (pausa) Na nóia, he! he!
- (e) Não era nóia de crack, era nóia de farinha?
- De farinha. Crack é pior, crack é...
- (e) Então tem pessoas que não se controlam...
- Não, ééé, é a pessoa que não tem uma mente estruturada prá usar.
- (e) Anhn, e você tava falando que você tem...
- Eu tenho uma mente estruturada.
- (e) É?
- Porque quem tipo quem vive numa favela tá ciente, como é que é tipo o, o ritmo do trampo, [...] o quê que é, o movimento, com as drogas, o quê que leva, [...] só curtiii... farinha e tal, então porque tipo quando entrou no crime aqui, ou faz disciplinado ou já era, acabou-lhe a vida, arrependimento não tem na casa aqui, usa drogas dia e noite, e o quê que os caras faz aqui? Virou nóia, tá ligado? Tipo nóia e tal, (rápido, baixo)
- (e) Aí os caras falam de você, que você vira nóia?
- Não, você tipooo, eu tô falando [...] você por exemplo, tá ligado?
- (e) Anh.
- Se eu tipo, for pegado na casa usando droga, assim, os cara fica, quê que os cara fala prá mim: virei nóia e tal, tá ligado?
- (e) Sei.
- Assim tipo um, tem que ficar aceso, você tem, você tem que ficar ali, tá ligado? (rápido) Nunca dá pé⁹¹ prá ladrão, tá ligado?
- (e) Tá, mas e se os cara falá que você virou nóia, como é que você fica?
- Ah! Se você [...] é, se pode falar "Ah!", tá ligado?
- (e) Anhh??
- Se você num é cê fala cada um tem seu juízo, tá ligado?
- (e) E se você virou mesmo?
- Se você virou já era, acabou seu conceito.
- (e) Acabou seu conceito na q-, na, na, na criminalidade...
- Acabou o conceito, sr..
- (e) E aí, se acabar o conceito, o que acontece?
- Acabou o conceito, vira nóia, vai roubar varal, alguma coisa. Aí [...] vai roubar varal [...] não tem dinheiro e se precisar de alguma coisa... ninguém dá mais arma na sua mão prá você roubar e tal, aí a hora que você vai roubar o varal de um ladrão, aí os caras logo mata você.
- (e) Aí você vai acabar roubando varal, aí vai e rouba o varal de um ladrão...
- Aí os cara vai e te mata.
- (e) Aí o ladrão acaba e te mata, porque, não tem mais aquela parceria?
- É. E você já, não é um cara guerreiro e tal, que bate de frente, já virou nóia.
- (e) Você jáaa, perdeu o conceito...
- Tipo mendigo! Virou mendigo!
- (e) Virou mendigo.

⁹¹ "dar pé": cometer uma falha visível

- Que vive largado no mundo assim... um mendigo vive largado, não tem ninguém que cuida dele assim... Coisa da pedra isso, quando a pedra vem cê fica largado, ah! Os cara na nóia aí, até brigam entre eles... Eu já vi já que os cara lá: "ah! esse pino é meu! Esse pino é meu!" "Essa pedra é minha, essa pedra é minha e não sei o quê..."
- (e) "Essa pedra é minha, essa pedra é minha": os dois ficam brigando pela pedra?
- Ficam brigando pela pedra. Os dois comprou junto mais um quer ser mais "zóião" do que o outro, tipo usar mais. Ah prá você ver tudo o quê que leva, as [...].
- (e) E aí... Então deixa eu ver se eu entendi bem: então você fala assim, que você, por você viver na favela, né? Você já, já sabe mais ou menos assim, que você tem queee, andar, num caminho um tanto quanto estrito, um tanto quanto pequeno, se você sair um pouquinho fora da linha, você,
- Já era.
- (e) Você já podeee... o que acontece?
- Aí já era, pode tipo esperar sua morte já, né?
- (e) A morte?
- Esperar a morte. (pausa)
- (e) E ooo,
- Ou então você muda de quebrada⁹², então.
- (e) Ou então você muda de quebrada?
- Muda de quebrada, mas aí você vai prá outra quebrada, você não vai conhecer ninguém... e os caras da outra quebrada também vai desconfiar de você, porque você é novo lá, né, e é grande, aí vai ter uma desconfiança, né, de quem você vai ser e tal, pode ver que essas pessoas que muda de quebrada e... pá, que o sujeito deu uma mancada na quebrada, na outra quebrada, e mudou prá não morrer e tal.
- (e) Anh.
- Aí pode ver que na outra quebrada os caras fica de olho em você: "o cara nunca veio na minha quebrada, e agora é grande...", aí fica passando uns cara estranho de carro e tal, nas quebrada, e os cara pára o carro e pergunta e tal, "tô procurando alguém e tal", os cara fala que tão procurando tal pessoa e aí já era, acabou sua vida.
- (e) Ué, não entendi!
- Tipooo, tá ligado? Eu dou uma mancada na minha quebrada, e pá,
- (e) Sei, sei. Sei.
- Pego uma droga e tá [...]
- (e) Sei.
- E usei tudo as droga do cara, tá tudo num canto,
Aí no mundão eu mudei de quebrada, tá ligado?
- (e) Sei, você roubou as drogas do traficante...
- Roubei e tal (baixo)
- (e) Anham.
- Prá outra quebrada.
- (e) Tá.
- Aí os caras fica fazendo rolê de carro, aí os cara da outra quebrada que te vê fala assim, "tá fazendo o quê aqui, nunca vi ele aqui, num sei o quê..."
- (e) Anham.
- Mas [...] escuta, ninguém fala com você, só fica te olhando e tal... (rápido)
- (e) E você já mudou prá outra quebrada...
- Já mudei.
- (e) Você já tá na, com uma, na, uma casa tua lá...
- Uma casa minha, em outro lugar.
- (e) Certo.
- Num outro lugar sossegado,
- (e) Certo.
- Aí os caras só olhando assim, aí os cara da favela só "como é que eu vou, quem é esse cara, e não sei o quê", aí sempre vai ter um encostando em você, tá ligado? Sempre tem um curioso prá saber de onde você é, "Ah! De que lugar que você é? Mandaram eu vir aqui prá te perguntar..."

⁹² "quebrada": região em que se vive, bairro

- (e) Anham.
- Aí vai chegando os truta e tal (baixo), aí os cara vai, aí os cara vai na sua quebrada perguntar, se você não deu mancada e tal
- (e) Anham.
- Ou se não os caras da sua quebrada vai te procurá, e aí já era, acabou sua vida. (voz triste)
- (e) Aí se eles descobrem de onde você era, o que que você fez... acabou tua vida.
- Acabou, sr.. Só se você mudar de cidade e ir prá bem longe...
- (e) Só se for mudar de cidade prá bem longe que aí não tem como descobrir...
- Aí ter tem, né? Aí um dia também se tromba, né? De-repente você pode tá fazendo uma viagem, aí você pode tar grandão já, tipo uns três anos fora daquele lugar, quem sabe um dia se tromba numa praia...
- (e) Mas isso, me chamou atenção isso que você falou, né? Acho que você, por viver lá na favela, né, você já tem idéia de como é que deve ser seu envolvimento com as drogas, né? De que não pode passar de certo ponto.
- Não pode. (baixo)
- (e) Mas aí, chega lá, ooo... como é que você falou? Playboy?
- É,
- (e) Chega ...
- O boy. (baixo)
- (e) Oi?
- O boy.
- (e) Chega lá o boy, lá nas Águas Espriadas, e aí ele é viciado, ele não tem esse discernimento, então, que você falou...?
- Tipo que ele já tem tipo um dinheiro, tá ligado, sr.? Aí ele tem um dinheiro, aí ele já gasta bastante... aí tem hora que tipo o cartão dele já tá sem limite, tá ligado? Aí tipo o pai dele coloca um limite, vamo supor, o limite estorou, aí ele já tem um carro, que ele sempre tem um carro, alguma coisa, na casa dele, tá ligado? Aí ele vai vender tudo na noite, assim. Quer usar, quer usar, tipo tá com a mina, "ah! eu também uso e já era! Ah, vou usar". Tem uns caras que até leva a mina. Pergunta se você num que chepar⁹³ ela, "Ela fica com você [...]", "E eu te dou uma farinha", "Ah! E não sei o quê, e não sei o quê." (baixo, pausa)
- Tá naaa ilusão da droga, né?
- (e) Na ilusão da droga?
- Na ilusão, porque prá mim isso é ilusão, né? Ilusão, porque você tem tudo na sua vida você tem que saber o que você faz, né? (rápido)
- (pausa)
- (e) Você sabe o que você faz?
- Eu sei, né sr.! Se eu soubesse muito também não taria aqui, né sr.? Sei mais ou menos, porqueee... ninguém sabe tudo na vida, né? Sempre tem um que sabe mais que você, um sabe menos...
- (silêncio, vozes)
- (e) Me conta um pouquinho da sua infância! De quando você era criança, você lembra?
- Eu jogava bola...
- (e) Jogava bola?
- Jogava bola... Quando eu era criança mais eu ia prá igreja mesmo, sr..
- (e) Ia prá igreja?
- Ficava, ficava [...], prá dentro de casa...
- (e) Ficava mais dentro de casa...?
- É, minha vó, minha outra vó lá era crente, não deixava eu ficar de prá rua, assim, era mais trancado...
- (e) E aí era aonde, era em São Paulo?
- Não, não, na Bahia.
- (e) Na Bahia?
- Na Bahia e em Minas.
- (e) Na Bahia e em Minas?
- Eu ficava trancado só.
- (e) Trancado?
- É trancado, porqueee, se eu saísse prá rua falava um monte...

⁹³ chepar: comer; nesse contexto manter relações sexuais

- (e) Não entendi!
- Se eu sáisse prá rua ela falava um monte prá mim... "E não sei o quê e não sei o quê..." (som de campainha)
- (e) Era um tempo que você morava então com a sua avó?
- Com a minha avó.
- (pausa, vozes)
- (e) E você tinha quantos anos, você lembra?
- Acho que ficou até uns onze... dos três mês até uns onze lá.
- (barulho)
- (e) E aí, você morava só com a sua avó, ou tinha outras pessoas?
- Ah! Tinha outras pessoas: meu avô,
- (e) Seu avô...
- Minha tia, que morava junto
- (e) Sua tia...
- Meus primo, minha prima... Nós morava junto e todo mundo ia prá igreja!
- (e) Que igreja que era?
- Congregação Cristã. (baixo)
- (e) Congregação Cristã! E vocês, iam todo dia prá igreja?
- Todo dia.
- (e) Todo dia?
- De segunda à segunda.
- (e) De segunda à segunda?
- Fora as reunião nas casa assim dos pessoal.
- (e) Ah é? Me conta um pouquinho disso, como é que era essa igreja, essas reuniões...
- A igreja é bem, rigorosa né o sr.? Tipo você nummm pode falar palavrão, essas fita queeee, num pode ficar de short, jogar bola... A igreja é durona, as mulher num pode cortar o cabelo e tal, colocar brinco, batom, é só saia, calça não pode, blusa curta não pode, a blusa é até aqui assim... mulher também,
- (e) Homem também?
- Também, homem também não pode ficar com blusa curta,
- (e) Tem que usar camisa comprida? Lá no calor de Minas?
- Até aqui assim, até aqui assim...
- (e) Ah é?
- [...]. É bem rigorosa mesmo, sr..
- (e) E como é que eram, esses cultos...
- Ah! Os cultos era bom.
- (e) Você lembra?
- Lembro. (pausa, risadas) Não gosto de tocar tipo muito nesse assunto não, porque fui batizado, eu saí dessa igreja. (rápido)
- (e) Você foi batizado você saiu dessa igreja?
- Saí.
- (e) Tá.
- [...] indo prá São Paulo [...]. (rápido)
- Porque lá é quente prá caralho, depois eu, desisti de tal forma, hoje em dia nem gosto muito de ficar falando muito, que atrasa mais a vida.
- (e) É?
- É, eu tenho prá mim que atrasa.
- (e) Mas, você era muito crente naquela época, né?
- Era crente (baixo).
- (e) Aí teve uma mudança, quando você veio prá São Paulo, ou...
- Teve.
- (e) Ou foi antes?
- Quando vim prá São Paulo.
- (e) Quando você chegou em São Paulo?
- Tipooo, quando eu vim prá São Paulo e tal, tipo era prá mim ir prá igreja eee continuar, mas não tinha ninguém prá ir lá, comigo. Aí minha vó também, nuuum deixava eu ir sozinho. Aí eu chamava ela prá ir, e não ia. Aí eu fui desistindo de ir, de ir em igreja, aí eu comecei já a jogar bola, no campo. No campo mesmo

aí eu comecei a conhecer os caras e fumar maconha. Esses caras [...] perto da favela... aí já era, foi quando eu, abandonei a igreja. (pausa, campainha)

- (e) E como é que era a vida lá na, na Bahia... em Minas...

- Sossegadão, sr..

- (e) Você jogava bola? Você falou que você jogava aqui em São Paulo, e lá, você jogava?

- [...] sr., tipo escondido, sr..

- (e) Ah é?

- [...] poucas vezes. (baixo)

- (e) Você morava trancado mesmo dentro de casa?

- Trancado, ficava estudando.

- (e) Estudando?

- Ah, estudando a Bona, prá tocar, um instrumento. (baixo)

- (e) Ah! Prá trocar, prá to-car instrumento. Que instrumento que você tocava?

- Ah! Eu tava pretendendo prá tocar... é violino.

- (e) Hum... E não chegou a aprender?

- Não, não, fiquei só no Bona mesmo.

- (e) Ficou só?

- Só no Bona.

- (e) "Bona"?

- É, tipo um livro.

- (e) Ah! Tá!

- Com umas fotos. Aí eu fiquei no Bona. Num deu tempo deee... virar músico.

- (e) E você ia prá escola?

- Ia prá escola, na escola eu era briguento!

- (e) Era briguento?

- Fui expulso. (baixo, barulho)

- (e) Foi expulso? De duas escolas? Lá em Minas?

- Ah não, na Bahia.

- (e) Lá na Bahia?

- Em Minas também. Fui expulso três vezes, então!

- (e) Três vezes?

- Uma em Minas e duas na Bahia.

- (e) Nossa! Elton!

- Na escola adventista e na outra... Ha, ha!

- (e) E sobre a escola? Você, você gostaria de falar um pouco? Como é que era na escola?

- Ah! Os outros caçava assunto e eu quebrava porrada, né? Ah, tipo tem um, sempre tem na escola uns cara aí folgadinho, quer levar uma procê, e tal, às vezes eu não era bobo também! Aí os moleque que vinha caçar assunto era pequenininho, aí eu quebrava. Eu era mais forte!

- (e) Você era mais forte?

- Que eles, eu, eu quebrava eles. Aí vinha a diretora de grupo, caçar assunto porque eu bati neles e me tirar da sala, aí ela foi e me expulsou, porque tipooo eu dei uns enquadre nela, perto dos outros alunos, tá ligado? Saí bati nela, com os outros alunos, aí ela foi e me expulsou. (fala rápida, vozes, barulhos) (pausa)

Aí [...] que foi que eu dei uma predada nas costas dela...

- (e) Deu o quê?

- Uma pedra. Dei uma pedra nas costas

- (e) Pedrada!? Nossa!

- Han! Han! (risada) Tipo ela me deu, me deu advertência prá mim levar prá minha vó. Aí eu sabia que se eu entregasse prá minha vó eu ia apanhar, então, fiquei injuriado, rasguei, dei uma pedrada nela. Aí ela foi e me deu, e me, expulsou eu da escola. Expulsou.

- (e) Caramba! Você aprontava, hein!?

- É, várias brigas, sr.. Várias! São Paulo também, quando estudei, briguei também.

- (e) Aqui em São Paulo também você era briguento?

- Era briguento.

- (e) E por que que você acha que é tão briguento assim, Elton?

- Ah! Não sei, senhor! Acho que não aguento desaforo, até hoje não aguento mesmo!

- (e) É?
- Tipo, se um funcionário caça assunto comigo eu já respondo também. (rápido, baixo)
- (e) Um funcionário aqui?
- Até hoje ainda sou briguento ainda.
- (e) É?
- Tipooo, eu sou daqueles que tipo, se falam um "a" comigo, eu falo "a", "b", "c" já. Quando me deixam nervoso, aí tipo é uma coisa que eu num penso na hora, eu saio falando mesmo, eu saio brigando logo. (rápido)
- (e) Isso, desde criancinha, você falou?
- Desde criança. (barulhos)
- (e) Ahn?
- (barulhos, vozes)
- E como é que era em casa, você brigava com seus irmãooos...
- Eu brigava. (baixo)
- (e) Ahn?
- Ah! Mas, eu briguei assim, tipo umas três vezes só, tipo dei umas facadas neles, depois foi na mão. Depois, as duas primeiras foi na mão, a última foi na facada.
- (e) Com os seus irmãos?
- É.
- (e) Mas aí você já era maior...
- Era, tinha uns onze, treze anos.
- (e) Ahn.
- Tipo eles tavam me tirando⁹⁴, tá ligado?
- (e) Ahn.
- Tipo, eu tava dentro de casa, aí eu tinha acordado e ele tipo tava pegando as fita⁹⁵ dele e tava sumindo e jogando a culpa prá mim, aí ele falou que eu tava pegando e tal, aí minha mãe tava, falou um monte que não podia. Aí outro dia eu fui tipo [...] consertar máquina, fogão, tipo na garagem assim, aí tem uma pá de máquina de lavar, fogão. Aí tipo nós fomos consertar a máquina e as coisas que ele falou que tinha sumido, que eu tinha pegado, tava tudo lá dentro.
- (e) Ele falou que você tinha pegado?
- É. Ele tava escondendo as fita. Aí eu achei tudo de manhãzinha, aí eu achei assim, aí eu cheguei pro meu tio que tava ali chegando e ele falou assim: "que que tá acontecendo aqui e pá", e falei "tio aqui" aí meu tio olhou e tal, aí nós descemos lá prá casa lá. Aí eu comecei a falar um monte, aí o outro levantou e veio falar comigo, aí o outro levantou e falou assim "puxa o seu carro, moleque!", e deu um murro na minha testa, aí eu tava com a faca no bolso já, porque se eu decidisse prá, no bolso já, sair na mão, [...] decidisse [...] no intuito de pegar mesmo (muito rápido), matar ele mesmo, matar ele, desci, e comecei a discutir e tal, aí ele voltou e deu um murro na minha testa, aí ele virou as costas e aí eu... (gestos de facada) chamei na facada ele, a faca quebrou dentro lá, quebrou nesse osso dele aqui (mostra) aí o outro catou e quebrou tudo na porrada. Até outro dia nós num fala, bastante tempo já!
- (e) Até hoje em dia você não fala com esse seu irmão?
- Não.
- (e) E com o outro?
- Nem com o outro. (baixo)
- (e) E com o outro. Com os dois?
- Com os dois.
- (e) Eles moram aqui em São Paulo?
- Eles mora. (pausa) Tipo... tipo... [...] que ele tá lá em Diadema, tá ligado? Tem uma guerra lá em Diadema. Aí eu fui prá Bahia, ano retrasado, eu fui prá Bahia lá visitar minha vó de novo, e quando eu voltei eles tipo caguetou, tá ligado? Falou que eu tava voltando, pros cara. Aí os cara tava lá, pá, foi prá casa da minha vó, tipo com metralhadora, tá ligado? Minha vó num tem nada a ver com minha atitude, e tal. "Cadê o Elton e num sei o quê, o Elton num sei o quê, e tal", "foi viajar, e num sei que"... Me caguetando, tá ligado?
- (e) Sei. Desculpa, eu num lembro, eles... são mais velhos que você?

⁹⁴ "tirar": ofender, humilhar, colocar o outro em uma situação em que fique inferiorizado

⁹⁵ "fita": coisas

- São mais velhos. Dezoito e dezenove.
- (e) E eles já moram sozinhos?
- Moram sozinhos.
- (e) Um, separado do outro?
- Os dois juntos.
- (e) Ah! Os dois juntos?
- Os dois juntos.
- (e) Anham.
- Os dois vivem unidos prá caramba.
- (e) Ah é?

(silêncio)

Deve ser barra isso, né? Briga com os próprios irmãos, né?

- É, difícil, né sr.?
- (e) Difícil, né?
- É, mas isso aí já vem desde quando eu trabalhei, trabalhei lá, sr.. Eles tipo ia pro Shopping assim, e tipo me desprezava, tá ligado? e eu já tinha dinheiro prá gastar, tá ligado? Trabalhava nessa numa feira nessa época, tá ligado? Era moleque e já tinha dinheiro prá gastar, nunca faltou nada, tá ligado? E eles iam pro Shopping e nem me levavam... sabe, zuar e num sei o quê...
- (e) É?
- Tipo falava uns palavreado, falava "ah, e num sei o quê!" "você foi trocado na maternidade, e num sei o quê...", porque tipo eles são branco, tá ligado? "Num sabe se foi trocado na maternidade e num sei o quê..." Aí tipo eu fui pegando ibope, tá ligado, sr.? Fui pegando ibope, entendeu? E peguei uma mente mais estruturada, aí não queria nem saber deles, tá ligado? (rápido)
- (e) Isso aí desde quando, quando eles tavam na Bahia?
- Não, desde quando eu tava trabalhando, quando eu voltei da Bahia.
- (e) Quando você tinha... onze anos?
- É, quando eu cheguei aqui em São Paulo.
- (e) Cê tinha, onze anos?
- É, onze anos. E começou a me desprezar, me desprezar... Aí tipo eu comecei a andar com uns maluco, aí já era... aí depois ele veio querer fazer amizade, quando não tinha mais jeito, tá ligado? Porque no começo ele não queria, depois ele queria e não sei o quê. Aí já... tipo ele que queria depois, aí eu já não quis mais, tá ligado, sr.?
- (e) E, você falou que eles, eles te desprezavam porque eles eram brancos...
- Ah! É, essa fita daí, e porque tipo eu fumava maconha, aí depois, sabe? Eu comecei a fumar maconha, aí os outros tipooo...

(fim de fita)

- Meu vô ele tem uns contatos com ladrão assim, tipooo diferente, tá ligado, sr.? Tipo eles num gosta, né?
- (e) Eles não gostam então de usar drogas e nem ter contato com ladrão?
- Não, tipooo separado, [...] os dois.
- (e) E aí voceeeê... começou aaa
- A usar.
- (e) A usar maconha, primeiro...
- É.
- (e) Já com quantos anos, você lembra?
- Unsss onze prá doze.
- (e) Onze prá doze.
- Foi rápido isso aí.
- (e) E aí eles começaram a te desprezar,
- É.
- (e) Por causa disso também?
- Por causa disso.
- (e) E isso que você falou, ééé... da cor ser diferente... como é que é essa história, Elton?
- Ah, tipo eles falava "você foi trocado da maternidade, e num sei o quê..."

Aí tipo ficavam me chamavam de macaco, "quem é o macaco e não sei o quê?". Eu ficava só olhando, assim, "Ah! Firmeza, então, tão tirando".

- (e) E você não reagia?

- Não, tipo, nem falava nada, tá ligado, sr.?

- (e) Não?

- Não, porque tipo, quando eu era menor assim, tipo, se falava alguma coisa assim, tipo queria tipo logo bater, tá ligado? Eu chingava ele, assim "ah, vai num sei o quê, seu magrelo, e não sei o quê!", aí tipo queria bater, tá ligado?

- (e) Você queria bater nele?

- Não, ele queria bater em mim, tá ligado?

- (e) E eles já eram maiores que você?

- Tinham mais força e tal.

- (e) Tinham mais força, e eram dois?

- E eram dois. Aí eu fui pegando uma revolta assim, e comecei a fumar maconha assim, no segundo dia assim, tava envolvido já, aí eu fui no Eldorado assim e comi um sanduíche e cheguei em casa, aí tava tipo chegando, tá ligado? Pegando a comida assim e indo pro quarto, assim, [...] aí ele virou prá mim e falou "Ah! E num sei o quê, você é o maior nóia do caralho e num sei o quê moleque" (rápido)

- (e) Ahn?

- Tipo me chamou de nóia, tá ligado? "Ah! Você é um nóia do caralho, e num sei o quê!". Falei "Que nóia o quê, maluco, e num sei o quê! Sabe o quê que é então? Vou mostrar prá você o quê que é o [...] então!". Aí falei prá ele " quando você tomar uma pá de tiro, aí cê vai prestar atenção no que você fez e num sei o quê." "Ah! Cê tá me ameaçando e num sei o quê. Cê tá me ameaçando?" (baixo) "Cê você tratou isso como ameaça eu só posso [...] o seu prejuízo e num sei o quê". Aí ele tipo levantou e deu um tapa na minha cara, tá ligado? Aí eu tava com a peixeirona assim, aí eu fui dar umas peixeiradas nele, aí o meu outro irmão me segurou e [...] (rápido) prá caralho e num sei o quê. E minha mãe saiu da cadeia, se não eu ia matar ele, tá ligado? Eu ia matar, eu ia dar uma pá de tiro nele.

- (e) Quem que é esse? É o irmão mais velho?

- É, eu ia matar os dois. Eu ia matar os dois, os dois bateu, eu ia matar os dois. Aí minha mãe saiu (barulhos, vozes) aí tipo ela foi correndo prá mim, pedindo pelo amor de Deus prá eu não matar eles, tá ligado? Hoje em dia eles tão aí por causa dela, tá ligado? (rápido) Deus me livre guarde ela falece aí, tipo no mesmo dia que ela, que ela falecer ele também vai falecer também. Tipo elee...

- (e) Você guarda rancor deles até hoje?

- Com certeza, senhor!

- (e) É?

- Tipo quando ela morrer, eles vão morrer também, logo os dois também, junto. Eu respeito prá ela não sofrer, tá ligado, sr.? Aí quando ela morrer assim, os outros também vai, vai morrer também, sr..

- (e) Duro isso, hein Elton?

- É, fazer o quê, né sr.? Ter um irmão que não te considera também é embaçado, né sr.? E quando as pessoas [...] da sua família, quer seu mal, aí... dificulta um pouco (voz triste).

- (e) Dificulta.

- Dificulta.

- (e) Mas será que isso não era mais coisa de criança, de adolescente?

- É nada, sr..

- (e) Que com a idade, será que eles não podem amadurecer?

- Tipo nós já brigou na feira, também, tipo já tá [...] (rápido, baixo, barulhos)

- (e) É?

- Tipo ele é folgado, tá ligado, sr.? Tava passando com um saco de batatas aqui nas costas assim, aí tipo encostei nele, aí ele tipo empurrou, tá ligado? "Cê num tá vendo eu não?" Aí tipo falei na cara dele: "Ah! Num sei quê num sei quê!". Ele tinha o quê? Tinha idéia, tinha tipo tinha dezoito anos ele, você acha que vai amadurecer o quê agora? Dezoito anos já tá ciente do quê que faz, atéé com onze anos já tá ciente do quê que faz hoje em dia.

- (e) Hum... Mas a pessoa com dezoito anos não pode pensar melhor o que ela fez... se arrepender do que fez...

- Porque eu acho assim, que os dois brigam agora, tá ligado? Aí dá meia hora tipo os dois tá de volta e tal, porque nós brigou a primeira vez por que eles também não vai querer [...], querer bolar uma idéia e tal, e deixa como tá. (rápido)

- (e) Eles também não quiseram, bolar uma idéia com você?

- Não quiseram, bolar uma idéia, tipo, nós brigou e cada um ficou pro seu lado, tá ligado?

- (e) Ééé, difícil isso, né?

- Os dois tipo briga assim, os dois briga agora, daqui meia hora os dois tá de volta. É isso que eu não entendo, tá ligado, sr.? Fiquei em dúvida.

- (e) Os dois brigam, daqui meia hora tá de volta, agora quando você briga depois num...

- Já era!

- (e) Num faz as pazes?

- Tipo, acho que eles qué que eu me humilho, tá ligado? (rápido)

- (e) Han?

- Acho que eles quer que eu me humilho prá ele assim.

- (e) E quando você era criancinha, você se lembra?

- Quando eu era, tipo com onze anos, morava com eles quando eu tinha onze anos. Era mais forte já... (barulhos, vozes)

- (e) Vocês não viveram juntos?

- Não.

- (e) Aaahhh tá!

- Fui viver com onze anos, os dois já viviam junto desde criança.

- (e) Ah! Tá! E vocês são filhos dos mesmos pais?

- Mesma mãe.

- (e) Mesmo pai e mesma mãe? Ou só mesma mãe?

- Mesmo pai e mesma mãe. (rápido)

- (e) Mesmo pai e mesma mãe. Tá. E vocês moravam com avós diferentes?

- Avós diferente. Meu pai faleceu, aí eu fui ficar com minha mãe e minha outra avó, até [...] minha mãe ser presa.

(pausa)

- (e) Caramba, hein Elton!?

- É.

- (e) Que história, hein! (pausa) Difícil, né?

- Embaçado, senhor.

- (e) Embaçado hein!

Elton, infelizmente o nosso tempo hoje tá terminando rapaz...

- Firmeza, sr.. Depois nós bola uma idéia [...]

(pausa)

- (e) Ahnnn

Olha... Sua história é... realmente... dura, hein?

- É um pouco. (baixo)

- (e) Ahn.

- Nada que num dá prá superar, sr..

- (e) Dá prá superar?

- Acho que dá, né?

(pausa)

- (e) Quê que você achou dessa conversa hoje...

- Tá bom, sr..

- (e) Você falou algumas coisas que você não queria ter falado... Como é que foi?

- Ah! Falei tudo que queria ter falado mesmo.

- (e) Falou?

- Falei.

- (e) Anham. Quê que você acha da gente fazer mais uma entrevista...

- Opa!

- (e) Só que aí da próxima vez a gente ééé, focar mais nessa questão das histórias, que é o tema da minha pesquisa?

- Não, é só!
- (e) Quê que você acha?
- Tá bom.
- (e) Tá bom?
- Segunda que vem?
- (e) Segunda que vem?
- Opa!
- (e) À tarde?
- O horário que você quiser... de manhã...
- (e) À tarde você faz alguma coisa?
- Pode ser depois do meio-dia assim, que meio dia nós vai almoçar, depois do meio dia normal.
- (e) Normal?
- Normal.
- (e) Tá. Tá certo, Elton. Tá certo! (pausa) Cê tá bem?
- Tô bem, sr..
- (e) Anham.
- Não tô muito bem que eu tô com uma dor aqui, vou ver se eu vou... no hospital hoje...
- (e) Quê que tá acontecendo?
- Não sei não, sr., dói aqui (mostra, barulhos, vozes)
- (e) Uma dor aqui do lado?
- Tá assim desde que eu cáí.
- (e) Então deu um mal-jeito!
- Se fosse um mal-jeito já tinha passado já.
- (e) Quê que você acha que é?
- Acho que ééé, o pulmão...
- (e) Cê tá tossindo?
- Bastante!
- (e) Ah é? Tem que ver isso então, né?
- A enfermeira falou que me passava no plantão da tarde. [...] prá me levar pro médico.
- (e) Tá, anham. Tá certo! Elton, infelizmente eu preciso interromper, eu preciso ir!
- Não, não...
- (e) Tudo bem?
Valeu, hein!
- Valeu o sr..

(interrupção da gravação, fim da entrevista)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA-PILOTO (INDIVIDUAL)

01/12/2003 - UI-19 - FEBEM Tatuapé, São Paulo

2ª Entrevista:

- (entrevistador) Então, entrevista, ééé..., com L., dia primeiro de dezembro de 2003. Tá?

(pausa)

Então L., primeiro a gente fez o consentimento informado, né? Depois na semana passada a gente conversou um pouco sobre a sua vida,

- (L.) Isso.

- (e.) Né? Você lembra?

- Lembro.

- (e.) Você falou um pouco prá mim como é que foi a sua adolescência,

- Isso.

- (e.) Né? A sua vida lá em Minas...

- É. (baixo)

- (e.) Os desentendimentos entre você e seus irmãos... né? Falou um pouco da sua mãe... né? Ééééé, hoje assim, a gente teria como objetivo, um pouquinho diferente, né? Falar um pouco das histórias que você ouviu na infância. Tá? Mas antes de mais nada eu queria saber se você teria mais alguma coisa a dizer... se você queria falar mais alguma coisa sobre aquilo que você falou prá mim na, na última segunda...

- Não, já era. Já era.

- (e.) Tá. Anham. Então tá!

L., então vamos falar sobre histórias!

- Histórias?

- (e.) Sobre histórias.

- Han! Han!

- (e.) Tá? Histórias....

- Histórias!

- (e.) Histórias que você ouviu na infância...

- Mas... precisa ser bem pequeno, ouuu pode ser agora?

- (e.) Histórias de quando você era criança ou agora, pode ser agora!

- Pode ser histórias de agora?

- (e.) Pode ser também.

- Anh Han! (risada) Mas eu tô com uma dificuldade aí com as histórias. Sou meio ruim de contar histórias.

- (e.) Magina, o que é isso! Não precisa contar a história inteira, ééé pode ser um pedacinho dela... o que você lembrar!

- Eu vou falar... aí o sr.... firmeza?

- (e.) Firmeza!

- Deixa eu [...] uma aqui. He he! (pausa) Num sei, tá embaçado, sr.... (silêncio)

- (e.) É uma história recente?

- É, pode ser?

- (e.) Pode ser.

- É, uma história recente eee... Ah! Não sei se é bem uma história porque tipo, tipo assim, todo mundo fala que no futuro, ninguém vai querer trabalhar saindo daqui, tá ligado? Todo mundo vai querer roubar e já era!

Tipo é uma história, né também?

- (e.) É uma história, é uma história...

- Ninguém quer trabalhar e tal! O mundo... o mundo fala que do jeito que tá sendo aí... na sociedade ninguém aceita nós aí e tal. O pessoal fala, né? É uma história que eu ouvi!

- (e.) Aonde você ouviu essa história?

- Aqui dentro.

- (e.) Aqui dentro da Unidade 19?

- É. (baixo)

- (e.) É? E quem contou?
- A gente mesmo, nas conversas, assim.
- (e.) Nas conversas?
- É, entre nós.
- (e.) Entre vocês?
- Entre nós, e quando tava vindo o pessoal da faculdade nós conversa com eles aí, e nós fala com eles também.
- (e.) O pessoal da faculdade?...
- É, Mackenzie.
- (e.) Ah! Mackenzie?
- Eles vem falar aí, eles fala que ninguém aceita nós. Que eles fala que, tipo que nós queee nós tem que batalhar pelo que nós quer e tal, que a sociedade vai dificultar mesmo, aí que vai ter que passar por cima disso e num sei o quê. Aí nós fala que nós é agitado e num sei o quê, né. Aí as pessoas vão embora e continuam falando: "Ou! Teve um cara aí que fa-, ele falou queee na história dele ele tinha passado por tudo o lance que tinha antigamente, só que não era FEBEM, era casa de a-, ciclo de repouso. Colocavam tipo uma casa mesmo, só que era FEBEM, os caras batiam em você."
- (e.) Anham.
- Aí ele falou que viveu nessa época, só que essa época é diferente de agora. Agora todo mundo tem um ato aqui dentro, né? Falou que na época dele não tinha ninguém que tinha um ato e tal...
- (e.) Tinha o quê?
- Tipo, tipo tinha uns B.O. ...
- (e.) Ah tá!
- Um [...] e tal.
- (e.) Por que hoje em dia todo mundo tem um B. O....
- Quem tá aqui dentro todo mundo tem um B.O.. Aí na cadeia sempre tinha alguns, mas não era todo mundo.
- (e.) Anham.
- Nós tava falando e num sei o quê, aí nós tava falando prá ele que a história dele é diferente que a nossa, né, porque ele teve uma oportunidade, porque ele passou pelaaa, não pela FEBEM, passou por um outro negócio aí, esqueci o nome que ele falou. Passou pela vinte e um, pela [...] aí e tal. Mas o que ele passou não é o mesmo de agora e tal! Agora as pessoa lá fora vê nós com outro olho já. "Ah! Passou pela FEBEM e num sei o quê!". Aí vê esses negócio de rebelião e já fala "Ah, e num sei o quê!".
- (e.) Ele contou a história dele... prá vocês?
- É, tipo ele contou a história dele prá nós e tal.
- (e.) É?
- Mas nada a ver!
- (e.) Mas a história dele não tem a ver com a história de vocês?...
- Tem nada! Nem um pouco!
- (e.) Não? Nem um pouco?
- (não, gestualmente)
- (e.) Mas você gostou da história dele?
- (não, gestualmente)
- (e.) Não gostou de ouvir a história dele?
- Gostei nada, mó chato, sr.!
- (e.) A história dele é chata?
- (sim, gestualmente)
- (e.) É?
- Ah! Pelo menos eu achei, tipo ele tava contando tipo num teatro, ele tava fazendo teatro e contando.
- (e.) Ah! Um teatro?
- É, ele faz sozinho um teatro, aí ele...
- (e.) Sozinho?
- Nada a ver e tal, mor gardenal o cara!
- (e.) O quê?
- Ele é o maior gardenal o maluco!
- (e.) O maior garde-, o maior gar-de-nal!
- É, maluco!

- (e.) É-é? (risada)
- Faz uns bagulho nada a ver aí! (pausa) A-té... dei risada!
- (e.) Você deu risada? Mas ele divertiu você?
- Uhn?
- (e.) Ele divertiu vocês...
- Ah! Talvez aí pela loucura dele, não pelo que ele tava fazendo. A loucura! Se soltando...
- (e.) Qual que é a diferença entre a história dele e a su-, e a de vocês?
- Que a nossa já, nós como infrator, né sr.? Ele já não era, era uma criança abandonada, e tal... (baixo, embolado).
- (e.) Certo.
- Se não ele é infrator ou tem um ato na sociedade, ele não tem um ato ainda.
- (e.) Anham.
- Essa é a diferença, ele podia apanhar e tudo, mas... como nós apanha aqui, nós apanha todo dia aí. É uma coisa, [...]. O duro é que ele não tinha nenhum B.O., e nós tem uma pá de B.O. aqui. Qualquer coisa nós assina as coisas, se quebra uma lâmpada assina e tal...
- (e.) Se quebra uma lâmpada... aí,
- Assina.
- (e.)... Assina um B.O..
- Fala que é num sei que lá da FEBEM lá.
- (e.) Não entendi!
- Aí fala, num sei quem falaa o lance que tá quebrando patrimônio do governo aí, uma fita assim.
- (e.) Certo.
- Aí tem que assinar isso.
- (e.) Se vocês quebram na época dele...
- Na época dele nada, aí podia destruir tudo e não assinava nada e tal... A diferença: podia fumar maconha, o que fosse aí, e não pegava nada e tal...
- (e.) Podia fumar maconha nooo...
- No lugar onde ele tava.
- (e.) No lugar onde ele tava?
- É.
- (e.) É?
- Agora assim...
- (e.) Mas foi uma história que você ouviu faz pouco tempo, não é?
- Pouco tempo.
- (e.) Né? E você, ouviu outras histórias já?
- Outras histórias. Mas tem história aí que não tem sentido não! Ah! Prá, pelo menos prá mim, não gosto nem de falar essas história aí! Histórias sobre Deus, essas fita nem...
- (e.) Pode falar, não tem problema não!
- Ah! O pessoal fala também que Deus vai voltar e não sei quê... Pode até ser, né? Num duvido, né...
- (e.) Anham... (baixo)
- Só que tem só muita ficção naquele negócio ali, ir lá prá igreja e num sei quê. Prá você gostar dele, precisa tipo, como vou falar... os outros chamam prá ir prá igreja e fazer oração. Prá você fazer oração não precisa ir prá igreja... é sóóó fazer oração individual, fazer oração individual e já era...
- (e.) E essas histórias sobre Deus, a volta de Deus, você escuta aqui na FEBEM também?
- Não, não, isso é quando eu tava no mundão.
- (e.) Isso é na época que você tava no mundão?
- É, que eu era crente.
- (e.) Na época que você era crente, lá em Minas...
- Bahia.
- (e.) Lá na Bahia...
- Bahia e em Minas, tipo os dois. (rápido)
- (e.) Bahia eee em Minas...
- Escutava essa fita aí e tal, e num sei o quê.... Várias fita aí... Tipo... ah! várias fitas... fala se tipo... tô namorando uma mina aí e tal, aí eu batizei água, eu batizei na água e tal, aí tipo num pode [...] prá água e

num posso ter relação com ela até quando casar e num sei quê. Olha as idéia e pá! É as histórias, né? Deixei de mão essa igreja aí. As conversa!

- (e.) Você deixou essa igreja?

- Lógico né! Vou casar primeiro prá ter uma relação e não pode trair ela? Um abraço!

Ri! Ri! Ri! Ri! (risada)

- (e.) E quem contava essas histórias prá você, L.?

- Ah! Meu vô, minha vô...

- (e.) Seu avô, sua avó...

- O pessoal da igreja também ficava falando assim, os garotos [...] conversava... (baixo)

- (e.) O-o-os próprios garotos?

- É.

- (e.) ...um contava pro outro?

- É, tipo, o pai deles também passava prá eles também.

- (e.) O pai dos garotos

- É, é.

- (e.) ... passava prá eles, da mesma maneira que o seus pais...

- O meu avô também passava.

- (e.) ... que o seus avôs.

Anham. E você ia na igreja também?

- Ia também, todo dia.

- (e.) E lá na igreja, eles contavam histórias?

- Ah, várias histórias...

- (e.) O pastor contava?

- Não, o pessoal mesmo da igreja. Tipo testemunho.

- (e.) Ah! Testemunho?

- É, testemunho.

- (e.) E eram histórias deles mesmos...

- É, deles mesmos.

- (e.) Deles mesmos. Que eles tinham vivido...

- É, que aconteceu é. Tipo fez um voto e tal

- (e.) Anham.

- ... que tá acontecendo, tipo alguém da família tá doente, aí fez um voto e melhorava... Aí ele pagava o voto e testemunhava... falando da obra que Deus fez na vida deles e tal. Já ouvi muitas histórias já!

- (e.) Anham! Eee você... se você não quiser falar não precisa, tá L.? Ééé, mas naquela época você, tinha quantos anos mais ou menos, você lembra?

- Uns dez anos.

- (e.) Uns dez anos?

- Isso.

- (e.) E você gostava de ouvir essas testemunhas, essas histórias?

- Na época eu gostava.

- (e.) Na época você gostava... Anham. (pausa)

Eram histórias assim de vida, né?

- É, de vida.

- (e.) Que as pessoas tinham vivido...

- Isso.

- (e.) Você lembra de alguma, assim, por acaso?

(silêncio)

- Ah! Tinha uns pessoal que falava queee... tava na frente da televisão e via ó, isso aqui, ó. Tava vendo televisão, e tipo assim, antes de ver a televisão e tal, tava na igreja, aí tinha um senhor que ia passar [...] um negócio dele dentro da televisão e tal, ia pegar ele (alto). Aí a pessoa foi e não acreditou e ficou assistindo a televisão, aí saiu uma águia assim, e ficou pegando assim, aí machucou ele tudo assim, aí ele foi na igreja e contou uma obra e tal, "Deus me avisou e num sei o quê..." (baixo, interpretando) depois ele jogou a televisão fora, depois disso aí. Tipo [...] (rápido) eraa, a finalidade mesmo era prá tirar a televisão dentro de casa, a televisão eles fala, que aaa televisão é do diabo, e não sei o quê... faz muitas maldades e tal, faz muita maldade e não sei o quê.

- (e.) Anham.
- Aí com essa, com essa finalidade aí que a pessoa fala.
- (e.) Anham.
- Que a televisão é do diabo... e pá.
- (e.) E assim como essa você ouviu várias outras... histórias...
- É, ouvi várias outras.
- (silêncio)
- (e.) E o-
- Tipo o-
- (e.) Anh.
- Tipo caiu um garoto de cima da laje e tal. Aí tipo ele tinha morrido, o coração dele parou, aí a pessoa foi e gritou assim meu Deus, "Meeeu Deus! E tal (baixo, fino). Ele morreu, e num sei o quê". Aí tipo começou a chorar e falou o nome de Deus, aí o garoto voltou, e tal, então de novo. Tinha caído lá de cima da laje, tinha morrido mesmo, o coração dele tinha parado e tudo, aí voltou tudo ao normal e não sei o quê. Outro que era aleijado... e ficou normal...
- (e.) Outro que era aleijado e ficou normal?...
- Voltou a andar! Ah! Vários testemunhos!
- (e.) Vários testemunhos, né?
- Anham.
- (e.) E você ouviu vários desses...
- Vários.
- (e.) Você ia todo dia...
- Todo dia.
- (e.) Todo dia você ouvia...
- Todo dia ouvia. Tinha dia que era um, dois testemunho, mas tem dia que era bastante, quinze e tal.
- (e.) É? E você mesmo, já chegou a testemunhar?
- Tsum! Tsum! (não)
- Não.
- Eu tinha vergonha. Lá na igreja assim eu gostava de ficar no fundo, e tal.
- (e.) É? E você ia com quem lá prá igreja?
- Minha vó e meu vô.
- (e.) Sua vó e seu avô... Anham.
- (silêncio)
- Ah! Tem também tipo, a pessoa é pobre assim, aí fizeram voto, aí Deus falou que ia ajudar, foi e ajudou, enriqueceu, ficou rico... Ah! Tem uns pessoal que conta esses testemunhos, que fala.
- (e.) Anham!
- Ah, não sei se é verdade, hi! hi! (rindo), se foi ele mesmo...
- (e.) Oi?
- Não sei se foi Deus mesmo que ajudou, né? Pode ser uma coisa do destino.
- (e.) Tá.
- Mas na época você acreditava?
- Na época eu acreditava.
- (e.) Anham. Eee lá na igreja, você ouvia algum outro tipo de história? Como se fosse história da Bíblia, alguma coisa assim?
- Não.
- (e.) Não?
- Que eu me lembro não.
- (e.) Tá.
- Aí tem tipo, prá falar agora assim tipo não dá prá lembrar, agora ficar mesmo pensando assim aí eu lembro de vários e tal. (rápido)
- (e.) Anham.
- É que tipooo, eu esqueci o que cê ia falar, que eu ia falar essa semana tipo sobre história, aí eu não fiquei pensando.

- (e.) Não, tudo bem, não tem nada, não tem problema não! Você já tá lembrando bastante coisa! Não tá? Eu acho! Mas, tipo assim, você não lembra o que o pastor falou ou o pastor não falava essas histórias, de Bíblia?

- Não, o pastor falava. Falava.

- (e.) Anham.

- O pastor falava, falava que Deus ia voltar, falava prá ter, ééé crença, falava prá orar muito, orar de madrugada, de manhã, à tarde...

- (e.) Anham.

- Não jogar bola... (rápido)

- (e.) Não jogar bola?

- Não beber bebidas...

- (e.) Anham.

- Não ficar andando com o pessoal que não é da igreja, ficar andando [...] e não sei o quê.

- (e.) Anham.

- E fazer... tipo ir na casa do outro assim, orar, fazer oração...

- (e.) Certo...

- Nuns cultos nas casas assim...

- (e.) Anham...

- Fazer essas fita aí...

- (e.) Tá.

E você chegava aaa... aaa a ler? Essas histórias quando eles contavam ou não?

- Como assim ler?

- (e.) Ler! Ler essas histórias tipo da Bíblia... você lia também ou não?

- Lia, lia, ele falava tipo era a mesma Bíblia. O pastor ficava com uma, não é pastor, é cooperador, diácono.

- (e.) Certo.

- Aí eles ficavam, tipo o cooperador ficava com a Bíblia...

- (e.) Anham!

- Aí as pessoas ficavam lá embaixo aí ficavam com as Bíblia, aí ele falava tipo "Salmo 21"...

- (e.) Anham.

- ... Versículo 5, aí todo mundo olhava as Bíblia e olhava no versículo 5, "Olha aí", "tô acompanhando com ele". Aí falava "Só até aqui e tal" aí a pessoa tal e pá. Aí ele começava a interpretar e tal. Primeiro ele falava tudo, depois ele ia falando e ia interpretando.

- (e.) Interpretava o que que ele leu...

- É.

- (e.) E você acompanhava, L.?

- Ah! A maioria das vezes.

- (e.) É?

- Mas era muito difícil!

- (e.) Era muito difícil?

- Era.

- (e.) Do que?

- De, de ficar, nessa época mesmo não sabia nem ler direito. Eu ficava só ouvindo só o que ele falava assim!

- (e.) Tá. Anham. (pausa)

Tá. Legal, L.. Você falou prá eu te avisar quando faltassem cinco minutos, né?

- É.

- (e.) Pôxa vida, já está faltando! Né?

Que que você acha, então da gente continuar essa conversa, sobre a sua, essas histórias que você ouviu, quando você era mais novo?

- Firmeza.

- (e.) Firmeza?

- Ô.

- (e.) Tá bom!

- Aí eu vou ficar, vou ficar pensando numas histórias aí e falar bastante pro senhor.

- (e.) Tá bom. Então a gente hoje já conversou... quanto tempo, uns quinze minutos? Aí na próxima vez a gente conversa mais uns quarenta minutos... Tudo bem?

- Ta conversado...
- (e.) Então muito obrigado, viu L.?
- Obrigado o sr.. (baixo)

(término da entrevista)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA-PILOTO (INDIVIDUAL)

08/12/2003 - UI-19 - FEBEM Tatuapé, São Paulo

3ª Entrevista:

- (entrevistador) Então, ééé, última entrevista, com Elton, hoje é segunda-feira, cinco da tarde, ééé... oito de dezembro de 2003. (voz alta)

Então, a gente vai dar início aí, à nossa última entrevista.

(pausa)

Você lembra o que a gente conversou da última vez, Elton? (alto)

- Histórias.

- (e.) Histórias! Né? Você falou de algumas histórias

- Isso.

- (e.) ... que você escutou... algumas histórias aqui, na FEBEM, né?

- É, e umas histórias quando eu tava no mundão..

- (e.) E algumas histórias quando você tava no mundão, né?

- Isso.

- (e.) Inclusive quando você morava lá na Bahia...

- Com minha vó. (baixo)

- (e.)... né? Com a sua vó. Né? Hoje vai ser a mesma temática, porque a gente foi muito curto daquela vez, né?

- Certo.

- (e.) A gente vai continuar, a falar sobre histórias... Histórias que você escutou... Histórias que você se lembra...

Tá? Então agora é cinco horas, então até umas cinco e quarenta... Você tá fazendo alguma coisa agora, você tá livre?

- Não, não, eu tava fazendo, mas já ia terminar já.

- (e.) Já ia terminar já?

- Já, já ia subir...

- (e.) Oi?

- Cinco e quatro agora, né?

- (e.) Cinco e quatro...

- É, já era prá eu ter terminado já.

- (e.) É?

- Já vou subir já.

- (e.) Mas tudo bem prá você, vai te atrapalhar em alguma coisa?

- Não.

- (e.) Não? Legal!

(silêncio)

- (e.) Então, então, Elton, me fala de umas histórias aí que você se lembra, que você gostou...

- Ah! Eu vou falar umas histórias assim, mas não que eu gostei, que eu ouvi mesmo, que eu ouvi e tal.

- (e.) Só prá eu ouvir?

- Não, é...

- (e.) Pode falar.

- É, tipo, o pessoal fala que vai mudar de vida e não muda... (baixo)

- (e.) Mudar de vida e não muda...

- É, eles fala que vai parar com o crime... e não pára... (baixo)

- (e.) Essas são umas histórias que quem conta?

- Ah! Aqui dentro tudo, né?... Aqui dentro, lá fora mesmo... É, jááá, já ocorreu num sei o quê na minha família mesmo... (baixo, rápido)

- (e.) Sua família mesmo?

- É.

- (e.) Já falou, que ia parar com o crime...

- Tipooo, tipo minha mãe que tá presa lá (baixo)...
- (e.) Humhum.
- Prá mim ela tinha falado que tinha parado e tal. Aí ela foi presa e tal (baixo). Até... eu fiquei até assustado, sr. e tal, "minha mãe de novo! Terceira vez já!"
- (e.) Tá.
- Anham.
- (e.) Ela falou prá você, que ela tinha parado...
- É. Ela falou prá mim que ia parar e tal tal tal, parado e não sei o quê, "quero sair dessa vida e num sei o quê" [...], que é ilusão, que não serve prá ninguém, muito mais prá mim, que era o filho dela,
- (e.) Anham.
- Fala [...] em vez dela [...] em vez dela falar [...] que eu o que, num sei o quê... (rápido)
- (e.) Você acha que foi, que ela, ela contou essa história prá você, você acreditou, e aí você até se assustou quando ela foi presa...
- É, porque, a fita é o seguinte, sua mãe, falando prá você acreditar e tal...
- (e.) Hunhum.
- Depois logo eu [...], depois logo eu voltei lá de novo e [...].
- (e.) Da última vez você falou que você ia visitar ela, né?
- Ah, Não! Isso aí já era já. [...] a assistente aí, a psicóloga... não quero mais nem ir visitar mais não. (rápido)
- (e.) Hunhum.
- Isso daí é um motivo prá ficar jogando na cara que num sei o quê e tal, faz um corre e num sei o quê, então nem prefiro ir... Quando eu tiver no mundão então eu vou lá, visito...
- (e.) Não deu prá você ir visitar ela?
- Não, tipooo, ela voltou, porque quando ela saiu de férias ela falou que eu ia visitar minha mãe de quinze em quinze. Aí eu falei prá outra psicóloga que quando ela voltasse férias eu ia chamar ela, aí ela falou pra eu chamar ela e tal, aí ela voltou hoje querendo falar um monte prá mim, tá ligado? Aí eu já vou falar uma pá prá ela, que não é mais prá ela ser minha psicóloga, e num sei o quê... Fazer um corre [...] prá mim que eu não preciso... entendeu?
- (e.) Humhum.
- Eee, eu tô...
- (e.) Ela falou um monte prá você e você falou um monte prá ela...
- É, ela queria aumentar a voz, tá ligado? Ela aumentou a voz e eu aumentei a minha também (baixo, rápido).
- (e.) Oi?
- Disse prá ela que eu ia aumentar a voz e não sei o quê.
- (e.) Tá.
- É, é, eu, não gostei, tá ligado? É o seguinte, eu que tinha que falar uma pá prá ela, porque ela prometeu um negócio e depois não cumpriu, né? Ficou de férias quarenta e cinco dias aí... e tá prá saí [...].
- (e.) Oi?
- Tô vendo se eu vou embora prá outra unidade aí, porque aqui tá embaçado...
- (e.) Cê quer mudar de unidade...
- É, só...
- (e.) Por que aqui tá embaçado, Elton ?
- Tá embaçado, sr..
- (e.) Por quê?
- Ah! Funcionário aí caçando assunto, caça assunto aqui, tá ligado? Num é muito bom, nós faz uma, nós pede licença prá ele, mas caça assunto, tá ligado? Pode ser que ele quer caçar um assunto prá deixar nós de tranca lá em cima e tal... (baixo)
- (e.) Quer caçar um assunto... quer deixar você nervoso?
- Tipo deixar nervoso, tipo sair fora já, cê tá ligado [...] em casa já, manda nós prá tranca, tal. Cê tá errado, né? Cê vai chegar e ficar nervoso e começar a xingar, cê tá errado, né?
- (e.) Hunhum.
- "Cê você xingar cê vai prá tranca e num sei o quê."
- Cê fica lá cinco dias, seis dias de tranca lá... Ah! Eu tô de boa, cê tá ligado, de fazer isso!
- (e.) Sei...
- Ah! Eu tô pretendendo ir de bonde aí por bem, mas se eu não for por bem eu vou logo por mal, também...

- (e.) Ir, ir de bonde por bem quer dizer o quê?
- Ah! Dar uma idéia, né sr..
- (e.) Dar uma idéia pra, pros funcionários, prá você mudar de unidade?
- Prá eu mudar, já dei uma idéia prá ela hoje, né sr.? Prá ela dar meu bonde, agora quero ver, né sr. ... se não for por bem... daquele jeito, sr.. (baixo)
- (e.) Sei. Humhum. Se não for por bem vai por mal...
- Anham.
- (e.) Você quer sair daqui...
- Ficar aguentando desaforo aí, sr.! Outras unidades aí não aguenta desaforo não, sr.!
- (e.) Oooi?
- Tem unidade aí que funcionário nem entra no pátio!
- (e.) Mas será que se você sair daqui você vai prá uma unidade melhor ou pior?
- Ah! Depende de qual mandar, né sr.? Tem unidade pior também... [...] típooo, como é que eu faço se ficar 24 horas de tranca? Aqui não, vai pro pátio e tal, mas lá prá baixo 24 hora de tranca... mas também já ééé, é dominado pelos menor também já, sr.. [...] ...] é a maior tiração! Tipo entra a maior poca (!)! Jumbo dura do-dois dia, depois já era... acaba tudo...
- (e.) Humhum... jumbo é a comida, né? A comida que chega da família, né?
- Não, tipo bolacha...
- (e.) Comida pro final de semana, as bolachas que eles trazem...
- Salgadinho, bala...
- (e.) Salgadinho, bala...
- É tão difícil às vezes [...] depois, mas nas unidades lá prá baixo dura meses... Os jumbo, tal, que as famílias traz, [...] tudo. Manda ela trazer aí e já tão entrando! Aqui é a maior tiração!... (rápido, baixo)
- (e.) Tem unidade queeee, é diferente da outra, às vezes, né? Tem umas que são mais rígidas outras que são menos, umas que deixam entrar mais jumbo, outras que deixam entrar menos... Né?
- E histórias? Você escuta histórias aqui na Unidade 19, vocês conversam entre vocês...?
- Ah! Várias histórias loucas, sr.!
- (e.) Várias histórias loucas?
- Várias histórias...
- (e.) Que um mano conta pro outro, como é que é?
- Ah! Tipooo, que nós tava comentando lá em cima várias histórias e tal! Tipooo, uma lá, a vó dele, o mano de lá, a vó dele falou assim: "Eh! Ah!". Tipo ela ia cozinhar mandioca pro maluco, pro filho dela e tal...
- (e.) Ela o quê?
- Ela ia cozinhar mandioca e tal.
- (e.) Anham.
- Aí típooo, ele falou "Ah, essa velha e não sei o quê, não sei o quê!". Aí ela foi e jogou a maldição nele, num sei o que lá dooo, seco, é. Corpo seco, corpo seco, jogou a maldição do corpo seco nele...
- (e.) Péra um pouquinho, deixa eu ver se eu entendi: quem jogou em quem a maldição?
- A mãe dele.
- (e.) A mãe dele jogou no filho...
- É, a maldição...
- (e.) A maldição do corpo seco...
- Ah! Foi o que eu ouvi, né? He! He! (risada)
- (e.) Como é que é essa maldição?
- Tipooo, tipo ele ficou, não sabia o que era casa mais, não queria ninguém, só o corpo seco, as unhas cresciam prá caramba assim...
- (e.) Ele não sabia o que era casa...
- Tipo meio-dia assim tinha que ir alguém lá no mato cortar as unhas dele...
- (e.) As unhas não paravam de crescer?
- Rapidão, assim, se não ó assim...
- (e.) Ah, é? Do meio-dia até a meia-noite ela crescia?
- Ela crescia, do meio-dia até a meia-noite já tava dando umas volta assim, já tava precisando cortar...
- (e.) Anham. E por que que a mãe jogou no filho essa maldição?
- Porque ele xingou ela e tal. (pausa) "Você é velha e num sei o quê...".
- (e.) "Corpo seco", porque que chama do corpo seco?

- Porque ele ficou seco, seco, seco, seco.
- (e.) Vai secando o corpo?
- Ficou parecendo tipo assim igual, um bagulho reto assim, (rápido) seco...
- (e.) Igual?
- Ficou assim, uma madeira assim...[...] (rápido)
- Tipo o outro também tava contando história tal do disco voador, que viu o disco voador. Ele tava lá, e tal frente as casa dos amigo dele, aí ele olhou prá cima assim e viu tipo uma luz vindo, tá ligado? Aí ele viu tipo uma luz vindo aí tipo a luz ficava tipo assim preta, tá ligado?
- (e.) Anham.
- Ficava preta lá de cima... Ficava branca e preta, tipooo enclarecendo e branca e preta, fffuu... Aí o bagulho ficou tipo perto, bem perto assim ó?
- (e.) Humhum.
- Como daqui ali na parede ali ó pá, aí o bagulho foi lá e fffffuu, foi lá pro céu... aí ficou três bola vermelha e tal!
- (e.) Um maluco aí que contou?
- Três bola vermelha ficou rodando, assim...
- (e.) Três bola vermelha...
- Embaixo tava branco e preto e em cima ficou três...
- (e.) E ele que viu?
- Ele que viu e tal... Ele mesmo... (silêncio)
- (e.) E aí, você acreditou na história dele?
- Ah! [...] num desacredito, né sr.?
- (e.) Oooi? (alto)
- Desacreditar também eu não vou desacreditar, né, sr.?
- (e.) Anham...
- Também não acredito, né?
- (e.) Também não acredita?
- Também não acredito, nem... Hã! Hã! (risadas)
- (e.) Nem acredita nem desacredita...
- Nem acredito nem desacredito, fico nessa...
- (e.) Você fica na dúvida...
- Ô! Que eu também aí, né sr.?
- (e.) Ahn.
- Tipoo, a quando o menor abriu o armário assim todas vez apareceu um cachorro...
- (e.) Toda vez que ele abria o armário aparecia um cachorro?
- Era vulto.
- (e.) Vulto?
- Vulto de um cachorro... preto...
- (e.) Vulto de um cachorro preto...
- [...] [...] de um cachorro preto.
- (e.) E aí?
- E aí depois de um tempo parou! (pausa) Ah! Outros contam também que tipo quando uma pessoa da sua família morre assim, a alma vem na sua casa avisar, derruba uma panela... o armário bate...
- (e.) Quando uma pessoa da sua família morre?
- É. É que isso aí mesmo já foi comigo, aconteceu na casa da minha avó, tá ligado? Minha bisavó morreu aí começou a bater os bagulho assim: "tá, tá tá!" (ruídos)
- (e.) Você viu?
- Aí eu não sabia o que que era, né? E tal, que tinha batido, aí depois de um tempo, passou tipo uma meia hora e teve um telefonema que minha bisavó morreu e tal...
- (e.) Ah é? Você era criança, Elton?
- Era criança, lá na Bahia.
- (e.) Na Bahia?
- Na Bahia.
- (silêncio)
- (e.) Essa daí é uma história que, aconteceu com você então...

- Aconteceu comigo.
- (e.) Você conta essa
- [...]
- (e.) Você conta essa história pros outros também?
- Conto nada, sr. Conto nada!
- (e.) Não? Você não conta nenhuma história prá eles?
- Ah! Tipo de vez em quando conto algumas assim, tipooo contei umas histórias assim aí eles fala que é massa e tal.
- (e.) Você fala algumas também?
- Não, tipo falei uma fita lá, [...] de quando eu vi um tubarão na feira, tá ligado? (gaguejando)
- (e.) Oi?
- O tubarão.
- (e.) Tubarão?
- É. Tubarão morto, eu vi um tubarão na feira e tal. Na banca de peixe. Aí os cara falou que era massa e num sei o quê, aí eu nunca mais quis falar com os cara, "Ah! Ceis num acredita, fazer o quê?".
- (e.) Eles falam que é massa...
- É.
- (e.) Massa é uma história que é mentira, né?
- É mentira. "Ah! Maior massa e não sei o quê!". Que massa, aonde...
- (e.) Você viu o tubarão morto na feira?
- Ah! Mas eu vi mesmo...
- (e.) Tava morto...
- Tava morto.
- (e.) Tava prá vender...
- Tava prá vender. Aí eles falaram tudo "Ah, não dá, onde já se viu na feira! Tubarão é proibido..." Eu falei "mas maconha também é proibido e tudo que é lugar também tromba... que bicho que não vai ter e pá..."
- (e.) Ah! E não sei o quê. Que massa...", "Que massa o quê, e pá..."
- (e.) E aí, depois disso você não contou mais histórias...?
- Conteí nada, sr..
- (e.) Nada? Nem o que aconteceu com você?
- O quê?
- (e.) Nem o que aconteceu com você?
- Nada, sr..
- (e.) De repente um envolvimento aí... commm drogas, ou com o crime, ou com mulher...
- Ah! Conto uma, conto umas histórias tipo real, tá ligado? (baixo)
- (e.) Cê conta umas histórias real...
- Ah, dos cara... (rápido)
- (e.) Dos caras...
- Eu fui roubar, tá ligado, lá na cena, tipooo, enquadrado o bico tá ligado, aí o bico tipo foi querer reagir, aí tipo já matou ele, matou o outro também... tipo ele foi fazer um sequestro, mas só que...
- (e.) Anham.
- Nesse meio tempo aí o bico foi tentar reagir ele matou os dois e tal.
- (e.) "Bico" quê que é?
- É a vítima.
- (e.) É a vítima...
- A vítima foi querer reagir ele matou os dois e tal. (rápido)
- (e.) Quem matou quem?
- O menor.
- (e.) O menor.
- O adolescente. Matou os dois e pá, foi prá cá, aí esses dias foi embora aí...
- (e.) E aí teve liberdade...
- Teve liberdade, depois de dois ano e pouco.
- (e.) Depois de dois anos e pouco...
- Depois de dois anos e pouco.
- (e.) E era esse o B.O. que trouxe ele prá cá?

- Esse.
- (e.) É?
- Então essas histórias rolam aí...
- É.
- (e.) Como é que é?
- Rola bastante.
- (e.) Rola bastante?
- Rola, porque o moleque tá trancado, aí tipo lá em cima não tem televisão não tem nada, não tem um livro, aí tipo...
- (e.) Não tem livro?
- Não.
- (e.) Não tem televisão?
- Não tem nada.
- (e.) Não?
- Tipooo igual aqui, não tem nada,
- (e.) Ah é?
- ... nós fica trancado no quarto... cada um conta hum várias históóorias...
- (e.) Ah é? E quantos, quantos são em cada quarto?
- Seis.
- (e.) Seis...
- Seis, quatro, cinco. (baixo)
- (e.) Oi?
- Ooo, o certo mesmo era quatro. Que tem quatro jega...⁹⁶
- (e.) Anhammm.
- Mas, às vez coloca dois na, na praia, tal...
- (e.) Dois na?
- Na praia.
- (e.) Praia?
- Praia prá nós é o chão.
- (e.) O chão...
- Coloca no chão...
- (e.) É?
- Coloca logo no chão... o bagulho... (baixo, tom de ironia)
- (e.) E aí? Então cêis ficam contando muitas histórias...?
- É. Várias histórias... tipo de carnaval...
- (e.) De carnaval?
- É, tipo de curtir, aconteceu umas fita lá... é, várias fita, sr.... catou umas mina e tal...
- (e.) Anham. Você quer contar uma prá mim aí?
- É tipo, um moleque tava contando lá, aí ele tava com umas mina pá, no carnaval, tá ligado? Tava com uns maluco e pá, trombou umas mina, "tipo tem umas mina e pá...", tipo era umas três mina, tá ligado? e seis maluco, e pá, aí tipo as mina desandou⁹⁷ com os seis e pá, ficou duas mina, uma mina prá dois, os cara chupando memo, [...] e pá.
- (e.) Anham... Rola umas história aí de mina, né?
- É. Tipo de mina, né?
- (e.) Anham.
- Rola bastante aqui é de mina...
- (e.) Muito?
- É.
- (e.) É o que mais rola?
- O que mais rola...
- (e.) Rola mais do que de crime?
- Mais que crime, tipo crime ninguém... (baixo)

⁹⁶ “jega”: cama

⁹⁷ “desandar”: nesse contexto significa manter relações sexuais

- (e.) Mais que crime?
- Tipo crime ninguém gosta muito deee ficar comentando não, senhor.
- (e.) Ninguém gosta muito...
- [...]
- (e.) ...de ficar comentando deee...
- Pá, de ficar lembrando do sofrimento, do que passou...
- (e.) De história de crime?
- Todo mundo gosta de fugir da realidade que nós tá.
- (e.) Fugir da realidade que vocês tão?
- Tipo ficar na imaginação, e tal... tem horas que eu fico imaginando as fitas... castelando e pá...
- (e.) Como assim, imaginando as fitas?
- Ah! Tipo assim as fita que já ocorreu com uns mano que teve em outras unidades aí, tá ligado? (rápido)
- Tipoo umas funcionárias que já desandou e pá... tipo que já deu pros menor...
- (e.) Anham...
- Nessas unidade tem uns cara que vem até da [...], até... aí começa a contar e tal... lá prá cima, prá UAI, pra UIP...
- (e.) Anham.
- Começa a contar tipo as histórias e pá...
- (e.) E essas daí, são histórias, verídicas...
- Verídicas.
- (e.)... ou é tipo castelo, castelando...
- Não, verídicas. Essa é verídica, verídica.
- (e.) Anham. E isso que você falou que vocês ficam castelando...
- Tipo nós fica imaginando, tá ligado? Nós olha prá senhora e tal... “Ô, pá! Catá aquela senhora ali e não sei o quê! E pá...”
- (e.) Vocês começam a inventar uma história em cima da senhora...
- Nós começa a inventar, tá ligado, nós começa “Eu já comi já, opa, tá ligado?” Só que ninguém comeu, tá ligado? Ninguém comeu, “Eu peguei ela de quatro já e pá tá ligado?” [...] Aí começa a zuar e pá, aí outro “Queee... Ô, que cê tá falando da minha mulher aí?” (voz grossa) E pá, num sei quê... “Quê! Num tô falando da sua mulher não, meu!” E pá... “Por quê?” Pá! “É sua? Tá no seu nome? Tá escrito o seu nome?” E pá...
- (e.) Anham.
- Esses debates... Tá ligado? E pá... É embaçado...
- (e.) Sei, (risada) esses debates... mas aí vocês castelam junto assim?
- Todo mundo junto.
- (e.) Todo mundo junto?
- Um começa a falar assim...
- (e.) Um vai castelando em cima da história do outro, como é que é?
- Um fala uma fita assim, tá ligado, aí outro já fala outra e tal... aí vai indo e pá... aí outro “Ah! Tá, lembra aquela senhora lá? Daquele lugar... e pá... Ah, já comi aquela vagabunda... e pá...”
- (e.) Anham.
- “A maior cachorra, maior desandona... desandou com não sei quantos...” (interpretando bastante)
- (e.) Tá, e o outro responde o quê?
- “Aí ô, aquela ali já desandou prá mim também, ô, sai de tôca!”
- (e.) Han! Han! (risada)
- Aí o outro fala: “Tá vendo, tá vendo, ó, desandou pros dois ó, pros dois, num tava junto, desandou pros dois! Por que prá mim também não vai desandar? Ah! Vamo prá lá também, pá... vai ter que desandar prá mim e num sei o quê!” Aí começa, e [...] zuada...
- (e.) Anham.
- (silêncio)
- (e.) É uma maneira de vocês se divertirem, né?
- É, tipo uma maneira, né? Deee, fugir da realidade, tá ligado?
- (e.) De fugir... da realidade, né?
- Tipo uma vez, de vez em quando nós canta umas música, pá, tá ligado?
- (e.) Ah, é?
- Canta uns RAP, pá!

- (e.) Canta uns RAP?
- Canta uns RAP...tem uns, mano aí, tá ligado, que tira umas mula, tá ligado?
- (e.) “Tira umas mula”?
- É, tipooo começa a cantar tipo uns funk, uns barato assim...
- (e.) Anham. O quê que é “tirar umas mula”?
- É tipo ficar dançando e tal, pá...
- (e.) Ah é?
- Num pega nada, tá ligado? Danç- assim não pega nada, pode zuar, aí já era, tá ligado? Nummm, outro já se empolga, vai lá também... (rápido)
- (e.) No quarto isso...?
- É, no quarto...
- (e.) Ah é?
- Os cara aí se empolga, porque tipo tipooo, aqui em baixo tem de mostrar postura, né sr.? Porque pá... um monte de vagabundo, né?
- (e.) Tem de mostrar postura...
- É. Postura...
- (e.) Prá quem tem de mostrar postura?
- Ah! Prá todo mundo, né sr.?
- (e.) Prá todo mundo...
- Pelo seguinte, se não mostrar postura alguém vai querer sentir fraqueza com a tua pessoa, tá ligado? Vai querer ver que você é mais fraco que alguém, então... não tem que demonstrar isso prá ninguém, você tem de ser firme, tá ligado? (rápido) Se o cara falar “a” pro cê, cê tem que falar “b, c e d”, falar o abecedário todo prá ele, tá ligado?
- (e.) Isso aí que você tá falando é um outro mano, ou é um funcionário?
- Não, tipo tô falando um outro mano, também tipo [...] agora tem funcionário, que também tem funcionário porque, tipo ficar aqui em baixo aqui, porque o senhor ééé, adolescente também, tá ligado? Menor, pá, tipooo vai tirar galinhagem com o sr., tá ligado? Então o funcionário, o que ele vai, o que ele vai falar? “Maior galinha, pá!”, tá ligado? Então o dia que ele for arrastar ele vai falar: “Quê! Você não tem que falar nada não, maluco! Cê é o maior galinha, pá, não sei o quê!” Ele vai sentir a fraqueza dele, vai querer bater e tal e pá... “Tsum! – vai falar - Ó! Fiz de mula e não sei o quê...” (muito rápido)
- (e.) “Vide” mula?
- Fiz de mula, fiz de brincadeira e tal...
- (e.) Ah, tá..
- “Fiz de brincadeira e não sei o quê...”. Isso aí não pega nada não... não tem apetite não prá bater de frente com nós não, tá ligado? Porque até aí eles erram, os funcionário, tipo igual eu no pátio, tá ligado, tipo eu tô aqui, tô sossegado, [...] funcionário [...] o certo, aí vem, quer caçar assunto, aí não sei qual que é a dele e tal, não sei qual é a maldade né, aí se ver bem já era, dei risada e que que ele vai pensar? Maior bobão e tal, uns quatro (?) ano... (muito rápido)
- (e.) Quer dizer então que é uma postura tanto do funcionário...
- Vixxe... do próprio menor...
- (e.) quanto pro menino... quanto pro menor...
- Tá ligado, um menor pá, fazendo mula com outro menor...
- (e.) Anham.
- Aí tipo um contando uma fita de mil grau, aí tipo rola um debate, debatendo uma fita pá no bagulho, tá ligado? Aí tipo, eu tô debatendo uma fita com ele, tá ligado?
- (e.) Ahn....
- Aí cola um mano: “Ah! Que meu! Esse maluco tá colando nem tem [...] porquê mano! Esse maluco nem pode e pá, meu! O maluco é o maior galinha do caralho!”, pá, tá ligado? Tipo viu que [...] entre nós que tava reunido [...] reunião [...] trazer melhora prá cá, tá ligado? Nós corre [...] aí vamo fazer uma [...] com nós e não sei o quê!”. Aí o mano nem vai te chamar, “Aí, deixa outro maluco não, aquele lá vive de mula, o maior criação do caralho!”. Aí tá já, tá excluído dos dois lados, tá ligado? (barulhos, rápido)
- (e.) Cê fica excluído entre os, os, mano e entre os funcionários...?
- Isso aí.
- (e.) Entre os dois...
- Entre os dois grupos, tá ligado? Cê tem que assumir uma postura.

- (e.) Cê você assumir uma postura mais firme e tal, você é respeitado tanto entre os menor quanto
- Entre os funcionários...
- (e.) ...entre os funcionários...
- Anham.
- (e.) É isso?
- Os funcionários também não vai atravessar, nem os menor, tá ligado? Funcionário vou falar prá você, menor aí, nem os menor mesmo não tira mula com ele, todo mundo respeita ele, [...], os menor tudo respeita ele respeita ele... por que nós vai desrespeitar ele, tá ligado? Funcionário vem, e funcionário fala, isso é dignidade, tá ligado? Isso aí prá nós é dignidade, tá ligado, tô de boa. (muito rápido)
- (e.) É uma dignidade...
- É uma dignidade, tá ligado?
- (e.) Anham.
- Que já, seu trabalho tá feito, tá ligado? Não vai tipo, atirar cadeira nas suas costas, ficar mulando... Tem moleque que gosta tipo de atirar cadeira nas costas dos outros, né? “Fiz de mula, de mula, de mula o bagulho.” Tipo prááá, cadeira dele não pesar, tá ligado? Tipo esquecer do bagulho, mas ele vê que ele tá sendo vacilão, né?

(fim de fita)

- (e.) Ele gosta de ficar tirando mula nas costas dos outros... Me explica um pouco melhor isso que eu não entendi direito...
- Tipo assim, tá ligado sr., tem outro menor aqui, tá ligado?
- (e.) Ahn.
- Aí típooo, começo, começo a tirar mula com ele, tirar, tirar, tirar todo dia, tá ligado? Aí tiro com ele, tiro com você, vou prá outro, volto prá ele... e sempre assim, sempre dando risada, fico o dia inteiro dando risada, aí quê que acaba acontecendo? Cê acaba esquecendo que cê tá preso, tá ligado? Esquecendo entre aspas, porque geralmenteee, geralmente fica mais alegre e tal...
- (e.) Sei, sei.
- Já não vai pesar a cadeira dele, só que aí, não vai tá pesando a dele vai tá pesando a de outro mano, tá ligado?
- (e.) Anham.
- Ele esquece da dele e pesa na do outro, tá ligado?
- (e.) Tô ligado, e aí como é que ele fica, conceituado aí entre os menores e entre os funcionários?
- Ah! Fica o maior ramelão, sr....
- (e.) Ahn?
- O maior ramelão.
- (e.) Fica mal conceituado?
- É, mal conceituado, ele...
- (e.) Fica “ramelão”?
- Não tem conceito nenhum e tal...
- (e.) Não tem conceito nenhum!
- Conceito nenhum. (baixo) Tipo pagar uma palavra e nada. Tipo, já entra no barraco e já não pega nada tirar uma mula, pelo seguinte: eu tô no barraco, tá ligado, tipo uma coisa que eu falo pro senhor aqui, vai ficar aqui no bagulho, tá ligado? Uma coisa que acontecer no barraco nós não pode descer prá baixo, falar prá ninguém, tá ligado? Tipo eu tiro mula com você na porrada, saio com você na mão, mas é tipo na galinhagem, na galinhagem, mó cadeira e pá, aí chega amanhã no pátio você vai e “E esse bagulho?” “Ah, ganhei do mano lá do barraco e não sei o quê...” Aí cê já tá errado, tá ligado? Pelo seguinte, cada barraco que você entra os cara já dão idéia prá você, “A fita é o seguinte, a coisa que acontecer dentro do barraco é dentro do barraco, e já era.”, tá ligado?
- (e.) Tô ligado...
- Tipo, por isso que eu fale pro cê, tipo dentro do barraco pesa menos fazer galinhagem, tipo nós faz umas galinhagem e fica lááá, típooo, nós canta uns funk, tipo os cara começa a dançar uns funk, tal, tipo uns break, pá, os cara já [...].
- (e.) E esse negócio de contar histórias, contar essas fita que aconteceram, rola mais dentro do barraco ou rola mais no pátio ou em outros lugares?

- Não, dentro do barraco mesmo.
- (e.) Dentro do barraco mesmo.
- Tipo rola [...] os mano tipo fala assim, “E pá, como vai você, não sei o quê...”, tá ligado?
- (e.) Sei.
- Tipo cê vê o mano quieto ali, tá ligado, cê quer saber o que tá se passando com o mano, tá ligado, vê se você pode dá uma assistência pro mano, na cadeia dele, tá ligado? “Ô, tá acontecendo alguma coisa, e tal?” Tipo pá, você escuta essas fita aí, tá ligado?
- (e.) Tô ligado.
- Aí o outro vai caçar assunto, aí fala “Pô, qual’ê que é, você é o maior caça assunto, e não sei o quê...”, tá ligado?
- (e.) Humhum.
- (silêncio)
- Que mais?
- (e.) Que mais?
- Você tava falando que vocês contam histórias mais de mina que histórias de crime, né?
- É, é essa fita aí mesmo. (baixo)
- (e.) De crime vocês não gostam de falar muito?
- É, típo, fala de umas baladas, tá ligado, de umas baladas também.
- (e.) Fala de umas baladas...
- É.
- (e.) De crime?
- É, tipo, rola um salão de RAP, tá ligado?
- (e.) Anham.
- Tá lá num canto, pá, com uma mina, pá, tá ligado?
- (e.) Sei.
- [...] de boa, pá, rola um samba, pá... (barulhos)
- (e.) Você gosta de RAP, o Elton?
- Gosto de RAP.
- (e.) Você faz RAP, Elton?
- Não, não.
- (e.) Não?
- Só curto uma letra, só.
- (e.) Você canta?
- Não, não.
- (e.) Canta RAP?
- Só ouço.
- (e.) Só escuta.
- Só.
- (pausa)
- Rola uns bagulho, no salão, igual tipo biqueira. Rola um serviço, querendo oferecer coiso, e pá. Eu já falei procê, eu já falei procê, né? (rápido)
- (e.) O quê? Das biqueiras?
- Das biqueiras, é.
- (e.) Pode falar de novo, não tem importância...
- Os freguês, pá, né? Os freguês troca os bagulho por pedra... farinha...
- (e.) Sei, já falou...
- Tá ligado?
- (e.) Tô, tô ligado.
- E você comenta isso, por exemplo, dos freguês,
- Ah! Tipo, nós comenta, né
- (e.)...trocando qualquer coisa por pedra, por farinha, entre aqui os jovens aqui, os seus colegas?
- Comenta!
- (e.) Comenta?
- Tipooo, eu comento isso aí, aí o outro comenta outra coisa...
- (e.) Anham.

- Tipooo, o freguês vem, tipooo trocar um carro, vamos supor, ah vamos... o freguês vem [...] por uma moto, deixou a moto comigo por uma pedra! Ah! Mas não deixou tipo vendeu, tá ligado? Deixou só por aquela noite... uma semana...
- (e.) Tá, deixou emprestado...
- É, tipooo...
- (e.) Em troca...
- Empenhado e tal!
- (e.) Empenhado.
- Empenhado, tipo empenhado, é tipooo uma segurança, tá ligado?
- (e.) Tá, enquanto ele não paga... tá empenhado...
- Tá empenhado. Se o cara não voltar, já era, fica prá sempre com você.
- (pausa)
- (e.) E histórias assim, ééé... como é que eu vou dizer? Envolvendo mesmo mais violência mesmo, vocês contam entre vocês ou, ou esse é um assunto que vocês não gostam de tocar muito?
- Nós comenta sim, tá ligado? (baixo)
- (e.) Vocês comentam?
- Comenta.
- (e.) Tipooo, fulano que se deu mal e tal...
- Hummm...
- (e.) Tipo...
- Tipo, uns mano que já morreu também...
- (e.) Uns mano que já morreu...
- Tipo um lá da quebrada, saiu da cadeia, tá ligado? Ficou uns anos lá, acho que foi oito anos, sabe?
- (e.) Humhum.
- E saiu tipo chapado, tá ligado, de cadeia e tal... qualquer coisa que ele via na frente ele saia roubando...
- (e.) Hum.
- Aí esse cara ele foi roubar tiozinho da quebrada mesmo e pá.
- (e.) Anham.
- Levou o tiozinho aí os cara matou ele, tá ligado? Os cara matou...
- (e.) Os cara ma-, quem matou ele?
- Os próprios caras da quebrada...
- (e.) É?
- Por que a fita é o seguinte, cê tá ligado? Você tem sua quebrada, né? E você vai gostar de alguém roubar sua quebrada, sua rua? Tipo você não vai gostar mesmo. Se for seu vizinho, tipo seu conhecido, você [...] fala com ele “vai pela paz, vai pegar prá você e tal...”. Aí ele foi roubar os cara, aí os cara pegou, tá ligado? Tipooo teve um mano aí que arrumou umas guerra pela quebrada (rápido), tipooo...
- (e.) Arrumou o quê? Umas guerra?
- É, tipooo treta, tá ligado?
- (e.) Tô ligado.
- E fez assassinato cara, na quebrada, pá e tal. Uma coisa é [...], tipooo arrumou treta na biqueira, tá ligado? Tipooo fui prá, fui prá Santos, tal, com minha mãe viajar, e voltei, tal, tava lá no mundão, e voltei pá, aí eu tinha feito assassinato, né? Matei os bico lá em baixo. Tudo que eu faço [...] zé povinho, [...] zé povinho que tinha caguetado as fita, tá ligado? Aí eu fui subir lá pro Capão, tá ligado? Só que esses bico aí, tinha parente desses bico que também era bandido também, tá ligado?
- (e.) Anham.
- Só que ele não sabia, tá ligado?
- (e.) Anham.
- Aí ele foi prá lá os cara encontrou ele, tá ligado? Aí trocou tiro só que...
- (e.) Os parente, o parente dessas vítimas eram bandidos...
- Eram bandidos,
- (e.) Aí foram...
- só que não eram da mesma quebrada...
- (e.) ...foram procurar ele.
- É.
- (e.) Lá no Capão.... E aí?

- Aí encontraram ele, tá ligado?
- (e.) Anham.
- Aí trocou tiro, pá, só queee morreu de azar, tá ligado? Não era prá ele morrer e tal... tipo acertou na perna e tal... por causa de um tiro na perna. Um tiro só na perna!
- (e.) Nossa! Como é isso?
- Não sei, né? Vai ver que é a veia do coração, que passa na perna...
- (e.) Perdeu muito sangue, às vezes...
- Muito sangue prá caramba na perna... ele já é falecido.
- (e.) Humhum. (pausa)
- Vocês contam bastante essas histórias?
- Ééé, tipo traiçoragem também, né sr.? Tipo...
- (e.) Traiçoragem?
- É. Tipooo eu vou assaltar com você, tá ligado? Eu, você e outro mano, tá ligado? Aí nós assaltamos um bancão aí e catamo uma pá de dinheiro, tá ligado, mas sabe queee muito dinheiro também... cresce os óio, né? Muito dinheiro...
- (e.) Anham.
- Aí, tipooo eu fui prá casa e tal dividir o dinheiro, nós dividiu o dinheiro, tá ligado?
- (e.) Anham.
- Aí você, nunca tinha roubado com você, tinha roubado com outro mano, tá ligado?
- (e.) Anham.
- Aí esse mano aí, que eu tinha roubado, ele me seguiu, tá ligado? Aí eu fui pá, prá [...] o bagulho, aí ele foi, matou prá ter o dinheiro, só que, ele pensou que ninguém sabia que foi ele e pá, tipo tipooo... (rápido)
- (e.) Ele pegou o dinheiro dos outros?
- É, pegou do outro que ele matou, tá ligado?
- (e.) Ele matou e pegou o dinheiro...
- É, tipooo, na crocodilagem⁹⁸ [...] nem ficou sabendo que [...], né? (rápido)
- (e.) Roubou junto e aí matouuu... o pareceiro...
- Matou, depois.
- (e.) Anham.
- Matou e pá, né? Aí tipoooo, demorou tipo uma semana assim, aí pensou que os cara não ia saber pá... aí os cara soube e tipo, e foram no bar junto com ele e aí ele foi e matou, tá ligado? Esse aí é zóião, tá ligado, sr.?
- (e.) Zóião...
- Zóião, tá ligado? A fita é o seguinte, [...] isso aí... porque eu tô no crime, tá ligado, sr.? Quando eu morrer, eu quero morrer... de frente, tá ligado? Eu ou qualquer pessoa que passa, porque eu quero guerrear com você, tá ligado? Tô sabendo que você é meu amigo e você vai por trás e vai me apunhalar, tá ligado? Aí já ééé coisa que o crime não, também não admite, tá ligado? (muito rápido)
- (e.) Que o crime não admite?
- Lógico...
- (e.) A traiçoragem...
- Porque, sr.... Porque você [...] o cara também, aí aparece outra fita, tá ligado? Aí vai lá de novo roubar... você pode fazer a mesma coisa, tá ligado?
- (e.) Sei.
- Você pode fazer a mesma coisa e tal...
- (e.) Anham.
- Tipo tem maluco também que desanda na pedra e não é mais criminoso também...
- (e.) Desanda na pedra...
- É, começa a usar pedra e tal e tal e tal...
- (e.) E aí, o que acontece?
- Acaba morrendo, sr....
- (e.) Acaba morrendo?
- Anham, pelo seguinte: se usar muita pedra alií, já perde ooo, aquele apetite que tinha de roubar.... de roubar os carro, de roubar os, as loja, e tal, muito dinheiro, tá ligado... aí ele começa a roubar varal, tá

⁹⁸ “crocodilagem”: traição

ligado, e tal, da quebrada e tal, ou tênis, de marca, pá, aí começa na biqueira a ir lá vender, tá ligado? E aí os cara na biqueira assim “e o seu tênis?” e aí cê vai na biqueira “E aí mano?” “E biribiri... e pá” e fala uma vez sim pá, “esse tênis aqui e tal”, “Ah, esse tênis é meu e pá” (voz interpretada) “E quem te vendeu, pá?” “Ah, foi fulano de tal aí e pá”, cê fala “Ah, foi fulano de tal? É bom saber e não sei o quê” Aí cê já, cê tá no direito, [...] aí cê vai e mata, tá ligado, cê vai e mata e pá. (rápido)

- (e.) Parece que é uma lei lá, lá da quebrada, é não roubar ooo, os vizinhos, assim né?

- É tipooo, tipooo uma lei tá ligado, sr., porque a fita é a seguinte...

- (e.) Ahn...

- Tipo nós tamo todo mundo tipo no mesmo barco, tá ligado, sr.? Todo mundo tááá se arriscando, tá colocando as cara no crime ali, tá ligado sr., pá...

- (e.) Anham.

- Prá ter alguma coisa na vida! Então tá se arriscando pros outros? As fita que você tem, os outros vem roubar suas fita aí? (pausa)

O pouco que se tira no crime é ainda por sorte, porque é sorte, tá ligado, sr.? Tipo porque eu já vi maluco primário, ir roubar e ir preso da primeira vez e tal... Ficar três anos preso, cinco anos aí, sete anos preso aí, por um B.O. só que fez? Nem fez, né? Porque deu errado onde eu tava...

- (e.) É questão de sorte ou de azar...

- É, sorte e azar... Então o maluco teve uma, uma sorte no começo e tal... o pouco que ele conseguiu ganhar soube investir numas roupa e tal, umas moto, uns carro e pá, na família... O cara vai chegar e vai roubar? Cê acha que serve dessa fita aí, sr.? Os cara logo [...], não deixa passar batido não, sr.!

(pausa)

- (e.) Ceerto...

Eeee... deixa eu ver... E histórias assim, que aconteceu aqui na FEBEM mesmo?

- Como assim?

- (e.) Que aconteceu aqui.

- Tipo que deixou alguém revoltado e tal?

- (e.) É, de repente o cara já saiu, mas você sabe de alguma história que aconteceu aqui, por exemplo... vocês contam essas histórias dos malucos que já passaram por aqui?

- Algumas... Alguns, né? Alguns, tem uns que já foram embora... que tava no convívio mas, tipo em outras unidades já tinha desandado, entendeu? Mas de aqui tava com nós, né? Tipooo... que aqui nós não tem contato com as outras unidades...

- (e.) Anham.

- Não sabe o que se passa lá prá baixo, tá ligado?

- (e.) Anham.

- Ah tipo o cara desandou... aí depois que o cara foi embora que veio saber e pá...

- (e.) Ah! O cara desandou aqui dentro? Aí...

- Na outra.

- (e.) Na outra, aí depois que o cara teve liberdade aqui vocês ficaram sabendo...

- É... ficamo sabendo e pá...

- (e.) Mas tipo assim, cêis, cêis, cê ouve falar, de histórias que aconteceram na 19, faz um ano, dois anos, três anos... como é que é?

- Ah! A fita é o seguinte, né... tem um, tem um, tem uns cara, que os cara fala que aqui que era dominado, né? Pelos menor... Não é igual hoje aqui, uma pá de funça... tipo os menor dominava tudo, os menor dominava tudo, tá ligado? Ah! Tipo na mão deles, tá ligado? Conforme for, tipooo... 2000 e pá! Lembra que levantou a unidade tipo em 2000? Levantou todas, assim... Aí aqui levantou sem, sem motivo, tá ligado? Levantou sem motivo... aí perderam tudo, tá ligado? Ficou só de tranca... Aí desceram tudo prá unidade, a UI-05, lá embaixo, tá ligado? Os cara ficaram lá 30 dias, na mão da choque e pá!

- (e.) Humhum.

- Aí depois voltaram prá cá porque ficou reformando, né? Colocaram fogo... aí ficou reformando e tal... Aí quando voltou perderam tudo, perderam visita... perderam tudo, tudo... porque quando levantou foi sem motivo, tá ligado? Não tinha motivo...

- (e.) Humhum.

- Porqueee, já tava na mão deles, tá ligado? Tudo na mão nossa, e tal...

- (e.) Anham.

- [...] funcionário lá no pátio... Tinha o que tinha, tá ligado? Visita íntima, tinha tudo, tá ligado? Aííí, conforme foi tipo levantou, aí o diretor da unidade já se revoltou, né? Falou "Ah! Tem tudo na mão, e ainda levanta! Quer mais o quê, né? Não quer mais nada e tal..." Aí por causa disso aí perdeu tudo, perdeu tudo por causa disso aí! Agora aqui, não tem mais vis-... Acho que a maioria no fundo [...] unidades, não tem mais visita íntima, entendeu? Ah, menor não tem, sabe? Cortou, pá!

Cortaram tudo, pá, [...] é as visita, porque pode ver, porque antigamente o jumbo era... igual as outras unidade que eu falei procê... tudooo jumbo que dava prá um mês e tal. Os cara [...] soltava pipa aqui dentro e tal, fazia o que for que não pegava nada, tá ligado?

- (e.) Humhum.

- Agora hoje em dia jááá, é embaçado. Atééé... você colocar a mão prá trás já é embaçado!

- (e.) Colocar a mão prá trás é embaçado?

- É... Não ficar com mão prá trás!

- (e.) Tem que ficar com a mão prá trás?

- Prá você ver como que mudou, né? Três anos já na mão deles! [...] (baixo)

- (e.) Eee Elton, e as histórias que você escutou na sua infância? (alto) Queria que você me falasse um pouquinho delas assim... Se você se lembra de alguma... se teu pai contava histórias pra você...

- Meu pai faleceu quando eu tinha três meses!

- (e.) Ah, deculpa! Sinto muito...

- Normal...

- (e.) Tua mãe, tua avó, contavam histórias prá você... seu tio, seu [...]

- Minha vó contava mais histórias tipooo, minha vó não contava mais histórias, eu ouvia mais histórias na igreja, tá ligado?

- (e.) Na igreja...

- É.

- (e.) Anham. Sua vó... não costumava contar muito história?

- Não, não, porque ela tipooo...

- (e.) Não?

- Ela chegava da igreja e ia prá uns culto, tipo, reunião com outras pessoas. Ela não parava dentro de casa, era mais culto, culto...

- (e.) Anham.

- Na igreja, ficava ouvindo só uns testemunho e tal...

- (e.) Só uns testemunhos... (baixo) E vocês tinham assim televisão...

- Ah!

- (e.) ...rádio, como é que é?

- Tipo no começo, não tinha televisão nem rádio não, tá ligado?

- (e.) Anham.

- Tipo minha vó, falava que isso aí é coisa do demônio, e tal e tal...

- (e.) Anham.

- Aí, depois foi morar uma filha dela que já era de maior e levou umas fita prá lá.

- (e.) E você sabe com que idade que ela levou?

- Ah...

- (e.) É? Que idade que você tinha?

- Ah! Eu não sei mais ou menos não, mas, eu tinha a idade [...] pá!

- (e.) Ahn?

- Eu tinha o quê? Uns nove anos, acho.

- (e.) Uns nove anos... Ela levou rádio e TV?

- Ela levou rádio e TV lá tal...

- (e.) E aí, como é que foi?

- Aí depois foi que saiu também, né? Minha vó jogou fora!

- (e.) Ah, tua vó jogou fora depois?

- Jogou o som e a TV fora!

- (e.) O som e a TV! Não durou muito tempo então?

- Não, não... Teve uma reunião lá em casa, tipo dos crente lá, fizeram oração, aí minha vó tava lá tipo ajoelhada, aí levantou e foi lá jogou as fita fora e tal...

- (e.) Não durou nem um ano?

- Nada, que! Nem um mês! (risadas)
- (e.) Nem um mês?
- Nem um mês nesse caso!
- (e.) Ahnnnn... Eeee depois? Quando que você foi ter contato com televisão, com rádio?
- Ah! Mais tipo quando eu vim prá cá mesmo, né sr.?
- (e.) Você veio prá cá... E aí, como é que é desde então? Você assiste, você não assiste, você escuta, você não escuta... Como é que é?
- Ah! Tipo... eu assisto, tá ligado?
- (e.) Você assiste...?
- É, gosto mais de ouvir um som, tá ligado?
- (e.) Um som...?
- É, mas não tipo que passa, tá ligado? De pagode, direto, tá ligado? Gosto de ouvir mais um RAP e pá...
- (e.) Anhammm...
- Tipo um RAP... umas músicas que eu gosto, tá ligado? Só as músicas que eu gosto...
- (e.) Anham.
- Ah, tipo tinha uns CDs lá em casa lá, tipo só passando só com as músicas que eu gosto e tal...
- (e.) Anham... E que tipo de música que você gosta?
- Do Racionais, Sabotage...
- (e.) Anham...
- [...] do Crime, Consciência Humana...
- (e.) Anham... (pausa) São RAPs?
- RAP.
- (e.) Anham... E televisão, você gosta você não gosta, como é que é?
- Televisão eu gosto, né? Mas tipo eu gosto mais de assistir TV no mundão, assistir umas novela e tal, uns filme...
- (e.) Quê que você assistia no mundão?
- Eu assistia umas novela, assistia mais à noite umas novela...
- (e.) Que novela que você assistia?
- Ah, eu assistia aquelas, aquelas assim... (pausa) É do vampiro lá... coisa do vampiro...
- (e.) Novela das sete?
- É. E aquela da Zazá: “Zá, zá, zá...” (cantarolando), tem aquela lá...
- (e.) Da Zazá? Num tô lembrado... (baixo)
- Uga uga...
- (e.) É das seis, ou das oito, das sete?
- Acho que é das seis eee...
- (e.) Das seis?
- Das seis às oito. Ah! Não, das seis e das sete.
- (e.) Das seis e das sete?
- É, porque tipo o das sete termina oito, né?
- (e.) É.
- O das seis termina sete...
- (e.) É.
- É, tipo, é essas duas novela que eu assistia...
- (e.) Anham.
- “Torre de Babel” também, assistia a da noite, nove horas, a das nove.
- (e.) “Torre de Babel” é das nove?
- É.
- (e.) Anham.
- (pausa)
- “Torre de Babel”...
- (e.) E você assistia direto, toda a noite, como é que é?
- É, assistia com a minha avó e tal, minha vó daqui de São Paulo...
- (e.) E você gostava?
- Gostava... Ah, gosto ainda, assisto aqui, aqui de noite fico assistindo novela e tal...
- (e.) Eeee, só novela que você assistia?

- Novela, Malhação...
- (e.) Malhação...
 - Mais alguma coisa você assistia na TV?
- Clip.
- (e.) Uns clips?
- É. Que passa lá dos RAP e pá.
- (e.) Anham. Filmeee, jornal, desenho... você assistia?
- Filme, desenho... desenho de manhã.
- (e.) Assistia?
- Assistia.
- (e.) Assistia desenho?
- Quando tava em casa assistia...
- (e.) Toda manhã?
- Não toda manhã, quando eu tava em casa assim. Ficava em casa, quando eu não ia trabalhar assim... Aí eu ficava em casa e assistia! Assistia pernalonga... Ehe! (risada) Assistia todos esses desenhos besta aí!
- (e.) E você gostava?
- Eu gostava... gosto ainda!
- (e.) Gosta?
- Anham. (baixo)
- (e.) Qual que você gosta mais?
- Ah, eu gosto mais daquele lá ooo, o “Dragon Ball” lá,
- (e.) “Dragon Ball”...
- [...]
- (e.) Oi?
- “Dragon Ball GT”
- (e.) É um desenho só?
- É.
- (e.) Anham. (pausa)
 - Que mais? Do pernalonga...
- Pernalonga.... (pausa) Do pato lá... Pato Donald!
- (e.) Pato Donald... (pausa)
 - E filme, você gosta também ou não?
- Gosto.
- (e.) Você costumava assistir na TV ou não?
- Ah, alguns às vezes eu assistia na TV, às vezes eu alugava com o meu tio. A gente via mais os lançamento e tal...
- (e.) Você lembra de algum filme que você gostou assim?
- Filme da hora memo?
- (e.) É, que você gostou...
- “Mais velozes, mais furiosos”
- (e.) Ahn...
- Aquele “Matrix”, ééé...
- (e.) “Matrix”?
- “O caçador de vampiro” (pausa)
- (e.) E pegava tanto no vídeo quanto na televisão?
- É...
- (e.) E no cinema?
- Fui uma vez só.
- (e.) Só foi uma vez no cinema!?
- Só.
- (e.) E aí, quê que você achou?
- A pampa.
- (e.) Gostou?
- Gostei. Eu vi aquele filme lá, ééé... tsum! “Guerra nas Estrela”!
- (e.) “Guerra nas Estrelas”?

- É.
- (e.) É? (silêncio)
- Então quando você era criança você não assistia rádio...
- Não, não...
- (e.) Não assistia televisão...
- Tsum, tsum! (negativo)
- (e.) ...não assistia vídeo...
- Por causa da igreja.
- (e.) Por causa da igreja... Quê que você ficava fazendo na sua casa?
- Ah! Ficava vendo o Bona, tipooo...
- (e.) Anh?
- Bona é tipo um negócio prá tocar uns instrumentos e tal... prá tocar um violinoooo...
- (e.) Você tocava?
- Não, tava aprendendo!
- (e.) Aprendendo violino...
- Ah, ficava tocando lá...
- (e.) Anham.
- Vinha os irmão da igreja me ensinando e tal...
- (e.) Você ficava brincando com...
- É, tipo brincando, porque eu era pequeno... só... tentando aprender e tal...
- (e.) E aquela história deee, da avó contar uma historinha pro neto dormir, pro filho dormir...
- Ah, não existia não...
- (e.).. não rolava?
- Rolava nada...
- (e.) Tinha que dormiiiir, domindo.
- É, dormir dormindo. Hi! Hi! Hi! (risadas)
- (e.) É?
- Na hora que ela falava já era, já era!
- (e.) Anham.
- Eu ia prá cama e ficava lá, [...] lá eu ia dormir.
- (e.) É? (pausa)
- Eeee, tipo assim, você lembraaaa, de alguma história de criança, assim?
- Ou, nem lembro muito não.
- (e.) Tipo de alguma lenda, de repente...
- Nem mesmo...
- (e.) De alguma lenda brasileira... ou então algum conto de fadas...
- É... sei lá eu!
- He! He! (risada) [...] quando pequeno não. (rápido)
- (e.) Não?
- Sei nada!
- (e.) Você sabe o que é um conto de fadas?
- “Conto de Fadas”?
- (e.) É.
- Acho que... aqueles bagulho que passa na televisão lá é, tipooo “Peter Pan”... essas fita aí...
- (e.) Ééé... “Branca de Neve”...
- “Branca de Neve”... “e os Sete Anões” lá, né?
- (e.) Isso, “Branca de Neve e os Sete Anões”... aquele outro também da Cinderela...
- Tem um também, acho que é dum dum, dum bicho lá... Ele é verde! Assisti na UAI...
- (e.) Assistiu na UAI?
- É, assisti lá na UAI lá...
- (e.) Bicho verde? Qual que é esse?
- Uma princesa... ele vai resgatar a princesa no castelo... Aí tem que passar pelo dragão... Tipo um conto de fada também!
- (e.) Você lembra o nome?
- Esqueci o nome desse desse filme! (lamentação) Mas era a pampa o filme!

- (e.) É um filme ou é um desenho?
- É tipo desenho aí, é tipooo, tipooo... não tem esses filme que passa na televisão? Tipo “Peter Pan” e tal?
- (e.) Anham.
- Tipo um desenho, né?
- (e.) É, de repente “A Bela e a Fera”?
- É, “A Bela e a Fera”...
- (e.) É esse ou não?
- Não, não é esse não, é outro. Eeeuu, eu não não sei o nome desse filme aí! Assisti ele uma cinco vez já!
- (e.) Cinco vezes ele! Você gostou?
- A pampa!
- (e.) É?
- Teve “O Rei Leão” também... ooo [...]
- (e.) Ah! “O Rei Leão”... Quando você era criança você assistia esses filmes...?
- Ah, eu já assisti...
- (e.)...ou não?
- ...quando eu vim prá São Paulo aqui.
- (e.) Quando você veio prá São Paulo, né?
- Aí eu comecei a ficar mais apegado com a televisão.
- (e.) E lá no interior, quando você era criança lá? Escutava muito causo assim... dos mais velhos falando da lenda... disso, daquilo...
- Era igreja lá, coisa de igreja...
- (e.) Coisa de igreja...
- É. Tipo que era... que num sei quem era criminoso aí Deus foi prá graça e fez ele virar crente e tal...
- (pausa)
- (e.) Quê que você acha... Deixa eu fazer uma pergunta, a gente tá encerrando, né Elton. E o que que você acha dessas histórias que você escutou quando era criança, né? Acho, acho que é mais da igreja mesmo que você escutou, né? Quê que você achou de ter escutado essas histórias? Você acha que elas fizeram bem pra você...
- Ah, acho que fez bem...
- (e.) Você acha que aprendeu alguma coisa com elas ou não?
- Ah, aprendi alguma coisa, né sr.? Porque tipooo às vezes você pensa de fazer alguma besteira, mas você pensa na sua infância, tá ligado?
- (e.) Humhum.
- Quem te socorreu, com quem que você viveu, no quê que você viveu. Tudo seu, tipo eu mesmo vi que era isso, tá ligado, depois que eu tô aqui e tal. Tipo eu quero fazer uma besteira, já não vou fazer muito, porque vou lembrar da minha infância, “Peraí, não, pá!”...
- (e.) Você podia dar um exemplo, prá mim?
- Tipo igual hoje, tá ligado? Eu tava nervoso, e tal, deu uma hora que eu [...] pegar umas cadeiras, dar umas cadeiradas nos funça lá, tá ligado? E tal... Aí tipo eu fiquei pensando, “não, pá, vou fazer uma prá eu ir embora e tal”, tá ligado? Eu pensei... “tem minha vó lá fora que é crente e tal...”. Quando eu sair daqui vou parar com o crime também, tá ligado? Tipooo, eu vou dar uma alegria prá ela, tá ligado? Ela tá de idade... eu vou dar uma alegria prá ela e voltar a ser crente de novo, tá ligado? Ficar de boa e tal...
- (e.) Isso aííí... você pensou isso aííí, baseado naquilo tudo que você viveu quando era criança...?
- É...
- (e.) Anham.
- Porque influi muito na sua vida hoje em dia... aquilo que você viveu lá atrás influi muito hoje em dia, tal...
- (e.) Tudo que a gente viveu lá atrás você acha que influi hoje em dia...
- Um pouco influi, né?
- (e.) Influi? Ou não? Influi?
- Influi.
- (e.) Inclusive essas histórias que você ouvia lá na igreja?
- Já é um motivo a mais prá você não ficar muito no crime, tá ligado?
- (e.) É? Por que, Elton?

- Porqueee tipoooo, tipo assim, na religião que eu ia, tá ligado? Falavam que tipooo, o pessoal do crime, que não vai prá igreja, não vai ter tipo a salvação prá sua alma, tá ligado? Então já é um motivo já, tá ligado? Você pensa e tal, “Não vou ficar no crime aí, tô a pampa e tal, vou salvar minha alma...”, certo?

- (e.) Anham.

- Tipooo... todo mundo tem que se apegar em alguma coisa, né sr.? Nessa vida... porque o certo é que, mais cedo ou mais tarde nós vai morrer, né sr.?

- (e.) Humhum.

- Todo mundo tem que se apegar em alguma coisa... então é nessa fita que eu me apego, né, sr.? Porque nós temo a alma e tal...

- (e.) Humhum (baixo)

- Eee essa alma aí é tipo uma vida igual nós temos dentro de... [...] é a mesma coisa, tá ligado? Só muda, só muda um pouquinho porque a gente não vai ter uma carne, vai ser em alma e tal... Igual passa uns filme, uns [...] e tal...

- (e.) Igual o quê?

- Igual passa no filme, ééé... “O fantasma trapalhão”, tá ligado? Acho que é tipoooo daquele jeito, tá ligado?

- (e.) Vai ser ooo, uma alma...

- [...] (sobreposição de falas)

- (e.) [...] (sobreposição de falas)

- ...é, passa direto.

- (e.) Passa direto...

- Acho que é baseado assim... não é assim também, tá ligado? Porque ninguém não nunca viu, né? Falar que é desse jeito!?

- (e.) Anham.

- Mas tipooo... o que eu penso assim [...], é tipo assim, tá ligado?

- (e.) Anham... E você acha que o destino, ééé da alma, vai ter a ver com as nossas ações hoje, no mundo?

- Acho que sim, sr..

- (e.) É?

- Que nem então, de que ia adiantar nós viver que nem nós no mundo aqui, depois vai morrer e já era tal? Tudo tem que ser num, tudo tem que ser num sentido, né? (rápido)

- (e.) Humhum.

- E é esse sentido aí que eu venho... fui criado desde pequeno, né sr.?

- (e.) Anham. Então, tipo assim, se você teve uma vida de acordo, né? Com, com os preceitos, né, cristãos...

- É.

- (e.) ... a sua alma vai ter uma vida melhor, no futuro? É isso?

- Acho que sim, sr.. Tipo tá lá, tá na Bíblia, tá ligado sr., tipooo aquele que não for salvo, tá ligado, nos fim dos tempos lá, tá ligado? Vai ficar queimando no fogo eterno, tá ligado? E aquele que Deus... for salvar, vai prá coroa dele, vai ficar do lado dele e não sei o quê... E não vai ter pecado lá em cima, tá ligado, onde [...] eu posso ficar lá em cima não tem pecado...

- (e.) Humhum.

- Vai ser um mundooo tipooo, vai ter tudo alma assim e tal... acho que vai continuar a mesma coisa, tá ligado, homem e mulher, mas sem pecado, tá ligado? Num vai existir mais pecado lá prá cima e tal.

- (e.) Num vaiiii... fazer pecado lá em cima?

- É.

- (e.) É isso?

- Num vai existir aquela ambição de ganhar dinheiro e tal...

- (e.) Num vai existir a ambição de ganhar dinheiro...

- Porque é isso que, que vai ser totalmente diferente desse desse mundo que nós vive aqui, ó.

- (e.) Anham.

- É por isso queee, de vez em quando se fala queee, que eu vou parar com o crime, tá ligado? Pelo seguinte,

- (e.) Ahn.

- Porqueee, eu tenho isso na minha mente, tá ligado? Tá na Bíblia: “Aquele que conhece a verdade e não segue na verdade, vai ser mais ainda almaldiç- amaldiçoado” e tal.

- (e.) Humhum.

- Tipo eu, já fui batizado e tal... E não tô lá na igreja e tal. Então, por esse motivo que eu tô preso então, sr.. Tipo eu quando eu saio da igreja e tal só vivo batendo a cabeça e tal. Fico só batendo a cabeça, batendo a

cabeça, eee não ganho nada com o crime! E é uma bosta! Naquele lugar, moro no mesmo lugar ainda... Minha situação não num melhorou em nada, tá ligado? [...] vou voltar prá igreja, [... ...] coisa, tá ligado, sr.? O barato é o seguinte, porque eu nunca fiquei preso, nunca dei preocupação prá minha família, tá ligado?

- (e.) Anham.

- E ainda tem esse bagulho da sua alma também, né sr.?

- (e.) Anham...

- Você fica seguro também, cê dorme mais sossegado na sua casa...

- (e.) Você dorme mais sossegado...?

- Com certeza, né sr.? Você dorme mais sossegado... Acho assim que no crime, acho que ninguém dorme, né?...

- (e.) No crime ninguém dorme?

- Porque a fita é o seguinte, se dormir você não sabe se possivelmente algum... alguém do crime vem te matar... ou se esse alguém é a própria polícia e tal... (pausa)

Você não sabe se você vai virar a esquina ali se alguém vai te matar! Ou se a polícia vai te matar! (interpretando: suspense, com prazer) Agora se você for crente assim... ninguém vai querer mexer com você, todo mundo vai te respeitar no bagulho...

(silêncio)

- (e.) É, acho que é importante a gente pensar no futuro, né?

- É, meu futuro vai ser o mais importante, é o meu futuro, tá ligado, sr.? O importante agora é ooo que nós tá, nós tá, nós tá vivendo, né? É presente, também, tá ligado? Porque sem o presente também não faz o futuro, né sr.?

- (e.) Ôxe! Isso mesmo, né?

- Cada presente aí triste também não vira, tá ligado, sr.? (rápido, com emoção)

- (e.) Sem o presente não faz o futuro, não é?

Anham... E por falar em presente... a gente tá no presente aqui, né?

- Anham.

- (e.)... e já são quase seis horas... Né? A gente tá encerrando a nossa entrevista aqui, com o Elton... né?

Você gostaria de dizer mais alguma coisa... que você não disse, Elton?

- Não, não, tá... já era!

- (e.) É? Você disse tudo que você queria dizer?

- Ô!

- (e.) Quê que você achou, Elton, de fazer essas entrevistas?

- A pampa, sr.!

- (e.) Pode ser sincero! O que que você achou?

- Reelaxa um pouco a mente, né sr.?

- (e.) Oi?

- Tipo relaxa um pouco a mente...

- (e.) Relaxa um pouco a mente?...

(fim de fita)

- (e.)... você tá aqui...

- [...]

- (e.)... você esquece

- [...] (sobreposições)

- (e.)... o que se passou lá...

- É.

- (e.) Lá aonde?

- Lá no pátio, tal... na tranca... Tipooo já nãooo, alivia mais a mente, tá ligado?

- (e.) Alivia um pouco a mente?

- Quandooo vai prá lááá, só ficaaa [...] o que falou aqui tá ligado? Fico refletindo ali também, tá ligado? (rápido)

- (e.) Você fica refletindo o que que a gente conversou aqui?

- Tipoo... é.

- (e.) Anham.
- Certas parte assim, tá ligado?
- (e.) Humhum.
- Aquela parte queeee eu gostei, tal...
- (e.) Que você gostou?
- ... tipooo, tipo que fez eu lembrar o meu passado e tal...
- (e.) Anham.
- [...] foi falar, não é só falar aqui que esquece, tá ligado, sr.? Eu falei nesse troço aí (o gravador) uma pá de mim, tá ligado, sr.? (rápido)
- (e.) Você acha que foi bom aí lembrar um pouco o seu passado, Elton?
- Ah! Foi bom, né sr.?
- (e.) Foi?
- Sempre é bom lembrar o passado, sr.!
- (e.) Sempre é bom lembrar?
- Sempre é bom, sr..
- (e.) É?
- (sim, gestualmente)
- (e.) Por quê?
- Ah, porque o passado, tem uns passado que traz alegria, tem uns passado queeee... tem uns que traz tristeza, tem uns que tem muita tristeza, mas traz momentos de alegria também, tá ligado, sr.?
- (e.) Anham...
- Então nós tem que saber cultivar os momento de alegria que nós teve no passado! As tristeza nós tem que esquecer e tal...
- (e.) Humhum. Muito bem, Elton. Muito bem!
- E eu gostaria de dizer, que eu gostei muito, de fazer essa entrevista com você, você foi o meu primeiro entrevistado, aqui na unidade 19, né? E eu acho que eu aprendi bastante coisa com você... e eu espero também queeee, quem vá, ler aí é o trabalho que eu vá escrever também aprenda com as suas palavras...
- Opa!
- (e.) Né? Ééé... então, quê que eu posso fazer? Prá gente... fechar aqui o trabalho, né? Posso dizer o seguinte... que no final... eu ainda tô escrevendo esse trabalho... aliás, nem comecei assim a escrever esse trabalho que você passou prá mim, né?
- [...] você vai ouvir ainda, aí depois [...]
- (e.) Eu vou ouvir a fita, aí eu vou passar ela no papel, né? Éééé, e aí depois eu vou escrever um texto, um texto que tem a ver com o meu tema de pesquisa, né? E também quee ééé que saliente, né? Os trechos mais significativos que você falou, né? E é provável que, e é provável, não dou certeza ainda que fique também, o seu texto todo, a nossa entrevista toda, na dissertação. Assim, se você quiser ter acesso a essa dissertação, ela vai tar lá no Instituto de Psicologia da USP...
- Intituto de Psicologia da USP?
- (e.) Instituto de Psicologia da USP, você quer que eu escreva em algum lugar?
- Tipooo cêêê, tipo deixa com a minha assistente, isso aí, porque nós aqui não pode ficar com nenhum papel...
- (e.) Não? Não pode ficar com nenhum papel?
- Tipooo, eu vou prá lá, se eu for com um papel, eles pensam que eu tô levando alguma coisa, tá ligado? Tipo eu vou prá lá pago outra revista, acaba até me complicando, tá ligado?
- (e.) Certo. E aí, Elton, vai tá no Instituto de Psicologia da USP, mas não é agora, é daqui um ano, um ano e pouco, um ano e meio, tá? Por causa que demora prá escrever ainda, tá? Éééé... antes disso, se você quiser, falar comigo, né? Éééé se você quiser ver como é que tá ficando o trabalho, é só você me procurar através da sua assistente mesmo, tá? Ela me conhece, eu não vou tá passando o conteúdo da entrevista prá ela...
- Certo.
- (e.) Mas ela sabe que eu vou tar fazendo essa entrevista com você.
- Certo.
- (e.) E aí, quando eu for passar prá dissertação, eu não vou revelar a sua identidade também.
- Certo.
- (e.) Eu vou colocar lá, um sigla,
- [...]

- (e.) Digamos, T. A. R., entendeu? Pode ser Tiago Armando Rodriguez...
- Certo. Ha! Ha! (risadas)
- (e.) Eu não vou, revelar que é você. Tá? Mas então qualquer coisa você procura com a sua assistente... Certo?
- Então o sr. deixa lá marcado com ela no papel, que a dona S. não tá aí hoje, então cê deixa marcado com ela que qualquer coisa eu procuro lá, tal...
- (e.) Tá ótimo!
- Certo?
- (e.) Certo. Qualquer coisa que você precisar procura ela então que ela sabe como me localizar...
- Firmeza.
- (e.) Firmeza?
- Se tudo der certo, também, eu não garanto, eu apareço aqui também prá mostrar a entrevista por escrito também, se você quiser dar uma lida...
- Não, não... Pode trazer prá mim ler depois...
- (e.) Você quer que eu traga?
- [...]
- (e.) Certo. Eu não vou garantir, mas eu vou me esforçar...
- Não, não, não precisa se preocupar não, sr.... Tenho muito tempo aqui ainda... Vou ficar uma cota aqui ainda...
- (e.) Vai ficar uma cota então?
- É.
- (e.) Certo... Então eu queria agradecer mais uma vez a você, Elton...
- Não, não...
- (e.) Pela atenção, pelo tempo que você...
- Mas não precisa agradecer de nada não, sr.!
- (e.) ... pelo tempo que você dispôs aí prá fazer a entrevista, tá? Certo?
- Certo sr.!
- (e.) Eu achei que foi muito boa a sua entrevista!
- Tomara que sim, né sr.?
- (e.) Foi, acho que foi.
- Prá mim... o que eu falei assim, acho que não ficou muito bom...
- (e.) Acho que ficou bom sim!
- Ficou bom?
- (e.) Ficou bom! Espero que tenha ficado boa a gravação também, prá ficar audível, né?

(fim de gravação)